



VIDAS DOS SANTOS




Padre Rohrbacher




EDITORA DAS AMERICAS

AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do Padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

VIDAS DOS SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR

JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO

PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME IX

EDITÔRA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

Caixa Postal 4468

SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† PAULO ROLIM LOUREIRO

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Vidas dos Santos

Maio

17.º DIA DE MAIO

SÃO PASCOAL BAILÃO

Da Ordem de São Francisco

São Pascoal Bailão, da ordem de São Francisco, nasceu em 1540, em Tôrre Hermosa, pequeno burgo do reino de Aragão; seus pais, que ganhavam a vida cultivando a terra, eram extremamente virtuosos. Êle seguiu as primeiras pegadas, e parecia ter sugado o leite materno com máximas de piedade. A fortuna da família era muito limitada, para que o pudessem enviar à escola, e o piedoso menino supria a falta da seguinte maneira. Levava consigo um livro quando ia guardar o rebanho no campo, e pedia a todos que encontrava a caridade de fazê-lo conhecer as letras. O desejo que tinha de instruir-se foi tão vivo e sua atenção tão grande, que em breve soube perfeitamente ler e escrever. Não se servia dessa vantagem senão para aperfeiçoar o conhecimento da religião. Os livros de recreação pareciam-lhe insípidos; gostava dos que lhe relatavam as principais circunstâncias da vida de Jesus Cristo, e as ações dos que tinham imitado o seu exemplo. Apesar da extrema juventude, não encontrava prazer senão no que era sério e sólido.

Quando saiu da primeira infância, mereceu elogios na qualidade de pastor. A vida tranqüila e inocente que lhe proporcionaria tal profissão, oferecia-lhe tôda a sorte de encantos. Cada objeto que se lhe apresentava aos olhos, servia para excitar-lhe a fé e devoção. Constantemente lia no grande livro da natureza, e por êle se elevava até Deus, a quem contemplava e bendizia em tôdas as suas obras. Valia-se, ainda, da leitura de livros próprios ao esclarecimento de seus deveres e a inspirar-lhe amor.

Seu mestre, que tinha piedade, demonstrou-lhe a alegria que sentia ao vê-lo levar vida tão edificante; propôs mesmo adotá-lo como filho e fazê-lo seu herdeiro. Mas Pascoal Bailão, que não suspirava senão pelos bens do céu, temeu que os da terra fôssem um obstáculo à felicidade; recusou com modéstia o favor oferecido preferindo permanecer na primeira situação. Acreditava mediante ela adquirir a conformidade com o Salvador, que tinha vindo ao mundo, não para ser servido, mas para servir.

Viam-no freqüentemente orar de joelhos, sob uma árvore qualquer, ao longe, enquanto o rebanho pastava nas montanhas. Foi num dêstes entretenimentos secretos com Deus, na prática da humildade e numa atenção extrema para purificar tôdas as ações de sua alma, que adquiriu a experiência consumada nas coisas espirituais, experiência que despertava admiração até nos mais perfeitos. Ninguém tinha mais razão do que êle para dizer com Davi: Felizes os que vós instruis pessoalmente, ó meu Deus! Quando falava de Deus e da virtude, fazia-o com essa unção, essa luz, êsse fervor de sentimento que o Espírito Santo comunica às almas inteiramente afastadas das coisas terrestres, e que se consomem no amor divino.

Mais de uma vez aconteceu sobrevirem-lhe transportes durante a prece, e freqüentemente não podia ocultar aos olhos dos homens a veemência do amor sagrado que o extasiava e fazia de certa forma a sua alma fundir-se pelos excessos das doçuras celestes. Experimentava em si próprio o que relatam muitos contemplativos, a saber: que a consolação comunicada às almas piedosas pelo Espírito Santo é infinitamente maior que todos os prazeres do mundo, mesmo que reunidos todos num só homem. Ela fazia, por assim dizer, dissolver o coração por um vivo sentimento de alegria, a ponto de não poder mais conter-se. (1) Era então que o servo de Deus cantava com o rei profeta: Minha alma se rejubila no Senhor, e ela triunfará de sua libertação. Todos os meus ossos exclamarão: Senhor, quem é semelhante a vós? (2)

Conquanto a virtude não deva ter a recompensa senão no céu, ela não deixa de receber na terra um como que antegôzo, que a sustém nos combates. Deus, neste vale de lágrimas, mudará seus desertos num lugar de delícias, e sua solidão num jardim do Senhor. Ali se verá em tôda parte a alegria e o júbilo; ali se ouvirão as ações de graças e os cânticos de louvor à glória do Eterno. (3)

Julga-se acertadamente que não recebia tantas graças extraordinárias, senão como preço de sua paciência nas provas interiores, duma abnegação perene e de uma perfeita crucificação de sua carne. O rocio das consolações celestes não tomba jamais

(1) Ruisbroch. Spirit. npt., l. II, c. XX.

(2) Psalm. 34.

(3) Is., 51, 3.

sôbre uma alma não mortificada que procura as alegrias dêste mundo.

O santo não se acreditava dispensado de esmolas na sua pobreza; fazia-o na medida que lhe era possível, e tomava, para socorrer os infelizes, do que lhe davam para a subsistência. Dava-lhes uma parte das pequenas provisões que lhe enviavam no campo.

Por mais amor que tivesse pela profissão, não deixou de encontrar dificuldades que o desgostaram pouco a pouco. Não conseguia, apesar de tôda a vigilância, impedir que as cabras que guardava fôssem, vez por outra, em terreno alheio; isso foi causa de que abandonasse o cuidado delas. Tomou outro rebanho; mas encontrou ao mesmo tempo outros motivos para sofrimentos. Alguns de seus companheiros tinham o costume de praguejar, brigar e bater-se. Êle havia-lhes chamado a atenção para a indignidade de tal conduta, mas êles não o escutavam, persistiam nas desordens. Concebeu então o plano de abandoná-los para não participar de seus crimes. Antes de escolher um estado de vida, redobrou as orações, os jejuns e outras austeridades: dispunha-se, assim, a conhecer a vontade de Deus. Algum tempo após, acreditou-se chamado à vida religiosa. As pessoas a quem se abriu, indicaram-lhe conventos ricamente ornados; mas não eram a classe de casas que desejava. Sou pobre, dizia, e estou resolvido a viver e morrer na pobreza e na penitência.

Com a idade de vinte anos, deixou o mestre e a pátria, e dirigiu-se para o reino de Valência, onde havia um convento dos franciscanos descalços, chamados "Tamanqueiros" em virtude de uma espécie de tamanco ou sandália que traziam. Êsse convento

situava-se num deserto, a regular distância da cidade de Monteforte. Dirigiu-se aos religiosos da casa para consultá-los sôbre a verdadeira maneira de servir a Deus, e depois entrou para o serviço dos sitiantes da vizinhança, para guardar-lhes os rebanhos. Sua vida recolhida e penitente fê-lo conhecido em breve. Falavam dêle como sendo o *santo pastor*. Afinal, resolveu romper tôdas as relações com o mundo. Apresentou-se ao convento dos franciscanos e pediu que o recebessem na qualidade de irmão converso, o que lhe foi concedido em 1564. Ofereceram-lhe inùtilmente colocá-lo entre os religiosos do côro: a humildade fê-lo recusar a proposta.

Seu fervor não terminou com o noviciado, como acontece freqüentemente; manteve-se, e aumentou mesmo dia a dia. Seu amor pela mortificação o fazia acrescentar novas austeridades às de sua regra; mas êle assim agia com grande simplicidade de coração e não tinha apêgo à própria vontade. Se acontecia advertirem-no os superiores de que levava as coisas longe demais, aceitava-lhes as advertências e atinha-se à letra da regra. Procurava sempre as mais baixas ocupações da comunidade. Quando mudava de convento, conforme o costume da ordem que, pelas mudanças, queria prevenir os apegos secretos do coração, não o ouviam jamais queixar-se; nem dava mesmo a entender que achava alguma coisa de mais gracioso numa casa do que noutra, porque estava inteiramente morto para o mundo e procurava Deus em tudo. Jamais se permitiu um repouso entre os deveres da igreja e os do claustro; rezava sempre, mesmo durante o trabalho. Não tinha senão um hábito, velho e usado. Andava sem sandálias na neve e nos caminhos mais ásperos. Em qualquer

lugar, em qualquer estação, era sempre o mesmo, alegre, doce, afável e respeitoso para com todos. Se se lhe anteparava uma oportunidade para prestar a alguém serviços humilhantes e penosos, aproveitava-a com empenho e tinha-se por muito honrado.

O geral de sua ordem, Cristóvão de Cheffontaines, duma antiga família da Bretanha, estava em Paris, quando São Pascoal lhe foi enviado em deputação, para tratar de assuntos da província. Partiu para a França sem se deixar atemorizar à vista dos perigos sem conta que teria que enfrentar da parte dos huguenotes, senhores de quase tôdas as cidades por onde teria que passar. Fêz a viagem descalço e com o hábito franciscano, o que o expunha ainda mais ao furor dos heréticos. Êstes o perseguiram muitas vêzes a golpes de pedra e bastão. Pascoal recebeu no ombro um ferimento do qual se ressentiu a vida inteira. Duas vêzes o prenderam como espião; mas Deus soube livrá-lo de todos os perigos.

Desincumbindo-se da missão com o seu geral, deixou a França para voltar à Espanha. No mesmo dia da chegada, retomou, apesar da fadiga adveniente da viagem, os trabalhos e funções habituais. Nunca o ouviram falar dos perigos arrostados. Contentava-se em responder em poucas palavras, às diversas perguntas que lhe faziam; ainda tinha o cuidado de suprimir o que teria sido capaz de atrair-lhe louvores. Tinha uma terna devoção pela divina eucaristia, bem como pela paixão do Salvador. Nos últimos anos de vida, passava a maior parte da noite ao pé dos altares, por vêzes de joelhos, prostrado por vêzes. Honrava também especialmente a Mãe de Deus e não cessava de pedir, por sua intercessão,

a pureza da alma. São Pascoal Bailão morreu em Villareal, perto de Valência, em 17 de maio de 1592, na idade de cinqüenta e dois anos. Durante os três dias que seu corpo ficou exposto, operou um grande número de milagres. Foi beatificado no ano 1618 por Paulo V, e canonizado em 1690 por Alexandre VIII. (1)

* * *

(1) Acta SS., e Godesc., 17 de abril.

SANTA RESTITUTA (*)

Virgem e Mártir

A notícia que se tem do martirológio, sôbre esta santa, foi composta com a ajuda duma paixão falsa em contradição com uma outra que não mais tem qualquer valor.

Santa Restituta ao que se sabe, foi, sob Valeriano, torturada de diversas maneiras, na África, pelo juiz Próculo, e exposta ao mar, numa barquinha cheia de pez e de estôpa, para ser queimada no meio das águas.

Quando, porém, atearam fogo, as chamas, imediatamente viraram-se contra os que o haviam ateado, enquanto a santa virgem, orando, entregava o espírito a Deus.

A barca levando o corpo, miraculosamente foi abicar na ilha de Isquia, perto de Nápoles, onde os cristãos, tomando-o com grandes demonstrações de veneração e piedade, enterraram-no.

O grande Constantino, mais tarde, fêz com que se construísse, em Nápoles, uma igreja em honra da santa virgem e mártir.

Encontram-se traços do culto de Santa Restituta em Teniza, na África, não muito afastado de Cartago, onde teria sido martirizada mais ou menos na

metade do século III. Há os que preferem situar-lhe a morte nos princípios do século IV.

————

No mesmo dia, em Pisa, na Toscana, São Torpésio, mártir, considerado entre os primeiros oficiais de Nero, e um daqueles de que fala São Paulo, escrevendo de Roma aos Filipenses: *Todos os santos vos saúdam, mas principalmente os que estão na casa de César.* Após ter sido esbofeteado pela fé de Jesus Cristo, e cruelmente açoitado com varas por ordem de Satellicus, foi exposto às feras para ser devorado; como não houvesse recebido qualquer mal, foi decapitado em 29 de abril; mas celebra-se-lhe a festa neste dia, por causa da trasladação de seu corpo. Em Nilo, os santos mártires Herádio, Paulo e Aquilino, com dois outros. Na Calcedônia, São Solcano e seus companheiros soldados, martirizados sob o imperador Maximiniano. Em Alexandria, os santos mártires Adriônio, Vítor e Basila. Em Wurtzburg, São Bruno, bispo e confessor.



Medalha de Nero, imperador romano.

* * *

18.º DIA DE MAIO

SÃO TEÓDOTO

Taverneiro e Mártir

Um dos mártires mais ilustres, e sobretudo mais originais, foi Teódoto, de Ancira, na Galácia. Sua vida e morte foram descritas por uma testemunha ocular. Criança, havia sido educado por uma piedosa virgem chamada Tecusa. Adulto, casou-se, comprou uma taverna e pôs-se a vender vinho. A condição de taverneiro não o impedia de praticar as virtudes. Na flor da idade, desprezou os bens dêste mundo. O jejum, a prece e a esmola constituíam-lhe as delícias. Não sòmente aliviava os pobres nas necessidades, como também levava pecadores à penitência; levava os impudicos à continência, os ébrios à temperança, os avaros à caridade. Por intermédio dessas exortações conquistou para a Igreja grande número de pagãos e judeus. Sua taverna era como a sede de um bispo. Entre os que converteu houve diversos mártires. Curou doentes incuráveis com a imposição das mãos. Tal era o taverneiro Teódoto, quando irrompeu a última perseguição.

A Galácia era, então, governada por um tal Teotecno, homem violento e cruel, que havia prome-

tido ao imperador exterminar o cristianismo. Era um apóstata. O rumor de sua chegada tão-sòmente espalhava o terror. Grande número de fiéis fugiram para as montanhas e os desertos. Precediam-no arautos, anunciando ameaças, cada qual mais terrível, e enfim, editos que ordenavam a demolição das igrejas e o mais que uma perseguição implica. Entre os pagãos não havia senão festins e regozijamentos. Corriam às casas dos cristãos, levavam tudo o que encontrar podiam, sem que ninguém ousasse opor a menor resistência. Se alguém tivesse a ousadia de resistir sòmente com uma palavra, era logo acusado de desordem e sedição. Não apareciam cristãos em público; os principais, despojados de seus bens, haviam sido lançados na prisão e algemados; as mulheres de condição eram arrastadas pelas ruas por homens insolentes; a maior parte retirava-se para os desertos, onde se escondiam em cavernas, reduzidos a viverem de ervas e de raízes. Acostumados a uma vida mais cômoda, sucumbiam à miséria; alguns morriam de fome, outros voltavam para serem presos.

Teódoto assistia os confessores prisioneiros, e enterrava os corpos dos mártires, conquanto fôsse proibido sob pena de morte. Era ainda êle que fornecia pão e vinho para o santo sacrifício; porque não o podiam comprar, visto ter oferecido o governador aos ídolos todos os víveres disponíveis. Mas Teódoto havia feito as suas provisões, e o ofício lhe proporcionava oportunidade para nutrir, e mesmo alojar, muitas pessoas, de sorte que a taverna se tornou a igreja onde se celebram os mistérios, hospital dos estrangeiros e refúgio de todos os cristãos. Os perseguidores nem desconfiavam de tantas virtudes numa taverna.

Vítor, um de seus amigos, foi prêso no mesmo tempo. Os sacerdotes de Diana o acusavam de haver dito que Apolo havia corrompido sua própria irmã, e que era uma vergonha para os gregos terem tal deus. Os pagãos instaram para que obedecesse ao governador, prometendo-lhe de um lado riquezas, honras e a amizade dos imperadores; enquanto, se fôsse obstinado, deveria esperar cruéis suplícios e a morte mais dolorosa. Seus bens seriam confiscados, tôda a família pereceria, o corpo seria devorado pelos cães. Teódoto, inteirado do perigo que corria o amigo, penetrou, à noite, na prisão, e exortou-o vivamente a desprezar tôdas as promessas e as ameaças dos ímpios. Que haviam valido a Judas as trinta moedas de prata recebidas dos judeus? Nada, senão uma corda para enforcar-se. Vítor, fortificado por tal exortação, sentiu-se animado de nova coragem, e sofreu pacientemente os suplícios, lembrado das instruções de Teódoto. Já chegava ao fim de sua carreira; mas a firmeza o abandonou sùbitamente. Pediu tempo para deliberar: reconduziram-no à prisão, onde morreu de sofrimentos, sem explicar-se a ninguém; de maneira que todos ficaram em dúvida quanto à sua sorte.

Havia, a quarenta milhas de Ancira, uma aldeia chamada Malos. Teódoto, por uma disposição particular da Providência, ali chegou no momento em que iam lançar no rio Halis os restos mortais do mártir Valente, que, após torturas diversas, havia sido condenado a ser queimado vivo. Levou as relíquias. Já a alguma distância da aldeia, encontrou diversas pessoas que lhe renderam graças, como ao benfeitor comum de todos os aflitos. Eram cristãos,

que seus próprios parentes haviam livrado dos perseguidores, por haverem derrubado um altar de Diana, e aos quais o santo havia feito recuperar a liberdade com muitas dificuldades e despesas. Encantado de vê-los, pediu-lhes que com êle ceassem, para continuar, em seguida, a viagem; sentaram-se todos juntos sôbre a erva, perto de uma caverna, à margem do rio, num lugar ornado de tôda a sorte de flôres e rodeado de belas árvores, onde as cigarras, os rouxinóis e outros pássaros faziam ouvir os concertos, ao nascer do sol. Teódoto enviou à aldeia pessoas para convidar o sacerdote a comer com êles e fazer-lhes as orações dos viajantes; porque, sempre que podia, não comia sem a bênção do sacerdote. Os que haviam sido enviados, encontraram o padre que saía da igreja, após a oração da sesta. Cães começaram a persegui-los. O padre acorreu a socorrê-los e, perguntando-lhes se eram cristãos, convidou-os a entrar em casa. Depois falou, a sorrir: É pasmoso! Na noite passada, vi, em sonhos, dois homens que se pareciam convosco, e que me disseram que traziam um tesouro a êste país. Mostrai-me êste tesouro! É verdade, responderam, temos um tesouro incomparável que é Teódoto, homem de piedade singular, e que podereis ver se quiserdes. Mas, meu pai, mostrai-nos o sacerdote desta aldeia. Sou eu, disse Fronton, porque assim se chamava êle. É melhor trazê-lo aqui, porque não convém permanecer muito tempo nos bosques em que há cristãos. Foi encontrar o santo, deu-lhe o beijo, bem como aos irmãos, e lhes pediu fôssem todos à sua casa. Teódoto excusou-se por ter pressa em voltar para Ancira, a fim de socorrer os cristãos. Tendo todos tomado os alimentos, Teódoto, sorrindo, disse ao padre: êste

me parece um lugar adequado para colocar relíquias. O sacerdote respondeu: É mister que elas existam antes de sonhar em construir. É função minha, respondeu Teódoto, ou melhor, de Deus, fornecer-vos relíquias: Vós, meu pai, ocupai-vos sòmente da construção da igreja, e não percais tempo; as relíquias virão em breve. Assim dizendo, tirou o anel do dedo e o entregou ao sacerdote, tomando Deus por testemunha de sua promessa. Depois foi à cidade onde tudo estava devastado pela perseguição, como se houvesse havido um tremor de terra.

Havia sete virgens que, desde a primeira juventude, haviam praticado a vida ascética, e estimavam sôbre tôdas as coisas a continência e o temor de Deus. O governador, vendo-as inquebrantáveis nos tormentos, havia-as cedido a jovens libertinos para as ultrajarem, para escárnio da religião. Elas levantavam as mãos e os olhos aos céus, invocando a Jesus Cristo, protetor da pureza. O mais impudente tomou à parte Tecusa, a mais idosa de tôdas. Esta atirou-se-lhe aos pés, e chorando disse-lhe: Meu filho, que procurais com pessoas consumadas, como vêdes de velhice, de jejuns, de moléstias e de tormentos? Já tenho mais de setenta anos, e as outras são da mesma idade. Ser-vos-á vergonhoso aproximar-vos de um corpo que, por assim dizer, já é um cadáver, e que vereis em breve dilacerado pelos cães e pelos abutres; porque o governador proibiu nos dessem sepultura. Dizendo tais palavras, levantou o véu para mostrar-lhe os cabelos brancos, e ajuntou: Deveis ter uma mãe nesta idade; seja ela nossa advogada junto de vós! Infelizes que somos, deixai nossas lágrimas, e tomai a esperança de recompensa

que recebereis de Jesus Cristo. A essas palavras, os jovens esqueceram a loucura impura, choraram de compaixão, e retiraram-se.

Teotecno, sabendo que elas haviam conservado a pureza, serviu-se de outro expediente para vencer-lhes a constância: fazê-las sacerdotisas de Diana e de Minerva. Os pagãos de Ancira tinham o costume de ir todos os anos lavar, num tanque vizinho, as imagens das deusas. A festa celebrava-se então. O governador quis que Tecusa e as companheiras fôssem à testa do cortejo. As sete foram colocadas em carruagens descobertas, para serem conduzidas ao tanque e ali serem lavadas do mesmo modo que as estátuas de Minerva e Diana. Estavam de pé, nuas, expostas à insolência da populaça. Vinham em seguida os ídolos, que seguiam músicos com flautas e címbalos, e mulheres que dançavam com os cabelos desgrenhados como bacantes. O ímpio Teotecno fechava o cortejo. Uma multidão considerável havia acorrido de tôdas as partes, uns para verem o espetáculo, a maior parte para ver os sofrimentos das virgens; uns tinham piedade de sua velhice, outros lhe admiravam a constância; outros lhe louvavam a modéstia, mas todos, vendo-lhes os sofrimentos, vertiam lágrimas.

Entretanto, Teódoto orava pelas virgens expostas temendo pela fraqueza do sexo. Estava encerrado numa pequena casa pertencente a um pobre homem chamado Teocáris, perto da igreja dos Patriarcas, com Policrônio, sobrinho da virgem Tecusa, e alguns cristãos. Permaneciam prostrados em oração, desde a manhã até a hora da sesta, quando a espôsa de Teocáris lhes foi dizer que as virgens haviam sido afogadas no tanque. Então Teódoto, levantando-se

no pavimento, mas ainda de joelhos, estendeu as mãos ao céu, inundado de lágrimas, e disse: Senhor, dou-vos graças por não haverdes querido que minhas lágrimas fôssem inúteis. Depois, pediu à mulher minúcias a respeito do que se passara. Ela, que havia estado presente a tudo com alguns outros, disse: Tôdas as promessas do governador se revelaram inúteis; as sacerdotisas de Minerva e de Diana, que apresentam às virgens a coroa e o hábito, como insígnias do sacerdócio, foram repelidas com desprêzo; afinal, o governador ordenou que lhes atassem pedras ao pescoço, que as colocassem em pequenos barcos e as levassem para o mais profundo do tanque. Ali foram afogadas, a cêrca de duzentos pés da margem.

Teódoto permaneceu no mesmo lugar, confabulando, com Policrônio e Teocáris, como poderiam tirar os corpos do lago. Pela tarde, um jovem homem chamado Glicério, também cristão, foi dizer-lhes que o governador havia colocado soldados perto do lago para guardar os corpos. Teódoto afligiu-se; a emprêsa não era fácil, tanto por causa dos soldados como por causa do tamanho das pedras. Deixou os outros para ir à igreja dos Patriarcas; mas os pagãos haviam murado a porta. Prostrou-se, então, fora, perto do lugar onde estava o altar, e ali permaneceu algum tempo, em oração. Dirigiu-se, depois, à igreja dos Padres, que encontrou igualmente murada; também ali orou. Ouvindo, atrás, um grande barulho, acreditou que o perseguiam e voltou para a casa de Teocáris, onde adormeceu. Então apareceu a virgem Tecusa e lhe disse: Tu dormes, meu filho Teódoto, sem te lembrares de nós! Não te lembras das ins-

truções que te dei na juventude para levar-te à virtude, contra a expectativa de teus pais? Tu me honravas como mãe, e me esqueces depois de minha morte! Não deixes nossos corpos como prêsa dos peixes. Um grande combate te espera nestes dois dias: levanta-te, vai ao tanque; mas acautela-te contra um traidor!

Levantou-se, contou sua visão aos irmãos, e todos se puseram em oração com êle, para pedir a Deus os meios de tirar os corpos. Raiado o dia, mandaram Glicério e Teocáris reconhecer mais exatamente a guarda, esperando que os soldados se houvessem retirado, devido à festa de Diana; mas haviam permanecido. Os cristãos deixaram ainda passar aquêle dia; à noite saíram, em jejum levando facas para cortar as cordas que seguravam as pedras. A noite era escura, sem lua e sem estrêlas. Em meio às trevas, chegaram ao lugar onde se executavam os criminosos, e onde pessoa alguma ousava passar depois do pôr do sol. O lugar estava cheio de cabeças cortadas, fixadas sôbre postes e restos hediondos de corpos queimados. Foram tomados de horror; mas ouviram uma voz que lhes dizia: Aproxima-te ousadamente, Teódoto. Assustados fizeram cada um o sinal da cruz sôbre a fronte e imediatamente viram uma cruz luminosa no Oriente. Cheios de temor e de alegria, puseram-se de joelhos e adoraram a Deus, virados para êsse lado. Continuaram a andar em tal escuridão que não viam um ao outro. Caía uma grande chuva, e a lama era de molde a quase não permitir que se andasse. Arrastavam-se penosamente em meio às preces: sùbitamente, apareceu uma luz que lhes mostrava o caminho, e dois homens revestidos de hábitos esplendentes, com a barba e os

cabelos brancos, que disseram: Coragem, Teódoto; o Senhor escreveu o teu nome entre os mártires, escutou a prece que lhe dirigiste entre lágrimas para encontrar os corpos, e nos enviou para recebê-lo: é a nós que chamam os Padres. Encontrarás no lago São Sosandro, que afugenta os guardas; mas não devias levar um traidor contigo.

Com efeito, o mártir Sosandro apareceu aos guardas, armado de uma couraça, um capacete, escudo e lança, que lançava fogo por todos os lados; ao mesmo tempo a chuva e o vento desencadearam-se, em fúria, acompanhados de trovões e coriscos. Os guardas, assustados, fugiram para as choupanas vizinhas. O vento era tão forte que, atirando as águas para a margem, mostrou o fundo onde se achavam os corpos das virgens. Teódoto e seus companheiros cortaram as cordas, tiraram os corpos, colocaram-nos sôbre cavalos e os levaram à igreja dos Patriarcas, onde os enterraram. Os nomes das sete virgens eram: Tecusa, Alexandra, Faína, Cláudia, Eufrásia, Matrona e Julita. As três primeiras haviam renunciado a tudo para levar uma vida apostólica.

No dia seguinte, o rumor havia-se espalhado de que os corpos tinham sido retirados, e tôda a cidade entrou em polvorosa. Aparecendo um cristão, levavam-no a interrogatório. Sabendo Teódoto que muitos haviam assim sido presos, quis entregar-se; mas os irmãos o impediram. Policrônio, querendo saber exatamente o que se passava, disfarçou-se em camponês e dirigiu-se para a praça; mas foi prêso e levado ao governador, onde, após haver sido açoitado, e vendo-se ameaçado de morte, jurou que Teódoto levara as relíquias das virgens, e indicou

o lugar onde se achavam escondidas. Foram imediatamente exumadas e queimadas. Assim souberam os cristãos que tinham sido traídos, como os haviam advertido. Levaram a notícia a Teódoto que, então disse adeus aos irmãos, os exortou a orar por êle sem cessar, e se preparou para o combate. Longo tempo rezou com êles, e pediu a Deus o fim da perseguição e o repouso para a santa Igreja; abraçou-os com muitas lágrimas de parte a parte, e recomendou-lhes, quando viesse de Malos, o sacerdote Fronton, com o seu anel, entregar-lhe as relíquias que êle saberia ocultar. Assim falando, fêz o sinal da cruz sôbre todo o corpo e dirigiu-se ousadamente ao lugar do combate.

Encontrou dois cidadãos seus amigos, que quiseram persuadi-lo a salvar-se enquanto ainda era tempo; mas êle lhes disse: Se quiserdes fazer-me um prazer, ide dizer imediatamente aos magistrados: eis Teódoto, que os sacerdotes de Minerva e de Diana acusam com tôda a cidade; está à porta. Prosseguiu e apresentou-se aos acusadores. Entrando no tribunal, olhava sorrindo o fogo, as caldeiras ferventes, as rodas e vários outros instrumentos de tortura que lhe tinham preparado. O governador disse-lhe que nenhum suplício iria receber. Ofereceu-lhe, pelo contrário, a amizade, com o favor dos imperadores. Far-te-ão, disse êle, a honra de escrever-te e receber as tuas cartas. Serás sacrificador do poderoso Apolo, com poder sôbre tôda a cidade; darás ordens aos demais sacrificadores. Representarás aos magistrados as necessidades do país, e enviarás deputados aos imperadores para as causas comuns. Sòmente renuncia a Jesus, que Pilatos crucificou na Judéia, e afasta os outros cristãos de sua loucura. Se desejares rique-

zas, estou pronto a espalhá-las sôbre ti, a mancheias. A essas palavras, a multidão fêz ouvir exclamações, felicitando Teódoto e instando com êle para que aceitasse as ofertas.

O santo respondeu ao governador: Antes de tudo, peço a meu Senhor Jesus Cristo, que vós tratastes como a um simples homem, a graça de refutar-vos o êrro no tocante aos deuses, e em seguida expor brevemente os seus milagres e sua encarnação. Pelo que vossos deuses fizeram, é vergonhoso falar; di-lo-ei, todavia, para vossa vergonha. Aquêles que chamais o maior de vossos deuses, Júpiter, não contente com os seus adultérios, corrompia jovens. Vosso poeta Orfeu diz que seu próprio pai Saturno teve por espôsa sua própria mãe Rea, que o tornou pai de Proserpina, com a qual cometeu outro incesto. Apolo fêz outro tanto com sua irmã Diana, em Delos, diante do altar. Marte procedeu idênticamente com Vênus, Vulcano com Minerva, irmãos com irmãs. Vossas leis punem essas ações quando por homens praticadas. e vós vos gloriais de vossos deuses, uma vez que os poetas as exaltam com entusiasmo. Quanto a nosso Senhor Jesus Cristo, os profetas tinham predito havia muito, numa linguagem clara e casta, sua encarnação, milagres, sofrimentos, morte, ressurreição. Os próprios sábios da Pérsia, os magos, disso são testemunhas. Instruídos pelo movimento das estrêlas, souberam de seu nascimento segundo a carne, e sendo os primeiros a o reconhecerem como Deus, ofereceram-lhe os primeiros de seus dons como a um Deus. Êle, com efeito, operou prodígios sem conta, mudou água em vinho, saciou cinco mil homens com cinco pães e dois peixes, curou doentes, restituiu

a vista aos cegos de nascença, ressuscitou mortos enterrados havia quatro dias, e tudo isso por sua palavra. Enfim, quem poderá enumerar todos êsses milagres que demonstram que êle é Deus e não um simples homem?

A tais palavras, a multidão de idólatras enfureceu-se; os sacrificadores dilaceraram-lhe as vestes e coroas; o povo gritava para excitar o governador. Êle, então, mandou atar Teódoto ao cavalete, e diversos carrascos, um após outro, lhe dilaceravam as carnes com unhas de ferro. Atiraram vinagre sôbre os seus ferimentos, e acenderam fogo. O mártir, sentindo o odor de carne queimada, voltou o rosto e o governador creu que já principiava a ceder aos tormentos. Não, disse Teódoto, mas faze-te obedecer melhor: teus ministros se descuidam. Inventa novas torturas, ou reconhece a coragem que me concede Jesus Cristo, e que faz com que te despreze como vil escravo, bem como aos teus ímpios imperadores. O governador mandou que lhe batessem com pedras nos maxilares, para fazer saltar os dentes. O mártir disse: Se me arrancares a língua, sabe que Deus escuta os cristãos sem que êles falem. Cansados os carrascos, o governador mandou conduzi-lo à prisão; mas, ao passar pela praça, mostrou a todos o corpo dilacerado, como prova do poder de Jesus Cristo, Deus do universo, e da fôrça que concedia aos seus, de tôdas as condições, sem distinção de pessoas.

Ao fim de cinco dias, o governador mandou vir Teódoto, e, após haver feito abrir-lhe os ferimentos, como se o tivessem dilacerado novamente, e havê-lo deitado sôbre brasas ardentes que lhe provocaram grande dor, vendo-o invencível, condenou-o

à decapitação, ordenando que o corpo fôsse cremado, para que os cristãos não o sepultassem. Chegando ao local da execução o mártir orou a Deus nestes têrmos: Senhor Jesus Cristo, criador do céu e da terra, que não abandonais os que em vós confiam, rendo-vos graças por vos haverdes dignado fazer-me cidadão da vossa celeste cidade e participante do vosso reino; rendo-vos graças por me terdes feito vencer a serpente e esmagar-lhe a cabeça. Concedei a paz a vossos servos, e livrai-me da violência dos nossos inimigos; dai a paz à vossa Igreja, libertando-a da tirania do demônio. Ao dizer amém, viu os irmãos que choravam, e lhes disse: Não choreis, meus irmãos, mas glorificai nosso Senhor Jesus Cristo, que me fêz encontrar o caminho e vencer o inimigo: doravante, pedirei a Deus por vós no céu, com confiança. Dito isso, recebeu o golpe com alegria. Colocaram-no sôbre um enorme monte de lenha, mas apareceu uma luz tão intensa que ninguém ousou aproximar-se para acendê-lo. O governador, ouvindo a respeito, ordenou aos soldados que guardassem o corpo e a cabeça no mesmo lugar.

Entretanto, o padre Fronton foi a Ancira, trazendo o anel de Teódoto, e esperando levar as relíquias, como êle lhe havia prometido. Trazia uma mula carregada de vinho velho, de uma vinha que êle mesmo cultivava. Chegou à noitinha. A mula, esgotada de fadiga, tombou perto do monte de lenha, por efeito da Providência. Os soldados que estavam de guarda, convidaram Fronton a ficar com êles, assegurando-lhe que seria melhor do que em qualquer hospedaria. Haviam construído uma cabana com galhos de salgueiros e caniços, e acendido um fogo. O jantar estava pronto, e êles convidaram Fronton

a beber. Êle aceitou a oferta e fê-los provar do vinho, que acharam excelente. Um dêles pediu-lhe uma boa dose, a fim de esquecer os golpes que havia recebido por haver guardado mal as mulheres que tinham sido lançadas ao lago. Jamais todos os cristãos juntos haviam sofrido tanto. Toma cuidado, disse outro, que esta dose não te exponha a mais golpes ainda, se não guardas melhor o homem de bronze que roubou estas mulheres. Fiz mal, disse então Fronton, em não ter trazido intérprete comigo para explicar-me a vossa conversa, porque, até agora, dela não compreendi nada. Quem são estas mulheres roubadas do lago? Quem é êste homem de bronze que dizeis guardar? É talvez uma estátua? Ou falais por enigma para divertir-vos com minha rusticidade? Um terceiro contou-lhe então, em pormenores, o que havia acontecido às sete virgens, e de que maneira seus corpos haviam sido roubados do tanque por Teódoto, cidadão de Ancira; que êsse cristão havia sofrido os mais horrendos tormentos com uma insensibilidade que os levava a dar-lhe o epíteto de homem de bronze; que o governador o condenara à decapitação e cremação, e que estavam encarregados de guardar o cadáver, por causa dos cristãos: ao mesmo tempo mostrou o corpo, coberto de ervas e de fôlhas. Fronton abençoou a Deus do fundo do coração, e implorou-lhe auxílio. Deu novamente de beber aos guardas, até que os viu profundamente adormecidos. Então, pegou o corpo do mártir, pôs-lhe o anel no dedo, colocou-o na mula e recolocou as fôlhas e as ervas, para que os guardas de nada se apercebessem. A mula voltou à aldeia de Malos, e parou no local onde depois foi construída uma igreja em honra de São Teódoto.

O autor das atas de seu martírio, terminou-as com estas palavras: eu, humilde Nilo, transmito tôdas estas coisas, meus caríssimos irmãos, com a maior exatidão possível; estive com êle na prisão, conheço em pormenores o que vos escrevi, tendo-me atido em tudo à verdade, a fim de que vós mesmos, escutando as coisas com fé e certeza, tenhais parte com o santo e glorioso mártir Teódoto, e com todos os santos que combateram pela piedade, em nosso Senhor Jesus Cristo, a quem a glória e o poder cabem, com o Pai e o Espírito Santo, em todos os séculos. Amém.

* * *

SÃO FÉLIX DE CANTALÍCIO

Capuchinho

Meu Deus, amo o pequeno Félix, tão piedoso desde a primeira infância, que de então lhe deram o nome de santo. Amo êste pequeno pastor, talhando uma cruz na casca de uma árvore e orando em frente dela horas a fio. Recitava primeiramente com fervor a Oração Dominical, a Saudação do Anjo, o Símbolo dos Apóstolos, o *Gloria Patri*, e outras orações conhecidas. Mas, em breve, Deus lhe concedeu a graça da contemplação, e todos os seus pensamentos se tornavam preces. Moço trabalhador, meditava durante o trabalho: tudo o que via, tudo o que ouvia, despertava nêle afeições piedosas. Mas nada o tocava mais ternamente do que a recordação dos sofrimentos de Jesus Cristo. A uma humildade profunda, ajuntava uma alegria inalterável, da doçura e de caridade para com os outros. Quando alguém o insultava, tinha o costume de responder: Deus queira fazer de vós um santo. Tal era o jovem Félix. Meu Deus, pudesse eu assemelhar-me a êsse pequeno pastor!

Entretanto, êsse pequeno trabalhador acreditava não fazer bastante. Apresentou-se, pelo ano de 1540, a um convento de capuchinhos, e pediu que o acolhessem na qualidade de irmão converso. O superior

deu-lhe o hábito e mostrou-lhe um crucifixo; em seguida, explicou-lhe o que o Salvador sofrera, dizendo-lhe de que maneira um religioso devia imitar êsse divino modêlo, com uma vida de renúncia e humilhações. Félix, comovido até as lágrimas, sentiu-se animado de um ardente desejo de imprimir em si os traços dos sofrimentos de Jesus Cristo, e de crucificar, pela mortificação, o velho homem com todos os seus desejos. Durante o noviciado parecia já compenetrado do espírito de sua ordem, que era um espírito de pobreza, de penitência e humildade. Freqüentemente, atirava-se aos pés do mestre dos noviços, para pedir-lhe que dobrasse as mortificações, e o tratasse com maior rigor do que aos outros, ao que parecia, mais dóceis do que êle e mais dedicados à virtude. Por êsse profundo desprêzo de si mesmo, chegou em breve a uma eminente perfeição.

Félix estava tão intimamente unido a Deus, que mesmo no mundo, quando ia pedir esmola, nada conseguia distraí-lo. Perguntou-lhe, um dia, um irmão como fazia para permanecer em recolhimento tão perfeito, recebendo a seguinte resposta: Tôdas as criaturas servem para elevar-nos a Deus, quando as olhamos sob êsse prisma. Retenhamos a palavra de um santo, e ponhamo-la santamente em prática. Se a vista das criaturas nos afasta de Deus, é porque ainda não as olhamos sob o prisma bom, com os olhos da fé, mas com os olhos da carne. Purifiquemos bem nossas intenções e afetos, e habituemo-nos, como os santos, a ver tôdas as coisas em Deus, e Deus em tôdas as coisas.

* * *

SÃO DIÓSCORO (*)

Mártir

Dióscoro, curial do lugar que se chamava Cinópolis, tendo sido levado prêso à presença de Culciano, o presidente, dêste ouviu o seguinte:

— Por que Dióscoro me foi enviado?

Respondeu a Culciano aquêle que fôra interrogado:

— Dionecta, curador da cidade de Cinópolis, remeteu-o como cristão, e cristão que se recusa a obedecer ao edito imperial.

Culciano:

— Que se leia o que nos enviaram.

O que inicialmente fôra inquirido, leu:

— A teu poder, senhor, Dionecta, curador da cidade de Cinópolis, saudações. Envio-te a julgamento a Dióscoro, que se recusou obedecer ao edito de nossos mestres os imperadores.

Culciano a Dióscoro:

— Dióscoro, soube que tu és sapientíssimo. Imola e obedece as ordens dos imperadores.

Dióscoro:

— Não imolo. Não sou dos deuses, mas do Deus único, o meu, Jesus Cristo, verdadeiro Deus.

Culciano:

— A quem tu imolas?

Dióscoro:

— Ao verdadeiro Deus, aquêle que não é visto pelos homens que não têm o coração reto.

Culciano:

— Tu és leitor?

Dióscoro:

— Não, não o sou, mas meu pai era.

Culciano:

— Se tu não fôsses contumaz, o curador não te enviaria a mim para julgamento. Imola agora e obedece as ordens de nossos mestres os Césares Augustos.

Dióscoro:

— Já disse que não imolo a deuses. Tenho um rei celeste que chamará a julgamento os vivos e os mortos, que agora reina sôbre o mundo e continuará a reinar pelos séculos afora. Crendo n'Êle, não terei nada a temer. Permanecerei na sua verdade para a eternidade.

Culciano:

— Imola e poupa o teu corpo. Já preparei rigorosíssimos tormentos para ti e para todos os que persistirem nesse culto.

Dióscoro:

— Teus tormentos são insignificantes. A fé do Cristo Jesus, que me sustenta, esta sim, é grande. Tu tens sòmente o poder de me acabar com o corpo: sôbre a alma e o espírito não tens poder algum.

Culciano:

— Imola agora.

Dióscoro:

— Se imolar, como me justificarei diante de meu Deus Jesus Cristo, quando Êle vier para o julgamento?

Culciano:

— Rasgar-te-ei com as unhas de ferro.

Dióscoro:

— Não sentirei tal tormento se pensar no banquete celeste.

Culciano:

— Tu és filho de leitor, aprendeste com êle?

Dióscoro:

— Minha atenção está longe disso. O que sei é que também fui chamado pelo Cristo e creio na sua vinda. Eis porque também o glorifico em sua glória.

Culciano ordenou que avermelhassem três ferros e lhe queimassem o corpo.

Haviam-no já queimado com dois dêles, mas Dióscoro nada sentira. Culciano, então, mandou que lhe aplicassem o terceiro. E os carrascos, cumprindo a ordem, verificaram que era inútil, uma vez que o cristão tinha sôbre o corpo uma como umidade de orvalho, protetora.

Dióscoro a Culciano:

— Pensas, então, presidente, que teu fogo possa queimar-me?

Culciano:

— Se tu és cristão, ordeno-te que me fales na doutrina dos cristãos.

Dióscoro:

— Não te recordas dos três jovens que se atiraram à fornalha e aos quais o fogo do rei Nabucodonosor não pôde queimar, porque surgiu um vento refrescante como a brisa da manhã? Nada sofro com o fogo que tu vês daí. Não estás preparado para

compreender o que isto seja. Pensas que somos nós que falamos? Não, é o Santo Espírito de Jesus, riquíssimo, que nos inspira. Os que a Êle se entregam, nada sofrem. Mesmo que me mates, serei recompensado por Êle, em paga dos suplícios.

Culciano:

— O Cristo é Deus?

Dióscoro:

— É o Deus dos deuses.

Culciano:

— É aquêle que nasceu duma mulher?

Dióscoro:

— Eu o explico: assim como a morte, por Eva, recaiu sôbre nós, assim fomos todos vivificados por Maria, da qual nasceu Jesus Cristo Nosso Senhor.

Culciano:

— Paulo era deus?



Estátua de Diana. Segundo uma escultura do arco do triunfo de Trajano.

— Não, mas possuía o espírito de Deus e uma inteligência sã e razoável. Assim como nas refeições dêste mundo: não vês que os mais doces pratos são servidos por último? Paulo foi o apóstolo que Êle escolheu por último, o mais suave.

Culciano:

— Imola agora.

Dióscoro:

— Não imolo. Só o faço a um único Deus, que é o verdadeiro. É inútil, porque estou sustentado pela fé e vou para aquêle a quem coisa alguma pode resistir, aquêle cujo poder aparece em tudo.

Culciano:

— Se fôsse um pai que longamente estivesse a suplicar a um filho, êste haveria de obedecê-lo. Não vês que é o presidente quem te pede? Vamos, imola agora.

Dióscoro:

— Não imolo, porque só sirvo ao Deus vivo. Embora seja grande a glória dêste mundo, digo-te que não me desviará do reino dos céus. Não farei o que me propuseres.

Culciano:

— Tu tens pai?

Dióscoro:

— Não o tenho, mas tenho um Pai, o verdadeiro rei do céu.

Culciano:

— És um obstinado e tomaste o lugar de teu pai.

Dióscoro:

— Meu pai foi leitor, eu sou curial e aqui vim de coração, a fim de que, mesmo que tenha pecado um pouco na juventude, seja purificado no século vindouro.

Culciano:

— Um curial comparece a julgamento?

Dióscoro:

— Aqui estou eu, e compareci para que me refaça no Senhor Jesus Cristo e esqueça o mundo.

Orias, ajudante da guarda, disse:

— Senhor presidente, êste prisioneiro vem longamente persuadindo os outros presos a não obedecer aos reis. Que não o poupem agora.

Dióscoro:

— Rendo graças a meu Deus Jesus Cristo. Que me fortifique para que suporte êste combate. Os tormentos das penas são pequenos, a recompensa de Deus é grande.

Culciano:

— Agora, reflete, Dióscoro: se tu quiseres. dar-te-ei dois dias para mudares.

Dióscoro:

— A esperança em Deus, que dirige os que querem a verdadeira vida, é mais forte que tal persuasão.

Culciano:

— Poupa-te e imola.

Dióscoro:

— Eu sou cristão. Não imolo.

Juliano, o escrivão, disse:

— Se o atormentarmos, fazendo com que sofra em várias partes do corpo, acabará obedecendo às leis dos reis.

Culciano ordenou:

— Suspendei-o, ponde-lhe dois fogos no corpo.

Enquanto lhe queimavam o corpo, o que fizeram pelo espaço de meia hora, Dióscoro nada falou.

Apenas tinha levantado os olhos para o céu, onde via uma visão, fôrça que o reconfortava. Num dado momento, gritou, dirigindo-se a Deus:

— Abre os olhos dos carrascos, Senhor, para que vejam a luz e não errem mais.

E quando os carrascos viram a luz, levaram-lhe o fogo, e o fogo não lhe causou mal algum.

Juliano apressou-se em dizer:

— Viu como persuadiu os carrascos?

Os carrascos disseram:

— Vimos a luz de Deus vencer a luz dêste mundo.

Culciano dirigiu-se a Dióscoro, dizendo:

— Imola agora, poupa-te, acaba com esta loucura!

Dióscoro:

— A sabedoria dêste mundo é loucura para Deus, o Cristo confunde os sábios dêste mundo e faz sentar perto de si, na glória eterna, os que n'Êle crêem.

— Tu és filho de leitor, dá-nos teus livros. És um obstinado, por isso que te enviaram aqui.

Dióscoro:

— Se queres meus livros, abre meu coração: ali os encontrarás.

Culciano, colérico:

— Arrancai-lhe a barba, pouco por pouco.

Dióscoro:

— Não o sentirei. Vivo com a alegria eterna e a ela desejo vivamente chamar os outros: vinde à mesma coroa!

Culciano:

— Disseram-me de ti que és curial e devedor do fisco. Vai para tua casa e, se deves alguma coisa, disso eu me encarregarei e te honrarei.

Dióscoro:

— Tuas palavras não me desviarão da resolução tomada. Eu creio em Deus. Eu sei que meu destino é oferecer meu sangue ao Senhor Jesus Cristo.

Culciano:

— Tu me forças a ditar uma sentença contra ti.

Dióscoro:

— Não deixes de fazê-lo. Dita-a.

O presidente Culciano ordenou que o decapitassem. E Dióscoro o foi, em Alexandria, no mês de junho, aos 15 das calendas de julho (1), ou aos 15 das calendas de junho. (2)

* * *

(1) 17 de junho.

(2) 18 de maio.

SANTO EURICO (*)

Rei e Mártir

Eurico IX, filho de Jedwardo, foi eleito rei da Suécia em 1150. De volta duma cruzada contra os finezes, então pagãos, cruzada em que foi assassinado o bispo de Upsal, que o acompanhava, ocupou-se o futuro mártir com a administração do reino, com imensa piedade e não menor consciência.

Construiu igrejas, favoreceu o culto, tratou de promulgar leis que defendessem os direitos da mulher, então considerados inexistentes.

Detalhes da vida dêste santo rei são um tanto desconhecidos, e, quando não, assaz obscuros. Atacado traiçoeiramente durante a missa, pelo príncipe dinamarquês Magnos Henriksson, assistiu ao ofício divino até o fim, depois do que, deixando o templo, buscou o inimigo. Caiu, porém, vítima dos golpes recebidos, em Ostra-Aros, aos 18 de maio de 1160.

Honrado depois da morte pelas virtudes, foi o principal padroeiro da Suécia católica, do século XIII ao século XVI.

As relíquias estão conservadas na igreja de Upsal.

————

No mesmo dia, em Heracléia, no Egito, São Potamão, bispo, que primeiramente confessou a fé sob Maximiano-Galério, depois sob o imperador Constâncio e o prefeito ariano Filagro, recebendo a coroa do martírio. Os Padres da Igreja, santos Atanásio e Epifânio, fizeram o elogio dêste santo homem. Morto em 341, seu nome é Potamão, e não Potamião, como se vê comumente.

Em Ravena, a morte de São João I, papa e mártir, festejado no dia 27 dêste mesmo mês.

Em Camerino, São Venâncio, mártir, que, com apenas quinze anos, terminou por morte gloriosa os combates que teve de sustentar por Jesus Cristo, tendo a cabeça cortada com outros de seus companheiros, sob o imperador Décio e o presidente Antíoco. — Em Espoleto, São Félix, bispo, que havendo já confessado a fé sob os imperadores Maximiano e Galério, foi, sob o imperador Constâncio, e Filagro, ariano, honrado com a coroa do martírio.

* * *

19.º DIA DE MAIO

SÃO DUNSTANO

Bispo de Cantuária

São Dunstano nasceu em 924, perto do mosteiro de Glastonbury, na Inglaterra. Seus pais eram da primeira nobreza, e, desde a infância, fizeram-no educar nessa casa de Glastonbury, onde viviam alguns monges irlandeses que instruíam a juventude. Dunstano, ali, aprendeu os primeiros elementos das ciências. Ao manejo corrente da língua latina, ajuntava um vasto conhecimento da filosofia; as santas Escrituras e as obras dos Padres constituíam o objeto de suas meditações constantes; seus êxitos nas diferentes artes, tais como a música, a pintura, a gravura, e sobretudo no trabalho dos metais, fizeram-no merecer os aplausos de todos. Enfim, recebendo as ordens menores, mudou-se para Cantuária, junto do bispo Athelme, seu tio paterno, que o recomendou ao rei Edelstan e o colocou a seu serviço. Saiu-se bem em todos os encargos, e seu mérito suscitou invejosos, que o acusaram de ser mago e de ter partes com o demônio. A censura baseava-se no fato de ter Dunstano, certa vez, abandonado a harpa na parede e de ela ter tocado sòzinha uma antífona.

Abandonou a côrte espontâneamente, sem esperar ser a tal constrangido, e retirou-se junto de Santo Elfégio, bispo de Winchester, seu parente, que o exortou a abraçar a vida monástica; mas o jovem relutou durante algum tempo, crendo dever casar-se. Uma moléstia que o reduziu ao extremo, fê-lo decidir-se, e, uma vez restabelecido, recebeu o hábito monástico da mão do santo bispo que, em seguida, o ordenou sacerdote, após os interstícios canônicos, dando-lhe por título a igreja de Nossa Senhora de Glastonbury. Tendo recebido durante algum tempo, os ensinamentos de seu parente Elfégio, para fortificar-se contra as tentações, voltou a Glastonbury a fim de servir na sua igreja, perto da qual fêz construir, para si, uma cela tão estreita que parecia uma sepultura. Não tinha mais de cinco pés de comprimento, dois e meio de largura e a altura necessária para ali permanecer de pé. A porta formava um dos lados, e tinha pequenas janelas pelas quais recebia a luz para trabalhar. Jejuava e orava assìduamente, e essa espécie de vida lhe atraiu em breve visitas de tôda a sorte de pessoas, que tornavam públicas as suas virtudes.

Morto o rei Edelstan, seu irmão e sucessor Edmundo chamou São Dunstano para a côrte, a fim de auxiliá-lo com seus conselhos; mas em breve, envolvido pelas intrigas dos invejosos, colocou-o vergonhosamente em desgraça. No dia seguinte, o rei, que gostava muito da caça, perseguia a cavalo um cervo em meio à floresta. No auge da corrida, chegou à borda de um precipício; envidou o máximo esfôrço para deter o cavalo, mas em vão: não lhe restando esperança, recomendou-se a Deus, agradeceu-lhe pelo fato de não haver cometido pecado

algum naquele dia, salvo a ofensa feita a Dunstano, prometendo repará-la se, pela misericórdia divina, o revisse. O cavalo, com os pés dianteiros já sôbre o abismo, deteve-se. O rei Edmundo rendeu graças a Deus com o mais vivo reconhecimento, com o coração e com a bôca. Voltando a casa, mandou chamar Dunstano, disse-lhe que montasse a cavalo e o acompanhasse numa pequena viagem. Chegaram os dois a Glastonbury, entraram numa igreja; o rei orou com lágrimas nos olhos, pegou a mão direita de Dunstano, beijou-a com respeito e colocou-a sôbre a cátedra sacerdotal, dizendo: Sê o prelado desta cátedra e o abade fiel desta igreja; se algo te faltar, para o culto divino ou para a observação da regra, supri-lo-ei de bom grado.

Alguns dias após, Dunstano começou a lançar os fundamentos de uma igreja mais magnífica, e a construir mosteiros. Tudo pronto, reuniu sob a regra de São Bento, uma grande comunidade de monges, dos quais foi o primeiro abade, e os conduziu a uma grande perfeição. A doutrina e a piedade luziam de tal maneira no mosteiro, que dêle tiraram, com o decorrer do tempo, grande número de bispos e abades; de sorte que São Dunstano foi o principal restaurador da religião em tôda a Inglaterra. (1) Porque, com os grandes bens que lhe deixaram pai e mãe, bem como a princesa Edelfleda, sobrinha do rei, não sòmente doou ao mosteiro de Glastonbury várias terras que estavam próximas, como também fundou ainda mosteiros em cinco lugares diferentes, onde se formaram depois, com seus cuidados, grandes e edificantes comunidades.

(1) Acta SS., 19 maii. Acta Bened. Sect. 5.

Sob o pontificado de João XII, São Dunstano veio a Roma solicitar o pálio como arcebispo de Cantuária. Morto o rei Edmundo, assassinado em 946, Edredo, seu irmão e sucessor, príncipe muito piedoso, depositou no abade Dunstano a principal confiança, entregando-lhe a guarda dos tesouros e títulos, e governou o reino por intermédio de seus conselhos. Quis dar-lhe o bispado de Winchester após a morte de São Elfégio, e fêz com que a rainha com êle instasse, mas Dunstano permaneceu firme na recusa. Morto o rei Edredo, teve por sucessor, em 655 (?), seu sobrinho Edwi, príncipe jovem e desregrado, que seguia as paixões, e os conselhos dos jovens. Proscrevia os ricos para confiscar-lhes os bens, sobretudo se eram piedosos; pilhava as igrejas, desprezava a religião, sobrecarregava as cidades de impostos. Maltratava os pais, mesmo a rainha, sua avó, e entregava-se às mulheres com excessos. Dunstano tentou corrigi-lo, mas, vendo baldados os esforços, retirou-se ao mosteiro de Glastonbury.

Assistiu, todavia, à sagração do jovem rei, que, no mesmo dia deixou bruscamente os prelados e senhores com os quais se banqueteava, para encerrar-se com uma mulher a quem entretinha. Pejados e aflitos, deliberaram, com Santo Odon, arcebispo de Cantuária, mandar alguns dentre êles buscar o rei. Escolheram o santo abade Dunstano, com outro bispo, seu parente; êle foi encontrar o rei, arrancou-o à viva fôrça dos braços da infeliz e, havendo-lhe pôsto a coroa sôbre a cabeça, levou-o perante o arcebispo Odon. A mulher nunca lhe perdoou e não deu descanso ao rei antes que o enviasse ao exílio. Fêz primeiramente um edito para tirar os bens a todos os mosteiros; em seguida, foi a Glastonbury, e, após

feito o inventário de tudo o que pertencia à casa, prenderam Dunstano, em meio aos protestos dos monges, dos amigos e dos pobres. Dunstano embarcou e dirigiu-se para Flandres, onde o conde o recebeu favoràvelmente; retirou-se ao mosteiro de São Pedro de Gand, o mais estimado para os estudos e a piedade.

O arcebispo Odon, de parceria com os senhores do reino, vendo que o jovem rei não lhe ouvia as admoestações, mandou alguns soldados arrancar à fôrça a concubina de sua côrte, pela qual ardia em paixão. Após desfigurar-lhe o rosto e marcá-la com ferro quente, exilou-a para a Irlanda. Ela voltou algum tempo depois e dirigiu-se a Gloucester, mas a gente do arcebispo a prendeu, cortou-lhe os jarretes, e alguns dias depois, a fêz morrer miseràvelmente. O rei Edwi tornou-se tão insuportável por seu mau comportamento que foi expulso, sendo reconhecido por rei seu irmão Edgar, em 957. (1)

Poucos dias após sua eleição, o novo rei da Inglaterra convocou uma assembléia geral de todo o reino, na qual ab-rogou tôdas as leis injustas do irmão e reparou tôdas as violências. Chamou gloriosamente de volta o abade Dunstano do exílio e rendeu-lhe mais honras ainda que os seus predecessores. Algum tempo após, o bispado de Worchester veio a vagar, e êle o obrigou a aceitá-lo, indo então Dunstano a Cantuária para sagrar-se. O arcebispo Santo Odon fê-lo com prazer; mas, durante a cerimônia, em lugar de nomear Dunstano bispo de Worchester, nomeou-o arcebispo de Cantuária, como se

(1) Vita S. Odon Acta SS., 4 julii. Act Bened., sect 5.

o tivesse ordenado para a sua igreja. Os assistentes, crendo tratar-se de um equívoco, fizeram-no notar, ao que êle retrucou: Sei, meus filhos, o que Deus opera em mim; durante minha vida êle será bispo de Worchester, mas depois de minha morte governará tôda a Inglaterra. Morto o bispo de Londres, o rei Edgar, os senhores e habitantes da cidade, instaram com Dunstano para que tomasse também a direção dessa igreja. Êle recusou, baseando-se nos cânones, que não permitem dar duas igrejas a um bispo, nem dois bispos a uma igreja; mas fizeram-no ver que o Apóstolo São João havia governado sete igrejas e seus bispos e que São Paulo cuidara de tôdas as igrejas. Dunstano convenceu-se com tais exemplos, bem ou mal aplicados, e governou as igrejas de Londres e Worchester, como bispo de uma e outra.

O arcebispo Santo Odon, depois de dirigir vinte anos a sede de Cantuária, morreu em 861, em 4 de julho, dia em que a Igreja lhe honra a memória. O rei solicitou a Dunstano que tomasse o seu lugar, mas não conseguiu convencê-lo. À sua recusa, Elfin, bispo de Winchester, havendo conquistado para a sua causa os senhores mais poderosos da côrte mediante dinheiro, conseguiu para si essa dignidade, que ambicionava de longa data; mas, ao dirigir-se a Roma para receber o pálio, morreu de frio nos Alpes. O rei insistiu ainda com Dunstano para que aceitasse, mas êste tornou a recusar. Escolheram, então, Birthelm bispo de Dorset, para preencher a sede de Cantuária; era um bom homem, mas tão pouco capaz, que, ao cabo de alguns dias, o rei o reenviou ao seu bispado e, pela terceira vez, insistiu com Dunstano. Todos os bispos juntaram seus pedidos aos do rei,

persuadindo-o afinal. Imediatamente, seguindo o costume dos predecessores, empreendeu viagem a Roma para pedir ao papa, com o pálio, a confirmação de sua nova dignidade. O papa João XII, que o estimava singularmente, nomeou-o legado da Santa Sé na Inglaterra, dando-lhe o pálio com uma carta contendo os deveres de um bom bispo. Deu-lhe a carta pessoalmente, mas fê-lo tomar o pálio no altar de São Pedro.

Elevado à sede de Cantuária, Dunstano visitava tôdas as cidades do reino e de suas dependências, para pregar a fé àqueles que não a conheciam, se é que ainda os havia, e para instruir os fiéis na prática das boas obras. Não era fácil resistir-lhe, tanta sabedoria e eloqüência havia nas suas palavras. Quando dispunha de algum repouso, dedicava-se à oração e à leitura das Sagradas Escrituras, cujos exemplares corrigia; afinal, estava contìnuamente ocupado com os seus deveres. Julgava as pendências, apaziguava os homens encolerizados, refutava os erros dos hereges, separava casamentos ilegítimos, reparava antigas construções ou fazia novas, empregava os recursos da igreja para socorrer as viúvas, os órfãos e os estrangeiros. Um conde muito poderoso havia desposado sua parente e não queria dela separar-se, conquanto Dunstano o houvesse advertido já três vêzes. Então, proibiu-lhe entrada na igreja, e o conde foi encontrar-se com o rei Edgar, implorando sua proteção contra a severidade excessiva do arcebispo. O rei mandou a êste que deixasse o conde em paz e lhe retirasse a censura. Dunstano, admirado de que um rei tão piedoso pudesse deixar-se assim seduzir, empenhou-se em fazer voltar à razão o conde e exci-

tá-lo à penitência, fazendo-o ver que havia ajuntado ao primeiro crime uma calúnia com o príncipe; mas vendo que se encolerizava novamente, pronunciou contra êle a excomunhão até que se corrigisse. O conde, fora de si pela cólera, foi a Roma onde obteve as boas graças de alguns romanos com suas liberalidades, os quais, intervindo com o papa, lhe conseguiram cartas papais, que ordenavam ao arcebispo reconciliar o conde com a Igreja. São Dunstano respondeu: Quando vir que se arrependeu, obedecerei com prazer às ordens do Senhor Papa; mas a Deus não apraz que, permanecendo em seu pecado, seja isento da censura da Igreja, e ainda nos insulte, ou que algum mortal impeça que a lei de Deus seja observada!

Vendo que Dunstano permanecia inflexível, o conde, tocado da vergonha da excomunhão e do perigo que isso lhe acarretava, rendeu-se afinal, renunciou ao casamento ilícito e recebeu a penitência; e quando São Dunstano convocou um concílio geral de todo o reino, o conde compareceu à assembléia de pés descalços, não trajando senão vestes de lã e levando varas nas mãos. Lançou-se aos pés do arcebispo gemendo. Todos os assistentes se comoveram, e Dunstano mais do que os outros; mas dissimulou-o por algum tempo, mostrando uma fisionomia severa, até que, cedendo às solicitações de tôda a assembléia, deixou correr as lágrimas, perdoou ao conde penitente e retirou a excomunhão, para grande contentamento de todos.

O rei Edgar tinha plena confiança no arcebispo Dunstano, e aceitava as suas palavras como oráculos do céu. A seu conselho expulsou do reino todos os ladrões, os sacrílegos, os perjuros, os envenenadores,

os que haviam conspirado contra o Estado, os parricidas, as mulheres que haviam feito morrer os maridos, numa palavra, os que poderiam atrair a cólera de Deus. Puniu severamente todos os ministros da Igreja que, desprezando a profissão, se dedicavam à caça, a atividades lucrativas, ou viviam na incontinência; e, se não se corrigiam, expulsava-os de suas igrejas. Essa exatidão na disciplina elevou de tal maneira o estado eclesiástico na Inglaterra, que muitos, da mais alta nobreza, a abraçavam, e cada qual se exercitava na prática da virtude, como único meio de chegar às dignidades.

A autoridade do arcebispo sôbre o rei pareceu particularmente sensível em certa ocasião. Êste príncipe, indo a um mosteiro de freiras situado em Wilton, encantou-se com a beleza de uma nobre, que ali era educada entre as religiosas, sem ainda haver recebido o véu. Quis entreter-se com ela em particular, e quando lha levaram, ela, temendo o que poderia acontecer, tomou o véu de uma religiosa e o colocou sôbre a cabeça, esperando lhe servisse de salvaguarda. O rei, vendo-a assim velada, disse: Mui depressa te tornaste religiosa. Arrancou-lhe o véu, apesar da resistência, e, afinal, dela abusou. O escândalo foi grande e, tanto mais, disse o historiador, que o rei era casado. São Dunstano, ouvindo a respeito, sentiu uma dor amarga e foi encontrar o rei, que se adiantou para êle como de ordinário, tomou-lhe a mão e o fêz assentar no trono. O arcebispo retirou a mão e, fitando no rei um olhar terrível, disse-lhe: Ousais tocar a mão daquele que imola o filho da Virgem com vossa mão impura, após ter arrebatado a Deus uma virgem que lhe era destinada? Corrom-

pestes a espôsa do Criador, e acreditais apaziguar com uma cortesia o amigo do Espôso. Não quero ser amigo de um inimigo de Jesus Cristo.

O rei não cria estar Dunstano a par do pecado, e recebeu a censura como um raio. Lançou-se aos pés do arcebispo, confessando o crime com lágrimas, e pedindo-lhe perdão humildemente. Dunstano, admirado da submissão, fê-lo levantar-se, sentindo rolarem as lágrimas como êle. Abrandou a fisionomia e falou familiarmente com o rei a respeito da salvação da alma, pintando em côres vivas a grandeza do pecado; vendo-o disposto a tôda sorte de reparações, impôs-lhe uma penitência de sete anos, durante os quais não traria coroa, jejuaria dois dias da semana e fazia grandes esmolas. Ademais, ordenou-lhe fundasse um mosteiro de freiras, para consagrar a Deus muitas virgens em lugar de uma; expulsar das igrejas os clérigos de má vida, e colocar os monges em seu lugar; fazer leis justas e agradáveis a Deus, que seriam observadas por todo o seu reino. O rei cumpriu exatamente tudo o que estava prescrito; no sétimo ano, sua penitência chegou ao fim e êle reuniu os senhores, os bispos e os abades de seus estados, e em sua presença e na de todo o povo, São Dunstano recolocou-lhe a coroa sôbre a cabeça, para júbilo de todos. Estávamos no ano 973.

Temos diversas leis do rei Edgar no tocante a assuntos eclesiásticos, que parecem ter sido feitas naquela ocasião. Contêm, entre outros, cânones e regras de conduta para os pastôres, em número de sessenta e sete, onde se lê o seguinte: Ordena-se sejam as crianças batizadas trinta e sete noites após o nascimento; sejam abolidos com grande cuidado os restos de idolatria, como a necromancia, as adivinha-

ções, os encantamentos, as honras divinas prestadas a homens; proíbe-se aos padres dizerem muitas missas por dia; no máximo três; proíbe-se a todo cristão beber sangue; ordena-se aos padres que cantem os salmos ao distribuírem esmolas aos pobres.

Seguem regras disciplinando a confissão, tanto para os confessores como para os penitentes, um formulário de confissão geral e dos cânones penitenciais. Para o homicídio voluntário e o adultério, prescrevem-se sete anos de jejum: três anos a pão e água, e os outros ao arbítrio do confessor; depois, acrescenta-se: Após êsses sete anos deve ainda chorar o seu pecado, na medida que lhe fôr possível, embora seja desconhecido dos homens o valor que sua penitência tem diante de Deus. Pela vontade de matar, sem execução, três anos de penitência, dos quais um a pão e água. Chama-se profunda penitência a de um leigo que abandona as armas, vai em peregrinação ao longe, andando de pés descalços, sem repousar duas vêzes no mesmo lugar, sem cortar os cabelos nem as unhas, sem tomar banho quente nem dormir em cama macia, sem provar carne nem qualquer bebida que possa embriagar, indo a todos os lugares de devoção, sem entrar nas igrejas, acompanhando tudo com preces fervorosas e contrição.

Dispõe-se também como um enfêrmo pode praticar o jejum que lhe fôr prescrito. Um dia de jejum era estimado numa moeda; era o que servia para alimentar um pobre, segundo a moeda daquele tempo. Podia-se também conseguir dois dias de jejum com duzentos e vinte salmos ou sessenta genuflexões e sessenta *Pater*. Uma missa valia doze dias de jejum. Assim, começou-se a comutar e a resgatar a peni-

tência. Um homem poderoso podia facilitar a penitência, fazendo jejuar com êle, e por êle, quantos homens eram necessários para cumprir em três dias o jejum de sete anos; mas foram-lhe prescritas muitas outras ações penosas, como andar de pés descalços, deitar-se em chão duro, lavar os pés dos pobres e fazer grandes esmolas.

Em 969, o santo arcebispo Dunstano convocou, pela autoridade de João XIII, um concílio geral de todo o reino. O rei Edgar a êle assistiu e fêz um belo discurso aos bispos, no tocante ao desregramento do clero. Após haver agradecido os benefícios do céu, que lhe havia submetido tôdas as nações vizinhas, disse: Havendo-nos Deus submetido tôdas as nações vizinhas, é justo que nos empenhemos em submetê-las às suas leis. Compete a mim governar os leigos eqüitativamente, fazer-lhes justiça, punir-lhes os sacrilégios, reprimir os rebeldes, defender o pobre contra o rico, o fraco contra o forte. É ainda a mim que compete prover a subsistência e a segurança necessária aos ministros das igrejas, às comunidades dos monges e aos coros de virgens. Mas compete a vós, veneráveis Padres, examinar e corrigir os costumes.

Despertai o zêlo, ó pontífices, despertai o zêlo pelos caminhos do Senhor, pelas justiças de nosso Deus. É tempo de vos levantardes contra os que dissiparam a lei divina. Tenho na mão a espada de Constantino, e vós a de Pedro. Juntemos as mãos, unamos o gládio ao gládio para purificar o santuário. Metei mãos à obra, conjuro-vos, a fim de que não nos arrependamos de haver feito o que fizemos, de ter dado o que demos, se virmos que, em lugar de o empregar ao serviço de Deus, o consumimos impu-

nemente na devassidão. Compenetrai-vos da lição das santas relíquias, a que certos infelizes insultam; dos santos altares, diante dos quais se encolerizam; imitai a devoção maravilhosa de nossos predecessores, das esmolas de que a extravagância clerical abusa. Nosso trisavô Eduardo, como sabeis, quis que tôda a sua terra pagasse o dízimo às igrejas e aos mosteiros. Meu bisavô Alfredo, de santa memória, para enriquecer a Igreja, não poupou nem seus próprios haveres. Quanto meu avô Eduardo deu às igrejas, vossa paternidade não ignora. De que dons meu pai e meu irmão cumularam os altares do Cristo, bem podeis recordar-vos.

Ó Dunstano, padre dos padres, contemplai meu pai olhando-vos do alto dos céus. Escutai-lhe as ternas queixas; fôstes vós, padre Dunstano, que me destes o salutar conselho de construir mosteiros e erigir igrejas; fôstes vós que me auxiliaste e cooperastes em tudo; fôstes vós a quem escolhi para pastor, pai e bispo de minha alma e guardião de meus costumes. Quando foi que não vos obedeci? Que tesouro preferi aos vossos conselhos? Que possessões desprezei, quando vos ordenáveis? Quando pensáveis que mister se fazia conferir alguma coisa às igrejas, sempre a deferi. Quando vos queixáveis de que algo faltava aos monges e ao clero, sempre o supri. Dizíeis que a esmola á uma coisa eterna e que a mais frutuosa é a feita aos mosteiros e às igrejas, para sustentar os servidores de Deus e dar o resto aos pobres. Ó preciosa esmola e digno preço da alma! Ó remédio salutar a nossos pecados! Serve para pagar e defender-nos contra uma impura sibila. Eis, padre, o fruto de minhas esmolas e o efeito de vossos conselhos.

Que respondereis a estas queixas? Eu o sei, eu o sei! Quando perceberdes o ladrão, não pactuareis com êle e não vos acumpliciareis com o adúltero. Haveis advertido, haveis orado, haveis repreendido. Desprezaram as palavras e mister se faz recorrer aos golpes, e o poder real não vos faltará. Tendes aqui o venerável padre Ethelwold, bispo de Winchester; tendes o reverendo pontífice Oswaldo de Worchester; encarrego os três de se desempenharem disso, a fim de que, pela censura episcopal e pela autoridade real, expulseis das igrejas os que vivem de maneira vergonhosa, para colocar no devido lugar os que vivem de acôrdo com a regra. (1)

Apoiado assim pela autoridade do papa e do rei, São Dunstano ordenou durante êsse concílio, mediante um decreto solene, que todos os cônegos, sacerdotes, diáconos, e subdiáconos guardassem a continência ou deixassem as igrejas; e deixou a execução aos dois bispos que o rei havia designado, e que foram, com êle, os restauradores da disciplina monástica na Inglaterra.

O jovem rei Eduardo, filho de Edgar, estava um dia na caça, quando se apartou de seu pessoal e se encontrou sòzinho perto de um castelo onde a rainha Elfrida, sua madrasta, tinha então a residência, com seu filho Ethelred. Eduardo estimava sinceramente um e outro, e quis fazer-lhes uma visita. Atormentado pela sêde, pediu de beber; mas enquanto bebia, ela o fêz apunhalar; e o seu corpo foi lançado num paul. Não pôde, todavia, ali ficar oculto. Deus descobriu-o por meio de uma luz celeste e o honrou

(1) Labbe, t. IX, p. 696, etc.

com diversas curas milagrosas; o que o fêz ser transportado para uma sepultura mais honrosa e ser incluído no número dos mártires. A Igreja lhe celebra a memória no dia da morte, 18 de março. Estávamos no ano de 978. Eduardo tinha quinze anos e dois e meio de reinado. Elfrida, sua madrasta, ralada de remorsos e tocada pelos milagres que se operaram pela intercessão do santo, caiu em si, deixando o mundo e retirando-se para um mosteiro que ela fundou, para ali chorar o crime; terminou a vida santamente.

O rei Eduardo tinha uma irmã também honrada como santa, a saber: Edite, filha do rei Edgar e de Wilfrida, a virgem de que abusara num momento de paixão, conquanto ela houvesse tomado véu para garantir-se, como já foi dito. Após haver dado à luz, retirou-se para o mosteiro de Wilton, onde recebeu o hábito da mão de Santo Ethelwold, e foi depois abadêssa. Tomou a si o encargo da educação de sua filha Edite, e, com o consentimento real, deu-lhe o hábito monástico. Edite não se distinguiu no mosteiro senão pelas suas virtudes; recusou três abadias que o rei, seu pai, quis dar-lhe, e morreu na idade de vinte e três anos, no dia 16 de setembro de 984. A Igreja honra-lhe a memória no dia de sua morte, e contam-se como santas três outras princesas com o mesmo nome, que viveram na Inglaterra no mesmo século. (1)

Após a morte de Santo Eduardo, seu irmão Ethelred foi reconhecido rei. A São Dunstano repugnava esta eleição, já por causa do crime que a provocara, já por causa da juventude dêste príncipe.

(1) Acta Bened., sect. v. Acta SS., 16 sept.

Todavia, não quis opor-se, porque se tratava do herdeiro mais próximo; mas no dia da sagração, ao lhe ser colocada a coroa na cabeça, dizem que fêz esta predição: Porque aspirastes ao trono pelo martírio de vosso irmão, o gládio não cessará de ferir-vos a casa e destruir-vos a família, até que o reino passe ao domínio dos estrangeiros, cujos costumes e língua vossos súditos não conhecem. Foram os dinamarqueses, como se viu depois.

Sob êste reino, que durou trinta ancs, os filhos dos clérigos que haviam sido expulsos das igrejas da Inglaterra renovaram a pretensão de seus pais que estavam mortos. Tinham à frente um bispo escocês, arrogante e parlador, com o qual foram encontrar São Dunstano. O santo arcebispo, enfraquecido pela idade e pelos grandes trabalhos que havia enfrentado em prol da Igreja, não se dedicava senão à oração. Êle lhes disse: Já que renovais esta querela, depois de tanto tempo, e vindes atacar-me quando procuro o repouso e o silêncio, não quero disputar convosco. Deixo a Deus o julgamento da causa da sua Igreja. Imediatamente a casa ruiu, o assoalho do quarto faltou a seus pés; êsses sediciosos tombaram, muitos foram esmagados pelas vigas; mas o lugar onde Dunstano estava com os seus, não foi absolutamente avariado.

Em 982, Santo Ethelwold, bispo de Winchester, veio a Cantuária com o bispo de Rochester; Dunstano os recebeu com grande alegria, porque havia sido por seus cuidados que êsses dois homens tinham sido nutridos, instruídos e elevados às primeiras honras da Igreja. Passaram juntos vários dias em doces conversações, tendo então o arcebispo levado os dois para fora da cidade; quando foi mister separar-se,

sentiu os olhos inundados de lágrimas, de sorte que a voz se lhe embargou. Os dois bispos, admirados, perguntaram-lhe pela causa. É que eu sei, respondeu êle, que deveis morrer em breve. Com efeito, o bispo de Rochester, apenas entrado em sua cidade, foi atacado por uma moléstia violenta que o arrebatou em poucos dias; e o bispo de Winchester caiu doente mesmo antes de chegar à casa. Morreu no dia primeiro de agôsto de 984, no ano vigésimo-segundo de seu episcopado. A Igreja lhe honra a memória no dia de sua morte; atribuem-lhe muitos escritos que não mais temos.

Após a morte de Ethelwold, grande cizânia se notou quando da eleição de seu sucessor, entre os clérigos que haviam sido expulsos da igreja de Winchester por seus desregramentos, e os monges que haviam sido recolocados nos devidos lugares; porque cada partido queria um membro seu no pôsto. São Dunstano pôs-se em oração, para pedir a Deus que lhe tornasse conhecida a escolha, como digno de preencher esta sede; Santo André apareceu-lhe e ordenou-lhe sagrasse Elfégio, abade de Bath. Era uma personalidade marcante, e foi depois arcebispo de Cantuária.

No dia da Ascensão, 17 de maio de 988, após a leitura do Evangelho, São Dunstano pregou como era seu costume; depois, continuou a missa e deu a bênção solene antes da comunhão. Exortou ainda o povo a afastar-se das coisas da terra; após ter dado o beijo da paz, não mais pôde conter-se, e pediu-lhes que dêle se lembrassem, e que estava próximo o dia em que Deus o chamaria. Levantou-se uma grande grita, torrentes de lágrimas correram; e um sacerdote, depois bispo, doutor e virtuoso, chamado Elgar,

declarou que nesta mesma manhã vira os anjos comunicar a Dunstano que se preparasse para o sábado próximo.

Após o jantar, o arcebispo voltou à igreja e marcou o lugar de sua sepultura. Quando subiu aos aposentos para descansar, os que o acompanhavam viram que era erguido no ar, e tomaram-se de espanto. Voltando para baixo, êle lhes disse: Vêdes para onde Deus me chama, e ninguém deve temer não chegar ao céu seguindo as minhas pegadas. Procurai fazer em tudo a vontade de Deus. Não vos preocupeis de parecerdes bons, mas de sê-lo, nem de não parecerdes maus, mas de não sê-lo. Já vos predisse que a grande nação inglêsa sofrerá muito e longo tempo da parte dos estrangeiros; mas por fim a misericórdia de Deus se esparzirá sôbre ela. Assim falando, o santo prelado sentiu que as fôrças lhe faltavam pouco a pouco. Todavia continuou todo aquêle dia e a sexta-feira seguinte a instruir e a consolar a todos que vinham recomendar-se a êle e pedir-lhe a bênção.

No sábado, 19 de maio, êle mandou que celebrassem diante dêle os santos mistérios, e, tendo recebido o santo viático, fêz uma fervorosa ação de graças, depois da qual expirou cheio de alegria. Foi enterrado na igreja de São Salvador, sua catedral, no lugar que havia designado, diante dos degraus do altar. As lamentações de seu povo foram lancinantes; na sua sepultura, operaram-se depois grande número de milagres, dos quais temos uma história fiel, pelo monge Osbern de Canterbury, que viveu no século seguinte e que escreveu uma das cinco vidas que temos do santo arcebispo, entre as quais

há uma escrita por um padre contemporâneo e testemunha ocular. São Dunstano restabeleceu as letras na Inglaterra, bem como a disciplina monástica; atribuem-lhe diversos escritos, dos quais pouco resta que seja de sua autoria com certeza. A Igreja honra a sua memória no dia de sua morte. (1)

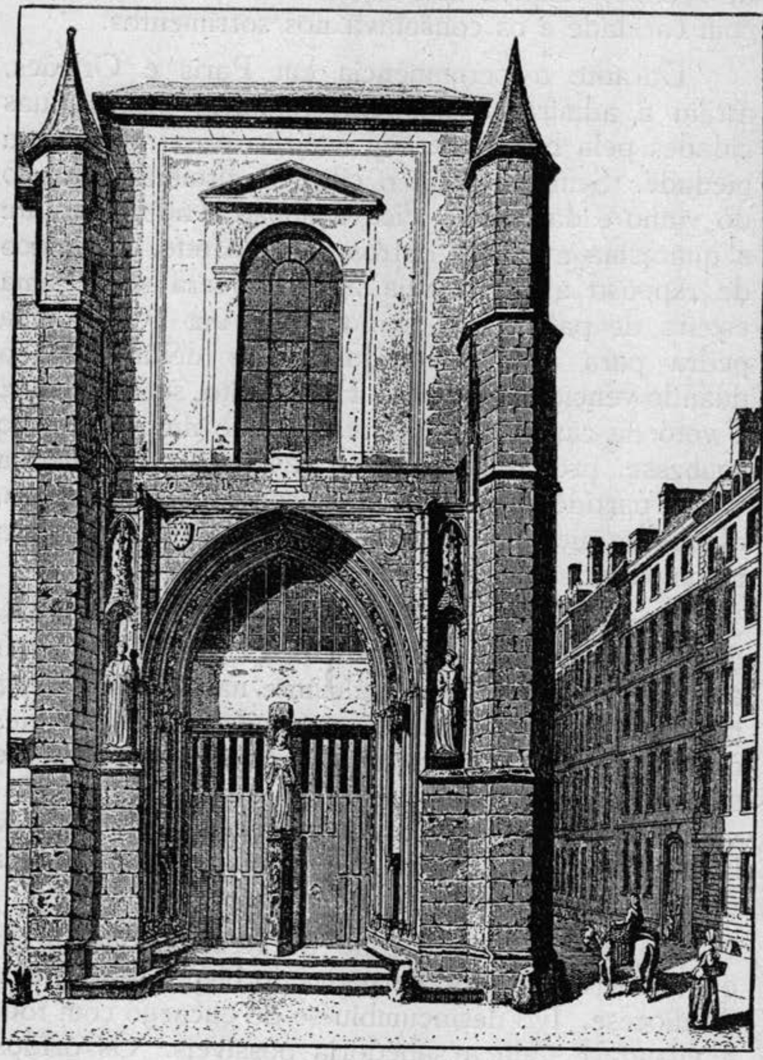
* * *

(1) Acta SS., 19 maii. Act. Bened., sect. v.

SANTO IVO

Santo Ivo, procedente de uma família tão ilustre quanto virtuosa, nasceu em 1253, perto de Tréguier na baixa Bretanha. Estudou a gramática na sua terra, e seus êxitos corresponderam à sua aplicação. Com a idade de quatorze anos, foi enviado a Paris para ali fazer o curso de filosofia e teologia, e de direito, tanto civil como canônico. Dirigiu-se a Orleães, onde estudou as decretais com o célebre Guilherme de Blaye, que se tornou bispo de Angoulême, e os institutos com Pedro de la Chapelle, depois bispo de Tolosa e cardeal.

Nas instruções que lhe dava sua mãe repetia ela freqüentemente que devia viver de maneira que pudesse tornar-se um santo. É êste precisamente o objetivo a que tendo, respondia êle. Tais sentimentos se fortificavam nêle todos os dias e faziam as mais profundas impressões em sua alma. Êste pensamento, *devo tornar-me um santo,* conduziu-o poderosamente para a virtude, afastando-o de tudo o que tinha aparência de mal. Os maus exemplos de seus companheiros de estudo serviam para inspirar-lhe antes horror pelo vício do que desejo de imitá-los. A santa gravidade do seu comportamento tocou vários libertinos e os afastou da desordem. Seu tempo estava dividido entre estudo e oração. Nas horas



Antiga Capela de Santo Ivo, construída em Paris no século XVI, pelos bretões.

de recreio, visitava os hospitais, servia aos doentes com caridade e os consolava nos sofrimentos.

Durante a permanência em Paris e Orleães, atraiu a admiração das universidades destas duas cidades pela beleza de seu espírito e extraordinária piedade. Sempre trazia o cilício e proibia-se o uso do vinho e da carne. Ficava a pão e água durante a quaresma e muitos outros dias do ano. O pouco de repouso que concedia ao corpo era sôbre uma esteira de palha, não tendo senão um livro e uma pedra para travesseiro. Jamais se deitava senão quando vencido pelo sono. Havia feito, secretamente, o voto da castidade perpétua. Como ninguém disso soubesse, propuseram-lhe se casasse, e ofereceram vários partidos honrosos. Recusou-os com modéstia, alegando que uma vida de estudos como a dêle era incompatível com o casamento.

Por fim, tornou conhecidas as intenções, decidindo-se pela vida eclesiástica. O desejo de servir ao próximo influiu principalmente na escolha. Teria preferido, por humildade, permanecer sempre nas ordens menores, mas o bispo o obrigou a receber o sacerdócio, o que lhe custou muitas lágrimas. Havia-se, entretanto, preparado para uma vida tôda de boas obras, e sobretudo por uma inviolável pureza da alma e do corpo.

Maurício, arquidiácono de Rennes, que, nessa qualidade era vigário perpétuo do bispo, fê-lo oficial da diocese. Ivo desincumbiu-se do encargo com tôda a virtude e tôda a sabedoria possíveis. Os órfãos, as viúvas e os pobres encontravam nêle um pai e um defensor. A imparcialidade mais exata lhe ditava os julgamentos; mesmo os que perdiam a causa não

podiam furtar-se a fazer-lhe justiça. Jamais pronunciou sentenças sem verter lágrimas; lembrava-se do último juízo, quando apareceria diante do tribunal do soberano juiz, para responder por tôdas as ações de sua vida.

Sua santidade projetava ao longe tal resplandescência, que muitos bispos disputavam a vantagem de uni-lo à sua diocese. Foi isso que privou a igreja de Rennes do tesouro que possuía. Alain de Bruc, bispo de Treguier, que acreditava ter direitos sôbre êle, ordenou-lhe que viesse à sua diocese, e o fêz seu oficial. O santo, em breve, estabeleceu a reforma em tôda a parte. Se era o flagelo dos maus, as pessoas virtuosas o amavam e o respeitavam como pai. Conquanto fôsse o juiz, não deixava de interessar-se em favor dos pobres nos outros tribunais. Encarregava-se de pleitear as suas causas: era chamado o *Advogado dos pobres*. A caridade o levava a visitar ainda e a consolar os que haviam sido detidos na prisão. Empregava todos os meios para pôr côbro às querelas. Certa vez, não conseguindo reconciliar uma mãe e um filho, que demandavam um contra outro, orou por êles, rezou a missa em sua intenção, e obteve de Deus que se prestassem a um acôrdo. O desinterêsse lhe igualava a integridade: recusava o que poderia exigir com justiça.

O espírito de sabedoria, do qual estava compenetrado, proporcionava-lhe extrema habilidade em distinguir o verdadeiro do falso nas contestações. Eis uma passagem em que foi citado e admirado pelos mais hábeis jurisconsultos.

Santo Ivo foi certa vez a Tours devido à apelação a uma de suas sentenças, e encontrou a hospedeira, em cuja casa costumava hospedar-se, em

grande consternação. Dois meliantes, vestidos de mercadores, haviam deixado com ela uma valise, na qual diziam haver mil e duzentos escudos de ouro e papéis importantes. Combinaram com ela não entregar nem a um nem a outro, senão quando os dois estivessem presentes; a hospedeira, sem ter a precaução de verificar o que dentro da valise havia, dela se encarregou, dando-lhes um comprovante. Ao cabo de seis dias, um dos pretensos mercadores veio, na ausência do companheiro, e pediu a valise à hoteleira, com o pretexto de ter de efetuar um pagamento. A hoteleira, que seis dias antes havia sido testemunha do acôrdo entre os dois supostos mercadores, sem lembrar-se de que se obrigara a não dar a valise a um senão na presença do outro, entregou-a àquele que a pedia, e que desapareceu imediatamente. O outro meliante veio em breve reclamar a valise à hoteleira, e entrou com ação contra ela no tribunal de justiça de Touraine. Santo Ivo, chegado na véspera do julgamento, e encontrando a hoteleira no embaraço, exortou-a a ter paciência e confiança em Deus. Depois, ouvido o fato, tanto de sua bôca como da do seu advogado, pediu a êste que lhe permitisse defender a causa. O advogado não teve dificuldade em aquiescer, tanto que tinha a causa por perdida. Santo Ivo foi à audiência com a mulher e pediu para encontrar-se com a parte contrária. O processo passara já pelos trâmites normais, faltando a sentença final. Mas Santo Ivo tomou a palavra em favor da hospedeira, dizendo: Senhores, dispomos agora de um fato novo que decide a dificuldade; a defesa, depois da última audiência, descobriu felizmente a valise em questão, e está disposta a exibi-la, quando ordenardes. O advogado do meliante pretendeu que

mister se fazia apresentasse a hoteleira a valise; assim não sendo, sustentava que o fato alegado não deveria impedir a sentença. Replicou Santo Ivo: o fato positivo do demandante é que êle e seu companheiro, entregando a valise à hoteleira, a encarregaram de devolvê-la na presença um de outro; eis porque o demandante está forçado a fazer vir o companheiro, e a defesa apresentará a valise.

O juiz, por sentença, ordenou que o demandante apresentasse o companheiro, pois de outra forma, a acusação perderia a demanda. A sentença atingiu tão fortemente o meliante, que se lhe viu claramente no rosto, nos olhos e nos tremores súbitos, quão grandes deveriam ser os remorsos de sua consciência. Detiveram-no, puseram-no na prisão e, depois de três dias de interrogatório, foi condenado a ser enforcado, após haver confessado que, em lugar dos escudos de ouro, não havia colocado senão cabeças de pregos e pedaços de ferro na valise que exigia com tanta insistência.

Quanto a Santo Ivo, após haver exercido durante muitos anos as funções de oficial em Treguier, foi nomeado cura de Tresdretz, e permaneceu oito anos nessa paróquia. Gofredo de Tournemine, sucessor de Alain de Bruc, transferiu-o da paróquia de Lohanec, onde ficou até a sua morte. Levantava-se todos os dias, à meia-noite, para recitar as matinas, e não deixava passar dia sem rezar a missa. Viam-no no altar penetrado do fervor mais intenso. Na sua preparação, ficava longo tempo prostrado, a fim de melhor considerar a baixeza de sua insignificância e a majestade do Deus, ao qual ia oferecer o sacrifício e a santidade da vítima que devia imolar-se

pelo seu ministério. Quando se erguia, os olhos estavam habitualmente banhados de lágrimas, que continuavam a correr com abundância durante todo o tempo empregado para celebrar os santos mistérios.

Quando aceitou a paróquia de Tresdretz, renunciou a todos os ornamentos da primeira dignidade, e não trajava senão vestes simples e pobres. Nos dias em que não jejuava, e que eram de número reduzido, não comia senão uma sopa e legumes. Deitava-se sempre sôbre palha, e mesmo sôbre uma dura esteira. Comovia-se até as lágrimas quando falava das coisas de Deus; também seus discursos tinham uma unção admirável. Não contente com instruir o rebanho, ia também pregar em outras igrejas, muito afastadas da sua. Havia dias em que pregava quatro ou cinco vêzes. Tôdas as questões eram submetidas ao seu julgamento; tornava a unir corações divididos, e assim evitava grande número de processos.

O santo fêz construir perto do presbitério um hospital onde os pobres e os enfermos eram recebidos. Lavava-lhes os pés, pensava-lhes as úlceras, servia-os à mesa e comia muitas vêzes dos restos que deixavam. Terminada a colheita, distribuía aos indigentes o trigo ou o preço pelo qual o havia vendido. Aconselharam-no um dia a esperar alguns meses para vendê-lo mais caro. Como saberei, respondeu, se então ainda estarei vivo? Esperando assim, continuou a mesma pessoa, ganhei cinco vêzes mais. E eu, replicou o santo, ganhei cem vêzes mais por não ter guardado o trigo. Certa vez em que não tinha mais do que um pão em casa, mandou dá-lo aos pobres. O vigário, estando em necessidade, recebeu a metade, dando o resto aos pobres; para êle não reservou

nada. Contava com a Providência, que nunca lhe faltou na necessidade.

Durante a quaresma de 1303, percebeu que suas fôrças diminuíam dia a dia. Nem por isto deixou as austeridades, persuadido de que devia redobrar de fervor, à medida que se aproximava da eternidade. Na vigília da Ascensão encontrou-se muito fraco. Pregou ainda, entretanto, rezou a missa com o auxílio de duas pessoas que o sustentavam e respondeu aos que foram consultá-lo. Enfim, sucumbiu, e foi obrigado a ir para a cama. Recebidos os últimos sacramentos, não se entreteve senão com Deus até o último suspiro. Morreu em 19 de maio de 1303, com a idade de cinqüenta anos. A maior parte de suas relíquias estão guardadas em Treguier. Carlos de Blois, duque da Bretanha, mandou colocar uma parte na igreja de Nossa Senhora de Lamballe, capital do ducado de Penthièvre; outra parte foi doada à abadia de Santo Salvador, ordem dos Cistercienses. Ainda se fizeram outras distribuições das relíquias do santo.

João de Montfort, duque da Bretanha, foi a Roma solicitar a canonização do servo de Deus. Declarou que havia sido curado por sua intercessão de uma doença que os médicos haviam julgado incurável. Os comissários nomeados em 1338 por João XXII comprovaram a veracidade de diversos milagres. O bem-aventurado Ivo foi canonizado em 1347, por Clemente VI. Seu nome se encontra no *Martirológio Romano,* no dia 19 de maio, e sua festa é celebrada neste dia em diversas dioceses da Bretanha. A universidade de Nantes, havia-o escolhido para seu padroeiro. Houve em Paris uma igreja

dedicada à sua invocação, e que foi construída às expensas dos bretões, em 1345. A igreja, na qual se erigia a confraria dos advogados, foi destruída em 1823 (1).

* * *

(1) Godescard, et Acta SS., 19 maii. Lobineau-Tresvaux, Vidas dos Santos da Bretanha.

SANTA EMILIANA (*)

Viúva

Emiliana ou Humiliana nasceu no ano de 1219, em Florença, na antiga família dos Cerchii.

Obediente aos pais, aos dezesseis anos casou-se. Homem não tão virtuoso quanto a espôsa, o marido era, entretanto, de bom gênio. De gostos diferentes, viveram vidas mais ou menos apartadas. Enquanto êle se dava às coisas do mundo, Emiliana buscava as de Deus, passando o dia a visitar as igrejas, a socorrer os pobres, os doentes e os infelizes. Desprezando a pompa, que agradava ao marido, e o luxo, todos os vestidos caros que êle lhe dava, vendia-os a santa mulher para dar aos pobres o que conseguia apurar, tendo sempre presentes aquelas palavras do Senhor Jesus: "Tudo aquilo que fizeres ao mais pequenino dos meus, a mim é que o fazeis".

Quando Emiliana enviuvou, cinco anos depois de casada, voltou a viver com o pai, com duas filhas. Pedida em casamento por segunda vez, recusou-se a contrair novas núpcias, pensando que estava em dedicar-se completamente a Deus, no mosteiro de Santa Maria de Monticellis, o que, todavia, não se realizou, uma vez que o Senhor desejava vê-la revestida com o hábito da ordem terceira de São Francisco.

Porque não obedecera os pais, viu-se privada do dote que lhe estava reservado. E, tratada, não mais como filha, mas como criada, continuou na casa em que nascera, ocupando um quartinho dos fundos, humílimo, que era a sua cela muito querida.

Sem mais com que socorrer os pobres, nem por isso deixou de procurá-los. E, como não lhes podia dar o sustento material, nutria-os gostosamente, e com fervor, do espiritual. Às vêzes, esmolava para êles, mas os afazeres da casa não lhe permitiam ausentar-se constantemente.

Depois que enviuvou, recebeu de Deus vários favores, muitas graças, entre as quais aquela em que o Altíssimo lhe deixou entrever, numa visão, a futura glória: num grande bando de crianças, a santa viu-se de branco e tôda angélica.

Uma noite, apagou-se a lamparina que conservava sempre acesa diante duma imagem da Virgem. Imediatamente, entrou-lhe pelo quarto uma pombinha que, transformando-se numa luz resplandecente, alumiou a Nossa Senhora por tôda a noite. Emiliana, de joelhos, varou aquela madrugada de graça a meditar o *Pater*.

O demônio, por algum tempo, atormentando-a, procurou perdê-la: sempre que, no silêncio, orava, aparecia, a interrompê-la, a tirá-la do recolhimento. E para assustá-la, fazia desfilar diante dos olhos da santa viúva cenas sôbre cenas: Emiliana via as filhas mortas, ensangüentadas, a cidade a arder, prêsa dum grande fogaréu, cujas chamas, impelidas por um vento certo, encaminhavam-se, inexoráveis, para a casa, ao quarto em que estava, amedrontada.

Reunindo fôrças, porém, com o sinal da cruz, livrou-se do Atormentador. Doutra feita, retornando

à carga, como enorme serpente, o diabo habitou-lhe o quarto por muitos dias, apavorando-a, mas Emiliana, mais uma vez, venceu-o. E vencendo-o, conseguiu livrar muitas pessoas dos assaltos do demônio, derrotando-o em várias oportunidades.

Os êxtases de Santa Emiliana duravam de um a dois dias. Jejuava constantemente, disciplinava-se com um chicote de nervos de boi e dormia sôbre um saco de palha — quando dormia.

Santa Emiliana adoeceu no domingo de Páscoa de 1246. O diabo, pela última vez, acometeu-a com furor. Mas depois que uma criada da casa lhe borrifou com água benta o corpo e lhe pôs sôbre o peito uma imagem da Virgem e outra do Menino Jesus, foi-se o Maligno para sempre.

Falecida no dia 19 de maio de 1246, transportaram-lhe o corpo para a igreja dos irmãos menores, em Santa Cruz de Florença, onde foi sepultada.

Inocêncio XII aprovou-lhe o culto.

* * *

SANTA PUDENCIANA (*)

Virgem

Pudenciana de Roma, ou Potenciana, era filha de São Pudente (1) e irmã de Santa Praxédia. Depois da morte do pai, tornou-se senhora dos bens todos da família, os quais, não levou muito tempo, legou à Igreja com grande satisfação. Aos escravos, deu-lhes liberdade, e a casa paterna, transformou-a em igreja, em cujo batistério, construído por ela a pedido do papa Pio I, numerosos catecúmenos receberam o batismo.

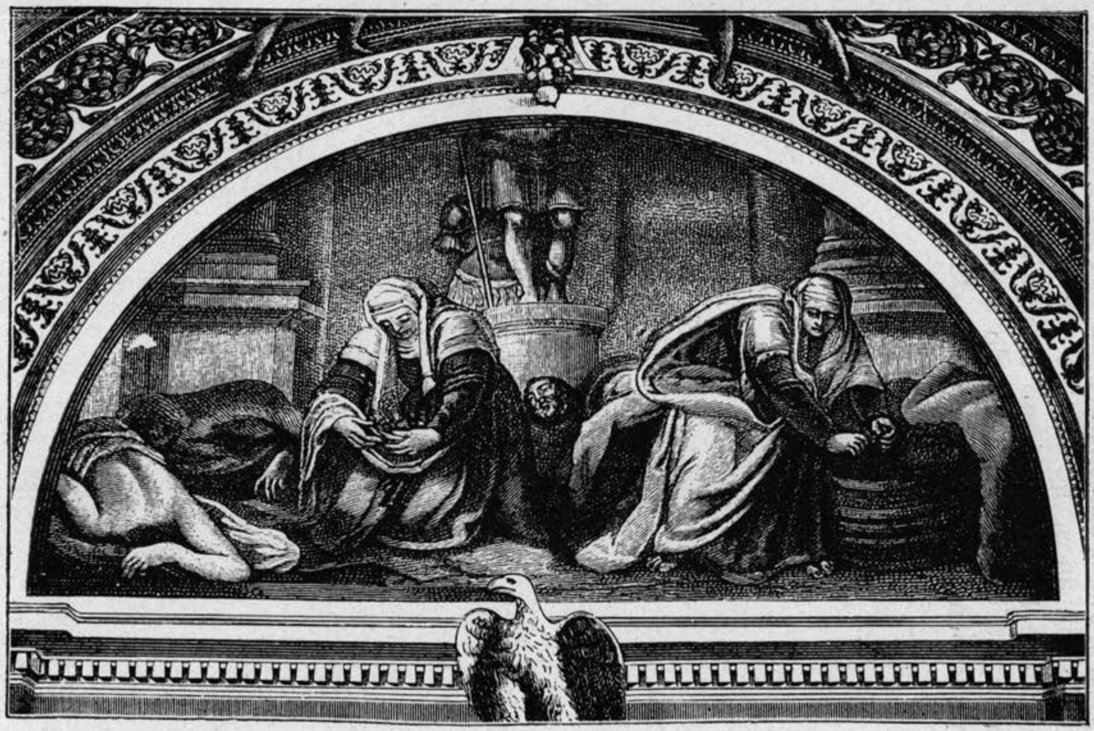
Num instante, a antiga casa de Santa Pudenciana tornou-se o abrigo dos perseguidos, casa em que, constantemente, o papa aparecia para celebrar os santos mistérios.

A santa virgem exercia com imenso zêlo variadas obras de misericórdia, principalmente a do sepultamento de mártires, coisa que a tornou famosa pelos tempos em fora, tal a atividade que desenvolveu naquele santo mister.

Aquela caridade, porém, não a impedia de praticar com grande assiduidade os jejuns, as vigílias e a oração.

---

(1) Também festejado no dia de hoje.



Santa Pudenciana e Santa Praxédia prestam aos mártires os últimos deveres. Segundo uma pintura mural da igreja de Santa Pudenciana, em Roma.

Santa Pudenciana morreu na flor da idade — com dezesseis anos, no dia 19 de maio de 160. Enterrada ao lado do pai, no cemitério de Priscila, logo mais, no dia 21 de julho do mesmo ano, teve, a repousar bem junto a si, o corpo da irmã.

* * *

SÃO PUDENTE (*)

Confessor — Século II

O Pudente que a Igreja festeja neste dia 19 de maio não deve ser confundido com o Pudente dos primeiros tempos do cristianismo, que era senador, tendo vivido no I século de nossa era, e que, assim o quer a tradição, teria acolhido em sua casa o apóstolo Pedro.

Êste do dia de hoje é o pai das santas Pudenciana e Praxédia, consoante vimos antes.

São Pudente foi discípulo do papa Pio I, que faleceu em 161. Casado com Savinella, teve dois filhos e duas filhas, aos quais o casal educou no amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e no culto da virgindade.

Enterrado no cemitério de Santa Priscila, na via Salária, teve a casa transformada em igreja, aquela que se chamou do Pastor.

* * *

BEM-AVENTURADA BARTOLOMEA DE SIENA (*)

Virgem

Chamada Isabel, depois de ter tomado o hábito da ordem terceira dos servitas da Virgem Maria a bem-aventurada ficou mais conhecida com o nome que encima estas poucas linhas que lhe dedicamos — à falta de maiores dados.

Dirigida pelo bem-aventurado Francisco de Siena, que pertenceu à mesma ordem dos servitas da Virgem Maria, Bartolomea praticou os conselhos evangélicos e os seus preceitos. Por tôda a vida, foi-lhe devcção muito particular uma reverência que dirigia a Jesus e a Maria e que consistia em saudá-los cinqüenta vêzes durante o dia e outro tanto durante a noite, para, conforme deixou patente, alegrar a alma e obter o perdão dos pecados da infância, quais sejam os das palavras inúmeras e inúteis que proferiu sem pensar.

Diz-se dela que, à morte do bem-aventurado Francisco de Siena, viu-o receber das mãos de Nossa Senhora, na augustíssima presença da Santíssima Trindade, uma indescritível coroa de pedras preciosas.

Falecida em 1348, teve os restos conservados em Siena, na igreja dos servitas.

* * *

SÃO PEDRO CELESTINO (*)

Papa

Pedro nasceu no ano de 1209, ao norte do reino de Nápoles, em Puila, tendo, desde os tempos de mocinho, levado vida monástica, sempre a procurar maiores austeridades.

Retirado numa ermida do Monte Majella, perto de Chieti, nos Abruzzos, a reputação que ali granjeou de santidade atraiu-lhe inúmeros discípulos, donde surgiu a ordem dos *Ermitães de São Damiano*, aquela que, em 1264, o papa Urbano IV aprovou, e que foi, anos depois, colocada sob a regra de São Bento.

Em 1276, deixou Monte Majella, sendo feito abade de Santa Maria de Faifole. Atraído, porém, pela solidão, foi viver numa gruta, em Ortente, mas novos discípulos foram aparecendo e houve necessidade de se erigir um mosteiro para abrigar a chusma de jovens que vinha de tôda parte.

Por volta do ano de 1284, Pedro confiou a direção da comunidade a um vigário, por que desejava mais tempo para se consagrar à oração, e deu-se ao que vinha suspirando desde há muito.

Logo, procurou viver mais solitàriamente do que vinha fazendo. E, dirigindo-se a uma ermida que havia nas imediações de Salmona, no Monte Mur-

rone, trancou-se numa celazinha e ali se deixou ficar por doces treze anos de solidão.

Quando o papa Nicolau I faleceu, aos 4 de abril de 1292, a eleição do sucessor foi-se fazendo difícil: afora a oposição, e oposição intransigente dos Colonna e dos Orsini, a peste que deu de grassar pela cidade e os motins que eclodiam com freqüência, espantaram de Roma os cardeais, que, apressadamente, corriam buscar refúgio em Perusa. O tempo foi passando, e, à medida que os dias e os meses iam ficando para trás, tanto mais se inquietava a cristandade.

Ora, um dia, o cardeal de Óstia propalou que um santo homem do Monte Murrone, ao qual se atribuíam vários milagres, anunciara-lhe que, numa visão que tivera, Deus lhe dera a conhecer que dentro de poucos meses faria sentir a sua justiça, caso aquela situação tendesse a um maior prolongamento, sem solução.

Os demais cardeais, um tanto amedrontados com a perdição, chegaram à conclusão de que sòmente um santo poderia tirá-los do embaraço. Assim, a 5 de julho de 1294, cerraram fileiras em tôrno do nome de Pedro, elegendo-o para a Cátedra do Príncipe dos Apóstolos.

Foi uma surprêsa: Pedro era um ancião de mais de oitenta anos, tipo do asceta, magro, acabado pelos jejuns, pálido, vestindo-se como se fôra um mendigo.

Quando recebeu os cardeais, Pedro hesitou, mas, todos souberam da nova, cansados, nervosos com o interregno, insistiram com êle para que aceitasse o altíssimo pôsto.

Com o pensamento sempre voltado para Deus, achou que aquela escolha fôra da vontade mesma do Senhor — e aceitou.

Carlos II de Anjou, rei de Nápoles, e o filho Carlos Martel, pretendendo o trono da Hungria, foram procurá-lo no Monte Murrone e o conduziram, com tôdas as honras, ao convento do Monte Majella, donde, depois, buscaram Aquiléia.

A 29 de agôsto de 1294, na igreja de Santa Maria de Collemaggio, Pedro foi sagrado e coroado com o nome de Celestino V. Data daqueles dias da coroação o nome de celestinos, adotado pelos *Ermitães de São Damião*, que receberam grandes privilégios e a preeminência sôbre todos os beneditinos. Favorecendo todos os religiosos austeros, permitiu aos franciscanos *espirituais* separar-se dos outros, não vendo nêles senão a austeridade de vida, deixando de lado os exageros, o que levou os papas posteriores a condená-los.

Estas generosidades e decisões, que lhe deixavam à mostra o grande coração, desprezando julgamentos, acabaram por descontentar os cardeais: não agia o papa sem os consultar no que quer que seja?

No mês de outubro, Celestino V deixou Aquiléia e, ao invés de ir para Roma, conforme lhe insinuavam os cardeais, foi para Nápoles. Passando em Benevento, criou um arcebispo-cardeal, sem consultar ninguém, e, no Monte Cassino, quis impor as constituições dos celestinos aos monges que, desejosos de serem sòmente beneditinos, não se conformavam com tal intenção.

Em Nápoles, o novo papa, não querendo desfazer-se dos hábitos de sempre, hábitos monásticos, ordenou que se construísse na residência de Castel Nuovo uma celazinha de madeira. Ali, retirou-se para passar a quarentena preparatória da festa do Natal,

deixando o govêrno da Igreja nas mãos dos cardeais de sua confiança.

Foi naquele retiro que se pôs a pensar sèriamente na posição em que se encontrava: sem firme direção, a Cúria romana se achava em grande desordem, e certos personagens nada escrupulcsos, aproveitando-se da situação, acumulavam benefícios ou gozavam de cargos que nem sequer vagos se encontravam.

E Celestino gemia:

— Ó meu Deus, eis que, a reinar sôbre as almas, estou prestes a perder a minha!

Que fazer? Demitir-se? Mas, pensava, poderia fazê-lo, porventura? Restava-lhe convocar os cardeais e aconselhar-se. Assim o fêz, e, depois, secretamente, com o melhor canonista, Bento Caetano, preparou uma ata de renúncia ao poder pontifical e uma constituição afirmando que podia demitir-se.

Descendo do trono, depôs o anel e os ornamentos pontificais. Aquela cena, singela, mas tocante, comoveu a todos os cardeais, tanto que, sem exceção, puseram-se a chorar.

Deus, então, aprovou aquela humildade do servidor com um milagre: um coxo, arrastando-se para os pés do papa demitido, para lhe receber a bênção, assim que Celestino lhe dissera: "Levanta-te, levanta-te!" — levantou-se, com efeito curado e alegre, e se foi.

A 24 de dezembro de 1294, Bento Caetano foi eleito papa. E, tomando o nome de Bonifácio VIII, os primeiros passos que deu foram em direção dos favores que Celestino concedera, anulando-os.

O santo alegrou-se por ver o sucessor a remediar os seus erros, ao mesmo tempo que castigava aquêles

ambiciosos que o haviam enganado tão fàcilmente. Agora, o que mais desejava, era ser um simples religioso, um irmão Pedro, como já o havia sido — nada mais.

Faleceu Celestino V, a cantar salmos, num sábado, a 19 de maio do ano de 1296, com oitenta e sete anos de idade.

Enterrado solenemente na igreja de Santo Antônio de Ferentino, igreja que havia reconstruído, os milagres que se operaram à beira do túmulo que lhe recebeu o corpo foram tais que, em breve, o lugar tornou-se rumorejante com o incessante vaivém de peregrinos.

Canonizado em 1313, no dia 5 de maio, pelo papa Clemente V, a pedido de Filipe, o Belo, em 1327 o corpo do santo papa foi transferido para a igreja de Santa Maria de Collemaggio de Aquiléia, onde fôra sagrado.

— — — —

No mesmo dia, em Fusecchio, na Toscana, a morte de São Teófilo de Côrte, padre da ordem dos irmãos menores, e confessor, que o papa Pio XI inscreveu no número dos santos em 1930. Filho de João Antônio de Signori e de Maria Madalena Arrighi, Teófilo nasceu em Côrte, perto do santuário da Anunciação, no dia 30 de outubro de 1676, sendo batizado por um dos tios a 1.º de novembro do mesmo ano na igreja de São Marcelo, recebendo o nome de Brás, nome que, ao pronunciar os votos perpétuos, a 22 de setembro de 1694, mudou para aquêle com que passou a ser conhecido. Em Roma, no convento de Ara Coeli, estudou filosofia e, em Santa Maria,

a Nova de Nápoles, teologia. Deu-se à obra dos *ritiri*, ou seja, convento ou casa de recolhimento, trabalhando com Tomás de Cori, que governava o *ritiro* de Civitella, perto de Subiaco. Faleceu em 1740, pronunciando as seguintes palavras: "Um só Deus, um em três pessoas, uma alma, uma eternidade".

Em Arras, Santo Hadulfo, confessor, monge de São Vaast de Arras, falecido em 728.

Em Roma, na via Ápia, a festa de São Calógero, chefe dos camareiros da mulher do imperador Décio, e de Santo Partênio, chefe de outro cargo, que foram condenados à morte pelo mesmo imperador, por não terem querido sacrificar aos ídolos pagãos.

Em Nicomédia, São Filótero, filho do procônsul Paciano, que, após haver suportado torturas sem conta sob o imperador Diocleciano, recebeu a coroa do martírio.

Na mesma cidade, seis santas virgens e mártires: a principal que se chamava Ciríaca, havendo vituperado a impiedade de Maximiniano com bastante liberdade, foi açoitada cruelmente, dilacerada em todo o corpo e enfim queimada.

* * *

20.º DIA DE MAIO

SÃO BERNARDINO DE SIENA

Um dia, São Vicente Ferrer pregava aos habitantes de Alexandria, no Piemonte, e interrompeu-se sùbitamente, dizendo aos ouvintes: Sabeis, meus filhos, que há entre vós um religioso da ordem dos frades menores, que dentro em pouco, será um homem célebre em tôda a Itália; por sua doutrina e seus exemplos advirão grandes frutos para o povo cristão. E conquanto seja jovem e eu alquebrado pela velhice, entretanto, chegará o tempo em que será preferido a mim nas honras da Igreja Romana. Exorto-vos, pois, a render graças a Deus e de orar para que aconteça para a utilidade do povo cristão o que me acaba de ser revelado. E porque assim será, voltarei a pregar nas Gálias e na Espanha; quanto aos povos da Itália aos quais ainda não preguei, é a êle que os deixo para instruir. Assim falando, São Vicente retomou o fio de seu discurso.

Êste frade menor que, mais jovem, lhe seria preferido em honra na Igreja Romana, ali seria canonizado por primeiro, era São Bernardino de Siena.

Nasceu êste santo em Massa, onde seu pai era governador. Pertencia à família dos Albizeschi, uma das mais ilustres da república de Siena. O dia de

seu nascimento, 8 de setembro de 1380, coincidiu com a Natividade da Santa Virgem. Pai e mãe obtiveram êsse filho único pela intercessão da mãe de Deus, na qual os dois punham tôda a esperança. Podia-se dizer de Bernardino o que se dizia de João Batista: Que pensais seja êste menino? Porque a mão do Senhor com êle estava. Mas perdeu a mãe, com a idade de três anos, e o pai, antes de completar sete. Perda funesta para muitos filhos! Pela providência divina, Bernardino nada sofreu. Uma tia materna, Diana, encarregou-se de sua educação, e inspirou-lhe uma terna piedade para com Deus, e uma devoção particular pela Santa Virgem. O pequeno Bernardino, modesto, doce, humilde e piedoso, comprazia-se na oração e nas visitas às igrejas. A devoção o levava principalmente a servir à santa missa. Tinha memória maravilhosa, e repetia aos companheiros, com fidelidade e graça, os sermões ouvidos. Sua compaixão pelos pobres não era menos admirável do que a piedade. Um dia, a tia despediu um, sem nada lhe dar, por não haver sequer um pão em casa para o jantar de tôda a família. Bernardino sentiu-se tão comovido que disse à tia: Pelo amor de Deus, demos alguma coisa ao pobre homem; dai-lhe o que me daríeis para o jantar; de bom grado passo em jejum. A piedosa tia, admirada e jubilosa, com tais palavras, exortou o sobrinho à prática de tôdas as virtudes cristãs, observando com admiração os precoces sinais de uma santidade futura. Freqüentemente o via prostrado diante de uma imagem da virgem, com os olhos inundados de lágrimas, dirigindo-lhe a saudação angélica com o fervor de um anjo. Porque, noite e dia, todos os votos, tôdas as orações de Bernardino se dirigiam para Maria, mãe

de Jesus. Desde os mais tenros anos, jejuava todos os sábados em sua honra, e guardou o piedoso costume durante o resto da vida.

Com a idade de onze anos, perdeu a virtuosa tia; mas Deus não o abandonou. Dois tios paternos, Cristóvão e Angelo, fizeram-no vir a Siena. Pia, a mulher de Cristóvão, não tendo filhos, tomou-lhe particular afeto, amando-o como a um filho. Não menos piedosa do que Diana, teve o mesmo cuidado de sua educação. Como se diz do menino Jesus, Bernardino crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens. Em casa, construía altares, e começava a recitar cada dia o ofício da santa Virgem. Encantada com os seus progressos na virtude, Pia quis que fizesse semelhantes nas letras e ciências humanas. E lhe deu os melhores mestres. Êstes não deixavam de admirar a agudeza de inteligência do discípulo e a beleza de seu espírito; muito mais ainda, lhe admiravam a docilidade e modéstia.

Bernardino era de beleza notável; mas o amor pela pureza era ainda mais extraordinário. Conquanto fôsse naturalmente cortês, complacente e respeitoso para com todos, não podia conter-se quando uma conversa obscena lhe feria os ouvidos. Um dos principais habitantes da cidade lhe fêz certa vez na praça uma proposta indecente e Bernardino deu-lhe tamanho murro no queixo, que a notícia se espalhou por tôda a praça. O cidadão, tornado irrisão de todos os espectadores, retirou-se confuso e corrigiu-se do mau hábito. Muitos anos mais tarde, quando escutava Bernardino pregando ao povo na mesma praça, viram-no com os olhos rasos de lágrimas à

recordação das faltas passadas. Outra vez, um libertino vindo de fora, apaixonado pela beleza de Bernardino ousou fazer-lhe propostas indecorosas. Bernardino repeliu-o com horror, mas o miserável voltava sempre à carga. Então, o santo pediu aos camaradas que enchessem os bolsos de pedras; e na primeira ocasião, perseguiram o libertino a pedradas e feroz gritaria, através de ruas e praças, de sorte que êle se acreditou feliz por escapar à morte. Essas disposições de Bernardino eram tão conhecidas, sua presença tão-só inspirava tanto respeito, que quando aparecia entre os jovens, tôda conversação indecente cessava. Silêncio! diziam os mais dissolutos, eis que vem Bernardino.

Tinha uma santa prima, chamada Tobia, filha da piedosa Diana; era trinta anos mais velha que êle, e uma vez viúva, havia abraçado a ordem terceira de São Francisco. Vendo Bernardino tão bem apessoado e tão jovem, muito temia que viesse a perder a pureza do corpo e da alma. Para preservar-lhe o precioso tesouro, dirigia constantes preces a Deus e à Virgem santa, e a todos os santos. A êle próprio fazia advertências a tal respeito. Êle respondeu: Já estou apaixonado; morreria no dia mesmo em que não pudesse ver quem me é cara. Muitas vêzes acrescentava: Vou ver aquela a quem amo, que é a mais bela e a mais nobre das filhas de Siena. Tobia, ouvindo tais palavras, e não compreendendo o seu significado, afligia-se profundamente, imaginando-o apaixonado por alguma jovem mortal; êle, pelo contrário, entendia a Virgem Maria. Em cima da porta de Siena que conduzia a Florença, havia uma imagem da santa Virgem em sua gloriosa Assunção. Bernardino tinha o costume de visitá-la duas vêzes ao dia,

de manhã e de tarde, e de ali fazer devotamente as suas orações. Era dela que falava quando dizia a Tobia: Não logro dormir à noite, se de dia não pude ver a imagem da amada. Para esclarecer suas inquietações, Tobia várias vêzes o seguiu para ver onde ia, quando êle dizia: Vou ver aquela a quem amo. Viu-o cada vez deter-se em frente da imagem da Virgem acima da porta, pôr-se de joelhos, recitar piedosamente suas orações e voltar diretamente para casa. A piedosa Tobia, vendo suas suspeitas transformar-se em consolação espiritual, disse um dia a Bernardino: Meu caro filho, peço-te, não me deixes assim em suspenso, para que não me aflija mais todos os dias por tua causa. Dize-me por quem estás apaixonado, a fim de que, sendo ela de linhagem conveniente, possamos tratar de tuas núpcias. Bernardino respondeu: Minha mãe, desde que mo ordenas, descobrirei o segrêdo do meu coração, que ainda não descobri a ninguém. Estou apaixonado pela santa Virgem Maria, mãe de Deus, a quem sempre amei, a quem desejo ver com tôdas as fôrças de minha alma, a quem já me liguei como a castíssima espôsa, e na qual depositei tôda a minha esperança; é a ela que amo soberanamente, a ela que procuro, a ela que quereria contemplar sem cessar, com o respeito que lhe é devido; mas como não posso obter isso no mundo, decidi em meu coração visitar-lhe todos os dias a imagem. Eis aquela a quem amo! A essas palavras a piedosa Tobia não pôde reter as lágrimas, e, abraçando Bernardino com alegria espiritual, disse-lhe: Agora morrerei contente, uma vez que estou certa, pela tua bôca, da santa devoção que nutres pela Virgem Maria.

Quando Bernardino terminou o curso de literatura e de filosofia, pôs-se a estudar direito civil e canônico; começou, afinal, o estudo das sagradas Escrituras e da teologia, ao qual tomou tanto gôsto, que as outras ciências lhe pareciam insípidas.

Com a idade de dezessete anos, entrou para a confraria de Nossa Senhora, estabelecida em Siena no hospital de Scala, para ali servir aos doentes. Foi lá que começou particularmente a destruir o corpo com jejuns, vigílias, cilícios, disciplinas, e muitas outras austeridades. Praticava sobretudo a mortificação interior de sua vontade; era também sempre humilde, paciente, doce e afável para com todos.

Em 1400, quatro anos após sua entrada na confraria do hospital, a peste, que já havia desolado uma parte da Itália, atacou a cidade de Siena. Morriam cada dia no hospital de 18 a 20 pessoas. Todos os que distribuíam aos pestíferos os socorros espirituais e corporais, foram arrebatados em pouco tempo, em número de mais de cento e cinqüenta. O diretor da casa não sabia por quem substituí-los. Sùbitamente, Bernardino apresentou-se-lhe com doze jovens nobres de sua idade; todos haviam confessado e comungado, como para ir ao martírio. Não obstante a oposição das famílias, vinham servir os doentes, os moribundos e os mortos. Fizeram-no noite e dia, com uma coragem e uma caridade heróicas, durante os quatro meses em que grassou a peste. Bernardino e os companheiros serviam os homens: Tobia servia as mulheres.

Bernardino voltou para casa esgotado. Foi tomado de uma febre violenta, que o reteve ao leito durante quatro meses. Durante a enfermidade, edi-

ficou a todos por sua paciência e resignação, como havia feito com a caridade. Apenas restabelecido, retomou a antiga maneira de viver. Prestou grandes serviços a uma das tias paternas chamada Bartolomea, pelo espaço de quatorze meses: era mulher de rara piedade, que, após haver perdido o marido, abraçara a regra de Santo Agostinho; tinha noventa e sete anos, era cega e sofria diversas enfermidades: acabava de perder uma velha doméstica, e Bernardino quis substituí-la enquanto ela vivesse.

Falecida essa tia, que muito o exortara à vida religiosa, retirou-se para uma casa nos arredores de Siena, fazendo dos muros do jardim o claustro; lá, redobrou os jejuns e orações, a fim de conhecer a vontade de Deus sôbre o gênero de vida que devia abraçar. Prostrado aos pés do crucifixo, lembrou-se destas palavras: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e depois vem e segue-me; lembrou-se como os apóstolos seguiram o conselho, e após êles o seráfico Francisco. Imediatamente, para seguir-lhes as pegadas, começou a distribuir todos os bens aos pobres.

Havia, então, na casa dos frades menores de Siena um homem venerável, de uma família distinta da cidade. Havia trabalhado trinta anos na Bósnia, contra os maniqueus que infestavam a província; alquebrado pela velhice, voltara à sua terra natal; seu nome era João Nestor; encontra-se no martirológio dos franciscanos, no dia 15 de fevereiro, com o título de bem-aventurado. É a êsse santo e venerável ancião que Bernardino, com vinte e dois anos então, se dirigiu para pedir o humilde hábito de São Francisco. O ancião concedeu-lho com alegria, no dia da

Natividade da santa Virgem, felicitando pùblicamente a ordem pela glória que lhe trazia o jovem noviço.

Colombiere era um convento em completa solidão a algumas milhas de Siena. São Francisco e São Boaventura ali haviam permanecido mais de uma vez. Era costume que ali passassem algum tempo os jovens religiosos. Um ancião dos mais fervorosos desejava restabelecer a regularidade e austeridade primitivas. Necessitado de ajuda, pediu a Bernardino que fizesse seu noviciado em Colombiere, onde o jovem foi um modêlo de doçura, de inocência, paciência, obediência e caridade. Passado um ano, fêz sua profissão no dia da Natividade da santa Virgem; foi também nesse dia que, mais tarde, rezou a primeira missa e pregou o primeiro sermão. Era para satisfazer a terna devoção para com a mãe de Deus.

Seu fervor aumentava sensìvelmente cada dia. Acrescia de novas austeridades as que eram prescritas pela ordem, a fim de crucificar mais perfeitamente o velho homem. Procurava sempre os serviços mais humilhantes e repulsivos. Seu prazer jamais atingia transportes tão inefáveis como quando, andando pelas ruas, os meninos lhe lançavam injúrias e pedras. Mostrou os mesmos sentimentos quando um dos parentes lhe fêz amargas censuras, e chegou a ponto de lhe dizer que desonrava a família e amigos pelo gênero de vida abjeto e desprezível abraçado.

Era na escola do Salvador que estudava dia e noite a humildade e as demais virtudes cristãs. Freqüentemente ficava prostrado diante de um crucifixo. Um dia pareceu ouvir Jesus Cristo falar-lhe nestes têrmos:

Meu filho, vês-me pregado na cruz; se me amas e queres imitar-me, prega-te também à tua cruz e segue-me; assim estarás certo de encontrar-me.

Foi também aos pés de Jesus crucificado que adquiriu êste zêlo ardente pela salvação das almas.

Como desde muito tempo se preparasse para o ministério da predicação no retiro, seus superiores ordenaram-lhe que fizesse valer o talento que de Deus recebera. Encontrou primeiramente grandes dificuldades pela fraqueza da voz e por uma rouquidão; mas delas se livrou mediante a intercessão da Virgem, seu refúgio ordinário. Durante quatorze anos, seus trabalhos limitaram-se à terra de seu nascimento. Por fim, apareceu na Igreja como um astro brilhante. Jamais o ouviam pregar sem sentir os mais vivos sentimentos da religião. Os pecadores voltavam para casa cheios de contrição, banhados em lágrimas e fortemente resolvidos a deixar as desordens. A palavra de Deus estava-lhe na bôca como um gládio cortante e como um fogo que consome o que há de mais duro e capaz de resistência.

Perguntaram, certa vez, a um célebre pregador da mesma ordem porque os seus sermões não produziam tantos frutos quantos os do santo. O Padre Bernardino, respondeu êle, é um carvão aceso. O que não tem calor não pode acender o fogo nos outros. Um pregador noviço pediu ao santo quando convinha fazer exclamações nos discursos públicos. Bernardino deu-lhe êste conselho: O que tiverdes a fazer, faze-o pela glória de Deus e numa caridade perfeita, e o espírito de Deus vos sugerirá, na devida ocasião, o que convém fazer e dizer. Outro lhe disse um dia: Como vossas pregações são tão estimadas por todos e produzem tantos frutos, ensinai-me as regras par-

ticulares que observais na feitura dos discursos. Mas, disse o santo, não observo senão uma. O outro, admirado e jubiloso, perguntou qual era a regra única e soberana. Depois que comecei a aplicar-me a êsse exercício, respondeu Bernardino, jamais pronunciei uma palavra que não fôsse em honra e louvor de Deus: é esta a regra, que sempre observei com afinco, que sòzinha me valeu para tudo que pude adquirir em matéria de ciência e eloqüência, prontidão e autoridade; ela sòzinha valeu-me a conversão de tôdas as almas que pude conquistar para Deus.

Bernardino empenhou-se sobretudo em inspirar o amor de Jesus Cristo e o desprêzo do mundo. Desejava ter um clarim, cujo som pudesse penetrar até os confins do mundo, a fim de fazer repercutir aos ouvidos de todos os homens o oráculo do Espírito Santo: Filhos dos homens, até quando tereis os corações sobrecarregados? Por que amais a vaidade e procurais a mentira? Ó filhos, até quando amareis a infância? Constantemente fazia ouvir o trovão de sua voz, a fim de despertar êsses homens carnais que rastejam sôbre a terra, levá-los a amar Jesus Cristo e elevar-se à contemplação dos bens invisíveis. A recordação da encarnação e dos sofrimentos do Salvador punha-o como que fora de si, e não podia pronunciar o nome de Jesus sem provar transportes extraordinários. Freqüentemente, no fim dos sermões, mostrava ao povo êsse nome sagrado escrito em letras de ouro sôbre um pequeno quadro. Convidava os ouvintes a pôr-se de joelhos e a reunir-se a êle para adorar e louvar o redentor dos homens.

Algumas pessoas mal intencionadas, sobretudo um religioso, cujas máximas e conduta suspeita êle apontava, viram nisso oportunidade para levantar-se



A morte de São Bernardino de Siena. Segundo uma pintura a fresco de Pinturicchio, na igreja de Ara Coeli, em Roma. Século XVI.

contra êle, e deram uma interpretação maligna a certos têrmos, dos quais tinha o costume de servir-se. Pintaram-no mesmo com côres negras ao papa Martinho V. O soberano Pontífice mandou procurar Bernardino, condenando-o a guardar silêncio perpétuo, ou, ao menos, a se abster das exposições com respeito ao nome de Jesus. O humilde religioso submeteu-se incontinenti, sem procurar defender-se. O Papa viu em breve quão falsas eram as impressões que lhe haviam dado do servo de Deus. Após lhe haver examinado maduramente a doutrina e o comportamento, reconheceu-lhe a inocência, cumulando-o de elogios e permitindo-lhe pregar onde quisesse, a começar por Roma; instou mesmo para que aceitasse o bispado de Siena, em 1427, ao qual havia sido eleito unânimemente; mas o santo encontrou meios para recusar tal dignidade; recusou ainda, anos após, os bispados de Ferrara e de Urbino. Dizia em tom de brincadeira que preferia ser bispo de tôda a Itália e não de uma só cidade. E de fato, sua vida e suas pregações de missionário apostólico lhe proporcionavam mais influência e autoridade do que tôdas as dioceses da península, o que não teria tido numa diocese particular como bispo. Também, quando foi eleito segunda vez para o bispado de Siena, o cardeal Gabriel, que foi depois Eugênio IV, pediu-lhe, por intermédio de amigos comuns, que não aceitasse, para não se esvanecer e ficar sem frutos a grande e salutar autoridade adquirida por seus trabalhos.

Na primeira vez que pregou em Milão, o duque Filipe-Maria Visconti irritou-se contra êle, por causa de certas coisas que dissera em seus sermões; ameaçou-o, mesmo, de morte, caso ousasse manter a mesma linguagem nas prédicas seguintes. Bernar-

dino declarou generosamente que seria para êle uma grande felicidade morrer pela verdade. O duque, para experimentá-lo, ou mais para surpreendê-lo, enviou-lhe uma bôlsa com cem ducados, mandando-lhe dizer que queria, com o presente, pô-lo em condições de atender mais abundantemente às necessidades dos pobres. Por duas vêzes o santo recusou. Quando lha foram levar pela terceira vez, conduziu a pessoa para a prisão, onde cedeu os ducados, em sua presença, para obter a libertação dos detidos por dívidas. Tal desinterêsse dissipou tôdas as prevenções do duque que concebeu pelo servo de Deus singular estima e veneração.

Bernardino pregou na maior parte das cidades da Itália. Em tôda parte se falava do fruto maravilhoso dos seus sermões. Os maiores pecadores convertiam-se; os bens mal adquiridos eram restituídos, as injúrias reparadas, os ódios esquecidos; a virtude tomava o lugar do vício, a piedade realizava, dia a dia, maiores progressos; reformavam-se os maus costumes e até as más leis; construíam-se hospitais, igrejas, mosteiros, que se povoavam de almas sinceramente convertidas.

As devastações, as guerras civis, causadas pelas facções dos Guelfos e Gibelinos freqüentemente proporcionavam oportunidades para pôr em exercício o seu zêlo; mais de uma vez, quando os cidadãos de uma cidade estavam armados uns contra os outros, chegava ao meio dêles, fazia-os depor as armas e efetuava uma reconciliação geral. Tendo ouvido que uma dissenção dessa natureza explodira em Perúsia, para ali se dirigiu imediatamente, e disse aos habi-

tantes: O Senhor Deus, que vós ofendeis gravemente com vossas divisões, envia-me a vós, como seu anjo, para anunciar a paz aos homens de boa vontade sôbre a terra. Pregou quatro discursos sôbre a paz e a concórdia. Ao fim do último, exclamou: Vós que sois de boa vontade e desejais a paz, resolvidos a guardá-la para com o vosso próximo, vinde à minha direita; os que, pelo contrário, não querem guardar a paz, que se coloquem à esquerda. Todos se lhe reuniram à direita, menos um jovem gentil-homem com os seus sequazes, que permaneceu no lugar, murmurando contra o santo. Então São Bernardino lhe disse: Eis que tu sòmente desprezas o que preguei ao povo da parte de Deus. Ora, da parte de Deus, digo-te que perdoes ao próximo que te ofendeu, assim como à tua família; coloca-te à direita com os outros para guardar a paz; se não o fizeres, jamais entrarás vivo em tua casa. O jovem nobre, zombando da exortação do santo e da vingança divina, voltou para casa, quando caiu rìgidamente morto sôbre a soleira da porta (1).

São Bernardino de Siena morreu em 1444. Haviam-no eleito, em 1438, vigário-geral da ordem. Estabeleceu uma reforma rigorosa entre os franciscanos de estrita observância da Itália. Cinco anos após, pediu para ser dispensado do cargo. Continuou a pregar com grandes frutos na Romanha, em Ferrara e na Lombardia. Recusou vários bispados, entre outros o de Siena, dizendo, como São Paulo, que o Senhor o havia enviado não para batizar, mas para

(1) Acta SS., 20 maii. Anacleta, n. 13.

pregar o Evangelho. Enviou zelosos missionários para as diversas partes do Oriente, no Egito, na Etiópia, na Assíria e na Índia. Foi o que trouxe tantas embaixadas longínquas, entre as quais a da Etiópia, ao concílio ecumênico de Florença, para reunir-se à Igreja Romana.

Entretanto, a doutrina de São Bernardino foi levada à Santa Sé como suspeita; mas, bem examinada, foi reputada tão santa quanto a sua vida. Por outro lado, suas predicações eram acompanhadas de muitos milagres. Voltou a Siena em 1444. No fim do inverno do mesmo ano, dirigiu-se a Massa, onde fêz um discurso muito patético sôbre a união da caridade cristã. Os prenúncios de uma febre maligna não lograram obumbrar-lhe a vivacidade do zêlo. Continuou a pregar em várias cidades e províncias. Afinal sucumbiu sob a violência do mal e foi obrigado a acamar-se, indo a Aquila, nos Abruzos. Recebeu os santos sacramentos da Igreja em 20 de maio de 1444, véspera da Ascensão, com a idade de sessenta e quatro anos; sentindo aproximar-se a morte, mandou o colocassem sôbre a terra, e, elevando os olhos ao céu, entregou a alma a Deus, ao mesmo tempo em que entoavam esta antífona das primeiras vésperas: Pai, manifestei o vosso nome aos homens, e agora venho a vós!

Operaram-se ainda mais milagres após sua morte do que em vida. Sua canonização foi imediatamente empreendida por Eugênio IV, depois determinada por Nicolau V em 1450. Seu corpo, encerrado numa dupla caixa, das quais uma era de prata e outra de cristal, está guardado com os franciscanos de Aquila.

As obras de São Bernardino de Siena foram impressas em Paris, em 1636, cinco volumes in-folio. São tratados de piedade, que tem por objeto principalmente a oração, o amor de Deus, a imitação de Jesus Cristo e os fins últimos (1).

* * *

(1) Acta SS., e Godescard, 20 de maio.

SÃO LUCÍFERO DE CAGLIARI (*)

Bispo e Confessor

Bispo de Cagliari, na Sardenha, o Santo foi um dos mais valorosos defensores da fé católica contra os arianos, vindo a sofrer, no exílio, por parte de bispos arianos, tôda a sorte de sevícias — porque se recusara, como legado do papa Libério, no concílio de Milão, em 355, a subscrever a condenação de Santo Atanásio.

Chamado de volta do exílio por Juliano, o Apóstata, Lucífero recusou-se admitir na sua comunhão os bispos que acreditava pudessem fazer alguma concessão ao arianismo. Destarte, passou a viver como um isolado na diocese de Cagliari, assim falecendo em 370 ou 371.

Muitos milagres foram atribuídos a São Lucífero, o principal dos quais diz respeito a uma grande sêca que se abateu na Sardenha e que foi conjurada por abundantíssimas chuvas, caídas no dia da festa do santo bispo, depois duma oitava de orações e justamente no instante em que um orador principiava a pronunciar o seu panegírico.

Depois da morte de São Lucífero, sectários apaixonados abusaram de seu nome, fomentando verdadeiro cisma. Os luciferianos chegaram até a nomear

um antipapa, estendendo o cisma em numerosas regiões do Oriente e do Ocidente, levando alguns autores, como Rufino, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Sulpício Severo e outros, a pensar que São Lucífero deixara o mundo separado da comunhão romana. Nada, porém, nem um ato ou qualquer escrito do Santo levaram à verificação dêste fato. Assim, em 1641, a Sagrada Congregação da Inquisição impôs silêncio aos detratores do culto que lhe era justamente rendido.

* * *

SANTO AUSTREGÉSILO (*)

Bispo e Confessor

Austregésilo era filho de ilustre família e nasceu, crê-se, em 551, no dia 29 de novembro, tendo, desde menino, estudado as Santas Escrituras.

Em 575, foi enviado, pelo pai, Algino, para a côrte de São Gontran, rei da Borgonha. Um dia, acusado por um cortesão de ter-se aproveitado do tesouro público, Austregésilo recebeu ordem de bater-se em duelo com o acusador — para o julgamento de Deus.

O jovem pôs-se a orar, para que o Senhor o livrasse daquela situação, e logo veio a saber que o cortesão que o acusara, tendo caído do cavalo, morrera. Resolveu, então deixar o século.

O senador Etério encarregou-se de conseguir do rei a devida autorização. Com permissão de deixar a côrte, Austregésilo partiu para Auxerre, e ali foi ordenado sub-diácono pelo bispo, Santo Aunacário.

Feito bispo de Lião, Etério ordenou-o padre em 590, nomeando-o abade de São Nizier. Data desta época o dom que Deus lhe deu de operar milagres.

Morto o bispo de Bourges, Santo Apolinário, Austregésilo ocupou a vaga deixada com aquêle desaparecimento. Era em 612, e seu episcopado durou doze anos, tendo assistido ao concílio de Paris, em 614.

Falecido a 20 de maio de 624, é nesta data que tôda a diocese de Bourges o venera. Acredita-se que o corpo do santo bispo, exumado com grande pompa no ano de 1324, pelo arcebispo Guilherme de Broccia, tenha sido queimado pelos huguenotes no século XVI.

* * *

SANTO IVO DE CHARTRES (*)

Bispo e Confessor

Ivo nasceu em 1140, nas vizinhanças de Beauvais. Era filho de Hugo de Auteuil e de Hilmenberga, proprietários de vastas terras.

Depois de ter estudado em Paris, buscou a abadia beneditina de Bec. Ali, com Lanfranc, e em companhia de Anselmo, o futuro arcebispo de Cantorbéry, iniciou-se na teologia.

Guido, bispo de Beauvais, em 1078, pô-lo à frente do mosteiro de cônegos regulares, mosteiro que, recentemente, havia fundado na sua cidade episcopal e colocado sob a invocação de São Quentino, debaixo da regra de Santo Agostinho. Na escola do claustro, Ivo ensinou teologia.

Ora, em 1090, tal a má reputação, acusado de simonia e de dilapidar os bens da Igreja, Godofredo, bispo de Chartres, acabou por ser deposto, e o papa, então Urbano II, ordenou que escolhessem o sucessor conforme as regras em vigor.

Ivo por unanimidade, foi o eleito, sagrado pelo pontífice mesmo, já que o metropolitano, Richier, arcebispo de Sens, recusara-se a fazê-lo, porque, dizia, o processo de Godofredo e a eleição de Ivo haviam sido efetuados sem que o ouvissem.

Em 1091, no sínodo de Etampes, proclamou-se inválida a eleição do santo confessor, mas o papa deu-lhe a mão e tudo serenou.

O seguinte foi um ano de dura prova. Filipe I, rei da França, desprezara a espôsa, Berta, pretendendo casar-se com Bertrade de Monfort, mulher do conde de Anjou, Fulco IV. Convidando o santo bispo para assistir ao casamento, assegurando-lhe que o papa e o arcebispo de Reims lhe eram favoráveis, Ivo não se deixou enganar, não comparecendo à cerimônia, que teve lugar em Paris, com a cumplicidade do bispo de Senlis.

Furioso, Filipe ordenou-lhe a prisão, e Ivo, encarcerado por vários meses, só foi libertado quando o papa lhe exigiu a soltura. Mais tarde, a 16 de outubro de 1094, o legado de Urbano II, Hugo, arcebispo de Lião, excomungava o rei e Bertrade, no concílio de Autun.

Data daqueles tempos a composição das coleções canônicas que o santo bispo elaborou e que tiveram grande importância no desenvolvimento do direito escolástico: a *Tripartita*, o *Decretum* e a *Panormia*.

O que distingue Santo Ivo dos canonistas contemporâneos, principalmente dos italianos, é o espírito de conciliação. Faz a distinção entre os mandamentos de Deus, que devem permanecer imutáveis, das regras disciplinares, que podem ser suavizadas e interpretadas conforme as circunstâncias. Procura conciliar as exigências da vida prática com as das origens e manter nos limites extremos do possível a ordem e a harmonia entre os dois poderes eclesiástico e civil.

Em 1095, assistiu êle ao concílio de Clermont, presidido pelo papa, que lançou o apêlo às cruzadas,

com aquela grande eloqüência que o caracterizava, já auxiliado pelas apaixonadas prédicas de Pedro, o Eremita — que era, como o apregoava — vítima dos maus tratos dos inimigos da fé e instigador principal do poder papal.

Seguindo o papa, que continuou a viajar pela França, o santo assistiu ao concílio de Tours, em 1096, em que se declarou oposto aos santos cânones a pretensão do arcebispo Richier de Sens, que desejava, com autoridade própria, absolver o rei Filipe I, que, sòmente a 2 de dezembro de 1104, com Bertrade, ficou reconciliado com a Igreja, graças aos esforços do bispo de Arras, Lamberto.

Mais favorável à Igreja foi o rei Luís, o Gordo, que, à morte de Filipe, seu pai, tomou as rédeas do govêrno, tornando-se mais tranqüilos os últimos anos do santo, que faleceu a 23 de dezembro de 1116.

Ivo de Chartres foi homem de grande atividade. Pacifista esclarecido, desenvolveu uma teoria que limitava o direito de guerra para garantir a paz, sem, contudo, suprimir o recurso das armas para que os direitos injustamente violados pudessem ser defendidos.

O divórcio do rei, e outros que lhe foram apresentados, levaram-no a precisar a doutrina do casamento.

As cartas estão cheias de respostas às consultas que lhe endereçavam de tôda a parte sôbre o direito canônico.

Vinte e quatro sermões, que chegaram até nossos dias, deixam ver o zêlo que tinha pela instrução dos fiéis. Favorecendo a piedade e a vida religiosa na diocese que lhe estava afeta, criou o mosteiro de

cônegos regulares de São João, em Vallée, perto de Chartres, auxiliou Bernardo na fundação da abadia beneditina de Tiron, estabeleceu religiosas de Fontevrault em Hautes-Bruieres e fundou um hospital.

Hoje, as dioceses de Chartres, de Beauvais e de Blois celebram-lhe a festa no dia 20 de maio. Versalhes, a 23 de dezembro.

— — — —

No mesmo dia, na Inglaterra, Santo Etelberto, rei e mártir, filho de Etelredo, assassinado na côrte do rei de Mércia, Offa, quando lhe pedia a mão da filha, talvez a mandado da espôsa de Offa, que, apaixonada por Etelberto, vira-se por êle repudiada (793 ou 794).

Em Tolosa, Santo Hilário, bispo e confessor, falecido em 380.

Em Beauvais, Santo Amalberto, confessor, século VII, filho de São Germes e de Santa Domância. Serviu sob os reis francos.

Em Roma, na via Salária, a festa de Santa Basila, virgem, procedente de família real, que, noiva de um dos grão-senhores da côrte, e não querendo desposá-lo, foi por êle denunciada como cristã. O imperador Galieno ordenou que ela o tomasse por espôso, sob pena de perecer pelo gládio; a santa, chamada a ouvir a sentença, não temeu responder que tinha o rei dos reis por espôso; na mesma hora transpassaram-na com o gládio.

Em Nimes, São Baudílio, mártir, que recusando sacrificar aos ídolos, e permanecendo firme na fé de Jesus Cristo, não obstante os golpes de açoites e

outras torturas, recebeu a palma do martírio com uma morte gloriosa. Em Edessa, na Síria, os santos Talileu, Astério, Alexandre e seus companheiros, martirizados sob o imperador Numeriano. Na Tebaida, São Áquilas, mártir, que foi dilacerado com pontas de ferro por amor de Jesus Cristo. Em Bréscia, Santo Anastácio, bispo. Em Pavia, São Teodoro, bispo. Em Roma, Santa Plautila, mulher de cônsul, e mãe da bem-aventurada Flávia Domitila: foi batizada pelo apóstolo São Pedro e morreu na paz do Senhor, com reputação de ter praticado, em grau excelente, tôdas as virtudes.

* * *

21.º DIA DE MAIO

SANTO HOSPÍCIO

Recluso

Na segunda metade do século seis, perto de Nice, na Provença, vivia um santo recluso, chamado Hospício, que era um perfeito modêlo da vida solitária e penitente. Cobria-se sempre com um rude cilício, e cingia-se com uma cinta por cima de grossa corrente de ferro. Não comia senão pão com algumas tâmaras. Durante a quaresma, não se alimentava senão com raízes de ervas do Egito, que os mercadores lhe traziam: o que fazia crer que era egípcio. Era dotado do dom da profecia, e disse, um dia, a muitas pessoas que lhe rodeavam a cela: Os lombardos virão às Gálias e devastarão sete cidades, porque os seus pecados se multiplicaram diante de Deus, e ninguém procura apaziguar-lhes a cólera. Todo o povo é infiel, cometendo perjúrios e homicídios. Os dízimos não são pagos, os pobres ficam sem alimentação, os nus não são vestidos, a hospitalidade não é exercida: tudo atrairá sôbre vós o flagelo. Assim, aconselho-vos a guardar vossos bens em praças fortes, e retirar-vos daqui. Depois, dirigindo a palavra aos monges, seus discípulos: Empreendei também

vós a fuga, porque eis que se aproxima esta nação bárbara. E como não se resolviam a deixá-lo, acrescentou: Nada temais por mim; êles me farão ultrajes, mas não me matarão.

Apenas retirados os monges, os lombardos chegaram à cela de Hospício, procurando despojos por tôda a parte. Escolheram muito mal o lugar. O santo homem mostrou-se de uma janela da tôrre onde estava recluso; e como não encontrassem porta por onde entrar, dois dêles subiram ao teto e o descobriram. Então, surpresos e atemorizados de ver um homem carregado de correntes e coberto de horrendo cilício, julgaram tratar-se de um malfeitor que houvessem encerrado nessa espécie de calabouço. Perguntaram-lhe, por intermédio do intérprete, que crimes havia cometido, para ser tratado daquela maneira. Respondeu com humildade que era, com efeito, culpado de tôda a sorte de perversidades. Êles acreditaram e um dos bárbaros levantou o braço para fender-lhe a cabeça de um só golpe de sabre; mas o braço permaneceu levantado e imóvel na posição, sem poder descarregar o golpe. Os companheiros soltaram um grande grito, implorando o auxílio do santo. Hospício fêz o sinal da cruz sôbre o braço percluso, e o curou no mesmo instante, restituindo também a saúde àquele que lhe queria tirar a vida. Êsse milagre operou outro. O soldado lombardo converteu-se, e, em sinal de reconhecimento, se fêz monge e discípulo do benfeitor.

Os lombardos irromperam primeira vez nas Gálias no ano 568, no mesmo ano em que se estabeleceram na Itália. Outra irrupção se deu em 573, quando permaneceram muitos dias no mosteiro de Agaune; mas foram inteiramente batidos pelos gene-

rais do rei Gontram, sobretudo pelo patrício Mummol. O milagre, de que acabamos de falar, se relaciona provàvelmente à segunda de suas incursões; porque dizem que dois chefes, que escutaram Santo Hospício, voltaram sãos e salvos para a pátria; mas os que o desprezaram, pereceram miseràvelmente na Provença.

Algum tempo depois, um diácono da diocese de Angers, viajando para Roma para buscar relíquias dos apóstolos e dos outros santos mártires mais célebres, um cidadão de Angers, surdo e mudo, devotou-se a fazer esta peregrinação com êle. Ao passar por Nice, visitaram Santo Hospício, e o diácono lhe revelou o motivo de sua viagem e a enfermidade do companheiro. O santo recluso mandou que o enfêrmo se aproximasse, e, pela janela de sua tôrre, lhe ungiu a bôca e a cabeça com óleo bento, dizendo: Em nome do Senhor Jesus Cristo, que vossos ouvidos sejam abertos e que a virtude que expulsou um demônio de um homem surdo e mudo, vos solte a língua. Feita a prece, Hospício perguntou ao cidadão de Angers qual era o seu nome, e o homem, mudo anteriormente, o pronunciou imediatamente com voz clara e distinta. Então o diácono exclamou: Procuro Pedro, procuro Paulo, Lourenço e outros santos que ilustraram Roma com o seu sangue: encontrei-os todos aqui.

Hospício lhe disse:

— Meu caro irmão, não faleis assim; não fui eu que fiz isto, mas Aquêle que, com uma palavra criou o mundo do nada.

Curou do mesmo modo um cego de nascença, chamado Domingos.

Quando Hospício sentiu aproximar-se o fim, mandou chamar o preboste do mosteiro, e lhe disse:

— Trazei uma picareta para derrubar a muralha, e dizei ao bispo da cidade que venha sepultar-me, porque dentro de três dias irei gozar do repouso que o Senhor preparou para mim. Quando sua hora chegou, abandonou as correntes de que estava carregado, orou longo tempo com a face por terra, sentando-se em seguida sôbre um banco, onde expirou. Austádio, bispo de Nice de Cémèle, veio enterrá-lo. Foi pelo ano de 580; a Igreja lhe honra a memória no dia 21 de maio. Ouvi tôdas estas coisas, disse São Gregório de Tours da própria bôca do surdo-mudo que o santo havia curado. Muitos outros milagres ainda me relatou; o que me impede de narrá-los, é que soube que sua vida já foi escrita por um grande número (1). Nenhuma destas numerosas biografias chegou até nós.

* * *

(1) Greg. Tur., l. VI, ch. vi.

SÃO TEOBALDO DE VIENA (*)

Bispo e Confessor

Nascido em Tolvon, perto de Voiron, Teobaldo era filho duma sobrinha do rei da Borgonha.

Educado na côrte do rei Conrado, que o tratava como se fôra filho, depois da morte de Sobon, arcebispo de Viena, preencheu a vaga que aquêle prelado deixara.

Sagrado a 8 de março de 957, no primeiro domingo da Quaresma, Teobaldo contava trinta anos.

Mortos os pais, dispôs dos bens todos em favor da pobreza, dando liberdade a todos os escravos e servos.

Falecido a 21 de maio de 1001, depois de ter governado a Igreja de Viena por quarenta e quatro anos, teve o culto confirmado por Pio X em 1903.

Por sua iniciativa, realizou-se, em 994, em Anse, na diocese de Lião, um concílio que congregou os bispos de três províncias — Lião, Tarantaise e Viena — no qual se confirmaram os domínios das abadias de Cluny e de São Bernardo de Romans, e em que se proibiu, aos clérigos, caçar e casar, e, aos padres, a obrigação de sempre trazerem o viático.

— — — —

No mesmo dia, em Arras, Santa Isberga ou Iberga, virgem, abadêssa, que, querem alguns, era irmã de Carlos Magno. Padroeira do Artois e da diocese de Arras, celebram-lhe a festa no dia de hoje, 21 de maio. (Século IX).

Em Alexandria, os santos mártires Segundo, padre, e muitos outros, durante as festas do Pentecostes, quando do imperador Constâncio, Jorge, bispo ariano, fêz com que os assassinassem com imensa crueldade. Santo Atanásio conta que o martírio de Segundo foi perpetrado durante a Quaresma de 357 por um bispo ariano, também Segundo, porque se negava, bem como os demais, homens, mulheres e muitas virgens, reunidos no cemitério, a entrar nas igrejas profanadas pelos arianos.

Em Alexandria ainda, a comemoração dos santos bispos e padres que os arianos enviaram ao exílio e que mereceram ser associados aos santos confessores. (Século IV).

No mesmo dia, na Mauritânia, a festa dos santos mártires Timóteo, Pólio e Eutíquio, diáconos, que, após haverem pregado a palavra de Deus no país, mereceram receber juntos a coroa do martírio. — Em Cesaréia da Capadócia, a festa dos santos mártires Polieuto, Vitório e Donato. — Em Córdova, São Secundino, mártir. — No mesmo dia, os santos Sinésio e Teopompo, mártires. — Em Cesaréia de Filipe, a festa dos santos mártires Nicótrato e Antíoco, tribunos, com alguns soldados. — No mesmo dia, São Valente, bispo martirizado com três jovens meninos.

* * *

22.º DIA DE MAIO

A BEM-AVENTURADA RITA

Ou Margarida de Cássia na Úmbria

Na Úmbria, província da Itália, nos meados do século quatorze, habitavam dois virtuosos esposos perto da pequena cidade de Cássia. Já estavam avançados em idade, e não tinham filhos; mas dirigiram a Deus preces tão fervorosas, que por fim lhes nasceu uma filha que recebeu no batismo o nome de Rita, por abreviação de Margarida. Foi uma criança de bênção, uma vez que desde o berço o céu a assinalou com graças e favores. Com doze anos quis fazer voto de castidade; mas os pais a dissuadiram, e fizeram-na contrair matrimônio, o que constituiu para ela fonte de provas e méritos. O marido era de caráter feroz, terror de tôda a vizinhança. Fàcilmente se pode imaginar o que Rita sofreu desde o início. Mas tanta doçura e paciência demonstrou para convertê-lo e conquistá-lo para Deus, que teve a consolação de fazer dêle, afinal, um verdadeiro cristão. Perdeu-o ao cabo de dezoito anos, e viu em breve morrer os dois filhos. Êsses acontecimentos, tão tristes para a natureza, despertaram na santa mulher a atração que nutrira anti-

gamente pela vida religiosa. Solicitou com muita insistência ser admitida entre as agostinianas do convento de Santa Maria Madalena, em Cássia. E, conquanto não fôsse costume receber ali viúvas, encontraram algo de tão extraordinário e tão tocante em sua vocação, que derrogaram a regra em seu favor.

Rita, no cumprimento de seus votos, aprestou-se a vender tudo o que possuía e a distribuir o preço aos pobres. Tornada espôsa de um Deus crucificado, crucificou-se também com a prática das mais rigorosas mortificações. Os jejuns, o cilício e a disciplina nada apresentavam de assustador para ela. Não se alimentava senão uma vez ao dia, e não comia senão pão e água. Dizia que o melhor meio de livrar-se das tentações contra a pureza era não se ocupar de seu corpo e por êle não nutrir compaixão. A obediência aos superiores igualava o ardor pela penitência, e durante muito tempo, para obedecer à abadêssa, que queria experimentar-lhe a virtude, foi, sem queixar-se, regar cada dia, com grande fadiga um pedaço de pau sêco, que se encontrava no jardim do convento.

Alma tão mortificada e tão obediente não poderia deixar de ser agradável a Deus, e dêle receber preciosos favores. Rita possuiu em breve o dom da oração, e dedicava-se sem cessar ao santo mister. A paixão de Nosso Senhor e os tormentos que havia sofrido eram o objeto de sua habitual meditação, desde a meia-noite até o levantar do sol. Dela se ocupava com tanta atenção, que sentia os olhos rasos de lágrimas e parecia sucumbir à vivacidade de seus sofrimentos. Relata-nos que um dia, após haver ouvido um sermão sôbre os sofrimentos de Jesus

Cristo, pregado por São Jacó de la Marche, célebre missionário franciscano, Rita, havendo-se retirado para a cela a fim de meditar, e pedindo ao Salvador a graça de partilhar de suas dores, sentiu os espinhos de uma coroa que lhe fizeram uma chaga incurável, da qual saía um pus de odor infecto, e que teve de suportar o resto de seus dias. A fim de não incomodar as companheiras com sua presença, mantinha-se à parte, vivia solitária, e passava algumas vêzes quinze dias sem falar com ninguém, não se entretendo senão com Deus.

Uma enfermidade, que durou quatro anos, veio terminar a purificação da serva de Deus, pela resignação que mostrava em meio aos seus sofrimentos; quase não se alimentava, e suas irmãs, surprêsas com o fato, criam que mais que os alimentos materiais, a sustentava a santa eucaristia. Quando sentiu próximo o fim, pediu os últimos sacramentos; tendo-os recebido, exortou as irmãs à fiel observância de sua regra; depois, pondo as mãos em cruz, e recebendo a bênção da abadêssa, expirou tranqüilamente em 22 de maio de 1407.

Grande multidão assistiu aos funerais, e em breve começaram a invocá-la. Muitos milagres já haviam provado o poder de Rita perante Deus, quando o papa Urbano VIII a colocou no número dos bem-aventurados, em 11 de outubro de 1627 (1).

* * *

(1) Acta SS., e Godescard, 22 de maio.

SANTA QUITÉRIA (*)

Virgem

(*Século V?*)

Sôbre Santa Quitéria, a história nada nos diz de certo. Filha, possìvelmente, dum rei chamado Catilio, e de Calsia, que, diz-se, descendia de Juliano, o Apóstata — o que é objeto de controvérsia, uma vez que aquêle imperador faleceu sem deixar herdeiros de qualquer espécie — Quitéria, da qual se ignora a data do nascimento, teria recebido a fé quando nos treze anos de idade, levada a isto por um anjo.

Obrigada a desposar um jovem de nome Germano, de ilustre família, aconselhada pelo mesmo anjo, fugiu, deixou a capital do reino do pai, indo refugiar-se em terras de Lentiniano, monarca ariano.

Descoberta como católica, foi prêsa e encerrada numa feia masmorra, donde saiu graças aos mais variados prodígios que teria operado.

Ora, Germano, um dia, descobriu-lhe o paradeiro e não sossegou enquanto não a viu decapitada.

Santa Quitéria teria sido martirizada no dia 22 de maio de 477, se é que merecem fé as Atas latinas

da Cartuxa de Coblents ou a Crônica de Bodecken, que assim rezam sôbre a morte da santa virgem.

Recolhida por um habitante do lugar, foi sepultada numa igreja dedicada a São Pedro.

Honrada principalmente na diocese de Aire-sur-l'Adour, e em Tarragona, Siguenza e Palência, na Espanha, em Évora e Coimbra, em Portugal, Santa Quitéria é venerada como virgem e como mártir.

Havia, conta-se, perto do túmulo em que a sepultaram uma fonte miraculosa, cujas águas curavam tôdas as doenças.

* * *

SÃO ROMÃO (*)

Confessor

Século VI

Quando São Bento resolveu buscar um retiro mais afastado, foi-se secretamente para Subiaco. A caminho, encontrou um monge chamado Romão, que vivia, segundo nos conta São Gregório, num mosteiro sob a regra do abade Adeodato. Tendo perguntado ao caminhante para onde ia, Bento revelou-lhe que à procura dum retiro. Romão, então, auxiliou-o, deu-lhe o hábito dos solitários e por êle fêz tudo o que pôde.

Durante três anos, o santo levou a Bento, que se alapara numa gruta, o pão que podia arranjar, às vêzes, privando-se do que lhe cabia. Como não havia caminho algum que o levasse do mosteiro à caverna, Romão descia o pão do alto do rochedo em que a gruta de São Bento se abria, advertindo-o com o badalar duma sineta, para que saísse: esta sineta, um dia, tanto o demônio se enfurecia com a santidade dos dois, principalmente com a do grande patriarca, quebrou-a êle, com uma pedrada, o que não impediu que Romão continuasse naquele caritativo vaivém.

Não se sabe se São Romão chegou a ver o discípulo tornar-se abade do Monte Cassino.

As relíquias do santo confessor, conservadas em Auxerre, foram profanadas pelos protestantes em 1567.

* * *

SÃO LÔBO (*)

Bispo e Confessor

São Lôbo pertencia à comunidade de padres ligados à igreja de São Pedro do Sepulcro, para velar pelas relíquias de São Marcial e acolher peregrinos.

Morto o bispo de Limoges, o clero e o povo reuniram-se ao redor do túmulo de São Marcial, levando consigo o nome de três candidatos, entre os quais figurava o de São Lôbo, todos do agrado do rei Clotário II. Qual dêles seria o novo bispo?

Pouco depois, o filho do rei adoeceu gravemente. E a rainha, no auge da desesperação, uma noite que conseguiu conciliar o sono, sonhou que o príncipe seria curado por um padre de São Marcial.

Quando despertou, impressionada pelo sonho que acabava de ter, perguntou-se, muito aflita, qual seria o padre de São Marcial, entre tantos que lá havia.

Eis senão quando, São Lôbo apresentou-se à côrte, e o jovem príncipe, no mesmo instante, recuperou a saúde.

Clotário, que já aprovara o nome de São Lôbo, não titubeou, escolhendo-o para suceder ao bispo morto.

Sagrado a 12 de maio de 614, um dos atos mais importantes do santo bispo foi a outorga da carta de fundação que assinou em favor do mosteiro de Solignac, no dia 22 de novembro de 631.

Falecido aos 22 de maio de 637, São Lôbo, como os predecessores, foi sepultado na igreja em que repousavam os restos de São Marcial.

* * *

SANTA HUMILDADE (*)

Abadêssa — Viúva

Humildade, no século Rosana, nasceu em Faenza, na Romagna, filha de nobre e rica família.

Muitíssimo devotada a Jesus e a Maria, para melhor e mais fácil acesso ter a êles, escolheu São João Evangelista como seu padroeiro.

Menina muito bonita, os pais gostavam de vesti-la com suntuosidade, mas aquilo a desagradava sobremodo, porque já votava solene desprêzo pelas vaidades tôdas do mundo. Todo o dinheiro que lhe davam, empregava-o Rosana em esmolas. Socorrer os indigentes era o que mais prazer lhe dava.

Por várias vêzes suplicou aos pais que lhe dessem o consentimento para ser religiosa, mas, não o conseguindo, conformava-se, esperando, com paciência, o soar da hora estabelecida por Deus.

Apaixonado por Rosana, um primo do imperador Frederico Barbarroxa pediu-lhe a mão, mas acabou por desistir do intento, tal a recusa obstinada que a jovem opôs à proposta. Mais tarde, com o senso da obediência mais desenvolvido, acatou o desejo dos pais, desposando um moço da terra em que nasceu, chamado Hugolotto.

Ambos, desde que Hugolotto adoeceu e foi obrigado pelos médicos a guardar continência, retira-

ram-se para o convento de Santa Perpétua, nas vizinhanças de Faenza. Desde então, a santa adotou o nome de Humildade.

Três anos mais tarde, fazia-se reclusa perto da igreja de Santo Apolinário, onde, por doze anos, edificou tôda a região pela caridade, piedade e austeridades.

Ora, o bispo da diocese, considerando que Humildade poderia dirigir muitas almas, levando-as à perfeição, propôs-lhe a fundação dum mosteiro, do qual, suplicou-lhe, aceitasse o govêrno.

Amando a solidão, sòmente por espírito de sacrifício e obediência, Humildade aceitou a proposta do bispo — e um convento foi erguido perto de Faenza, sendo dedicado a Nossa Senhora, filiado à ordem de Vallombrosa, austero ramo da ordem de São Bento.

Mais tarde, outra fundação surgiria, em Florença.

De Humildade conta-se que, duma feita, quando no convento não havia mais do que um pequenino pão para tôda a comunidade, a santa abadêssa, ajoelhando-se e recomendando a Deus as filhas tôdas, multiplicou-se o pãozinho a tal ponto que deu para satisfazer a tôdas as irmãs.

Falecida no dia 22 de maio de 1310, Santa Humildade foi grande contemplativa, dando-se a esta prática sempre que o cargo lhe deixava tempo.

— — — —

Em Angouleme, no mesmo dia, Santo Ausônio, bispo.

Na Córsega, Santa Júlia, virgem, que pelo suplício da cruz, obteve a coroa de glória. Padroeira da

Córsega, foi feita escrava quando duma invasão bárbara de Cartago, no século VI ou VII.

Em Pistóia, na Toscana, o bem-aventurado Atão, bispo da ordem de Vallombrosa. Nascido em Badajoz, na época da dominação moura e árabe na Espanha, numa nobre família, por horror aos bárbaros e para assegurar livre prática da fé, deixou a terra natal, onde havia recebido o sacerdócio e fôra feito cônego da catedral. Falecido em 1155.

Perto de Aquino, São Fulco, confessor, possìvelmente do século XII. Originário da Inglaterra, partiu como peregrino para Jerusalém. De volta, percorreu a Apúlia, chegando a Santo Padre, na diocese de Aquino, onde passou o resto da vida em oração, a cuidar dos doentes no hospital situado fora da cidade. Morto, foi sepultado como um desconhecido peregrino. Destruído o hospital, ignorada a sepultura em que descansava, apareceu a uma enfêrma, que jazia paralítica desde há muito. Ordenando-lhe que providenciasse a translação de seus restos, dando-lhe as devidas indicações para tal, curou-a. O bispo, que fôra procurado e informado do sucedido, incrédulo, tornou-se paralítico. Prometendo fazer tudo conforme as indicações dadas pelo santo, se se curasse, o que aconteceu, encontrou o corpo de São Fulco, que colocou num relicário. "Gregório XIII aprovou-lhe o culto em 1582 e concedeu uma indulgência aos que visitarem a igreja de São Fulco no dia de sua festa" (1), a 22 de maio.

---

(1) Propylaeum ad Acta Sanctorum, Martyrologium romanum. 1940.

Em Auxerre, Santa Helena, virgem, celebrada pela alta virtude e os milagres. (Século V?).

Em Bourges, Santo Aigulfo ou Ayoul, bispo e confessor. Depois duma excelente educação, retirou-se para a solidão, que deixou em 811 para suceder a Ebruíno na sede episcopal de Bourges. Faleceu em 835, tendo assistido a muitos concílios.

Em Roma, os santos mártires Faustino, Timóteo e Venusto. — Na África, os santos Casto e Emílio, que encontraram o martírio pelo fogo. São Cipriano nos relata que foram primeiramente vencidos, mas que Nosso Senhor os tornou vencedores num segundo combate, a fim de que aquêles que haviam cedido ao rigor das chamas se tornassem em seguida mais fortes do que as próprias chamas. — Em Comana, na província do Ponto, São Basilisco, mártir, a quem sob o imperador Maximiniano e o presidente Agripa, fizeram calçar sapatos de ferro providos de pregos incandescentes; após outros tormentos multiplicados, tendo sido decapitado e lançado a um rio, chegou à glória do martírio. — Em Ravena, São Marciano, bispo e confessor.

* * *

23.º DIA DE MAIO

O BEM-AVENTURADO CRISPIM DE VITERBO

O papa Pio VII, no decreto de beatificação, fêz-lhe êste elogio: "Era o pai dos pobres, o consolador dos aflitos, puro e simples de coração, pleno de devoção para com a Virgem santa, mãe de Deus, ilustre pelo dom da profecia e dos milagres." Tais são, com efeito, as virtudes que êsse santo homem não cessou de praticar durante sua longa vida passada, quase tôda ela, na ordem de São Francisco, na qualidade de simples irmão leigo. Nasceu em Viterbo, em 13 de novembro de 1668, de pais pobres, mas virtuosos, que nada negligenciaram para lhe proporcionar uma educação cristã. Sua mãe o havia consagrado em boa hora a Maria, e empenhara-se em inspirar-lhe, para com ela, respeito e confiança sem limites; sabia que a salvação do filho estaria assegurada sob a proteção desta rainha poderosa.

Queriam engajar o jovem Crispim no serviço militar; mas, havendo presenciado certa vez a profissão de dois capuchinhos, de tal maneira se sentiu comovido pelo seu recolhimento e fervor, que exclamou:

— É a êste exército que quero pertencer; sinto a cruz de São Francisco no meu coração, e ali a quero conservar sempre.

Pediu, com efeito, para ser admitido como irmão leigo num convento de capuchinhos, em Viterbo, e fêz profissão com a idade de vinte anos.

Seus superiores o empregaram freqüentemente no recolhimento de esmolas para a sua casa, e na desincumbência dessa missão penosa encontrava um sem-número de oportunidades para mostrar a caridade para com os pobres e os infelizes de tôdas as espécies, seja aliviando-lhes as necessidades temporais, seja dando-lhes conselhos e remédios salutares para a santificação das almas. Ninguém administrava melhores conselhos e as mais altas personagens, — cardiais e prelados, consideravam-no um homem especialmente dotado por Deus. Todavia, sua humildade permanecia inabalável em meio aos testemunhos de veneração que continuamente recebia, e com não menor presteza se desincumbia de todos os serviços que lhe eram confiados, humildes que fôssem.

Fôsse encarregado do tratamento dos doentes, ou da cozinha, ou da limpeza da casa, tudo lhe era igual, porque não via nas ordens dos superiores senão a vontade de Deus.

Em 1.º de maio de 1750, êle próprio anunciou sua morte próxima, e logo caiu gravemente enfêrmo. Apesar de sua vida santa, mêdo profundo dêle se apoderou. Todavia, a confiança em Deus não tardou em, novamente, dêle se apossar, e, então, ouviram-no exclamar com freqüência:

— Ó meu Deus! Vós me resgatastes por intermédio de vosso sangue. Assisti-me nesta hora! Terminai a obra do vosso amor! Dai-me a certeza da minha salvação!

Depois, dirigindo-se à santa Virgem, dizia-lhe:

— Ó vós, poderosa e veneranda mãe de Deus, sêde minha advogada, meu refúgio; minha protetora, lembrai-vos de mim na hora derradeira!

As preces foram atendidas e êle entregou a alma a Deus, perpassado dos sentimentos da mais viva fé, no dia 10 de maio de 1750. Sua festa foi fixada no dia 23 de maio por Pio VII, na decretação de sua beatificação, declarada em 26 de agôsto de 1806.

* * *

A APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA DE LAUS (*)

Nossa Senhora de Laus é o nome duma célebre peregrinação da diocese de Gap, cuja origem está nas numerosas aparições de Nossa Senhora, que assim honrou uma humílima pastorazinha da região, chamada Benedita Recurel, sem instrução alguma, e que, para ganhar a vida, cuidava das ovelhas que levava a pastar nas montanhas da região.

Benedita, depois dum sermão, concebera ardentíssimo desejo de ver a Mãe de Deus. Entrou, então, a orar sem cessar, suplicando para que Nossa Senhora lhe atendesse, e teve a insigne honra de ver a Virgem, num dia do mês de maio de 1664, que apareceu sôbre um rochedo chamado Fours.

Depois desta aparição, seguiram-se muitas outras, sucedendo-se por um espaço de cinqüenta e seis anos.

No lugar da aparição existia uma capelinha, mas, insuficientíssima para receber as multidões que não cessavam de acorrer em peregrinação, foi substituída por uma vasta igreja, levada a têrmo tão-sòmente pela grande confiança que Benedita tinha na Virgem. Terminada em 1665, foi levantada, a um apêlo da jovem, pelos pobres, pelos peregrinos e pelos habi-

tantes do Laus, que concorreram com pedras, dinheiro ou o vigor dos braços. A igreja, que recebeu o nome de Nossa Senhora de Laus, ficou pronta em quatro anos.

Benedita Recurel faleceu em odor de santidade no dia 28 de dezembro de 1718, no dia da festa dos santos Inocentes, com setenta e dois anos.

Em 1855, o papa Pio IX concedeu à Virgem de Laus as honras da coroação, a 23 de maio, com extraordinários festejos.

Perto de oitenta mil peregrinos visitam, cada ano, a igreja construída pela irmã Benedita.

* * *

SÃO DESIDÉRIO (*)

Bispo e Mártir de Viena

Desidério nasceu em Autun, foi excelente estudante e, depois de ter recusado, já adulto, muitos bispados, aceitou o de Viena, em 569.

Defensor intransigente da fé cristã, não era muito bem visto por Thierry II e o mordomo Protádio, porque lhes punha a nu, sem nenhum receio, tôdas as faltas.

Com o auxílio de falsos testemunhos, conseguiram depô-lo. Enviado ao exílio, na ilha de Livísio (1), ali ficou até a morte de Protádio, ocorrida quando duma sedição.

Thierry, amedrontado, vendo naquilo a mão de Deus, ordenou que o trouxessem de volta, mas, continuando o santo bispo a verberar contra as maselas e os maus costumes, foi prêso pela segunda vez, acabando lapidado pela soldadesca que o aprisionara, naturalmente passando por cima das ordens recebidas.

São Desidério foi martirizado aos 23 de maio de 606, ou, como afirmam alguns autores, 607, sendo honrado logo após a morte.

* * *

---

(1) De situação ignorada. (N. do Atual.).

SÃO GUIBERTO (*)

Abade e Confessor

Guiberto nasceu em 892. Era filho de Lietoldo e de Osburga, ambos de nobres e muito antigas famílias de Namur.

Sigeberto de Gembloux, que lhe escreveu a vida, diz, referindo-se à fase da infância do santo:

"Era uma árvore que devia dar ótimos frutos e elevar-se nos adros da casa do Senhor tão altaneira como os cedros do Líbano", ao que ajuntou um comentador: "Assim, não podia deixar de ter excelente raiz."

De tanto pensar nas palavras do Evangelho, que diz que "é mais fácil um camelo passar pelo buraco duma agulha do que um rico entrar no reino dos céus", acabou por renunciar aos bens todos de que era possuidor e abraçou, com grande carinho, a pobreza, aquela pobreza tão querida de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em 936, doou as terras que tinha em Gembloux a Deus, a São Pedro e ao mártir Exupério, para que nelas fôsse construído um mosteiro, mosteiro que, nem bem se erguera, logo principiou a ser muitíssimo procurado.

O santo fundador adotou para a nova comunidade a regra de São Bento. Mas, humilde que era, ao invés de se fazer abade da casa, sôbre outro, Erluino, lançou aquêle cargo, retirando-se para a abadia de Gorze, então gozando de grande renome, debaixo da direção do abade Agenoldo.

Em Gorze, São Guiberto atirou-se com todo o ardor que o consumia a todos os exercícios da penitência e da vida contemplativa. Caminhava êle tão ràpidamente no estreito caminho que leva ao céu, que o demônio, agastado, procurou tirá-lo da senda certa. Denunciado ao imperador Otão I como culpado de ter lançado mão das terras de Gembloux, para ali fundar um mosteiro, ilegalmente, porque era feudo do império, foi obrigado a deixar a vida, que lhe corria doce e amável, para comparecer diante de Otão.

São Guiberto foi despreocupado. Pensando no dito do Evangelho, que aconselha: "Quando fordes citado diante dos reis, não penseis no que tereis de dizer, nem como o direis, porque vos será dado na hora", o santo, ao imperador falou calmamente e com muita simplicidade sôbre o que fizera.

Por tanta confiança na Providência, Deus o abençoou: Otão, todo convencido da boa ação de tão leal e sincero homem, ratificou o estabelecimento da nova fundação, indo ao cúmulo de, muito liberalmente, enriquecê-la de consideráveis privilégios.

Desde então, o demônio, encolhido e decepcionado, jamais ensaiou outra arremetida, deixando o santo em paz.

Quando faleceu o santo fundador de Gembloux, os monges daquela casa se sentiram esmagados por imensa dor. E, já que não o tiveram consigo em vida,

determinaram tê-lo no mosteiro depois que se fôra para Deus.

Alguns monges, então, estabelecido aquêle ponto, partiram para Gorze. Ali chegando, exprimiram o desejo de ver sepultados entre êles os restos preciosos do amado fundador.

O abade, comovido com o pedido, feito em lágrimas, concedeu a permissão para que transportassem o corpo de São Guiberto.

Com muito carinho e muita unção, embalsamaram o corpo querido, depositaram-no num carro puxado por alguns bois, e partiram.

Ora, a população de Gorze, vendo que lhe levavam aquêle que tinham como santo e protetor, interpôs-se no caminho, envidando todos os esforços para que não se realizasse aquela trasladação.

Poucos, muito poucos para resistir ao cêrco que fizeram os de Gorze, os monges de Gembloux só tinham uma coisa a fazer, para que a viagem que haviam empreendido não redundasse no mais completo fracasso: rogar a Deus que os auxiliasse naquele embaraço. E, se pensaram, melhor o fizeram: quando os ânimos dos de Gorze se iam exacerbando, elevou-se tão grande e repentina ventania, ao que se seguiu tão violenta tempestade, fazendo-se terrìvelmente escuro, que todos os exaltados, cheios de temor e confundidos, largaram a fugir, deixando o campo livre para os monges, que não esperaram um minuto para picar os bois e partir.

Sepultado na igreja do mosteiro de Gembloux, inúmeros milagres, incontinenti, atestaram a santidade do santo, atraindo multidões ao seu túmulo.

* * *

SÃO JOÃO BATISTA DE ROSSI (*)

Confessor

João Batista nasceu em Voltaggio, na diocese de Gênova, a 22 de fevereiro de 1698. De angélica piedade, conta-se que, um dia, um nobre genovês, ao assistir à missa, sentiu-se tão emocionado com a circunspecção e a meticulosidade do jovem coroinha, que, procurando saber de quem se tratava, acabou por propor aos pais levá-lo consigo e encarregar-se da sua educação.

Em Gênova, João Batista, na qualidade de pagem, passou parte da juventude. Mais tarde, chamado por um parente, Lourenço de Rossi, que era cônego de Santa-Maria-in-Cosmedin, partiu para Roma.

Com grande proveito, João Batista estudou no Colégio romano, e foi como um outro Luís Gonzaga, que se santificara naquela mesma instituição.

Tantos foram os estudos e tantas as mortificações, que acabou por ficar com a saúde abalada. Precisou, então, deixar o colégio. Naquilo, viu a mão da Providência. Orgulhando-se com os conhecimentos que ia adquirindo, vislumbrou o futuro: jamais seria um erudito.

Ordenado padre a 8 de março de 1721, tôda a vida que levou foi de humildade e de pobreza, aplicando-se com grande assiduidade à oração e à recitação do ofício. E, procurando os pobres, os presos e os ignorantes, o *seu povo,* segundo dizia, com a palavra de Deus levava-lhes confôrto e tranqüilidade.

Impelido pelo apostolado, conheceu tôdas as misérias desta vida. Temendo pelas moças pobres e relegadas ao abandono, que viviam de esmolas, a percorrer tristonhamente as ruas de Roma, encetou a fundação dum abrigo onde pudessem, à noite, recolher-se, preservando-as, assim, de eventuais descaídas. Dali nasceram o hospital de São Luís Gonzaga e dois outros, o de Santa Galla e o de Trindade dos Peregrinos.

Simples, as pregações que fazia tinham, no entanto, o dom de tocar corações e de converter almas.

Falecido no dia 23 de maio de 1764, com 66 anos de idade, foi enterrado no Trindade dos Peregrinos, que lhe custeou os funerais, tão pobre deixava o mundo.

Pio IX, a 13 de maio de 1860, beatificou-o, e Leão XIII, a 8 de dezembro de 1881, canonizou-o.

* * *

SÃO GUILHERME DE ROCHESTER (*)

Mártir

São Guilherme nasceu em Perth, na Escócia. Padeiro de profissão, sempre a primeira fornada que tirava era dos pobres. Assistindo a santa missa todos os dias, certa vez deparou com um menino abandonado à porta da igreja, de manhãzinha, escuro ainda. Recolheu-o, adotou-o e ensinou-lhe todos os segredos da profissão, mal sabendo que seria pago com a pior ingratidão.

Um dia, em 1201, com o filho adotivo, Guilherme empreendeu uma peregrinação aos lugares santos. Quando passava por Rochester, o jovem que tão carinhosa e caridosamente acolhera assassinou-o friamente, evadindo-se.

Uma pobre demente descobriu o corpo do santo padeiro. Fêz-lhe, então, uma coroa de flôres, e depositou-a sôbre o cadáver. Em seguida, tomando-a para si, colocou-a sôbre a cabeça. Viu-se, então, milagrosamente curada.

Tomando conhecimento do prodígio, os monges que serviam na catedral de Rochester se apossaram de tão preciosos restos.

O papa Inocêncio IV, que o canonizou em 1256, conferiu indulgências aos peregrinos que visitaram o túmulo de São Guilherme.

Da capela que foi erigida no lugar em que tombou assassinado o santo, ainda se lhe vêem os restos, perto do hospital que lhe tomou o nome.

No mesmo dia, perto de Nórcia, os santos Eutíquio e Florêncio, monges, que o bem-aventurado papa Gregório menciona, falecidos em 540, confessores. Eutíquio pregava o Evangelho e Florêncio passava o tempo a orar. À morte do abade dum mosteiro vizinho de Nórcia, escolhido pelos monges, Eutíquio tomou-lhe o lugar. Só, Florêncio sentiu a falta do companheiro, porque sempre viveram juntos na mesma cela. Pediu, então, a ajuda de Deus e, quando, logo após as súplicas, ia saindo da cela, viu um urso que lhe vinha ao encontro. Convencido de que o Senhor o enviava para companhia, encarregou-o da guarda de algumas ovelhas, quatro ou cinco, que possuía. Tal foi a inveja dos monges, porque Florêncio fazia muitíssimos milagres, que acabaram por matar-lhe o urso. Sentiu-se Florêncio mais só ainda, e, a chorar, recebeu a visita de Eutíquio, que o consolou, dizendo: "Espero em Deus que os culpados serão punidos". Com efeito, os monges que mataram o animal, atacados de elefantíase, morreram miseràvelmente (1). Ambos os santos confessores morreram no mesmo ano. Florêncio em primeiro lugar.

Em Sinade, na Frígia, São Miguel, bispo, nos tempos em que a querela das santas imagens dividia a Igreja do Oriente, nos séculos VIII e IX. Falecido em 826.

---

(1) Greg. **Diálogos**, L. III, C. XV.

Em Besançon, Santa Joana Antide Thouret, virgem, nascida em Sansey-le-Long no dia 27 de novembro de 1765, quinta filha duma família de pobres trabalhadores. Falecida aos 24 de agôsto de 1826, o corpo repousa na igreja Regina Coeli. Beatificada a 23 de maio de 926, foi canonizada a 14 de janeiro de 1934.

Em Langres, França, deu-se o martírio de São Desidério bispo, que, vendo os males que o exército dos vândalos infligia ao povo, foi ao encontro do rei dêles, a fim de abrandá-lo. O bárbaro, porém, ordenou imediatamente que o degolassem. Assim, o santo pastor entregou com prazer a cabeça pelo rebanho que lhe havia sido confiado. Dessa forma, morto pelo gládio, entrou na glória do Senhor. Muitos dos seus diocesanos foram também martirizados e enterrados com êle na mesma cidade. — Na Espanha, os santos mártires Epitácio, bispo, e Basileu.

Na África, os santos mártires Quinciano, Lúcio e Julião, que, sofrendo a morte durante a perseguição dos vândalos, mereceram as coroas eternas. — Na Capadócia, a comemoração dos santos mártires, que, durante a perseguição de Maximiniano-Galério, tiveram as pernas quebradas, morrendo dêsse suplício. — Na Mesopotâmia, a memória de vários outros santos, os quais, durante a mesma perseguição, foram suspensos no ar, com os pés para cima e a cabeça para baixo, sufocados com fumaça e queimados lentamente, cumprindo-se assim o seu martírio. — No mesmo dia, São Mercurial, bispo. — Em Nápoles, Santo Eufébio, bispo.

* * *

24.º DIA DE MAIO

SÃO VICENTE DE LÉRINS

E muitos outros santos do mesmo mosteiro e da mesma época.

O mosteiro de Lérins fôra fundado por volta do ano de 410, por Santo Honorato, cujo nome ainda hoje é mantido por esta ilha. Era de família nobre, que tivera mesmo a honra do consulado. Converteu-se e recebeu o batismo, na mocidade, apesar da oposição do seu pai e de tôda a família.

Desde então começou uma vida séria e cheia de mortificações. Cortou os cabelos, vestiu roupas grosseiras, abateu o rosto com jejuns. Um de seus irmãos, Venâncio, abraçou o mesmo gênero de vida. Tendo distribuído todos os bens aos pobres, puseram-se sob a direção de um santo ermitão, chamado Capraise, que morava nas ilhas de Marselha. Empreenderam com êle uma viagem e detiveram-se algum tempo em Acaia. Venâncio morreu em Méthone, e Honorato tornou à Provença. A veneração que nutria por Leôncio levou-o a estabelecer-se em sua diocese. Escolheu a pequena ilha de Lérins, nessa época deserta e infestada de serpentes. Lá construiu um

mosteiro que, em pouco tempo, recebeu grande número de monges de tôdas as nações.

Conquanto evitasse, havia muito, o presbiterato, foi ordenado sacerdote. Tinha um talento admirável para a cura de almas. A igreja de Arles o solicitou como pastor, e êle foi consagrado bispo após Pátroclo. Mas não a governou senão por dois anos. Reuniu os espíritos divididos e tornou-se notável especialmente pela caridade, que o fêz distribuir em pouco tempo os tesouros acumulados pelos antecessores. Mesmo do leito, durante a última enfermidade, dava instruções e pregou ao povo no dia da Epifania, cêrca de oito dias antes de morrer, fato que aconteceu no ano de 429.

Teve como sucessor Santo Hilário, seu parente. Tinham nascido nos confins da Lorena um, e nos confins da Borgonha outro. Foram, quiçá, compatriotas de São Loup, que esposara a irmã de Hilário. Êste recebera também uma educação de acôrdo com a sua descendência. Mas, de início, amava o mundo. Chegou até ao perigo de nêle perecer. Seu amigo Honorato deixou por algum tempo a ilha de Lérins, a fim de conquistá-lo para Deus. Pintou-lhe, de um lado, a baixeza e instabilidade das coisas humanas; de outro, a certeza e grandeza dos bens que hão de vir. Hilário deixou-se convencer. Entretanto, mais lisonjeado pelos bens de que dispunha, do que pelos que deveria esperar, continuou a gozar dos primeiros. Santo Honorato recorreu à oração. Nada, porém, pôde abrandar o coração de Hilário. Deixou-o, pois, sem contudo abandoná-lo; pois, três dias depois, é o próprio Hilário que confessa, a misericórdia de Deus, solicitada pelas orações, subjugou-me a alma

rebelde. Meus pensamentos turbados haviam banido o sono. Via de um lado o Senhor que me chamava para êle com bondade; de outro, o mundo que mostrava de longe todos os prazeres e todos os encantos. Meu espírito comparava uma e outra proposta e flutuava na escolha de qual deveria seguir. Mas, graças à vossa misericórdia, ó divino Jesus, dobrado pelas fervorosas preces de vosso servidor Honorato, rompestes os laços e a vós me amarrastes com os elos de vosso amor. Submetido a êsse feliz cativeiro, não tornei a cair na servidão do pecado. Volto, humilhado e acabrunhado, a vós, de quem me havia afastado por meu orgulho. Desde êsse momento, Hilário se desfez de todos os bens, vendeu-os a um irmão seu, distribuiu o preço entre os pobres, deixou sua localidade e foi encerrar-se no deserto de Lérins, para lá viver sob a direção de santo Honorato. Quando êste morreu, como bispo de Arles, Hilário não tinha mais do que vinte e nove anos. Mas o seu mérito havia ultrapassado a idade. À notícia de que se pensava nêle para o episcopado, fugiu. Entretanto, Cássio, comandante das tropas romanas, mandou soldados procurá-lo. A algumas léguas de Arles encontraram-no e o reconduziram.

Uma vez bispo, continuou a praticar a pobreza e a mortificação, como havia feito no tempo de monge. Não vestia senão uma túnica, durante o verão ou durante o inverno, a qual era ainda um cilício. Caminhava sempre descalço e empregava-se em trabalhos manuais. Colocavam-lhe na frente uma mesa com um livro e fios. Um escrevente, pronto para escrever, ficava junto dêle. Êle lia e ditava, de tempos em tempos, ocupando as mãos com ligar as cordas e fazer fios. Trabalhava também na terra, mais do que lhe

permitiam as fôrças, êle que fôra educado de acôrdo com a nobreza da família. Durante as refeições, lia-se — costume que introduziu nas cidades. Vivia em uma casa comum com os clérigos, tendo apenas uma cela como qualquer outro. Amava de tal modo os pobres, que, para resgatar os cativos, fêz vender tudo quanto havia de valioso nas igrejas, até mesmo os vasos sagrados, ficando apenas com as patenas e os cálices. Tinha grande eloqüência, o que se pode verificar pelo panegírico que fêz a santo Honorato, seu antecessor. Nos domingos, levantava-se à meia-noite, fazia a pé, por vêzes, dez léguas, assistia ao ofício no qual pregava, o que durava até uma hora após o meio-dia.

Nos dias de jejum entretinha o povo com sua palavra, desde o meio-dia até as quatro horas. Quando não tinha por ouvintes senão pessoas rudes, falava-lhes num estilo simples. Mas se viessem pessoas mais instruídas, passava a falar melhor, mestre que era da palavra. Bastas vêzes, advertiu em particular o prefeito dessa época, com respeito às injustiças que cometia nos seus julgamentos, sem que se corrigisse. Um dia êste foi à igreja com os seus oficiais, enquanto Santo Hilário pregava. O santo bispo interrompeu o sermão, dizendo que o prefeito não era digno de receber o alimento celeste, após haver desprezado os avisos que lhe haviam sido feitos, para a sua salvação. O prefeito retirou-se confuso, e Hilário continuou a falar.

Assim era êsse santo bispo. Mas, os jejuns e os trabalhos o esgotaram de tal forma, que morreu aos 48 anos de idade. Sua vida foi escrita por Honorato, bispo de Marselha, discípulo, que testemunha

existirem sermões dêle para tôdas as festas do ano, uma exposição do símbolo, e grande número de cartas.

Hilário de Arles e os outros santos que acabamos de citar, não eram as únicas luzes que foram vistas brilhar nas Gálias. Pois, na mesma época, São Próspero escrevia a crônica e o poema contra os inimigos da graça. Cassiano escrevia em Marselha suas conferências monásticas e sete livros da Encarnação do Verbo. Salviano escrevia a obra sôbre a Providência, o Tratado da Igreja. São Vicente de Lérins, irmão de São Loup, preparava-se para escrever o admirável Memorial.

Salviano era de Trèves ou de Colônia. Tinha feito grandes progressos nas ciências divinas e humanas. Muito jovem ainda, casou-se com Paládia, filha mais velha de Hipácio e Quieta. Hipácio era pagão. Parece, todavia, que Paládia fazia, como seu espôso, profissão de fé cristã. Dêsse casamento nasceu uma filha, Auspicíola. O desejo de progredir na piedade e na perfeição fêz nascer em Salviano a intenção de passar o resto da vida em continência. Propô-la à espôsa, a qual aceitou com alegria. A única contrariedade que teve, foi não ter ela mesma prevenido o marido sôbre isto. Previu, nada obstante, que tal gênero não faria senão descontentar pai e mãe. Mas o amor de Deus a fêz superar essa consideração. Hipácio viu, com efeito, cheio de tristeza, a decisão que Salviano e Paládia haviam abraçado. A conversão ao cristianismo não pôde fazer cessar nêle o descontentamento. Isso os obrigou a retirar-se para uma região bastante distante. Cêrca de sete anos permaneceram sem receber cartas, embora as escrevessem freqüentemente, tanto êle quanto ela. Ainda

temos aquela que foi escrita por ambos. A ela acrescentaram a filha Auspicíola, a fim de fazer um derradeiro esfôrço sôbre o espírito de Hipácio e de sua mulher. Empregaram tudo quanto a natureza de mais vivo e terno tem, para abrandá-los, pois, diz-se, nada há de que se não deve lançar mão para tentar a reconciliação com os pais. Ignora-se o resultado da carta.

Após ter morado algum tempo no mosteiro de Lérins, Salviano estabeleceu-se em Marselha, onde foi ordenado sacerdote. O talento e a piedade já o haviam tornado célebre em 430, como se vê em uma passagem do panegírico de santo Honorato. Consultado pelos pontífices mais célebres das Gálias e honrado com a confiança dêles, Salviano compôs a seu pedido uma série de sermões e de instruções, que lhe valeram o cognome de mestre dos bispos. Escreveu, sob o nome de Timóteo, quatro livros dirigidos à Igreja Católica, nos quais fala com farta eloqüência contra a avareza e sôbre a obrigação de dar esmolas, sem poupar os monges nem os clérigos. Mais tarde escreveu os oito livros sôbre o *Govêrno de Deus*, para justificar sua providência, no concernente às calamidades que acompanharam a queda do império romano. Fêz ver aos que murmuravam disso que êles haviam merecido e muito. Nessa ocasião, levantou-se tão veementemente contra os desregramentos dos contemporâneos, particularmente dos da África, que o denominaram Jeremias do seu século.

Um ilustre amigo de Salviano, de Vicente e de Hilário, era santo Eucher de Lion. Segundo seu próprio testemunho, tinha origem da mesma mãe, espiritual ou natural, que os mártires de Lion, santo

Epípode e santo Alexandre; isto é, ou que descendia da mesma família do que êles, ou que tinha sido batizado na mesma igreja.

Veio ao mundo, dotado de espírito sutil e elevado. Adquiriu profunda ciência e eloqüência pouco comum. Vê-se, por seus escritos, que conhecia o grego e o hebraico. Foi ilustre no mundo, mas, tornou-se mais célebre em Jesus Cristo. Tinha um parente de nome Valeriano, cujo pai e sogro tinha sido elevado às mais altas dignidades do século. Crê-se que é o mesmo Valeriano que foi prefeito das Gálias e que era parente do imperador Ávito. Eucher desposou uma mulher chamada Gala, da qual teve dois filhos, Salono e Verano, que ainda durante a sua vida foram bispos.

Estava na flor da idade, quando, de comum acôrdo com sua mulher, renunciou a tôdas as grandezas do mundo e retirou-se para o mosteiro de Lérins. Colocou os dois filhos sob a orientação de Santo Honorato e de Santo Hilário. Uma vez formados na piedade, deu-lhes Vicente e Salviano por mestres, no estudo das belas-artes e da eloqüência.

O desejo de uma perfeição maior fazia-o ansiar por visitar os monges do Egito, para edificar-se com os seus exemplos de virtudes; mas Cassiano lhe dedicou as suas *Conferências*, para instruí-lo e afastá-lo dos perigos de uma navegação tão penosa. Não perdeu, todavia, o gôsto que nutria pela solidão mais intensa do que a sua. Após levar vários anos de vida cenobítica em Lérins, transferiu-se para uma ilha vizinha chamada então Lero, — Santa Margarida, hodiernamente —; e ali, Deus tornou-se-lhe a única ocupação. Foi nesse retiro que compôs dois excelentes tratados. O primeiro, dedicado a seu

amigo santo Hilário, contém um belíssimo elogio à solidão, e em particular a de Lérins. O outro versa sôbre a vaidade do mundo, e é dedicado a seu parente Valeriano, em 432, para afastá-lo dos bens perecíveis. Aproveitou entre outras, as calamidades mesmas que anunciavam a ruína do império romano.

No entanto, afirma êle, tem o mundo algo que nos possa enganar. Perdeu até esta imagem das coisas, até então suficientemente bela para construir uma ilusão. Empenhava-se em seduzir-nos com uma aparência de veracidade; hoje não mais lograria enganar-nos, mesmo mediante uma falsa ostentação. Sempre careceu de bens sólidos, e eis que agora até carece de bens falsos e perecíveis. A menos que não nos empenhemos em seduzir-nos a nós mesmos, o mundo nada mais tem a impor-nos. Estas duas cartas, no julgamento dos críticos, são modelos de eloqüência cristã.

De Santo Eucher temos ainda três livros sôbre a Escritura Santa, dedicados a seus filhos, já bispos: a história do martírio de São Maurício e de seus companheiros: muitas homílias atribuídas a Santo Eusébio de Êmeso. Havia ainda feito um resumo das obras de Cassiano, de onde se crê que haja tirado os erros. Mantinha correspondência com Santo Honorato. Êste santo bispo havia-lhe certo dia escrito uma carta sôbre plaquetas cobertas com cêra, de acôrdo com os usos da época, tendo-lhe então Santo Eucher respondido com esta palavra engenhosa, que nos relata Santo Hilário: *Fabricaste o mel em cêra,* para realçar a doçura de seu estilo e o prazer que havia tido em ler a carta. A igreja de Lion ficou vaga pelo ano de 433, tendo ela então escolhido Eucher

para bispo. Foi, sem qualquer contradição o mais célebre em ciência e piedade que ela teve depois de Santo Irineu. (1)

Depois de quatro séculos, a Igreja do Cristo mantém em sua pureza, contra as heresias de tôda a espécie, a doutrina que ela havia recebido do Cristo. Ela a manterá inalterável até o fim dos séculos; porque foi dito que as portas do inferno não prevalecerão contra ela. A experiência dêstes longos combates mostrava então aos fiéis as precauções a serem tomadas para se garantirem contra os embustes do êrro, e conservarem-se na verdadeira fé. Depois do concílio de Éfeso, o doutor Santo Vicente de Lérins resumiu esta experiência numa advertência que se tornou justamente célebre. Segundo a opinião mais provável, Vicente era originário de Toul e irmão de São Loup de Troyes. Após haver vivido algum tempo nas agitações do século e da guerra, havia-se retirado para o mosteiro de Lérins, esta ilustre escola de santos e de sábios, onde abraçou a vida monástica e recebeu as ordens sacerdotais. Pelo ano de 434, escreveu sua *Advertência contra os herejes*, sob o nome de Estrangeiro ou Peregrino, procurando menos fazer-se conhecer do que defender a verdade.

Freqüentemente, havia solicitado a doutas e santas pessoas qual era a regra segura e geral para discernir a verdade da fé católica da falsidade perniciosa da heresia, e sempre lhe haviam respondido que a regra era, com a graça de Deus, ater-se à autoridade da lei divina e à tradição da Igreja Católica. Às Escrituras Sagradas mister se faz acrescentar a interpretação da Igreja, porque nem todos as enten-

(1) Ceillier, 1, XIII.

dem da mesma maneira; há quase tantas interpretações quantos homens. Porque, de uma maneira as expõe Novaciano, de outra Ario, Eunômio, Macedônio, Apolinário, Prisciliano, Joviniano, Pelágio, Celéstio, Nestório. Faz-se prementemente mister que a interpretação dos profetas e dos apóstolos tome por regra o sentir católico, o sentir da Igreja. Na própria Igreja Católica, é necessário ater-se ao que foi artigo de fé em todos os lugares, em todos os tempos e por todos; pois sòmente isto é verdadeira e pròpriamente católico, na verdadeira acepção desta palavra, que significa *universal*. Essa regra observaremos se seguirmos a universalidade, a antiguidade, o "consensus omnium". Seguiremos a universalidade se não confessarmos senão a única fé verdadeira que a Igreja professa em todo o universo; seguiremos a antiguidade se em nada nos afastarmos dos sentimentos manifestos dos nossos santos antepassados e Padres; seguiremos o "consensus omnium", se nos ativermos às definições e às sentenças de todos os pontífices e doutôres, ou, pelo menos, a quase todos.

Estabelecidos êstes princípios gerais, Vicente ensaiou grandiosas aplicações. Que deve então fazer um cristão, pergunta êle, se uma pequena parte se separa da Igreja, da comunidade da fé universal? Que deve fazer, se não preferir a um membro pestilencial e corrupto a saúde de todo o corpo? Mas se um contágio novo se empenha em infeccionar, não sòmente uma pequena parte da Igreja, e sim a Igreja inteira? Então deve prender-se à antiguidade, que não é passível de corrupção por parte dos artífices da novidade. Mas se, na antiguidade um êrro se descobre de dois ou três homens, ou mesmo de uma cidade ou de uma província? Então, à temeridade ou igno-

rância de um pequeno número, deverá preferir, se existirem, os decretos antigos da Igreja universal. Mas se êstes não existirem, que fazer? Terá o cuidado de consultar e comparar entre si os sentimentos dos antigos; mas dêstes, aquêles que, se bem que de épocas e locais diferentes, perseveraram na comunhão e na fé da Igreja Católica, e nela são considerados como doutôres ortodoxos. O que foi tido, escrito, ensinado, não por um ou dois sòmente, mas por todos juntos, unânimemente, claramente, freqüentemente, perseverantemente, isto poderá e deverá ser crido sem qualquer hesitação.

Tudo se esclarece pelo exemplo dos donatistas e dos arianos. Os primeiros, que formavam uma grande parte da África, preferiram a temeridade sacrílega de um único homem à Igreja do Cristo. Os habitantes daquele país, que detestaram êsse cisma profano e permaneceram unidos a tôdas as igrejas do mundo, puderam então, sòzinhos, salvar-se no santuário da fé católica. Mostraram à posteridade como à extravagância de um só ou de alguns poucos, mister se fazia preferir a salvação de todos. Da mesma maneira, quando o veneno letal do arianismo arrebatou outra não pequena parte, mas quase todo o universo, e quando a maior parte dos bispos havia sucumbido, quer pela violência, quer pela fraude, e já quase não se discernia entre a imensa e avassaladora confusão, os verdadeiros adoradores de Cristo preservaram-se do contágio, preferindo a antiga fé à perfídia nova. As turbulências horrendas de todo o império e as violências que tiveram que sofrer todos os estados, não mostraram, sobejamente, senão que calamidade seria a introdução de uma doutrina nova e destrutiva da antiguidade.

Mas por que Deus permite freqüentemente que pessoas recomendáveis na Igreja ensinem novidades aos católicos? Já Moisés, diz êle, respondeu a esta pergunta: Se um profeta diz: Sigamos os deuses estrangeiros, alegòricamente, de novos erros, os israelitas a êle não deviam escutar, porque Deus os tentava, para averiguar se o amavam de todo o coração. Da mesma forma, suscita homens de talento a tentarem os cristãos: Nestório, em último lugar, e, antes dêle, Potino e Apolinário, os quais a Igreja fulminou com o seu anátema. Êsses exemplos fazem ver aos católicos que devem receber os doutôres com a Igreja, e não abandonar a fé da Igreja com os doutôres. Mas ninguém pode ser comparado, sob êste ponto de vista, com Orígenes. Seu talento, clarividência, virtudes, êxitos, renome, eram tais, que havia bem poucos cristãos que não preferissem enganar-se com êle do que ter razão com os outros. E êste grande personagem, êste grande doutor, êste grande profeta, transformou-se em terrível tentação para um grande número; porque, abusando da graça de Deus, confiando demasiadamente em seu espírito, desdenhando a simplicidade antiga da religião cristã, crendo saber mais do que todos os outros, interpretando certas passagens da Sagrada Escritura de maneira nova, com desprêzo pelas tradições da Igreja e pela doutrina dos antigos, mereceu que dêle se dissesse à Igreja de Deus: Se entre vós se levantar um profeta, e o resto, vós não escutareis as palavras dêsse profeta, porque o Senhor, vosso Deus vos tenta, para verificar se o amais ou não. Não era sòmente uma tentação, mas uma grande tentação, fazer passar insensìvelmente da antiga religião à novidade profana a Igreja que dêle não nutria suspeita nem temor,

a Igreja que lhe emprestava confiança, e que dêle dependia de certa forma pela admiração de seu gênio, de sua ciência, de sua eloqüência, de sua vida, de sua graça. Dirá alguém que os livros de Orígenes foram corrompidos. Não o contesto; apraz-me, pelo contrário, nisso acreditar; porque vem relatado não sòmente por alguns católicos, mas pelos próprios heréticos. De qualquer maneira, se não êle, pelo menos os livros publicados sob seu nome representam uma grande tentação: eriçados de blasfêmias, a gente os lê e aprecia, contudo, como sendo seus, e não como os de outro; de sorte que, se o espírito de Orígines não concebeu o êrro, a autoridade, contudo, serve para persuadir. O mesmo se diga de Tertuliano, que representa para os latinos o que o outro foi para os gregos, o príncipe de todos os doutôres.

Segundo isso, não é católico senão aquêle que tem e crê o que a Igreja Católica recebeu universalmente e sempre, e que considera uma tentação tôda a novidade introduzida por alguém, sem ou contra os santos. Quando, segundo o Apóstolo, para provar os cristãos, é mister a existência de heresias, nada é mais eficaz contra a perplexidade, durante os tempos de prova, do que a união à fé antiga. Quando se reflete em tudo isso, não se pode admirar bastante como homens tão transtornados, tão cegos, tão ímpios, tão imbuídos do êrro, que, não contentes com a regra da fé, uma vez dada aos fiéis, e recebida por tôda a antiguidade, procurem todos os dias novidades, e queiram sempre acrescentar, modificar, tirar alguma coisa da religião, como se não fôsse um dogma celeste que, revelado uma vez, nos é suficiente, mas uma instituição terrestre que não pudesse ser levada à perfeição com sucessivas reformas, ou para dizer a

verdade, assinalando nela todos os dias novas falhas, enquanto os oráculos divinos nos exclamam: Não ultrapasseis os limites estabelecidos por vossos pais, e enquanto o Apóstolo disse por sua vez: Guardai o que tendes, evitando as profanas novidades de palavras e as oposições de uma pretensa ciência, da qual, fazendo alguns profissão, se afastaram da fé.

Poderá dizer alguém: Na Igreja de Cristo, a religião não fará algum progresso? Ela pode fazê-los e imensos; mas é necessário que seja um progresso verdadeiro e não uma modificação. É pelo progresso que uma coisa se desenvolve: pela mudança se transforma em outra. É mister, pois, que a inteligência, a ciência, a sabedoria, tanto de cada fiel em particular, como da Igreja inteira, aumente com a idade e os séculos; mas fiel a seu gênero, a saber: no mesmo dogma, no mesmo espírito e no mesmo sentimento. Que a religião das almas imite a condição dos corpos. Êstes se desenvolvem com a idade, mas permanecem os mesmos. Assim, que o dogma cristão se consolida com os anos, se dilata com os tempos, se eleva com a idade; mas permanece sempre perfeito e sem mancha, na justa proporção de suas partes e nas propriedades convenientes de seus membros. Nossos antepassados, por exemplo, semearam no campo da Igreja o trigo candial da fé; seria injusto que em lugar da verdade do trigo original quiséssemos colhêr o êrro substituto do joio. É permitido limar e polir, com o tempo, os dogmas antigos da filosofia do céu; mas é um crime querer alterá-los, um crime truncá-los ou mutilá-los. Êles podem aumentar em claridade e precisão; mas é mister conservem a sua plenitude e natureza incorruptível. Se permitido fôsse alterá-los

em algumas partes, terminar-se-ia por rejeitá-los em sua totalidade. Também a Igreja do Cristo, fiel depositária de seus dogmas, jamais muda, jamais diminui, jamais é acrescida, jamais perde algo que é de sua essência, e não recebe nada que lhe é estranho.

Pelas decisões de seus concílios, outra coisa não faz senão transmitir à posteridade, por escrito, o que os antigos haviam acreditado como única tradição; encerrar em poucas palavras o princípio e a substância da fé, e freqüentemente, para facilitar a compreensão, exprimir com um têrmo novo, mais adequado e preciso, a doutrina que jamais havia sido nova; de sorte que, dizendo por vêzes coisas de uma maneira nova, todavia, jamais se dizem coisas novas.

Paulo advertiu Timóteo a que fugisse das profanas novidades de palavras, isto é, dogmas, coisas, sentimentos contrários à antiguidade. Porque, se êstes forem aceitos, a fé dos santos padres será necessàriamente violada, ou em sua totalidade, ou em grande parte; é mister — necessàriamente — concluir que, em todos os tempos, todos os fiéis, todos os santos, todos os que professam a continência, tôdas as virgens, todos os clérigos, os levitas e os sacerdotes, tantos milhares de confessores, essa mole imensa de mártires, essa prodigiosa multidão de cidades, de nações, tantas ilhas, províncias, reis, reinados, que o universo pode conter, incorporado do Cristo, seu chefe, pela fé católica, incorreu no êrro, blasfemou durante tantos séculos e não sabia o que cria. As inovações sempre foram próprias dos hereges. Que heresia jamais veio a eclodir, senão sob um nome e em tempo certo e conhecido? Quem jamais instituiu

heresias sem separar-se de antemão do acôrdo universal da Igreja Católica? Quem jamais, antes do profano Pelágio, atribuiu ao livre arbítrio tão grande virtude, que acreditou prescindível a graça de Deus à qualquer boa ação? Quem, antes de seu monstruoso discípulo Celéstio, negou que todo o gênero humano foi envolvido na prevaricação de Adão? Quem, antes do sacrílego Ário, ousou dividir a unidade da Trindade? Quem, antes do crudelíssimo Novaciano, anunciou que Deus era cruel, a ponto de não preferir à morte do pecador, a sua conversão e sua vida? Quem, antes do ímpio Sibélio, ousou confundir a Trindade com a unidade? Quem, antes do mago Simão, do qual, por uma oculta sucessão, êste abismo de torpezas passou até Prisciliano, ousou fazer de Deus autor de todos os males, isto é, dos nossos crimes, de nossas impiedades, de nossas perversidades?

Perguntar-se-á, talvez, se os hereges não se servem dos testemunhos das Sagradas Escrituras. Sem dúvida que se servem, e muito, e de todos os livros da Bíblia, e em tôdas as ocasiões. Mas é preciso temê-los, tanto mais quando se ocultam sob a sombra da lei divina. Sòzinhas, suas infecções repeliriam; para torná-las atraentes, revestem-nas do aroma da palavra celeste. Sôbre suas caixas de venenos, escrevem *Remédios*. São lôbos ferozes que se cobrem de peles de ovelhas; mas são reconhecidos em breve pelos seus frutos, pela sua amargura, pelo seu ódio, pelo seu novo veneno, pela dilaceração do dogma católico; no que se assemelham a Satanás, seu mestre. Êle também, quando tentou o Salvador, lhe citou a Escritura; porque está escrito, dizia. Des-

sarte, perguntai a um herege que prega: Como provareis que devo abandonar a fé universal e antiga da Igreja Católica? Imediatamente êle vos dirá como Satanás: *Porque está escrito,* e citará mil passagens, mil exemplos, mil autoridades da lei, dos salmos, dos apóstolos, dos profetas, que interpretará da maneira nova e pérfida, para precipitar vossa infeliz alma no sorvedouro da heresia. Mas que farão então os católicos para discernir a verdade da falsidade? Terão o cuidado de agir como foi dito anteriormente; interpretarão a Sagrada Escritura segundo a tradição da Igreja universal e as regras do dogma católico. Na própria Igreja Católica, seguirão a universalidade, a antiguidade, o "consensus omnium". Rejeitarão o que a isso é contrário. À temeridade de um só e de alguns poucos, preferirão antes de tudo os decretos gerais de um concílio universal; e se êstes não existirem, os acordos dos doutôres mais numerosos e ilustres. Assim farão não com relação a tôdas as pequenas questões, mas pela regra da fé.

A essa primeira advertência ou memorial, Vicente ajuntou uma segunda, mas que, segundo relata Gennade, lhe foi furtada em grande parte. Dela não nos resta senão uma recapitulação. Vê-se que, neste segundo memorial, fazia a aplicação das regras estabelecidas no primeiro, e mostrava, pelo exemplo do concílio de Éfeso, como cumpria aplicar a autoridade dos Padres da Igreja. Para que nenhuma novidade profana, escreve êle, viesse a insinuar-se pèrfidamente e sem que dela se apercebesse, como em Rimini, todos os bispos, em número de duzentos, houveram por bem que o mais católico, o mais ortodoxo e o

melhor era recorrer ao sentir dos santos Padres. Foi assim que Nestório foi julgado, com razão, contrário à antiguidade católica, e o bem-aventurado Cirilo de acôrdo com ela. Os que leram os escritos como juízes foram: Atanásio, Pedro e Teófilo, bispos de Alexandria; da Capadócia, Basílio de Cesaréia e os dois Gregórios, de Nazianzo e de Nissa; do Ocidente, Félix e Júlio, bispos de Roma. E a fim de que não fôsse sòmente o chefe do universo testemunha neste julgamento, mas ainda os acólitos, tomaram parte, do Sul, Cipriano de Cartago, e do Norte, Ambrósio de Milão. Foi segundo a doutrina, o conselho, o testemunho, o julgamento dêstes dez, que o concílio pronunciou as regras da fé. Poderiam ser citados ainda muitos outros nomes, mas isso não era necessário, porque ninguém duvidava que êstes dez houvessem ensinado algo além de todos os seus colegas. Enfim, para levar à culminância essa plenitude de provas, Vicente havia acrescentado duas autoridades da sé apostólica; uma do papa Sixto, que governava então a Igreja Romana; outra, do seu predecessor de bem-aventurada memória, o papa Celestino, e que os dois estabeleceram por princípio que a antiguidade devia prevalecer sôbre a novidade.

Pelo mesmo tempo, um poeta cristão justamente célebre, Prudêncio, terminava piedosamente a sua carreira. Nascido pelo ano de 348, em Saragoça, na Espanha, recebeu uma educação esmerada e se aplicou sobretudo à cultura das letras e da poesia. Na juventude, exerceu a profissão de advogado, e foi em seguida nomeado juiz ou governador de algumas cidades. Abandonou a toga pelas armas, e veio à côrte do imperador Honório, que lhe concedeu um

cargo sumamente elevado, de sorte que vinha logo abaixo do imperador. Jovem ainda, levou uma vida licenciosa; mas, enfim, desgostoso com a côrte e o mundo, retirou-se para a sua casa paterna, a fim de expiar as culpas passadas, e não exercer o talento de poeta senão em assuntos cristãos. Estávamos no ano 405, qüinquagésimo-sétimo de sua existência. Foi mais tarde em peregrinação a Roma para venerar as relíquias dos mártires, cujos trabalhos e glória celebrou em seus hinos. Partilhou o resto de sua vida, que foi longa, entre a poesia e a piedade; a poesia era para êle também um ato de piedade e uma prece. Ignora-se a data precisa de sua morte. Dêle temos: 1.º, um livro *Coroas*, coroas poéticas, que tece em honra dos principais mártires; 2.º, um livro *Da Divindade*, onde refuta os pagãos, os judeus e as principais heresias; 3.º, um livro *Da Origem do Pecado*, em que combate os marcionistas; 4.º, um livro *Do Combate do Espírito*, em outras palavras, combate espiritual, onde descreve a luta incessante entre os vícios e as virtudes; 5.º, dois livros *Contra Símaco*, onde refuta, como Santo Ambrósio, seu discurso pelo restabelecimento do altar da Vitória; 6.º, *Uma jornada cristã*, onde há hinos ou preces poéticas para tôdas as horas do dia; 7.º, *Um Manual*, que consiste num resumo em verso de todo o Antigo e Novo Testamento.

Ao talento de verdadeiro poeta, Prudêncio ajuntava a humildade de verdadeiro cristão. Eis o prefácio de seu livro "Coroas":

Aquêle que é piedoso, fiel, inocente, pudico, imola a Deus, Pai de todos os dons da consciência, que abundam numa alma bem-aventurada. Outro se desfaz de uma soma de dinheiro de que viverão os

necessitados. Nós consagramos jambos cadenciados e ditirambos sonoros, indigentes que somos de santidade, e impotentes em aliviar os pobres. Todavia, Deus aprova um humilde poema e o escuta com benevolência. Na casa do rico, há por todos os cantos utensílios diversos. Aqui brilha um vaso de ouro, ali um lavabo de bronze. Vêem-se o jarro de cerâmica e a vasilha de prata, há móveis de marfim, de olmeiro ou de carvalho. Todo vaso é útil desde que se adeqúe ao uso do senhor. Ornam a casa, quer custem alto preço, quer sejam de madeira. No vestíbulo paterno, vaso fcra de uso, pelo que é meu, Cristo me aplica em usanças caducas, e me permite permanecer num pequeno canto. Eis que, presente de argila, entramos no palácio da salvação; mas é útil, prestado a Deus, mesmo o mais ínfimo dos serviços. Aconteça o que acontecer, será uma felicidade ter cantado do Cristo com a sua bôca. (1)

Pertence ainda à primeira metade do quinto século o poeta Sedúlio. Dedicou-se na juventude aos estudos seculares, que de nada lhe serviram para a salvação. Ainda leigo, aprendeu filosofia na Itália. Mas Deus, havendo lançado sôbre êle os olhos da misericórdia, fê-lo abraçar com muita humildade o jugo de Jesus Cristo, e êle não se aplicou senão ao estudo das divinas Escrituras. Foi ordenado sacerdote, e há os que lhe dão a qualidade de prelado ou de bispo. Temos de Sedúlio um poema pascal, assim chamado, diz êle, porque Jesus Cristo, cuja história conta, é nosso cordeiro pascal, que foi imolado por nós. É um resumo poético dos principais

(1) Galland, Bibliot. V. e PP., t. VIII.

acontecimentos e milagres do Antigo e do Novo Testamento.

Há ainda um pequeno poema sôbre a vida de Jesus Cristo, do qual a Igreja hauriu os hinos que canta nas festas de Natal e da Epifania. O papa Gelásio e muitos outros fazem um grande elogio de Sedúlio. (1)

* * *

(1) Galland, Bibliot. v e PP., t. VII. Ceiler, t. X.

SÃO JOÃO DE PRADO

Mártir

Nascido no reino de Leão, abraçou a regra austera dos franciscanos descalços de estrita observância. O esplendor de suas virtudes iluminou em breve a obscuridade de seu retiro. Foi, por ordem da Propagação, pregador da fé no reino de Fez e do Marrocos. Os frutos de seu zêlo excitaram o furor dos maometanos, que o atiraram à prisão e o puseram a ferros. O santo confessor sofreu com uma paciência inquebrantável os cruéis açoites e várias outras torturas. Enfim, consumou o sacrifício em 1634, em vinte e quatro de maio, dia em que Bento XIV lhe inseriu o nome no martirológio romano. Foi solenemente beatificado por Bento XIII em 1728. (1)

* * *

---

(1) **Godescard, 24 de maio.**

SÃO DONACIANO E SÃO ROGACIANO (*)

Mártires

Sob o reinado de Diocleciano e de Maximiano, feroz perseguição abateu-se sôbre os cristãos. Com o propósito de aniquilar a religião católica, esmagando-a debaixo da idolatria pagã, aquêles imperadores ordenaram ao prefeito das Gálias que a todos levasse, não só a sacrificar aos deuses, mas também aos demônios. Aos que o fizessem, recompensá-los-iam às custas do Estado, e aos que, ao contrário, persistissem a ser cristãos, decapitá-los-iam para que aos hesitantes servissem de exemplo.



Maximiano I, imperador romano.

Nesta época, vivia em Nantes um adolescente de nobre família, chamado Donaciano. Se já era ilustre, pelo nascimento, com o suceder dos dias sê-lo-ia ainda mais, por virtude de Nosso Senhor Jesus Cristo. Temente a Deus, regrado, maduro de espírito, em meio as tempestades que o diabo excitou contra êle, o temor de Deus ajudou-o sempre e sem-

pre, sem faltar, desde que, abandonando o culto dos ídolos, recebera o batismo e se fizera fervorosíssimo cristão.

Rogaciano, o irmão, convertido depois, levado pelo ardor de Donaciano, mereceu a glória de morrer pelo Cristo.

O legado dos imperadores fêz sua entrada em Nantes acompanhado de carrascos. Festejadíssimo pelos pagãos, era constantemente procurado por êles, e bajulado até o ridículo. Disse-lhe um dêles:

— Tu viestes em boa hora, ó juiz clementíssimo, para levar ao culto dos deuses aquêles que os judeus arrastaram para o Crucificado. Entre todos êstes sectários, Donaciano é o que deve ser julgado com o maior rigor. Não só abandonou o culto dos deuses, mas, por longas intrigas, acabou por perverter o irmão. Hoje, ambos desprezam Apolo e Júpiter, objetos da adoração dos imperadores, que querem, e com que zêlo, consolidar o culto por todo o universo. Por esta nova seita nossos deuses são derrubados. Quando tu quiseres, o interrogatório provará que nada avanço que não seja verdadeiro.

Donaciano, então, foi intimado a comparecer diante do prefeito, que, depois de o examinar detidamente, disse-lhe:

— Donaciano, correm por aí rumores contra ti. Pelo que ouço, tu te recusas a adorar Júpiter e Apolo, autores e conservadores da vida. E não sòmente lhes recusas a adoração como também os cobres de opróbrio, provoca-os, ensinando que o povo sòmente será salvo pela crença num Crucificado, atraindo para ti um grande número de pessoas.

Donaciano confirmou as palavras do prefeito, dizendo:

— Tu dizes a verdade. Sim, quero arrancar do êrro tuas numerosas vítimas, quero levá-las ao único Ser digno de adoração.

O prefeito:

— Eis aí a propaganda. Se não te calas, dar-te-ei a morte neste instante.

Donaciano:

— Tuas ameaças retumbam sôbre ti mesmo. Não escaparás ao laço que me queres armar, tu que, cheio duma tôla credulidade, preferes as trevas à luz, e que, no meio daquelas trevas, não sabes erguer os olhos para o Cristo, luz de justiça.

O legado, pálido, ordenou que o carregassem de ferros e o metessem na prisão, para que o horror do sofrimento sobrepujasse a fé. Se não, que o exemplo que dava não mais se fizesse sentir, tão contagiante era.

Foi, então, a vez de Rogaciano. Ao jovem, falou o legado com doçura e com cautela, acabando por dizer:

— Rogaciano, sei que abandonaste inconsideradamente o culto dos deuses, aos quais todos devemos o benefício da vida e as qualidades que nos distinguem. Por que essa insanidade de adorar um só Deus! Tu não vês que, adorando a um só, atrairás contra ti, e para tua infelicidade, a cólera dos outros? Não te obstines no êrro. A indulgente bondade dos deuses ainda te acolherá, e poderás, nos palácios dos imperadores e nos templos dos deuses, gozar não sòmente da vida, mas das honras que te serão cumuladas.

Rogaciano ouviu o legado em silêncio. Quando terminou a arenga, respondeu:

— Tu és um infame a propor infâmias. Primeiramente, tu o dizes, o favor dos imperadores desfilam antes, depois vem o dos deuses. Como honrar nos santuários da divindade deuses que passam a ser citados depois dos homens? Êles são surdos porque feitos de metal, não têm alma, e tu, tu és destituído do senso comum, porque, como pode consistir uma religião no culto duma pedra? É fazer-se igual ao que se adora.

O legado dirigiu-se aos soldados, berrando:

— Que êste imbecil seja reunido ao mestre de imbecilidades. Amanhã, um golpe de espada vingará tôdas as injúrias proferidas contra os deuses e os príncipes.

Ora, Rogaciano tremeu. Não porque estivesse arrependido daquilo que dissera, porque o dissera com tôda a alma, mas porque ainda não recebera o batismo. Logo, porém, sentiu-se aliviado. É que na singeleza da alma, na credulidade da fé, acreditou que, para ser batizado, bastaria tão sòmente um beijo do irmão.

Quando Donaciano conheceu o pensamento de Rogaciano, dirigiu-se a Deus e suplicou:

— Senhor Jesus Cristo, para quem os sinceros desejos valem como ações, de tal modo que, em caso de impossibilidade, a vontade de agir é o suficiente, tu, que nos deste esta vontade e reservaste o poder de agir, faze que a pura fé de Rogaciano lhe seja imputada em lugar do batismo. E se o prefeito, perseverando em seu projeto, ordenar que morramos amanhã, que o sangue de Rogaciano, espalhado por ti, seja para êle como a unção do crisma.

Depois daquela sublime oração, os dois irmãos ficaram a velar, e o fizeram por tôda a noite.

No dia seguinte, de manhã, compareceram, novamente, à sala do legado, mostrando-se inabaláveis diante das palavras que lhes dirigiram.

Disseram os dois ao prefeito:

— Tua ciência, pior que a ignorância crassa, coloca-te ao lado de teus deuses de metal. Nós estamos prontos, por amor do Cristo, a suportar os golpes do carrasco.

A estas palavras, o legado, exasperado, fêz com que os suspendessem no cavalete. E, depois de terem passado por vários suplícios, tiveram as cabeças cortadas.

Era em 304, e o lugar do martírio tornou-se um lugar santo de Nantes. Os corpos dos dois irmãos receberam sepultura um pouco mais longe. Desde 313, graças ao pacificador edito de Milão, os cristãos puderam exumar aquêles restos sagrados, e o culto principiou. Elevou-se uma igreja sôbre o túmulo dos chamados *Mcços de Nantes,* e a afluência de peregrinos foi enorme. Reconstruída depois das invasões normandas, foi confirmada por Roma, em 1889, como basílica.

* * *

SANTA MARTA (*)

Viúva

Século VI

Santa Marta era mãe de São Simeão Estilita, o Jovem, casada com João de Edessa. Diz-se que votara a Deus a virgindade desde menina, mas que se casou para obedecer os pais, depois duma revelação de São João Batista, o qual lhe ordenou que ao filho que lhe nascesse chamasse Simeão.

Zelosa, era amiga da paz, muitíssimo dada à oração e às obras de caridade. Os anjos predisseram-lhe a morte.

São Simeão Estilita, o Jovem, nasceu em 520, em Antioquia. Depois do batismo, que recebeu aos dois anos de idade, principiou a falar corrente e desembaraçadamente, e, aos sete, fêz-se para a sua coluna, elevada perto da do outro Estilita, quando, então, o demônio começou a importuná-lo. (1)

Marta, que desejava ser enterrada em Daphné, foi, contudo, jazer ao lado do filho, advertido por revelação, o qual fêz com que a transportassem com grande pompa.

————

(1) 3 de setembro.

No mesmo dia, na Itália, São Bento de Cápua, confessor, século XI. Assíduo à oração, à salmodia e às vigílias, era caridoso ao máximo. Quando faleceu, muitos milagres foram operados à beira do túmulo.

Em Chipre, São João de Montfort, confessor, que é dado, por alguns, como da Ordem dos Templários.

Em Bayeux, S. Patrício, bispo e confessor, em época desconhecida.

No mesmo dia, em Antioquia, a festa de São Manaem, irmão de leite de Herodes, o Tetrarca, — doutor e profeta do Novo Testamento, morto e enterrado nesta cidade. — Ademais, a bem-aventurada Joana, espôsa de Chuza, intendente da casa de Herodes, de quem o evangelista Lucas faz menção.

Em Pôrto, a festa de São Vicente, mártir. — Em Bressa, Santa Afra, martirizada sob o imperador Adriano. — Na Ístria, os santos mártires Zoelo, Servílio, Félix, Silvano e Diocles. — No mesmo dia, os Santos Melécio, general do exército, e duzentos e cinqüenta companheiros seus, que, por diversos gêneros de morte, cumpriram o martírio.

Ademais, as santas mártires Susana, Marciana e Paládia, espôsas de três daqueles soldados, despedaçadas com os filhos pequenos. — Em Milão, São Robustiano, mártir. — Em Bolonha, a trasladação do corpo de São Domingos, confessor, do tempo do papa Gregório IX.

* * *

25.º DIA DE MAIO

O PAPA SÃO GREGÓRIO VII

O papa Gregório VII foi caluniado durante a sua vida, e caluniado depois da morte; mas o dia da verdade começa a raiar, e, coisa estranha, essa justiça lhe advém da parte dos protestantes. Um dêles, Voigt, escreveu uma *Vida de Gregório VII* segundo documentos originais e autênticos. Isto se pode ver no tomo XIV da *História da Igreja*. Examina Gregório VII e quanto ao fim que se propôs e quanto aos meios que empregou para chegar a êsse fim. Sob um e outro aspecto, êle o reputa não sòmente isento de censura, mas digno de elogios. Seu grande objetivo, seu único objetivo, era tornar a Igreja de Deus livre e independente dos homens, e subordinar a política à justiça e à moral. Quanto aos meios, não podia valer-se de outros além dos que usou. Eis como o autor protestante se resume:

"Gregório era papa e agia como tal; e sob êsse ponto de vista é grande e admirável. Para chegar a um justo julgamento de seus atos, é mister considerar-lhe o objetivo e as intenções, é mister examinar o que foi necessário de seu tempo. Sem dúvida uma generosa indignação se espraia pela Alemanha, quando vê o seu imperador humilhado em Canossa, ou na França, quando ouve as severas lições admi-

nistradas a seu rei. Mas o historiador que abarca a vida dos povos sob um ponto de vista geral, eleva-se acima do estreito horizonte do alemão e do francês, e reputa muito justo o que foi feito, conquanto os outros o censurem.

É difícil dar a êsse papa elogios rasgados e exagerados, porque lançou por tôda parte os fundamentos de uma glória sólida. Mas cada qual deve querer que se renda justiça a quem justiça é devida; que não se atire a pedra a quem é inocente; que se respeite e honre um homem que trabalhou pelo seu século, com vistas tão amplas e tão generosas. Que aquêle que se sinta culpado de haver caluniado, se arrependa em sua consciência." Eis como êsse autor protestante fala do papa Gregório VII. Possam todos os católicos aproveitar a lição.

Eis o decreto de sua eleição ao papado:

"Nosso Senhor Jesus Cristo reinante, no ano 1073 da sua misericordiosa encarnação, indicção e lua undécima, dez das calendas de maio, segunda-feira, no dia do sepultamento do senhor Alexandre II, Papa de feliz memória; a fim de que a Cátedra apostólica não permaneça durante muito tempo em luto, privado de um pastor, nós, cardeais, clérigos, acólitos, subdiáconos, diáconos, sacerdotes da santa Igreja romana, católica e apostólica, reunidos na basílica de São Pedro, com o consentimento dos veneráveis bispos, abades, curas e monges aqui presentes, sob a aclamação de uma massa considerável, de ambos os sexos e de classes diversas, elegemos por pastor e soberano pontífice, o homem religioso, versado em uma e outra ciência, amante da eqüidade e da justiça, intrépido na adversidade, moderado na prosperidade, e, segundo a palavra do Apóstolo, ornado de bons

costumes, pudico, modesto, sóbrio, casto, hospitaleiro, governante exemplar de sua casa, educado e instruído de maneira distinta, desde sua primeira infância, no seio desta mãe Igreja, e, por seu mérito, promovido até êste dia à honra do arcediaconato; numa palavra, o arcediácono Hildebrando, que nós queremos e aprovamos que seja chamado de agora em diante, Gregório, papa e apostólico. Apraz-vos? A nós apraz. Assim o quereis? Nós queremos. Louvais esta decisão? Nós louvamos. Roma, dez das calendas de maio, indicção undécima."

Tal é, segundo atas públicas, o decreto de eleição de Gregório VII. Antes e após sua eleição, o clero e o povo exclamavam na Igreja:

— São Pedro escolheu o arcediácono Hildebrando! São Pedro elegeu o papa Gregório.

O elogio que nela se faz de seu caráter e de suas virtudes é repetido por todos os historiadores católicos do tempo. Otão de Freysing, traça-lhe êste perfil:

— Modêlo do rebanho, o que ensinou pela palavra, mostrou com o exemplo, e, por tôda a parte corajoso atleta, não temia expor-se como um baluarte em defesa da casa de Israel. (1)

Lamberto de Aschaffenburg demonstra a mesma linguagem.

Com a morte de Alexandre II, diz êle, antes de consultarem o rei, os romanos elegeram para sucedê-lo, Hildebrando, homem muito erudito nas letras sacras, e, já sob os pontífices precedentes, mui célebre em tôda a igreja pelo esplendor de suas virtudes. (2)

---

(1) Otto Freys., an. 1073.

(2) Lambert., an. 1073.

Segundo Bruno, bispo de Segni, e Hugo de Flavigni, dois autores contemporâneos, Hildebrando nasceu em Roma, de uma família romana, que alguns, por causa da semelhança de nome, pretenderam ser a ilustre família dos Aldobrandini. Segundo outros, nasceu na Toscana, onde seu pai era, dizem, carpinteiro. Teve por mestre nas ciências Lourenço, arcebispo de Amalfi, homem douto e de vida santa, muito instruído nas línguas grega e latina. Parece que, desde a primeira infância, ficou sujeito a um tio materno, abade de Nossa Senhora do Monte Aventino, em Roma, para ser instruído nas letras e na piedade.

Entre seus mestres, conta-se ainda o arcipreste João Graciano, que foi papa com o nome de Gregório VI. Após a abdicação, seguiu de Roma para a Alemanha e abraçou a vida monástica em Cluny. O santo abade Hugo lhe testemunhava muita amizade; foi instruído na ciência da piedade por Santo Odilon; parece que durante um tempo ou outro, ali foi nomeado prior. Após a morte de Gregório VI, que ocorreu provàvelmente em Cluny mesmo, Hildebrando passou algum tempo na côrte do imperador Henrique III. Êste príncipe dizia não ter ouvido jamais alguém pregar a palavra de Deus com maior segurança. Os melhores bispos admiravam os seus discursos. O santo bispo Bruno de Toul, eleito papa em Worms, convidou Hildebrando a acompanhá-lo a Roma. Hildebrando recusou-se a princípio, porque um bispo devia, segundo os cânones, ser eleito pelo clero e pelo povo de sua igreja. Encantado com o nobre caráter, com o gênio penetrante e conduta exemplar, o novo Papa não teve dúvidas em explicar-lhe o andamento de todos os afazeres inerentes

ao supremo cargo: desde então, plenamente tranqüilizado, Hildebrando tornou-se-lhe o companheiro inseparável, o braço direito, e como que a alma de tôdas as suas atividades.

Com a morte de Leão IX, que o havia trazido da Lorena, Hildebrando não era ainda senão subdiácono da Igreja Romana. Mas tal era a confiança pública em sua clarividência e virtudes, que o clero e o povo de Roma o enviaram à testa de uma embaixada junto ao imperador Henrique, o Prêto, para escolher em seu nome o papa que êle julgasse adequado. Êle escolheu Gebehard, bispo de Aichstedt, parente do imperador; escolheu-o à revelia do imperador e à revelia do bispo, que tomou o nome de Vitor II. Enviou como legado em França o subdiácono Hildebrando, para reprimir a simonia que devastava principalmente a Itália e a Borgonha. O legado convocou um concílio na província de Lion. O bispo dessa mesma cidade era acusado de ter comprado o bispado. O legado, fazendo-o vir à sua presença, com êle instou para que reconhecesse humildemente a culpa; vendo-se apoiado pelo conde do país, o bispo desprezou primeiramente as palavras do legado, mas quando viu que tanto o legado como os bispos do concílio pensavam sèriamente em julgá-lo segundo o rigor dos cânones, pôs-se a negar insolentemente o que lhe imputavam. A discussão não chegou ao término no primeiro dia, tendo sido adiada para o dia seguinte. No outro dia, apresentou-se ao concílio e perguntou soberbamente:

— Onde estão os meus acusadores? Que se apresente aquêle que me queira condenar!

Todos permaneceram em silêncio. O legado Hildebrando, lançando um profundo suspiro e havendo consultado os Padres do concílio, disse ao bispo culpado:

— Crêdes que o Espírito Santo, cujo dom sois acusado de comprar, seja da mesma substância que o Pai e o Filho?

O bispo respondeu:

— Creio.

Hildebrando continuou:

— Dize então: Glória ao Padre, ao Filho e ao Espírito Santo.

O bispo começou, mas não conseguiu pronunciar o nome do Espírito Santo, conquanto o houvesse tentado três vêzes. Então, lançando-se aos pés do legado, confessou o crime e foi deposto do bispado; e imediatamente pronunciou sem dificuldades o *Gloria Patri* inteiro.

São Pedro Damião e Desidério, abade de Monte Cassino, que relatam êste milagre, haviam-no ouvido da bôca do próprio legado Hildebrando, então o papa São Gregório VII. (1)

O papa Estêvão IX, sucessor de Vitor II, reuniu na Igreja os bispos, o clero e o povo romano, e ordenou expressamente que, se viesse a morrer durante a ausência do subdiácono Hildebrando, enviado à imperatriz em missão de Negócios de Estado, não se realizasse a eleição, mas que se deixasse vaga a Sé Santa até o regresso de Hildebrando, para fazer parte do seu conselho. E de fato, morto

(1) Labbe, t. IX, p. 1080. Pet. Dam. in ep. ad Nic. Pap. Paul Bernried in it. Greg. VII.

Estêvão IX pouco depois, os romanos esperaram que o subdiácono regressasse da missão, conquanto alguns facciosos houvessem eleito um antipapa no intervalo.

Hildebrando escolheu Geraldo, bispo de Florença, que tomou o nome de Nicolau II. Êste papa morreu em 1061, tendo por sucessor Alexandre II, que depositou no cardeal Hildebrando a mesma confiança dos predecessores. Os bispos simoníacos da Lombardia fizeram um antipapa. Para acabar com êsse cisma, que se ia enfraquecendo, Alexandre II convocou em 1067 um concílio em Mântua.

Quis que São Pedro Damião a êle assistisse, e para tal fim ordenou que viesse à Roma; mas Pedro já velho e muito apegado ao deserto de Fontavellano, excusou-se, prometendo solenemente comparecer ao concílio. A carta levava o seguinte cabeçalho: ao Pai e ao Filho, ao papa e ao arcediácono, Pedro, pecador e monge.

Êsse arcediácono era o cardeal Hildebrando, com o qual Pedro Damião mantinha a mais íntima e terna amizade. Não alimentavam ambos senão um desejo e um pensamento: a glória de Deus e da Igreja. Todavia, não estavam sempre de acôrdo em tudo. São Damião, chamado contra a vontade à dignidade de cardeal-bispo de Óstia, não pedia senão poder renunciar e voltar como simples monge ao deserto. Seu santo amigo Hildebrando, para o bem da Igreja universal, a isso se opunha com tôdas as fôrças, e fazia-lhe mesmo censuras. Daí as altercações e as queixas amigáveis que eclodiam em várias cartas de Pedro Damião, particularmente na seguinte:

"Admiro, venerável irmão, porque vossa santa alma não se pode abrandar em relação a mim em ocasião alguma, a ponto de, sobretudo quando estou

ausente, vós não proferirdes palavra alguma a meu respeito que esteja impregnada de caridade; mas cada vez que me endereçam uma mensagem, ou tratam de minha pessoa em vossa presença, imediatamente desprezam o nome de minha insignificância, difamam o renome, põem em derrisão a pequenez; emprestam tal significado aos meus propósitos, que se torna uma fábula divertida para os meus inimigos e uma dolorosa confusão para mim. Todavia, desde que me acorrentei à Igreja romana, oxalá pudesse obedecer a Deus e a Pedro com a mesma presteza com que o faço aos vossos empreendimentos e esforços! Em todos os vossos combates, em tôdas as vossas vitórias, precipitei-me na azáfama, não como companheiro de armas ou seguidor, mas como a pólvora. Que combate jamais empreendestes, em que não fôsse eu imediatamente tanto juiz como advogado? Não segui a autoridade de outros cânones; único arbítrio de vossa vontade, sòmente a vossa vontade era para mim a autoridade dos cânones. E nunca julguei como me parecia, mas como vos agradava. Ademais, com que bênção o vosso nome sempre estêve em meus lábios, perguntai ao senhor de Cluny, que não vos é desconhecido. Era o santo abade Hugo. Discutindo um dia com êle a vosso respeito: Não sabe que o amais com tanta ternura, disse êle; certamente, se o soubesse sentiria por vós um amor incomparável. Mas por que prolongar uma carta que nem espero que leiais? na verdade, não há homem vivo a quem escreveria com mais satisfação, se vos dignásseis a lhe lançar um olhar; mas, como não alento esta esperança, vêde como o meu estilo é correto e burilado, que figuras de linguagem ali brilham, que urbanidade de dicção! Vêde-o ou não, restituo com estas cartas

o episcopado que me destes, e despojo-me dos direitos que parecia ali ter". (1)

Como o cardeal Hildebrando se opusesse sempre à sua demissão, Pedro Damião o chamava com amigável ironia meu santo Satanás, isto é, meu santo adversário.

Peço-vos humildemente, meu santo Satanás, diz numa carta ao papa e ao arcediácono, que não me maltrateis tanto. Que sua venerável soberba não me derrube com tão longos chicotes, mas que se abrande por fim à vista do servidor, mesmo que seja pela saciedade; porque meus pobres ombros começam a fraquejar, meu dorso dilacerado pelos golpes não mais resiste. Enfim, cheguei ao fim e me vou. Mas me arrasto ainda, espero ainda a misericórdia, conquanto tardia.

São Damião observa que, na carta que havia recebido, encontrara coisas severas e coisas doces; a severidade atribui-a a Hildebrando; a doçura ao papa; depois, compara-se jocosamente ao viajor da Fábula; o vento e o sol haviam apostado tirar o manto, e concluir que mais fazia a doçura do que a violência. (2)

Papa em 1073, com a morte de Alexandre II, São Gregório VII empreendeu com grande coragem a execução do desejo dos virtuosos predecessores: levar todos os reis, todos os príncipes, todos os bispos, todos os padres, à prática dos deveres, para a glória de Deus e salvação dos povos.

O empreendimento era tão difícil quanto grandioso. Todavia, sem falar de povos que não pediam

(1) L. 1, epist. 16.
(2) L. II, epist. 8.

melhores, houve grande número de príncipes e de bispos que secundaram o santo Papa. Assim, em 1076, o príncipe Demétrio, duque da Croácia e da Dalmácia, pediu ao papa São Gregório o título de rei. O papa enviou-lhe dois legados. Para conferir a Demétrio a dignidade real, reuniram um concílio em Salona, na Dalmácia, onde o príncipe fêz ao papa um juramento de fidelidade que ainda pode ser lido na história da Igreja. Gregório concedeu ainda o nome de rei a Miguel, príncipe dos eslavos, conhecidos particularmente com o nome de sérvios.

Vê-se numa carta onde o papa lhe manda que espere os embaixadores para reconhecer-lhe a dignidade real, dar-lhe um estandarte, e considerá-lo, daquela data em diante, filho bem-amado de São Pedro, e terminar uma querela entre o arcebispo de Spalatro e de Ragusa. A carta data de 9 de janeiro de 1077.

Vê-se, por êsses exemplos, que não são os únicos, qual era a constituição da cristandade no século onze. Os príncipes e os povos, submetiam-se, mesmo temporalmente, à Igreja Romana, ao Vigário do Cristo. Bossuet nos mostra, segundo documentos históricos, como então os duques, os condes, e mesmo os reis se submetiam à santa sé, a fim de encontrar em sua proteção segurança e paz. E ajunta que, com efeito, não era uma segurança medíocre haver recebido a realeza ou o reino da sé apostólica. Os soberanos encontravam nisso grandes vantagens. A autoridade dos chefes da Igreja protegia-os contra a invasão estrangeira e contra a revolta dos próprios súditos.

Assim, numa carta a Vezelino, nobre cavaleiro, São Gregório lhe relembra a fidelidade jurada à Santa Sé, e proíbe-lhe, em conseqüência, fazer guerra

a Demétrio, que a própria Sé havia constituído rei na Dalmácia.

Uma coisa ainda mais admirável era vista pelo ano de 1075. O filho de outro Demétrio, rei das Rússias, veio a Roma e solicitou ao papa São Gregório receber o reino de suas mãos paternais. A Hungria havia sido submetida à Santa Sé pelo primeiro rei e apóstolo. No tempo de São Gregório VII, tinha por rei outro santo, a saber, São Ladislau, modêlo de virtudes cristãs, reais e militares. Temos uma carta do santo papa ao santo rei, onde êle o felicita por sua piedade, zêlo e devotamento, e lhe recomenda alguns fiéis ou vassalos de São Pedro, que haviam sido injustamente exilados, è que o rei já havia socorrido.

A Boêmia, por seu lado, tinha um soberano que não era desprezível: Vratislau II. Amava singularmente o papa Alexandre I, que lhe correspondia. Mas freqüentemente o duque se aproveitava disso para fazer solicitações insólitas, que o papa lhe concedia por afeição, e não sem preocupação. Dessarte, o príncipe lhe pediu certa vez mandar-lhe uma mitra, da qual parece que queria fazer uma insígnia ducal da Boêmia, para as grandes cerimônias. Tal pedido embaraçou não pouco o papa e os cardeais; jamais uma mitra havia sido concedida a uma pessoa leiga. Alexandre, todavia, tanto amava êsse príncipe que a enviou a Praga por intermédio do legado João, bispo de Túsculo. Subindo à cátedra de São Pedro, Gregório VII confirmou os privilégios do predecessor, mantendo uma afeição semelhante pelo duque da Boêmia.

Suenão, rei da Dinamarca, havia-se dirigido ao papa Alexandre, por intermédio do arcediácono Hildebrando, para obter diversas graças, e entre outras

para tratar com êle do desejo que tinha o rei de colocar o reino sob a proteção de São Pedro. Hildebrando, ou São Gregório, havendo sucedido a Alexandre, pediu ao rei que lhe mandasse dizer por embaixadores se persistia na primeira vontade, ou se a havia mudado; fazia o pedido, para saber o que responder.

São Gregório mantinha as mesmas relações de amizade com os filhos e sucessores de Suenão, Haroldo e Canuto. O rei Haroldo morreu após dois anos de reinado, e seu irmão e sucessor, o santo rei Canuto, mandou pedir a Roma conselhos ao chefe da Igreja. São Gregório respondeu-lhe, por carta, o seguinte:

"Felicitamos com sincera caridade a vossa dileção; localizado nos confins da terra, procurais, todavia, com zêlo tudo o que interessa à honra da religião cristã; e pelo que, reconhecendo a Igreja Romana por vossa mãe e a de todo o orbe, reclamais as suas instruções e conselhos. Queremos e recomendamos que vossa devoção persevere nesse ardor e nesses desejos, que cresça com a graça de Deus, que não desista jamais dêsse bom desejo, e que cada dia se torne capaz de alguma coisa melhor, como convém a um homem sábio e à constância de um rei; porque Vossa Excelência deve considerar que, quanto mais ela é elevada e domina maior número, mais pode, por seu exemplo, ou inclinar os súditos ao mal, o que não apraza a Deus, ou levar ao bem as almas tímidas.

Vossa prudência deve considerar ainda as alegrias desta vida temporal, quanto são caducas, fugitivas, e, mesmo na hipótese da vida mais longa, qùanto estão sujeitas a se subverter pelas turbulências de adversidades imprevistas.

É mister, pois, aplicar-vos, antes de mais nada, a dirigir os vossos passos e intenções para as coisas que não perecem e que não abandonam jamais aquêle que as possui.

Tudo nos facilitaria se um homem prudente dentre vossos clérigos a nós viesse, para fazer-nos conhecer os costumes de vossa nação e levar-vos com mais inteligência as instruções e os mandamentos da sé apostólica. A carta data de 15 de outubro de 1079. (1)

O santo papa lhe escreveu uma segunda carta no mês de abril do ano seguinte 1080, em que o exorta, com afeição paternal, a perseverar na obediência e no amor à santa sé, a imitar as virtudes do pai, de quem faz o mais afetuoso elogio, dizendo que o havia amado ainda mais do que ao imperador Henrique, falecido. Exorta-o, enfim, a banir do reino o costume bárbaro de atribuir os pecados dos sacerdotes às irregularidades das estações e das enfermidades, e condenar, pelo mesmo motivo, mulheres inocentes. (2)

Em 15 de dezembro de 1078, São Gregório escreveu a Olau, rei da Noruega:

"Assentado sôbre o trono apostólico, vemo-nos na contingência de zelar por vós que, estando nos confins da terra, tendes menos comodidade em ser instruídos e fortificados na religião cristã. Eis porque desejamos, se pudermos, enviar-vos alguns de nossos irmãos; mas como há nisso sérias dificuldades, tanto por causa da grande distância, como pela dife-

(1) L. VII, epist. 5.
(2) L. VII, epist. 21.

rença de língua, pedimo-vos, como mandamos ao rei da Dinamarca, enviar à cúria apostólica alguns jovens da nobreza de vosso país, a fim de serem instruídos na lei de Deus, sob as asas dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, e poderem assim levar-vos as ordens da Santa Sé e cultivar ùtilmente, entre vós, a religião.

De resto, pensai sempre na esperança de vossa vocação, e, atentos ao que diz o Senhor no Evangelho, *êles virão do Oriente e do Ocidente, e tomarão parte no banquete com Abraão, Isaac e Jacó, no reino dos céus;* não vos detenhais, correi, apressai-vos e sereis associados no reino aos primeiros pais.

Que vossa vida seja a fé, a esperança e a caridade; vossa carreira meditar quanto a glória dêste mundo é caduca, e convencer-vos de que deve ser encarada antes com amargura do que com delícia; o emprêgo do vosso poder para socorrer os oprimidos, para defender as viúvas, para vingar os pupilos; enfim, não sòmente amar a justiça, mas ainda sustentá-la com tôdas as fôrças. Porque êsse caminho, com êsse tesouro e essas riquezas, se transforma do reino terrestre no celeste, da alegria passageira na alegria eterna, da glória frágil na glória imperecível. (1)

Vê-se que, no século onze, o Papa era o pai dos reis e dos povos cristãos, levando uns e outros à prática da virtude e, por ela, à verdadeira felicidade. Esta ordem de coisas não era menos vantajosa aos povos do que aos soberanos. Se os príncipes, dessa forma, não estavam sujeitos ao furor da multidão, a multidão também não mais estava à mercê do prín-

(1) L. VI, epist. 13.

cipe. Tinha, ela, no pai comum de todos os cristãos, um tutor e um vingador; eis um exemplo na história da Polônia.

Boleslau II, sucessor de Casimiro, reinou primeiramente com glória. No ano de 1075 enviou uma embaixada a Roma, com grandes presentes para São Pedro. O papa Gregório agradeceu-lhe por sua afeição, e enviou-lhe legados para regulamentar os negócios eclesiásticos da Polônia, onde os bispados eram demasiadamente extensos e sem metrópole certa. No fim da carta, o Papa lhe lembra a brevidade e fragilidade da vida, e recomenda que restitua ao rei das Rússias o dinheiro que havia pedido emprestado. (1)

Para bem orientar-se, Boleslau não tinha senão que escutar e imitar Santo Estanislau, bispo de Cracóvia, ilustre pela doutrina e pela virtude. Mas, após haver bem começado, Boleslau II terminou por se dedicar, mesmo pùblicamente, às mais infames devassidões. O poder não lhe servia senão para satisfazer, a qualquer preço, as brutais paixões. Entregou-se, ao mesmo tempo, a atos tão horríveis de tirania e injustiça, que os contemporâneos e a posteridade o estigmatizaram com o epíteto de *Cruel*. Depois de queixas sempre crescentes dos senhores e do povo, São Estanislau, bispo de Cracóvia, lhe fêz três admoestações que se revelaram baldadas; afinal, após uma quarta, o excomungou. O feroz Boleslau procurou em vão entre os poloneses um assassino do virtuoso pontífice, e terminou por massacrá-lo, êle próprio, aos pés do altar, em 8 de maio de 1079. À notícia dessa execrável perversidade, o santo papa

(1) L. II, epist. 73.

Gregório VII, para vingar de uma vez a religião, a moral e a humanidade, feriu com o anátema o rei assassino, privando-o da realeza, e eximindo todos os súditos do juramento de fidelidade. E para inspirar mais horror ainda a semelhante tirania, tirou o título de rei aos soberanos da Polônia, que, com efeito, não tomaram, por longo tempo, senão o de duque. Boleslau, abandonado por todos, morreu na obscuridade. Santo Estanislau, pelo contrário, glorificado por Deus mediante grande número de milagres, é honrado por tôda a Igreja como mártir, no dia 7 de maio. (1)

Na França, o rei Filipe I, tendo perdido, com a idade de quatorze anos, o tutor, conde Balduíno de Flandres, ficou entregue a si mesmo até a idade de vinte anos. Foi uma desgraça, para êle e para a França. Viu-se senhor dos outros quando não o era ainda de si mesmo. Sua conduta foi mais de jovem libertino, que de rei. Colocava as devassidões e os vícios em primeiro plano entre os privilégios da realeza. Em breve viu-se envolvido por cortesãos e bajuladores, empenhados em excitar as suas paixões, em alimentá-las, servi-las, e seguros de um progresso tanto mais rápido quando mais vergonhosos os serviços que a êle prestavam. Para pagar os instrumentos e os ministros e as devassidões reais, vendia os bispados e as abadias. Para felicidade da humanidade e da França, um homem velava em Roma, tanto sôbre a França como sôbre a humanidade inteira: era o papa São Gregório VII.

---

(1) Acta SS., 7 maii. Baron., 1079. Biograf. univ. art. Boleslau II.

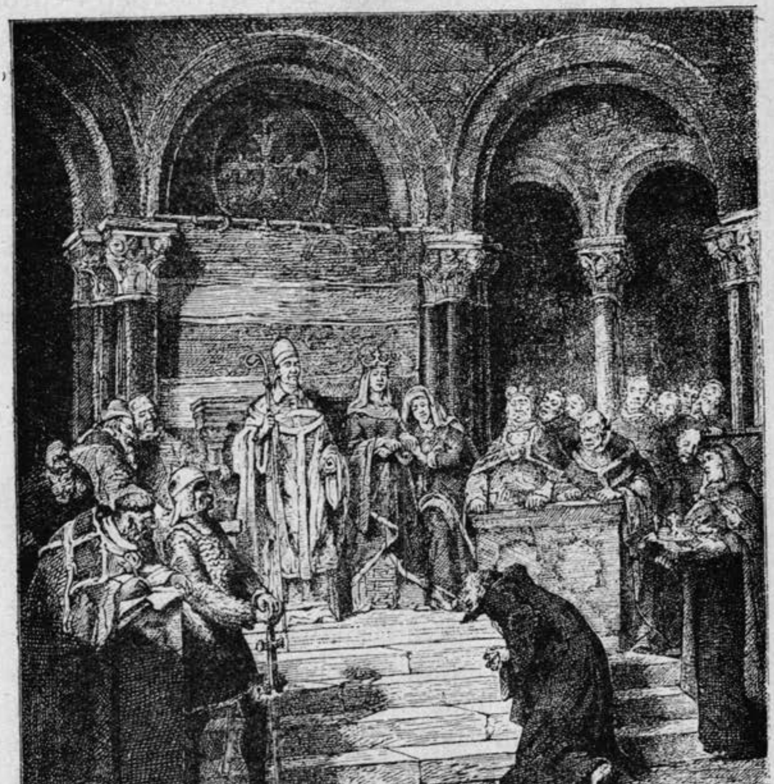
Escreveu diversas cartas aos bispos para reprimir os escândalos do rei. Êste caso continuou sob os dois papas seguintes. Filipe prometeu bastas vêzes corrigir-se, mas faltava sempre à palavra. Foi apenas em 1104, sob o papa Pascoal II, que se emendou definitivamente.

O rei da Alemanha, Henrique IV, era jovem assim, mais muito mais perverso do que Filipe de França. Em lugar de aproveitar os conselhos e as admoestações de Gregório VII e dos sucessores, tornou-se, dia por dia, pior, e provocou diversos cismas na Igreja. Tornou-se finalmente tão odioso que foi condenado pela mãe, pela mulher, pelos filhos e morreu miseràvelmente na excomunhão. Queria que os papas submetessem aos imperadores alemães todos os reis e povos cristãos, como escravos. Os papas, pelo contrário, sobretudo São Gregório VII, queriam que cada rei e cada povo cristão, sob a lei de Deus interpretada pela Igreja, fôssem livres e senhores de si. Tal é o fundo da querela que o Papa São Gregório VII teve com o rei Henrique da Alemanha, como se pode ler em pormenores na História da Igreja.

A conduta de Gregório, pronunciando-se sempre à testa ou a conselho de um concílio, foi aprovada por uns, censurada por outros. Os primeiros eram os católicos, os segundos eram os simoníacos e bajuladores do rei. *Catholicis viris bene placuit; simoniacis vero et fautoribus regis nimium displicuit*, diz um autor contemporâneo, Mariano Scotus. (1)

À frente dos católicos estavam a imperatriz Inês, mãe do rei; as condêssas Beatriz e Matilde, suas

(1) Ad. an. 1074.



O imperador Henrique IV no castelo de Canossa. Segundo um quadro de M. A. Cluysenaar, de Bruxelas.

parentas; o santo abade Hugo de Cluny, seu padrinho. Entre os bispos católicos, distinguiam-se Anon de Colônia, Santo Anselmo de Lucques, São Bruno de Segni, Santo Alfano de Salerno, São Pedro de Anagni, Santo Altmann de Passau, São Gebhard de Salzburgo, Santo Estêvão de Halberstadt, São Beno de Misnie, Hermann de Metz, Hugo de Die e depois Lion.

Em 1085, o papa São Gregório VII foi receber de Deus a recompensa do zêlo e dos trabalhos. Estando em Salerno, caiu doente e soube que o fim estava próximo. Os bispos e cardeais, que com êle se achavam, instaram para que nomeasse um sucessor que pudesse sustentar a luta contra o antipapa Gilberto. A instâncias, nomeou três para escolher: Didier, cardeal e abade de Monte Cassino, que lhe sucedeu com efeito, Oton, bispo de Óstia, que foi também papa sob o nome de Urbano II, e Hugo, arcebispo de Lion. Mas como Oton estivesse como legado seu na Alemanha, e Hugo em sua província, o santo papa Gregório aconselhou que elegesse o abade Didier, que estava próximo. Havia vindo ver o papa em sua enfermidade, com o desejo de assisti-lo na hora da morte; mas o santo lhe predisse que ali não estaria; e com efeito, foi forçado a retirar-se a fim de dar as devidas ordens para a defesa de um castelo do mosteiro, atacado pelos normandos.

Entretanto, perguntaram ao santo papa se não queria ser indulgente com aquêles que havia excomungado, ao que êle respondeu:

— Exceto o pretenso rei Henrique, o antipapa Gilberto e os principais conselheiros e sustentáculos seus, absolvo e abençôo todos os que crêem que tenho o poder.

Suas últimas palavras foram:

— Amei a justiça e odiei a iniqüidade; eis porque morro no exílio.

Morreu em 25 de maio de 1085, dia em que a Igreja lhe honra a memória. Foi enterrado em Salerno, na Igreja de São Mateus, e operaram-se grande número de milagres em sua tumba. (1)

Sua vida foi escrita, aproximadamente quarenta anos após, por Paulo, cônego regular de Bernrid da Baviera.

Para conhecer a fundo São Gregório VII é mister ler a carta seguinte que escreveu à condêssa Matilde, em 1074:

"Que cuidado e solicitude contínua nutro por vós e por vossa salvação sòmente compreende quem devassa os arcanos do coração, e me conhece melhor do que eu mesmo; mas se nisto refletirdes, sentireis que devo ter por vós tanto mais cuidado quanto vos impedi, por caridade, de abandonar um maior número, para dedicar-vos ùnicamente à vossa salvação; porque, como já disse muitas vêzes, e não cessarei de dizer, a caridade não procura os próprios interêsses. Entre as armas que, com o auxílio de Deus, vos forneci contra o príncipe dêste mundo, lembrei-vos que os principais são receber freqüentemente o corpo do Salvador, e ter confiança ilimitada e segura em sua santa mãe.

"Eis o que diz Santo Ambrósio, no livro quarto *Dos Sacramentos*: Se anunciamos a morte do Senhor, anunciamos a remissão dos pecados. Se, cada vez

(1) Acta SS., 25 maii.

que o sangue do Senhor é derramado, o é pela remissão dos pecados, devo recebê-lo sempre, a fim de que sempre me sejam os pecados remidos. Pecando sempre, devo sempre tomar o remédio. No livro quinto *Dos Sacramentos*, o mesmo santo diz ainda: se é um pão cotidiano, por que o tomais depois de um ano, como os gregos têm o costume de fazer no Oriente? Recebei-o diàriamente, para que cada dia vos aproveite: vivei de maneira a merecer recebê-lo todos os dias.

"São Gregório diz semelhantemente, no quarto livro de seus *Diálogos*: Devemos, ao menos ao vê-lo já passado, desprezar com tôda a nossa alma o século presente, oferecer cada dia a Deus o sacrifício de nossas lágrimas, imolar-lhe todos os dias a vítima de sua carne e seu sangue; porque, o que salva nossa alma da perdição eterna é esta vítima incomparável que renova por nós, pelo mistério, a morte do Filho único. Embora, ressuscitado dos mortos, êle não morra mais, e a morte não mais tem poder sôbre êle, todavia, vivendo imortal e incorruptìvelmente em si mesmo, é imolado de novo por nós no mistério da oblação sagrada; porque o seu corpo nela é recebido, sua carne é partilhada pela salvação do povo, seu sangue é vertido, não mais nas mãos dos infiéis, mas na bôca dos fiéis. Pensemos no que para nós representa êste sacrifício, que renova sem cessar, para nossa absolvição, a paixão do Filho único. Que fiel pode duvidar que, no momento da imolação, com a voz do sacerdote, os céus se abrem; que os coros dos anjos assistem a êsse mistério de Jesus Cristo; que o que há de mais baixo se une ao que é mais alto, as coisas terrestres às celestes, e que se forma certa unidade das coisas visíveis e invisíveis. Santo Crisós-

tomo disse no mesmo sentido aos neófitos: vêde a que ponto Cristo se uniu à sua espôsa; vêde de que carne êle vos nutre. Êle próprio é nosso alimento substancial e nossa nutrição. Como a mãe, por afeição natural, se dispõe a nutrir com o seu leite a criança que acaba de pôr no mundo, assim Cristo nutre sem cessar, com o seu sangue, aquêle a quem regenera. O mesmo Crisóstomo escreve ao monge Teodoro. A natureza mortal é qualquer coisa de bem casual; mui ràpidamente cai, mas levanta-se com lentidão; fàcilmente cai, mas se corrige também prontamente. Devemos, pois, minha filha, recorrer a êsse admirável sacramento, e desejar êsse admirável remédio.

Quis, filha mui amada de São Pedro, escrever-vos estas coisas, a fim de aumentar a vossa fé, e vossa confiança no recebimento do corpo do Senhor; porque tal é o tesouro, tais são os presentes, não de ouro, nem de pedras preciosas, que, pelo amor de vosso pai, o soberano dos céus, vossa alma espera de mim, conquanto possais, segundo vossos méritos, receber de melhor de outros Pontífices.

Quanto à mãe do Senhor, a quem principalmente vos recomendei, recomendo-vos e não cessarei de recomendar-vos, até o momento em que tivermos a felicidade de vê-la como nós o desejamos. Que vos direi? Ela, a quem os céus e a terra não cessam de louvar, ainda que não a possam louvar dignamente. Entretanto considero isto fora de qualquer dúvida: Ela é mais elevada, e melhor, e mais santa do que qualquer mãe, ela é mais clemente e mais doce para com os pecadores e as pecadoras convertidas. Empenhai-vos, pois, em pôr côbro ao pecado, e, prosternada diante dela com coração contrito e humilhado,

derramai as vossas lágrimas. Vós a encontrais, prometo-vos sem qualquer dúvida, mais pronta do que uma mãe carnal, e mais terna em vos amar. (1)

Esta carta do papa São Gregório VII é muito notável. Mostra-nos uma maravilha que o mundo não compreende. Êsse gênio poderoso, que com um olhar abarcava todos os reinos, todos os bens e os males da humanidade; que atacava ao mesmo tempo e por tôda a parte os vícios e as desordens mais poderosas; que não se arreceava de nenhum obstáculo; que parecia aos homens de seu tempo mais firme e mais inquebrantável do que o céu e a terra, êste poderoso gênio tinha a piedade de uma boa mulher, uma ardente devoção à santa eucaristia, uma confiança filial para com a santa Virgem, uma terna compaixão para a fraqueza humana. Via-se que vivia desta sabedoria, que abrange de uma extremidade a outra e a tudo dispõe com doçura.

* * *

(1) L. I, epist. 47.

SANTO URBANO I (*)

Papa e Confessor

Santo Urbano nasceu em Roma, filho de um dos principais cidadãos daquela cidade, chamado Panciano.

Sucessor, aos 14 de outubro de 222, de Calixto I, reinou sete anos, onze meses e doze dias, quando dos anos de paz que Alexandre Severo assegurou à Igreja. *Ordenou dezenove sacerdotes, sete diáconos e oito bispos em diversos lugares.* (1)

Falecido em Roma aos 19 de maio de 230, foi sepultado no cemitério de São Calixto, onde descansam todos os papas do século III.

Ao papa Santo Urbano I são atribuídos uma epístola *a todos os cristãos* e alguns decretos.

* * *

(1) **Liber pontificalis.**



Igreja de São Urbano, antigo templo pagão, em Roma.

SÃO DIONÍSIO (*)

Bispo e Confessor

Dionísio sucedeu a São Protásio, em 351, na sé de Milão. Teve um curto episcopado de quatro anos, durante o qual se celebrizou pela virtude e muito particularmente pela caridade.

Aos arianos, resistiu com imensa coragem, o que lhe valeu o exílio e o título de defensor da fé. No concílio de Milão, em 355, convocado pelo papa Libério, o imperador Constâncio, impelido por dois bispos arianos, Valente e Ursácio, tentou, por meio de ameaças, conseguir dos bispos italianos um decreto contra Atanásio.

O concílio foi presidido pelo bispo de Cagliari, Lucífero, pelo padre Pancrácio e o diácono Hilário, legados do papa, aos quais se juntou Eusébio, o de Verceuil, concílio que reuniu mais de trezentos bispos do Ocidente.

Nem a violência, muito menos as ameaças de Constâncio, que se seguiram, conseguiram vencer a firmeza de São Dionísio. Exilado na Capadócia e deixado debaixo da vigilância de bispos arianos, carregado de ferros, o papa endereçou-lhe meigas felicitações,

Depois que foi degredado, o imperador lhe deu um sucessor, capadociano, que nem sequer o latim conhecia.

São Dionísio faleceu em 361, no exílio, no princípio do reinado de Juliano, o Apóstata, justamente quando êste governante concedia autorização de volta às sedes aos bispos exilados por Constâncio.

O corpo do santo bispo, transportado para Milão, por um bispo chamado Aurélio, quando Santo Ambrósio já governava a diocese, foi sepultado em Cassano, onde ficou até 1123, ano em que o colocaram na igreja abacial de São Dionísio, que se erigiu em sua honra.

São Carlos Borromeu transportou-lhe as relíquias para a catedral em 1520.

* * *

SÃO MAUXO e SÃO VENERANDO (*)

Mártires

Êstes dois mártires nasceram em Brescia, quando do papa Damaso, segundo um manuscrito todo cheio de inverossimilhanças e de contradições.

Possìvelmente ambos viveram no século IV, que foi um século de paz e de prosperidade. Daí não terem sido martirizados por qualquer príncipe.

Decapitados por ladrões, que os aprisionaram em Acquigny e assassinaram numa ilha formada pela confluência do Eure e do Iton, dêles dizem os bolandistas:

"Isto, verdadeiramente, é o suficiente para que sejam chamados mártires, porque, mortos de morte violenta e ilustrada por milagres, merecem ser honrados como santos. Porque, a todos os que assim são mortos, a piedosa simplicidade dos antigos concede o título de mártires, do mesmo modo que se chamam confessores aquêles que, tendo morrido naturalmente, foram honrados como santos".

Sôbre o túmulo dos dois santos mártires foi construída uma igreja que mais tarde se tornou um priorado beneditino.

Esta igreja, arruinada pelo tempo, despertou a atenção do bispo de Evreux, no que dizia respeito aos cuidados que se devia ter com as santas relíquias. Transferidas estas para a igreja paroquial de Acquigny, onde ainda se acham, são passeadas, todos os dias 25 de maio, em procissão, ou noutros dias, quando das sêcas, para que se obtenham chuvas.

* * *

SANTO AUDELMO (*)

Bispo e Confessor

Audelmo ou Eudelmo nasceu em 639 no reino saxônico do oeste da Inglaterra, ou Wessex, onde um dos parentes, Ina, seria rei.

Educado por um mestre irlandês, Maildubh, depois pelo abade italiano Adriano, Audelmo foi um dos primeiros representantes da cultura clássica em seu país: lia a Bíblia no texto hebraico e falava grego, cultivando todos os gêneros da prosa e da versificação latinas.

Primeiro bispo de Sherborne, governou a diocese por muito pouco tempo. Em quase todos os seus escritos se nota o carinho que nutria por Nossa Senhora e pelos Apóstolos, especialmente por São Pedro.

Das suas obras, prosa e verso, a mais célebre é o *Elogio da Virgindade*, dedicada à abadêssa de Banking, mosteiro em que se achavam muitos dos seus parentes. Escreveu grande número de cartas, onde sobressai a grande alma apostólica que teve.

Falecido em 709, quando numa visita pastoral, em Dilton (1), foi sepultado em Malmesbury, tendo operado milagres em vida e depois da morte.

* * *

(1) Hoje condado de Somerset.

SÃO GÉRIO (*)

Confessor

Gério nasceu em Lunel, na antiga diocese de Maguelone, tendo vivido em época desconhecida, no século XIII, segundo conjecturam os bolandistas.

Com o irmão Efrendo ou Efernando, abandonou a casa paterna, retirando-se a uma caverna, no deserto que se estendia desde o Gard, nas adjacências de Lunel.

Dali, anos mais tarde, os dois irmãos, pretendendo fazer uma peregrinação à Terra Santa, embarcaram num dos portos da Provença, mas, em virtude de uma grande tempestade, lá não chegaram: arrastados pelos ventos, foram levados pelas ondas à Toscana, donde rumaram para Roma, a visitar o túmulo dos santos Apóstolos. Depois, atraídos por Libório, então grandemente reputado como santo, demandaram Ancona.

São Gério, adoecendo no trajeto, faleceu a meio caminho — diz-se que nas proximidades do castelo de Montorsi — sendo levado para Montesano, próximo de Loreto e de Recanati.

As relíquias do Santo jazem, até hoje, numa igrejinha que atrai, todos os anos, grandes multidões, no dia da festa, que se celebra no dia 25 de maio.

A vida de São Gério foi escrita carinhosamente por Mateus Masi, contemporâneo do santo confessor.

* * *

SANTA MADALENA SOFIA BARAT (*)

Virgem

Madalena Sofia nasceu aos 12 de dezembro de 1779, alguns meses antes da época em que os pais a esperavam, em virtude do susto que um terrível incêndio ameaçador provocou em Maria Madalena Foufé, a mãe da santa virgem.

A menina, assim vinda ao mundo, era tão miudinha e tão fraca, que, temerosos, resolveram batizá-la imediatamente. E o irmão, Luís, serviu de padrinho.

Madalena Sofia vingou. E cresceu. Era de natureza fogosa, mas possuidora de ternissimo coração.

Com dez anos, fêz a primeira comunhão, e passou, debaixo de rude disciplina moral e intelectual, a receber ensinamentos do padrinho, o irmão Luís, então seminarista.

Sob a crítica dos parentes mais afastados e dos vizinhos, a jovem recebeu sólida iniciação literária e científica. A futura fundadora da Sociedade do Sagrado Coração deliciava-se com Virgílio e com Homero, quando um dos Barat, que era padre, levou-a para Paris, onde deveria continuar os estudos.

Madalena Sofia estudou principalmente, entre as línguas vivas, o espanhol, a fundo.

Em 1880, tendo conhecido o padre Varin, jesuíta, a jovem passou a viver sob sua direção espiritual.

Varin, num instante, ficou entusiasmado com a alma de fogo da moça Barat. E Madalena Sofia, instada por vivas exortações a votar-se à causa do Sagrado Coração, obedeceu. A Sociedade, que se iniciava, estava, assim, pràticamente estabelecida.

As primeiras Mães foram quatro, e a pequena comunidade vivia na pobreza, obediência e generosidade. Em outubro de 1801, a Sociedade do Sagrado Coração obteve a direção de um pensionato em Amiens. Madalena principiou por dirigir as classes superioras.

Tendo feito profissão religiosa aos 7 de junho de 1802, pouco depois, embora com repugnância, foi nomeada superiora. Estava com vinte e três anos, era humilde, caridosa e se desprezava vivamente.

No dia 10 de março de 1807, Napoleão aprovou, por decreto, a Sociedade, cuja finalidade era a glorificação do Sagrado Coração para a santificação pessoal e a salvação do próximo.

A Mãe Barat assim ensinava as filhas:

"Meu único desejo é ver-vos responder aos propósitos do Coração de Jesus: entregar-se a Êle e conquistar-lhe almas. Rogo ao Sagrado Coração para que vos encha as almas de devotamento para com a sua glória. Se soubermos o que é ser espôsas do Coração de Jesus, que é a felicidade de fazer conhecer êsse divino Coração, nenhum sacrifício nos parecerá demasiado. Uma espôsa do Sagrado Co-

ração não cumprirá a vocação se não partilhar do zêlo inflamado que devora aquêle Coração de Jesus pela salvação das almas".

Estas últimas palavras dizem respeito à educação religiosa das filhas da Sociedade, o segundo objetivo essencial do instituto.

Sôbre a oração, Mãe Madalena Sofia dizia, muito compenetradamente:

"Não só se trata aqui da santificação própria: é necessário que se comunique aos outros o espírito de oração, pelo que devemos trabalhar".

A Sociedade, definitivamente lançada, logo deitou ramos por Beauvais, Bordéus, Lião, Autun, Mans, Besançon, Metz, Turin, Avinhão e, finalmente, chegou a Roma. Em 1836, conquistava Bruxelas, Marselha, Nantes e Tours, e, em 1839, contava com quarenta e uma casas, sendo vinte e sete na França. Em 1844, firmava-se na Algéria, na Galícia, na Inglaterra e na Espanha.

O Sagrado Coração de Paris passou indene pela revolução de 1848, e a Sociedade ininterruptamente, crescia, crescia sempre. Assim, em 1850, contava sessenta e cinco casas, que foram divididas em dez vicariatos. Pio IX, que muito paternalmente recebera, um dia, a Mãe Geral, concedeu-lhe bondosamente tôdas as reformas que lhe solicitara.

Mãe Madalena Sofia Barat, acometida de congestão cerebral, perdeu o uso da palavra: era o fim que chegava. Três dias depois, falecia santamente em Paris, aos 25 de maio de 1856, na festa da Ascensão, às onze horas da noite.

A 2 de outubro de 1893, abriram-lhe a sepultura pela primeira vez — e o corpo permanecia perfeitamente intato. A 10 de abril de 1905, transferiram-no para Iette-Saint-Pierre, perto de Bruxelas, e, a 4 de abril de 1908, depositaram-no num relicário, sempre incorruptível.

Beatificada aos 24 de maio de 1908, Santa Madalena Sofia Barat foi canonizada em 1925, no dia 24 de maio, dezessete anos depois. O culto, em razão das fundações do Sagrado Coração, espalhou-se pelo mundo inteiro: na América, na Índia e, mesmo, na Papuásia.

Os milagres que a Santa operou foram numerosíssimos: em 1867, Nancy Balrewell, menina de onze anos, de Saint-Louis, na América do Norte, por intercessão da santa virgem, foi curada de coxalgia aguda, ou seja, tuberculose da articulação da coxa. Em 1912, a Mãe Salm-Salm, religiosa do Sagrado Coração, de trinta e oito anos, foi curada de um desvio da coluna vertebral, ocorrido quando tinha onze anos, desvio que lhe deformava o busto e a fazia sofrer dores dos membros e de cabeça. Curada a 27 de julho, neste mesmo dia, à noite, Santa Madalena Sofia apareceu-lhe: foi o milagre que se adotou para a canonização.

— — — —

No mesmo dia, em Astorga, na Espanha, São Genádio, bispo e confessor, que foi monge do mosteiro de Ageo, depois do de São Pedro dos Montes. Faleceu em 925.

Em Faenza, São Tiago Filipe, confessor, no século André Bertoni, nascido em 1444 naquela cidade. Desde que foi ordenado padre, jamais pôde

dizer a santa missa sem que derramasse lágrimas abundantes. Como faleceu (1483) no dia da Santíssima Trindade, é neste dia e não a 25 de maio que Faenza lhe celebra a festa, quando, então, benzem-se pães para a distribuição entre os pobres.

Em Florença, Santa Maria Madalena, virgem, da ordem das Carmelitas, ilustre pela vida regular e santidade. Celebra-se-lhe a festa no dia vinte e sete do mês. — Em Dorostoro, na Mísia, a festa dos santos Pasícrates, Valencião, e dois outros coroados juntamente. — Em Roma, São Bonifácio, papa, quarto dêsse nome, que dedicou o Panteão em honra de Santa Maria dos Mártires. — Em Florença, São Zenóbio, bispo da cidade, célebre pela santidade de vida e glória de milagres. Na diocese de Troyes, São Liey, confessor. Em Assis, na Úmbria, a trasladação de São Francisco, confessor, do tempo de Gregório IX. Em Veroli, na campanha de Roma, a trasladação de Santa Maria, mãe de Tiago, cujo corpo é ilustre por diversos milagres.

* * *

26.º DIA DE MAIO

SÃO FILIPE NÉRI

Fundador da Congregação do Oratório

Nasceu em Florença, no dia 22 de julho de 1515, de Francisco de Néri, advogado, e de Lucrécia Soldi. Com a idade de cinco anos, recitava as orações e os salmos com sua irmã Isabel, quando Catarina, sua avó, veio importuná-los; êle a repeliu com a mão. O pai o repreendeu como se uma coisa inconveniente houvesse feito. O jovem menino verteu lágrimas de arrependimento: foi a única reprimenda que o pai teve que fazer-lhe durante tôda a vida. Falecida a mãe, teve uma madrasta, mas que lhe tomou tal afeição, que ficou inconsolável ao vê-lo partir de Florença, e que pensava continuamente nêle. Com efeito, nada se via de mais doce e de mais amável; êle parecia não conhecer a cólera. Chamavam-no por abreviação o Bom Lipe; mais tarde, Bom Filipe. Com a idade de oito anos, quase chegou a perecer. Um asno voltava à casa, carregado de maçãs: o menino havia-lhe subido no dorso: caiu do alto de um caminho, com o animal, para o fundo de uma grota, e se encontrou de tal maneira debaixo do animal, que apenas lhe viam um braço. Acreditaram que estivesse perdido: nada sofreu e nunca

cessou de agradecer a Deus. Quando perdia algo, punha-se em oração e reencontrava o objeto. Gostava muito de ouvir os sermões e visitar as igrejas, particularmente a dos dominicanos de Florença, cujos bons exemplos lhe inspiravam afetuosa veneração: ali aprendeu o amor da paciência e o desprêzo do mundo. Após os primeiros estudos, foi enviado, com a idade de dezoito anos, para junto de um tio, rico comerciante, de quem deveria herdar. Mas sentiu-se chamado a uma vida mais perfeita e deixou tudo para ir a Roma. Um gentil-homem o tomou em casa para educar os dois filhos, a quem êle ensinou a virtude não menos que as letras. Levava uma vida de eremita e todos prediziam que se tornaria um santo. Estudava, ao mesmo tempo, filosofia e teologia: exercitou-se também na poesia, tanto em latim como em italiano. Mas sua ciência das coisas divinas era antes um dom do Espírito Santo do que fruto dos seus estudos. Como Filipe tivesse um aspecto bom e simples, muito se admiravam de vê-lo discorrer com profundeza e exatidão, e de improviso, sôbre assuntos os mais difíceis e delicados. O bem-aventurado Alexandre Sauli, apóstolo da Córsega, ouvindo-o falar assim num entretenimento particular, reconheceu, para sua grande surprêsa, que não era menos admirável pela doutrina do que pela piedade. Mas Filipe empenhou-se, sobretudo, no aprendizado da ciência dos santos, não querendo saber senão de Jesus crucificado; vendia mesmo os livros, dando o preço aos pobres; amou a pobreza como irmã, entregou-se inteiramente à contemplação das coisas divinas com tanto prazer, que perseverava durante quarenta horas em seguida. Nesses momentos, o amor divino lhe inflamava de tal maneira o coração, que

muitas vêzes se via constrangido a atirar-se por terra, entreabrir as vestes, descobrir o peito e fazer outras coisas semelhantes para moderar os ardores que o consumiam. Dormindo pouco, deitado sôbre uma dura enxêrga intensificava todos os dias a disciplina com pequenas correntes de ferro. Para levar a vida de eremita em Roma, visitava tôdas as noites as sete principais igrejas e se recolhia ao cemitério de Calixto, ou como dizem outros, às catacumbas de São Sebastião. Diziam que passou assim, dois anos, as noites nas catacumbas. Quando encontrava as igrejas fechadas, parava sob os pórticos, e muitas vêzes o encontraram lendo ao clarão da lua; porque tanto amava a pobreza, que dispensava o luxo de uma lâmpada. Nessas noturnas peregrinações, unia-se a Deus pela oração, e Deus o cumulava de tanta doçura e o inundava de tantas delícias, que êle exclamava freqüentemente:

— Basta, Senhor, basta! Detende, Senhor, detende, eu vos peço, as correntes de vossa graça! Também tinha o costume de dizer aos filhos: Para os que amam a Deus, nada há de mais fastidioso do que a própria vida.

Com a idade de vinte e nove anos, no dia de Pentecostes, como fazia todos os dias, suplicou ardentemente ao Espírito Santo lhe concedesse os seus dons. Sùbitamente sentiu o coração de tal maneira abrasado do amor divino, que, não mais podendo conter-se em pé, atirou-se por terra e entreabriu as vestes sôbre o peito, a fim de refrescar-se um pouco. Acalmado um pouco o ardor impetuoso, levantou-se; todo o corpo lhe estremeceu. Colocando a mão sôbre o peito, sentiu que se erguera da altura de um punho, sem que sentisse qualquer dor. Sòmente cinqüenta

anos depois, por ocasião de sua morte, foi que isso se descobriu. Aberto o corpo pelos médicos, viram que as duas falsas costelas acima do coração, a quarta e a quinta, se achavam completamente rompidas pelo meio, de sorte que as duas extremidades estavam muito distanciadas uma da outra, tanto que não puderam unir-se durante cinqüenta anos. Desde êsse Pentecostes, Filipe experimentou uma contínua palpitação do coração e um estremecimento, mas sòmente quando se ocupava das coisas divinas: dependia dêle conservar ou suspender o movimento, simplesmente pelo pensamento. Na oração, suas alegrias sobrenaturais eram tão grandes, que chegava a ponto de quase morrer, o que o levava a dizer: Afastai-vos, Senhor, afastai-vos porque a fraqueza mortal não resiste a uma alegria tão intensa. Eis que morro, se não vierdes em meu socorro. E o Senhor, tocado por suas preces, amenizou o incêndio de seu coração, de sorte que Filipe dizia no fim de sua vida que mais devoção tinha na juventude do que então.

Após essa efusão do Espírito Santo, Filipe saiu de seu retiro, dirigiu-se às escolas, às tavernas, às praças e aos lugares mais freqüentados, para conquistar mais almas para Deus. Sua amabilidade natural, aperfeiçoada ainda pela graça divina, dava um encanto irresistível às suas palavras. Conquistou assim um grande número entre os quais Henrique Lapierre, de Plaisance, que, havendo abandonado o comércio e recebido o sacerdócio, foi o primeiro colocado à testa de uma associação de piedosos fiéis, os quais se devotavam, segundo o decreto do concílio de Trento, a ensinar o catecismo às crianças e ao

povo: instituição das mais recomendáveis, que de Roma se propagou por outras terras, e à qual Filipe não pouco contribuiu com suas exortações e conselhos.

Entre os que conquistou assim para a vida de perfeição, muitos entraram para as ordens religiosas, conquanto êle mesmo permanecesse leigo. Também Santo Inácio, que o conhecia e amava singularmente, o comparava a um sino chamando o povo à Igreja, conquanto êle mesmo permaneça na tôrre: assim Filipe levava os outros à religião, enquanto êle mesmo permanecia no século. Visitava assìduamente os hospitais, servia afetuosamente os doentes, ensinando-lhes sobretudo a santificar-se por intermédio dos sofrimentos. Grande número de pessoas lhe seguiu o exemplo, clérigos e leigos, e um de seus discípulos, São Camilo de Lélis, fundou a congregação dos clérigos regulares para o serviço dos doentes. Filipe tanto o aprovou que um dia, exortando êsses religiosos a cumprir com zêlo o cargo de caridade, lhes disse:

— Vi os anjos inspirando as palavras a dois de vós, enquanto exortáveis os moribundos e recomendáveis suas almas a Deus.

Foi tal caridade para com o próximo que levou Filipe, com um santo sacerdote, Persiano Rosa, seu confessor, a fundar, para os peregrinos e convalescentes, o hospital de Santa Trindade, ainda hoje um dos mais florescentes e melhores em todo o orbe cristão. Começou a funcionar no dia de São Roque, 16 de agôsto de 1548, na igreja de São Sauvel del Campo. Eis como. Filipe e uma quinzena de piedosos fiéis, que o seguiam e amavam como a um pai, aí se reuniram para comungar juntos e exercitar-se

na virtude pelos entretenimentos espirituais. No primeiro domingo do mês, faziam-se preces de quarenta horas; Filipe pregava muitas vêzes, e com tanto zêlo, que convertia grande número de pecadores, entre outros trinta jovens libertinos, de uma só vez. Entre suas boas obras, a piedosa confraria propôs-se a servir os pobres peregrinos, notadamente no jubileu de 1560, que estava próximo. Tratava ainda de servir os pobres convalescentes, que, saindo dos hospitais, não tinham repouso nem alimentação convenientes para restabelecer-se de vez. Começaram por alugar uma pequena casa, depois outra maior, e terminaram pelo magnífico hospital da Santa Trindade, que, no jubileu de 1600, deu hospitalidade, durante três dias, a quatrocentos e quarenta e quatro mil e quinhentos homens e vinte e cinco mil mulheres. Ali se viam muitas vêzes os soberanos pontífices lavar os pés dos pobres. Hoje ainda se vêem, tôdas as tardes muitas pessoas, mesmo cardeais e príncipes, atraídos pela devoção. Ali se encontraram por vêzes até seiscentos em um só dia. Os piedosos cristãos lavam os pés dos peregrinos. Servem-nos, em seguida, com afeição, bem como aos doentes. As damas prestam o mesmo serviço aos pobres de seu sexo, que estão em outro hospital.

São Filipe de Néri recebeu o sacerdócio no mês de junho de 1551; com a idade de trinta e seis anos, por ordem de seu confessor, que queria assim pô-lo em condições de prestar ainda maiores serviços à Igreja. Retirou-se para a comunidade dos padres de São Jerônimo, que gozava de grande reputação de virtude, onde vivia o seu confessor Persiano Rosa. Cada padre fazia as refeições em particular, e praticava jejuns proporcionais à sua devoção e às suas

fôrças. Filipe aplicou-se de modo especial, e por obediência, a ouvir as confissões, e produziu frutos incalculáveis. Como se falasse então muito das maravilhas que operava a Companhia de Jesus nas Índias, pela conversão dos infiéis, Filipe sentiu grande desejo de consagrar-se à mesma obra com uma vintena de companheiros. Para saber com certeza qual a vontade de Deus, consultou um santo religioso da ordem dos cistercienses, que, às letras divinas e humanas unia um espírito profético. Agostinho Ghettino, assim chamava-se o religioso, havendo consultado a Deus, recebeu por resposta: que Filipe não devia procurar as Índias mas Roma, e que era para lá que Deus o destinava, êle e seus filhos, para salvar as almas.

Filipe abraçou essa missão com ardor que ia em ritmo crescente. Quando encontrava judeus, comovia-se profundamente e vertia lágrimas. Indo um dia à Igreja de Latrão com um patrício milanês, prostraram-se diante do santo sacramento e o adoraram. Um indivíduo que acompanhava o patrício permaneceu de pé e com a cabeça coberta: era um judeu. Ao ver o que se passava, o santo lhe disse: Bom homem! Adora a Deus e dize-lhe: Se tu és Cristo, verdadeiro filho de Deus, ilumina a minha alma, a fim de que me torne cristão.

— Não o posso fazer, respondeu o outro, por que não me é permitido duvidar de minha religião.

Voltando-se para o patrício e os outros, Filipe lhes disse:

— Eia, meus irmãos, ajudemos êste homem com nossas orações; porque certamente êle será cristão.

E de fato, poucos dias após, recebeu o batismo. O santo converteu semelhantemente tôda uma família de judeus. Mas durante a preparação ao batismo, um dos filhos caiu gravemente enfêrmo, a ponto de os médicos o desenganarem. Filipe veio vê-lo, impôs-lhe as mãos e disse:

— Não quero que morras agora, porque os judeus diriam que os cristãos o fizeram morrer. Faze com que me lembre amanhã de orar por ti durante a missa. Assim se fêz; e o jovem levantou-se completamente curado. (1)

O santo converteu anàlogamente grande número de hereges.

Um de seus mais poderosos meios para conquistar almas eram as conferências espirituais. Fêz as primeiras em seu quarto: primeiramente, não havia mais do que seis pessoas; em breve, foi necessário um amplo local. Concederam-lhe um na igreja de São Jerônimo, transformada em oratório, donde saiu em breve a congregação dos padres do Oratório de São Filipe de Néri. Como o número dos assistentes aumentasse dia a dia, convidou alguns de seus filhos espirituais a ajudá-lo nas conferências. Um dos primeiros foi César de Baron, nascido em 1538 em Sora, na Terra do Labor, e mais conhecido sob o nome latinizado de Baronius.

Tanto para as conferências como para os outros exercícios que ali se praticavam, o santo fundador ordenou que o Oratório fôsse aberto tôdas as tardes, às seis horas no verão, e às cinco no inverno; que no

(1) Vita 2, c. 5.

domingo, quarta-feira, quinta-feira e sábado, se fizesse uma meia hora de oração mental, após a qual se recitassem as ladainhas da santa Virgem e nos outros dias da semana se exercitasse a disciplina. Tempos após, mudou o método que havia mantido. Ao estarem reunidos os confrades, mandava fazer uma leitura espiritual, por alguns dêles que primeiro chegassem. O que presidia interrogava dois ou três dos assistentes sôbre a leitura que acabavam de ouvir. Depois de suas respostas, êle fazia uma recapitulação de tudo o que havia sido dito, e concluía sempre com algumas reflexões que levavam os ouvintes ao amor de Deus, ao desprêzo do mundo e à prática das virtudes. Instruíam-se assim na história eclesiástica, e a assembléia terminava com orações e hinos que se cantavam à glória de Deus.

O santo fundador ia, em seguida, visitar várias igrejas, onde era seguido por grande número de discípulos, que ali assistiam aos ofícios, tanto de noite como de dia, com uma piedade e uma devoção que os tornava agradáveis a Jesus Cristo. Havia êle escolhido uns trinta ou quarenta entre todos os outros, que distribuiu em três grupos, para irem aos hospitais da cidade assistir aos doentes. Em alguns dias do ano, principalmente durante os dias do carnaval, reunia o maior número possível para visitar as sete igrejas, a fim de, não podendo arrebatar ao demônio tôdas as conquistas que faziam nesses tempos de loucuras e libertinagens, ao menos lhes diminuir o número. Êsses exercícios chegaram aos ouvidos do vigário pontifical, que se deixou prevenir contra o servo de Deus, a ponto de lhe proibir o confessionário por quinze dias. Filipe respondeu humildemente:

— É pela glória de Deus que comecei com êstes exercícios; para a glória de Deus não os deixarei.

O vigário morreu na quinzena e o papa Paulo IV, tendo conhecimento da inocência e da santidade de Filipe, enviou ordens para que continuasse com seus exercícios e orasse por êle.

Em 1570, Pio V recebeu também queixas sôbre suas conferências. O santo papa enviou separadamente, à revelia um do outro, dois hábeis doutôres, para bem examinar e escutar tudo. Regressaram os dois tão maravilhados com a ciência de Filipe, quão edificados com sua santidade.

Em 1564 os florentinos domiciliados em Roma rogaram ao compatriota São Filipe que se dignasse utilizar a igreja de São João Batista que acabavam de construir. Êle encarregou-se, por ordem do papa, e enviava todos os dias três a quatro de seus padres, o primeiro dos quais foi Baronius. Em 1574, os florentinos rogaram-lhe que transferisse suas conferências e construíram-lhe um oratório muito amplo. Mas os fiéis acorriam sempre em maior número e o santo fundador e seus companheiros julgaram conveniente ter uma casa que lhes pertencesse, a fim de nela poderem fazer seus exercícios com mais liberdade. Ofereceram-lhes duas igrejas. Para a escolha, São Filipe consultou o papa Gregório XIII, que lhe aconselhou tomar a igreja da Vallicella, no centro da cidade, onde se estabeleceu definitivamente a congregação dos sacerdotes do Oratório. Ali viviam na união mais perfeita, distribuíam entre si os encargos da casa, cumpriam-nos turno a turno, três vêzes por semana; ou por tempo mais prolongado. Serviam à



Retrato do Cardeal Pedro de Bernele, Geral do Oratório em França.
Segundo uma gravura de B. Audran. Século XVII.

mesa, cuidavam das provisões e cozinhavam. Isso faziam com tão grande unção que Baronius, estando uma vez na cozinha e ambicionando ter sempre essa função, escreveu sôbre a chaminé, em grandes caracteres: *Baronius, cozinheiro perpétuo.* Freqüentes vêzes, os grandes senhores e os homens de letras que procuravam a conversação dêsse grande homem, encontravam-no às voltas com o caldeirão, e lavando o vasilhame. (1)

O Espírito de Deus que havia impedido Filipe de dirigir-se às Índias, para fixar-se em Roma, estendia de lá o seu zêlo para além mais do que as próprias Índias. Sob a orientação dêsse Espírito divino, o concílio de Trento havia oposto à heresia nova a antiga doutrina da Igreja, fielmente resumida da Escritura Santa e da Tradição. O principal estava feito, mas não tudo. Nascida em 1517, a heresia não tinha ancestralidade nem história: via-se condenada tão-só pela presença dessa Igreja que abarca todos os séculos, que remonta de nós a Jesus Cristo, e de Jesus Cristo, pelos profetas e patriarcas, até nosso primeiro pai, feito por Deus nosso Pai que está no céu. Mas como a velha serpente abusou da palavra de Deus para seduzir nossos primeiros pais, para tentar o Salvador, assim também a heresia luterana, rebento espúrio mas reconhecido pela serpente, abusou da palavra de Deus e da história da Igreja, para caluniar a Igreja de Deus e os povos. Tais são o espírito e o objetivo das Centúrias de Magdeburgo, pelos principais doutôres do rígido luteranismo. Como é do inferno que saem tôdas as heresias, como são elas as próprias portas do inferno, que se empe-

(1) Hélyot, Hist. das ordens religiosas, t. 6.

nham em prevalecer à Igreja construída por Cristo sôbre Pedro, era natural que a heresia luterana tomasse a defesa de tôdas as irmãs predecessoras contra a Igreja do Cristo, e enfim contra o próprio Cristo. Tal é a marcha progressiva das histórias luteranas ou protestantes, desde os centuriões de Magdeburgo até os protestantes de nossos dias que escrevem histórias, tanto para negar a realidade histórica de Cristo, como para negar à razão humana uma realidade qualquer. Eis o inimigo; tal é seu plano de campanha.

São Filipe de Néri, esclarecido e iluminado do alto, viu o mal mui distintamente, e empenhou-se com presteza em preparar o remédio. Aos grupos numerosos e diversos dos rebeldes e dos desertores, opôs um exército compacto e fiel: e êsse exército era um só homem, e êsse homem era Baronius.

Como se professassem todos os dias conferências no Oratório, Filipe decidiu que um dos que ali se empregavam estudasse tôda a história da Igreja, desde Jesus Cristo até nossos tempos, resumindo as antigas histórias, os atos dos mártires, as vidas dos santos, os escritos pos Padres, a sucessão dos Pontífices, as ordenações dos concílios, ano por ano, a fim de dissipar as fábulas de Magdeburgo. Exortou Baronius a encarregar-se da tarefa. Baronius atemorizou-se, mas Filipe, não fazendo caso de suas excusas e solicitações, mais ainda o encarregou. Terminou por ordenar-lhe expressamente se aplicasse a explorar a história eclesiástica, a relatá-la nas conferências espirituais, e enfim, a escrevê-la. Baronius hesitava, perplexo entre a ordem de um pai e a enormidade do empreendimento. Não faltavam homens

mais sábios e capazes. Havia particularmente um sábio agostiniano, Onofre Panvínio, eminentemente versado nas antiguidades eclesiásticas e que começara, diziam, uma história da Igreja. Filipe a nada deu ouvidos: Faze o que te é ordenado, replicou, e deixa o resto. A obra te parece difícil? Confia em Deus e êle mesmo a fará. Em meio às inquietações, pareceu uma noite a Baronius que fôra encontrar Onofre Panvínio, para suplicar-lhe continuasse a escrever a história eclesiástica principiada; mas o outro se recusava a tôdas as instâncias. Sùbitamente ressoou uma voz: Basta, Baronius; não é Panvínio, mas tu mesmo que deves escrever os anais da Igreja. Baronius convenceu-se de que era a voz de Filipe, a quem foi encontrar no dia seguinte para declarar que estava pronto para tudo.

Começou, pois, tôda a história da Igreja, desde Jesus Cristo. No espaço de trinta anos, relatou-a sete vêzes de um ponto a outro, em suas conferências espirituais no Oratório. Redigiu-a ao mesmo tempo por escrito, ano por ano, donde o nome anais, e publicou os doze primeiros séculos em doze volumes "in-folio", de 1588 a 1607, ano em que morreu.

O imenso trabalho foi continuado até 1565 por Odorico Reinaldo, e até 1572 por Jacó Laderchi, ambos da mesma congregação dos oratorianos. O dominicano polonês Abraham Bzovius, continuou Baronius até 1572; o francês Henrique de Sponde, bispo de Pamiers, até 1640, e fêz um resumo de Baronius. Os dois religiosos franceses Antônio e Francisco Pagi, da ordem de São Francisco, publicaram, sob o nome de crítica de Baronius quatro volumes "in-folio", muitos menos consistindo de cor-

reções do que adições. Seria um grande êrro crer e dizer que a crítica de Pagi também não aponta erros. A melhor edição dos anais de Baronius, com sua continuação pelos dois confrades, é a de Mansi, arcebispo de Luca, que lhe juntou, ano por ano, as correções e adições de Pagi, com suas próprias observações; tudo em trinta e oito volumes "in-folio", aparecidos em Luca, de 1738 a 1756. O espírito que impera nessa gigantesca história, compreendidos Bzovius e Sponde, compreendidas as histórias das ordens religiosas e das Igrejas locais, como a *Gália Cristã*, dos beneditinos, a *Itália Sagrada*, de Ughelli, não é o espírito de tal ou tal homem, de tal ou tal nação, mas verdadeiramente o espírito da Igreja una, santa, católica, apostólica e romana. Ali se sente um mesmo Deus, uma mesma fé, uma mesma Igreja, um mesmo rebanho, um mesmo pastor. Não obstante as imperfeições dos homens, é mister dizer com Jacó: É êsse o campo de Deus! Sim, Jesus Cristo manteve a palavra: eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos. A êsses anais eclesiásticos depois Baronius e seus continuadores, para os séculos depois da vinda de Cristo, acrescentam-se os anais sagrados de Agostinho de Tornielli, barnabita de Novara, para os séculos que anunciavam e esperavam a vinda, tendo-se assim uma história verdadeiramente universal, a história de Deus e do homem, na qual todos os tempos, os lugares, todos acontecimentos, todos os povos, concorrem e convergem para o mesmo centro, a saber, Jesus Cristo, alfa e omega, comêço e fim; Jesus Cristo que foi ontem, que é hoje, que será em todos os séculos.

Està obra ingente, provocada por São Filipe de Néri, provocou e ordenou muitas outras. Segundo São Paulo, Cristo estabeleceu a hierarquia de sua Igreja,

para a consumação dos santos
para a obra do ministério
para a edificação do corpo de Cristo (1).

É nisso, pois, que a história desta Igreja repousa principalmente, e não na miséria da condição humana, que todos conhecem de antemão e que cada um encontra em si mesmo.

A *consumação dos santos,* eis onde Cristo assenta primeiramente a sua Igreja, eis o que pede a seu Pai, quando acabava de oferecer o sacrifício da missa, ordenar sacerdotes os apóstolos, dar-lhes a comunhão, e quando ia consumar o sacrifício na cruz: Pai santo, conservai em vosso nome os que me destes, a fim de que sejam um, como nós... Santificai-os na verdade! Vossa palavra é verdadeira. Como me enviaste neste mundo, assim os envio ao mundo. E por êles me santifico, a fim de que sejam santificados na verdade. (1)

Ora, o que Jesus Cristo, o autor de tôda santidade, estabeleceu na sua Igreja o que pediu ao Pai pelos apóstolos e pelos que cressem nêle e na sua palavra, a Igreja teve o cuidado de comprovar efetivamente nos martirológios e nas biografias dos santos. O martirológio romano está à frente. Baronius

(1) Efésios, 4, 12.
(2) João, 17, 11, 17, 18 e 19.

publicou uma edição com anotações consideráveis: foi o primeiro fruto de seu estudo da história eclesiástica. Quanto aos atos dos mártires, os vimos escritos, quer por igrejas locais, como os atos dos mártires lioneses; quer pelos companheiros dos mártires, como os atos de São Inácio de Antioquia; quer pelos escreventes dos tribunais, como os atos dos santos Taraco, Probo e Andrônico; quer pelos mártires mesmos, como os atos de Santa Perpétua. Eusébio de Cesaréia recolheu uma coleção dêles no Oriente. Simão Metafrato fêz uma nova, a que acrescentou as vidas de grande número de outros santos. Desde muitos séculos, o Oriente não mais produziu santos, que não se aprestasse em recolher-lhes as vidas. O manancial da santidade ali se estancou, e com êle o desejo de conhecer-lhes as maravilhas.

Não acontece o mesmo no Ocidente, no seio da Igreja Romana. Aqui, como da pedra de Horeb, brota contìnuamente êste manancial de água viva que se projeta até a vida eterna. Aqui, sempre vimos, sempre vemos pessoas e obras santas, que se descrevem, que se lêem com amor. Como o martirológio romano, há uma série de outros. Quanto às coleções imensas de atos ou vidas dos santos, Pedro de Natais, bispo de Equília, na república de Veneza, começou no século quinze por compilar um ingente catálogo de seus nomes, com um resumo de sua vida, e uma indicação das fontes onde as havia tirado. A invenção da imprensa facilitou prodigiosamente essa espécie de publicações, e elas se sucederam sempre mais volumosas. Bonino Mombritius, de Milão, publicou no comêço do século dezesseis, em dois enor-

mes volumes, os atos dos santos que havia encontrado manuscritos. Le Fèbre d'Etaples publicou em 1525 um volume de atos dos mártires, ùnicamente para o mês de janeiro. Luís Lipoman, bispo de Verona, que vimos presidir o concílio de Trento, publicou sucessivamente oito volumes, aparecidos de 1551 a 1560. Mas todos êsses colecionadores foram ultrapassados por Lourenço Surius.

Nascido em Lubeck em 1522, estudou em Francfort sôbre o Oder e em Colônia, onde se ligou por laços de amizade a Canísio; no ano de 1542, entrou para a ordem dos cartuxos e levou uma vida muito santa. Empenhou-se, com tôdas as suas fôrças, em excitar nos outros a piedade cristã ou preservá-los das profanas novidades da heresia. Nesse sentido, traduziu do alemão para o latim livros ascéticos para fomentar a piedade e tratados de polêmica para defender a fé contra os inovadores: publicou as obras de Tauler, de Rusbrock, de Forêncio Batavo, de Hárfio, de Suron, de Miguel, bispo de Merseburgo, de João Faber, bispo de Viena, de João Grcpper, doutor de Colônia, de Martinho Eisengrin, de Francisco Stáfilo. Reuniu as atas dos concílios em quatro tomos. Mas sobretudo publicou na melhor ordem, em seis volumes, as vidas dos santos já conhecidos aos quais ajuntou muitos novos. Preparava uma nova edição, quando morreu santamente em 23 de maio de 1578. A edição foi continuada, e uma terceira saiu sob os cuidados de Jacó Mosander.

No ano 1607, o jesuíta Rosweide, de Utrecht, tendo publicado os fastos dos santos, cujas vidas se encontram nas bibliotecas da Bélgica, concebeu

e prometeu uma coleção das biografias dos santos em dezesseis volumes "in-folio", com observações de vários gêneros. Seu confrade, o cardeal Belarmino, lendo-lhe as promessas, perguntou que idade êle tinha.

— Quarenta anos, disseram-lhe.

— Mas, replicou, está certo de que viverá duzentos anos? Em menos tempo não conseguirá fazê-lo convenientemente. Rosweide morreu com a idade de sessenta anos, no momento em que se dispunha a publicar um volume cada ano. Mas o que um jesuíta não pode fazer, vários jesuítas farão. O chefe da obra foi João Bollandus, de Tirlemont, de onde vem o fato de serem chamados comumente Bolandistas os colecionadores e coleções. Apareceram indo até metade de outubro. Ajuntando a isso o que falta para completar o ano, com biografias recém-descobertas e vidas de santos novos, a coleção inteira montaria a oitenta volumes. Entre as novas descobertas, as mais importantes são as atas dos mártires e dos santos do Oriente, encontradas em mosteiros da Síria e do Egito por sábios maronitas Assemani, e publicadas em Roma no ano de 1748. Ajuntai a tudo isso as atas dos santos da ordem de São Bento, as coleções semelhantes das outras ordens, enfim as vidas de tantos personagens eminentemente virtuosos, e tereis mais de cem volumes "in-folio", para fazer-vos ver em detalhe que, se Jesus Cristo estabeleceu a hierarquia da Igreja *pela comunhão dos santos*, não foi sem efeito.

O catolicismo, seja no conjunto de todos os séculos, seja nos arcanos de uma alma santa, é como o universo que Deus criou, como o jardim do Eden.

Deus prodigaliza tantas maravilhas, que vale a pena olhar. O cedro cresce naturalmente com a violeta, os pensamentos mais elevados com as mais humildes virtudes. Pelo exemplo, vendo Filipe de Néri ordenar e Baronius empreender sòzinho sua gigantesca obra, teríamos imaginado que êsses dois homens eram a bondade, a própria humildade? E, todavia, assim era: vimos Baronius trabalhar na cozinha e ambicionar a honra de cozinheiro perpétuo. Freqüentemente, Filipe fazia-o carregar a cruz no entêrro dos pobres. Enviou-o todos os dias, durante nove anos, a servir os doentes no hospital: muitas vêzes Baronius ia com febre e voltava curado. Um dia, após haver assistido Filipe em uma de suas doenças, Baronius sentiu-se atacado por uma febre muito forte. Filipe mandou dizer-lhe:

— Não quero que fiques doente; dize à febre que se retire.

Baronius obedeceu e disse:

— Febre, ordeno-te, em nome de Filipe, vai-te.

E a febre se foi; Baronius levantou-se imediatamente e rumou, com boa saúde, para a basílica de São Pedro.

Em 1572, caiu gravemente enfêrmo e recebeu os santos sacramentos; esperavam que expirasse a qualquer momento. Filipe pôs-se em oração: Baronius adormeceu imediatamente com sono profundo e doce e viu-o prostrado aos pés do Salvador e de sua santa mãe, rogando por sua saúde nestes têrmos:

— Senhor, dai-me Baronius, restituí-mo: eu o desejo, eu o quero. Como Cristo recusasse, voltou-se para sua Mãe, que intercedendo, lhe deu a saber, no mesmo instante, que fôra atendido. Baronius

despertou, convencido que daquela enfermidade não morreria. E com efeito, restabeleceu-se no mesmo dia; não deixa de referir-se, em seus anais, ao bem-aventurado pai, sua doutrina e sua vida. (1)

O papa Clemente VIII unia-se pela amizade mais terna a Filipe de Néri, que havia predito a sua promoção ao papado, e lhe restituiu a saúde, certa vez, da seguinte forma: O papa sofria tão cruelmente de gôta nas mãos, que não suportava o simples toque de roupa branca. Vendo entrar o santo, que cada vez o abraçava com ternura, ordenou-lhe que não se aproximasse. Filipe, entretanto, entrou e o papa exclamou:

— Pelo menos, não me toqueis!

— Não temais, Santo Padre, replicou o santo; no mesmo instante tomou-lhe a mão direita que sofria, e apertou-a fortemente.

Ao primeiro contato, o Pontífice disse:

— Continuai a tocá-la; sinto um alívio extremo.

A gôta havia desaparecido. Clemente tinha o costume de dizer, ao se achar doente:

— Vejo que Filipe se esquece de orar por mim.

Tentou mais de uma vez, bem como Gregório XIV, fazê-lo aceitar a dignidade de cardeal; mas Filipe tomava-o sempre como brincadeira, sem que o papa lograsse convencê-lo. Um dia Filipe, doente êle próprio, escreveu a Clemente a seguinte súplica:

"Santíssimo Padre, quem sou eu para que os cardeais venham à minha casa sobretudo, ontem à noite, o cardeal de Cusa e o de Médicis? Êste último, ao precisar eu de algum alimento, mandou-o vir do hospital do Espírito Santo. Permaneceu comi-

(1) Acta SS., 26 maii. Vita 1, II. 102; vita 2, n. 483.

go até a segunda hora da noite, falando tão bem de Vossa Santidade, que me parece ter certamente ultrapassado a medida; pois, a meu ver, um soberano Pontífice deve ser transformado na própria humildade. À sétima hora da noite, Cristo veio a mim, e restaurou-me com o sacramento de seu corpo. Vós, ao contrário, não vos dignastes uma vez sequer vir à nossa igreja. Cristo é Deus e homem; entretanto, cada vez que quero, vem a mim. Vós, pelo contrário, sois homem sòmente. Nascestes de um homem santo e probo; êle de um Pai Deus: vós de Agnesina, mulher santa; êle, da Virgem das virgens. Muito teria ainda que dizer, se quisesse abandonar-me à vossa cólera. Ordeno a Vossa Santidade conceder o que quero: que me seja permitido agregar às religiosas da Tôrre dos Espelhos a filha de Cláudio Néri, a quem prometestes, há muito, tomar conta de seus filhos. Ora, um soberano Pontífice deve manter a palavra. Por isso, encarregai-me dêste caso, a fim de que, se necessário, possa usar de vossa autoridade; além do mais, conheço com certeza a vocação da jovem, e prostro-me humildemente aos pés de Vossa Santidade."

Clemente respondeu de próprio punho e na mesma página:

"O Pontífice diz que a primeira parte do bilhete transuda um pouco o espírito de ambição, uma vez que ali fazeis alarde das freqüentes visitas que recebeis dos cardeais a menos que seja para insinuar que são homens piedosos, do que ninguém duvida. Se êle não apareceu pessoalmente, é por vossa culpa. Porque não o merecestes, havendo, como fizestes, recusado a dignidade de cardeal tantas vêzes. Quanto ao que ordenais, concede; ralhai com as santas

madres, como tendes o costume, com energia e autoridade se não vos obedecerem à primeira palavra. Ademais, êle vos ordena novamente cuidar de vossa saúde, e não vos dedicardes, sem sua ordem, a atender às confissões; enfim, quando receberdes o Senhor, orai tanto por êle, como pelas necessidades permanentes da república cristão." (1)

Não despertaria tanta admiração ver Clemente VIII tão ternamente amado por um santo, se se soubesse que a sua própria vida era muita santa. Piedoso, liberal, caridoso, todo o seu tempo era consagrado a Deus e à sua Igreja. À vista dos males da cristandade, não cessava de orar, de gemer, de verter lágrimas. Todos os dias, quando não se achava impedido pela enfermidade, oferecia o santo sacrifício da missa. Jejuava na sexta-feira, no sábado não tomava senão pão e água, carregava o cilício, deitava-se sôbre palha, visitava freqüentemente as igrejas a pé descalço, sobretudo quando se tratava de pacificar as turbulências na França. No ano do jubileu secular de 1600, distribuiu trezentos mil escudos de esmolas. Todos os dias alimentava os pobres na sua mesa, e o número dêles aumentava todos os anos: lavava-lhes as mãos, abençoava a comida, e após ter enchido os copos com a bebida, sentava-se à sua mesa, de onde lhes mandava o que de melhor tinha. Morreu como havia vivido, como santo, em 7 de março de 1605, após um pontificado de treze anos, um mês e quatro dias.

Tais são os soberanos pontífices que Deus concede à sua Igreja desde o concílio de Trento até o fim do século dezesseis e no início do século dezes-

(1) Vita 2 Philipp. Ner., c. 22. Acta SS., maii.

sete. Longo tempo os reis, os bispos, os povos haviam pedido a reforma da Igreja, quanto aos seus chefes e membros. Ninguém executava essa reforma mais generosamente do que o chefe. Ninguém instava com mais zêlo para que os demais se reformassem. O santo concílio ecumênico de Trento como que se encarnou e perpetuou na santa sé, nos papas e no colégio dos cardeais, na Igreja Romana. O que o santo concílio tinha em vista era defender a cristandade no exterior, pacificá-la e reformá-la no interior, propagando a fé até os confins da terra; os papas levam isso a efeito: freqüentemente o fazem sem os reis, e os povos, e por vêzes, a despeito dêles.

São Filipe de Néri, amigo de tantos bons papas, morreu em 26 de maio de 1595, e foi canonizado em 1622, por Gregório XV.

* * *

SANTO ELEUTÉRIO (*)

Papa e Confessor

Eleutério foi diácono do papa Aniceto, sob cujo pontificado os perigosos heréticos chamados Marcion e Valentino foram expandir por tôda Roma os erros que haviam concebido.

Eleutério sucedeu a Sotero em 174, e seu pontificado durou quinze anos, finalizando, pois, em 189, ano em que faleceu.

Em 177, teria recebido um enviado da Igreja de Lião, Irineu, que lhe pedia tomasse partido favorável na questão do montanismo, mas é coisa muitíssimo improvável, não passando de uma invenção de algum fanático admirador e seguidor de Montano.

Segundo o *Liber pontificalis*, nada autoriza a qualificar o santo papa de mártir, como querem alguns autores.

Falecido a 24 de maio, Santo Eleutério foi sepultado no Vaticano, perto do túmulo de São Pedro, sendo introduzido no martirológio no dia 26 do mesmo mês de maio por Adon.

* * *



A imposição das mãos para a ordenação. Segundo uma pintura das Catacumbas.

SÃO GOND (*)

Confessor

São Gond era sobrinho de São Vandrilo, fundador do mosteiro de Fontenelle. Ambos, tio e sobrinho, chegaram a Fontenelle em 648, quando então adquiriram o domínio que ficou em nome de Gond.

Nos tempos do papa Vitaliano, em 675, Gond foi enviado a Roma, donde trouxe numerosas relíquias, livros do Antigo e do Novo Testamento e as obras do papa São Gregório.

Em 662, deixou a abadia de Fontenelle para ir fundar um novo mosteiro perto de Sezanne, em Oye, mais tarde de São Gond.

Naquele mosteiro que fundou, faleceu o santo confessor em paz, no ano de 690. As relíquias, mais tarde, foram transportadas para a catedral de Langres.

— — — —

No mesmo dia, em Atenas, a morte de São Quadrato, discípulo dos Apóstolos. Pela fé e zêlo, reuniu fiéis que violento terror havia dispersado durante a perseguição de Adriano, ao qual ofereceu um livro pela defesa da religião cristã, obra muito útil e digna do ensinamento dos apóstolos. Diz: «As

obras de nosso Salvador, porque verdadeiras, estão sempre presentes. Os que curou, os que ressuscitou dos mortos, não foram vistos sòmente no momento em que se viram livres dos males ou chamados à vida continuaram a existir enquanto o Cristo vivia, sobreviveram à sua morte, chegaram alguns mesmo até os nossos dias". Segundo Eusébio — *História eclesiástica* — Quadrato teria enviado seu livro a Adriano em 125. Quadrato é o mais antigo apologista cristão que se conhece.

Em Vence, São Lamberto, bispo e confessor, nascido em Bauduen, na diocese de Riez. Ocupou a sé de Vence em 1114, e o seu episcopado durou quarenta anos. Operou vários milagres, curando doentes, restituindo vista aos cegos, o uso dos membros aos paralíticos, tendo transformado água em vinho por três vêzes. Faleceu em 1154. Em 1634, parte das suas relíquias foram transportadas para Bauduen. A maior parte jaz em Vence, na catedral.

— Em Roma, os santos Simítrio, sacerdote, e dois outros que sofreram a morte sob Antonino Pio.

— Em Viena, São Zacarias, bispo e mártir, que sofreu sob Trajano. — Na África, outro São Quadrato, mártir, em cuja festa Santo Agostinho pronunciou um discurso. — Em Todi, a festa dos santos mártires Felicíssimo, Heráclio e Paulino. No território de Auxerre, São Prisco, que foi martirizado com grande número de cristãos.

* * *

27.º DIA DE MAIO

SANTA MARIA MADALENA DE PAZZI

Descendia de duas ilustres famílias de Florença, dos Pazzi por seu pai, dos Buondelmonti, por sua mãe: a família do pai era aliada da casa soberana dos Médicis. Nasceu ela em 11 de abril de 1566, e recebeu no batismo o nome de Catarina, em honra de Catarina de Siena. Antes do nascimento não causou dor alguma à sua mãe; após o nascimento, nenhuma dificuldade acarretou às pessoas que dela cuidavam, sentindo alegria em obedecer-lhes. Afável para todos, evitava, todavia, os brinquedos infantis. Seu prazer era ouvir os discursos de piedade. Ao encontrar-se com um eclesiástico, interrogava-o, com respeito à salvação da alma, principalmente sôbre o mistério da Santa Trindade, de que nutria uma devoção singular. Encontrando, certa vez, o símbolo atanasiano, não sòmente o leu com afoiteza, mas o levou, alegre, à mãe, como coisa do mais alto valor. Desde a idade de sete anos, partilhava com os prisioneiros e os pobres o que lhe davam para o almôço e merenda na escola. Sua recreação mais feliz era ensinar às outras crianças a oração dominical, a saudação angélica, o símbolo dos apóstolos e outras pequenas orações. Dedicava-se a êsse exercício

sobretudo no campo, onde instruía com maravilhosa caridade os pobres pequenos camponeses. Um dia, sendo mister ir à cidade, pôs-se a chorar desconsoladamente por não ter podido terminar a instrução de uma menina: para consolá-la, o pai levou uma e outra para Florença.

Catarina de Pazzi, mais conhecida pelo nome de carmelita, Maria Madalena, foi introduzida na oração mental, desde a idade dos sete ou oito anos pelo Espírito Santo, e antes que aprendesse algo de algum homem ou livro. Punha-se de joelhos, recitava devotamente o *Veni, Sancte Spiritus,* depois o *Confiteor,* imbuindo-se de santos pensamentos e santas afeições. Quando se cria só, retirava-se a um canto da casa paterna, para dedicar-se a êsse exercício com mais ampla liberdade. Um dia, após haverem-na procurado longo tempo, encontraram-na atrás de uma cama, tão mergulhada na oração, que nada mais escutava. Seu amor por Deus era tão sensível, que quando ouvia uma palavra que lhe ofendesse a infinita majestade, sentia grande dor; em determinada noite chorou até ao amanhecer, pedindo perdão pelas faltas alheias. Instruída por seu confessor com a idade de nove anos, sôbre a maneira de fazer a oração, aplicava-se, segundo o conselho, todos os dias por meia-hora; mas muitas vêzes passava horas inteiras.

Desde a mais tenra idade, alimentava um ardente desejo pela santa comunhão: como ainda não lhe prometiam dela participar, sua mais doce consolação era ver comungarem os outros; passava, por vêzes, três a quatro horas a contemplar o religioso espetáculo. Quando sua mãe voltava da mesa sagrada, — o que sucedia freqüentemente —, a filha não a

abandonava durante todo o dia, permanecia ao pé dela o mais possível, sentava-se-lhe sôbre as vestes. Admirada, a mãe indagou da razão: É porque, respondeu a piedosa criança, rescendeis a Jesus Cristo! Sentia o odor do divino sacramento que a mãe havia recebido de manhã. O confessor permitiu-lhe comungar com a idade de dez anos e ela o fêz, pela primeira vez, no dia da Anunciação, em 1573 com fervor indizível: tinha o costume de dizer, desde então, que jamais na vida experimentara nada tão delicioso. O confessor, vendo-lhe a devoção sempre crescente, permitiu-lhe comungar tôdas as semanas: Catarina ficava a contar os dias e as horas; a felicidade da comunhão inundava-lhe os olhos de lágrimas. Na quinta-feira santa, considerando o amor imenso de Jesus por ela e como poderia corresponder-lhe, fêz-lhe para sempre o voto da virgindade perpétua. Desde então, não aspirava senão a tornar-se semelhante ao divino espôso, dormindo o menos possível e dedicando-se a rudes disciplinas: certa vez colocou uma coroa de espinhos ao redor da cabeça, e passou a noite em dores atrozes mas rejubilando-se em poder imitar a Jesus Cristo. Não tomava senão os alimentos necessários à subsistência, e procurava, sem cessar, novos meios para agradar ao espôso. A visão de tôdas as criaturas, o céu, a terra, os campos, elevavam-lhe a alma ao Criador e a abrasavam de seu amor. Com a idade de doze anos, no dia de Santo André, quando passeava com a mãe num belo prado, o amor divino a extasiou, tanto que parecia morta; não podia falar nem mexer-se.

Em 1580, com a idade de quatorze anos, Catarina entrou na qualidade de pensionista no convento das religiosas de São João; seu pai havia sido nomeado

governador de Cortona. Todos os dias dedicava à oração duas horas da manhã e uma da tarde: não dispunha de outros momentos para a oração. Como seu leito estivesse no quarto da governanta, ocultava-se secretamente para orar. Muitas vêzes, assistia à noite ao côro das religiosas. Passava tempo na leitura dos livros espirituais, principalmente dos santos evangelhos, nas meditações, no manual e os solilóquios de Santo Agostinho: exortava as religiosas a comungar mais freqüentemente, não se misturava com as pensionistas, mas visitava as religiosas enfêrmas, a quem fazia leituras piedosas, sugerindo pensamentos piedosos. Amiga do silêncio e da solidão, falava pouco, e sempre de Deus, com grande modéstia em relação a todos. Gostava de varrer a casa, de arrumar as camas, e outras funções humildes, na medida em que a governanta lhe permitia. Julgava-se indigna de permanecer com as religiosas e falar-lhes, porque as religiosas são as espôsas de Jesus Cristo, uma vez que não pertencia ao seu número, conquanto o desejasse muito. As religiosas, pelo contrário, diziam entre si: Esta será uma santa Gertrudes, esta será uma santa Catarina de Siena. Algumas a veneravam desde então como santa, e, a despeito de seu desejo de falar-lhe freqüentemente, não ousavam aproximar-se-lhe por respeito. Tôdas desejavam se tornasse religiosa e entrasse para o convento, esperando que ali restabelecesse a observância da vida comum. Muitas mesmo lhe fizeram a proposta. Contentou-se em exortá-las a orar a Deus, para que êle manifestasse a sua vontade: quanto a ela, preferira se restabelecesse a observância perfeita antes de ali entrar, a restabelecê-la ela própria, porque, reconhecendo a sua fraqueza, queria tomar o caminho mais

seguro. Isso tudo, segundo o testemunho de três religiosas no seu processo de canonização, as quais acrescentaram: lamentamos e lamentaremos que não tenha permanecido entre nós.

De regresso seu pai de Cortona, pretendeu casá-la. Catarina, disso se apercebendo, aproveitou uma oportunidade favorável para dizer: Querido papai, se pensais fazer de mim coisa diferente do que prometi ao meu Jesus, sabei que darei minha cabeça ao carrasco, de preferência a aceitar outro espôso ou não entrar para a ordem religiosa. O pai, estupefato, diante de palavras tão decididas, chorou diante da filha, não sendo capaz de responder uma só palavra; temente de Deus, não quis opor-lhe dificuldades, e não pensou mais em casá-la. Foi necessário mais tempo para conseguir o consentimento de sua mãe, que amava ternamente a filha, a única que possuía. A fim de prepará-la insensìvelmente para a separação, Catarina usou de santa astúcia: evitava a companhia da mãe tanto quanto podia, e empregava outros meios semelhantes. Enfim, obteve o que desejava, e entrou para as carmelitas de São Fridiano, na vigília da Assunção em 1582, mas sòmente por uma quinzena, segundo o costume, a título de prova. Voltando à casa paterna, ali foi retida por três meses, vivendo, porém, como num claustro. Enfim, a mãe, não mais podendo duvidar de sua vocação, reconduziu-a, com outras damas, para as carmelitas, em primeiro de dezembro de 1582. Duas dessas damas disseram à priora em particular: tende muito cuidado com esta criança, porque cremos que até o presente não cometeu pecado algum. Catarina, então nos seus dezesseis anos, não se continha de alegria e não sabia suficientemente agradecer a Deus por havê-la tirado

do mundo. A mãe regressou triste, como se houvesse perdido um tesouro precioso. Interrogada por uma das amigas sôbre o que sucedera a seu anjo, respondeu, chorando: Não convém a uma mãe dizer; é como um serafim, rejubila-se de alegria, tendo obtido o que tão ardentemente desejava.

Tomou o hábito carmelita e o nome de Maria Madalena, em 30 de janeiro de 1583. Na investidura, o padre lhe colocou nas mãos o crucifixo, enquanto as religiosas cantavam: A Deus não agrada que me glorifique em outra coisa que a cruz do nosso Senhor Jesus Cristo. A nova espôsa do Salvador, ao sentir cumpridos os desejos em sua plenitude, mergulhou em intensa alegria, e prometeu-lhe não desejar jamais senão a êle, e a êle crucificado. Maria Madalena foi modêlo das noviças: seu empenho principal era a observância perfeita da vida comum, que preferia às devoções particulares. Primava pela prontidão de obediência, não sòmente com a mestra das noviças, senão com todos. Exortava as companheiras a bem observar a letra e o espírito da regra. A mestra das noviças dizia: Soror Maria Madalena merece ser antes mestra do que minha discípula, e eu me submeteria de bom grado à sua direção. As companheiras nela depositavam grande confiança, a ponto de antes de se retirar à noite, pedirem conselho salutar, que muitas delas levaram por escrito para as celas. Maria Madalena experimentou êxtases de amor divino, como antigamente no prado com a mãe. O pensamento fazia-a fundir em lágrimas: Deus é amor, e êle não é amado! Sofreu durante três meses uma enfermidade extraordinária, e fêz profissão no leito, após o que teve um êxtase durante duas horas. Coisa mais

maravilhosa ainda: quarenta dias depois, ainda sentia os mesmos transportes depois da comunhão. Eis como descreve um dos seus êxtases por obediência aos superiores:

"Não sabia se estava viva ou morta, fora do meu corpo ou dentro; mas via Deus só, glorioso em si mesmo, amando-se a si mesmo, conhecendo-se ìntimamente, e compreendendo-se infinitamente; amando as criaturas com um amor puro e infinito; e na união única e indivisível, um só Deus subsistente, de amor infinito, de soberana bondade, incompreensível, imperscrutável. Colocada assim em Deus, nada sentia de mim, via-me sòmente nêle, contemplando, não a mim, mas ao próprio Deus, na medida que uma criatura pode contemplar, ainda revestida desta carne mortal, quando é inflamada pelo amor divino. Quase uma hora fiquei nessa consideração, como percebi quando voltei a mim mesma. O que gozei em tal abstração, não poderia exprimir por palavra alguma, porque, por causa de minha ignorância, não logrei compreender o que então me era dado ver e conceber. Soube, em seguida, que no último juízo Deus elevará nossos corpos a tal sublimidade, que eu jamais poderia compreendê-lo, nem exprimi-lo com plenitude. Ouvia que me diziam interiormente estas palavras de São Paulo: ôlho jamais viu, ouvido jamais escutou, coração humano jamais concebeu o que Deus prepara para os que ama. Permaneci algum tempo nessa consideração, lembrando-me do amor imenso que Deus tem pelas criaturas, as quais recomendo tôdas a Jesus, e voltei a meus sentidos. (1)

---

(1) Vita 1, c. II, n. 22 — Acta SS., 25 maii.

Num dêsses êxtases, o Salvador lhe prescreve as regras de perfeição seguintes:

I. Quero que, em tôdas as ações exteriores e interiores, contemples sempre a pureza que te fiz ver: pensa que cada uma de tuas palavras e ações poderá ser a última.

II. Zelarás, na medida de tuas fôrças e da graça que te darei, por tôdas as almas que eu te der.

III. Não darás jamais ordem ou conselho, ainda que te seja permitido, sem te lembrares de mim crucificado.

IV. Não notarás defeito de criatura alguma, sem antes te assegurares que é desta mesma criatura.

V. Sejam tuas palavras sinceras, verdadeiras, graves e despojadas de tôda adulação: sempre me citarás como exemplo das obras que as criaturas devem fazer.

VI. Lembrar-te-ás, na conversa com tuas companheiras, de que tua afabilidade não deve ser em detrimento da gravidade, nem a gravidade da humildade e mansidão.

VII. Tôdas as obras tuas deverão ser feitas com mansidão e humildade, de molde a serem como um amante para atrair a mim as almas; e com tanta prudência que sejam regra para os meus membros, vale dizer, as almas religiosas e o teu próximo.

VIII. Noite e dia estarás sedenta, como um cervo, a exercer a caridade com os meus membros, estimando a debilidade e o cansaço de teu corpo como a terra da qual é formado.

IX. Empenhar-te-ás, na medida que te conceder, em ser o alimento dos que têm fome, bebida dos que têm sêde, vestimenta dos que estão nus, jardim dos prisioneiros e alívio dos aflitos.

X. Com os que deixo sôbre o mar dêste mundo, serás cautelosa como serpente; e com os meus eleitos simples como pomba, temendo aquêles como a face de um dragão e amando êstes como o templo do Espírito Santo.

XI. Domina as paixões, pedindo-me esta graça, a mim, o mestre de tôdas as criaturas.

XII. Condescenderás com as minhas criaturas, como uso de soberana caridade, ao conversares no mundo, lembrando-te sempre destas palavras do meu Apóstolo: Quem é que doente está, sem que com êle eu esteja?

XIII. Não privarás ninguém de algo que possas dar, se to pedir: não privarás tampouco criatura alguma do que lhe foi concedido, sem antes haveres considerado que sou o perscrutador dos corações e que te julgarei com poder e majestade.

XIV. Estimarás a regra e suas constituições, com os votos, na mesma medida que quero estimes a mim, empenhando-te em imprimir em todos os corações o amor pela vocação à qual os chamei, e da religião.

XV. Desejarás ardentemente ser submissa a todos, e terás horror de ser preferida a alguém.

XVI. Não acreditarás existir alívio, repouso e consolação senão no desprêzo e na humildade.

XVII. Não cessarás de levar ao conhecimento das criaturas os teus desejos e minhas vontades, senão quando eu te chamar, e meu Cristo, teu confessor.

XVIII. Perseverarás em contínua oblação de todos os teus desejos e obras, com meus membros, dentro de mim.

XIX. Desde a hora em que deixei minha mãe puríssima, que é a vigésima-segunda, até a hora em que me receberás, permanecerás em contínua oblação de minha paixão, de ti mesma, e de minhas criaturas, a meu Pai Eterno; e isto te servirá de preparo ao recebimento sacramental do meu corpo; dia e noite visitarás o meu corpo e meu sangue trinta e três vêzes (contanto que a caridade e a obediência não o impeçam).

XX. A última regra consiste em que, em tôdas as ações, tanto exteriores como interiores, que eu te permitir, sejas transformada em mim (1).

A santa revelou ainda num dêsses êxtases que deveria suportar uma nova provação de cinco anos, em que seria lançada na jaula dos leões, exposta à fúria dos demônios, o que seria a única maneira de socorrer o próximo, procurar a conversão dos pecadores e dos heréticos.

A terrível provação começou no dia da Santíssima Trindade, 16 de junho de 1585, após um êxtase continuado de oito horas. Ela perdeu o sentimento e o gôsto da graça interior, viu aparecer uma mul-

(1) Vita 1, c. III, n. 27.

tidão de demônios sob as mais horríveis formas, que lhe mostravam os crimes sem conta dos homens, e a atormentavam mesmo exteriormente, como outrora Santo Antônio, quatro a cinco horas a fio por vêzes. Experimentou tôdas as tentações do inferno, tentações contra a fé, tentações de orgulho, tentações impuras, tentações de desespêro, tentações de gula e outras.

No ano de 1586, de 20 de julho ao mês de outubro, o Senhor lhe concedeu uma espécie de suspensão, durante a qual ela recebeu diversas graças extraordinárias, fêz milagres e predisse coisas que estavam para acontecer.

Recomeçada a luta com o inferno, experimentou tentações, aridez, dores, enfermidades intoleráveis, entremeadas de graças e favores espirituais. Enfim, no quinto ano, 1590, durante as matinas de Pentecostes, teve um êxtase durante o *Te Deum*. Após o ofício, viram-lhe no rosto e nas palavras uma alegria indescritível. Apertou a mão da priora e da mestra das noviças, dizendo: A tormenta passou; ajudai-me a agradecer a Deus.

Os quatorze santos e santas pelos quais nutria uma devoção especial apareceram-lhe para felicitá-la pela vitória: São Tomás e Santa Inês, São João Evangelista e Santa Maria Madalena, São João Batista e Santa Catarina, virgem e mártir, Santo Estêvão e Santa Catarina de Siena, São Francisco e Santa Clara, Santo Agostinho e Santa Angela, mártir, São Miguel Arcanjo e seu anjo da guarda. Jesus Cristo mesmo se mostrou primeiramente como infante, depois como adolescente e, finalmente, como homem adulto.

A impressão dominante que lhe ficou da luta e da vitória foi um desejo imenso e insaciável de trabalhar e de sofrer pela glória de Deus e pela salvação das almas. Oh! exclamava, se me fôsse permitido ir às Índias ou entre os turcos, tomaria as crianças, e lhes ensinaria com tanta afeição os mistérios da fé cristã, que os maiores trabalhos me seriam a maior consolação.

Ofereçamos a Deus, dizia às irmãs, ofereçamos a êle tudo o que hoje fizermos. Peçamos a Deus tantas almas quantos passos dermos no mosteiro; tantas quantos pontos fizermos na costura; tantas quantas vêzes colocarmos as mãos dentro d'água para lavar a louça. Aproveitava-se de tôda a sorte de exercícios para lhes sugerir êsses pedidos.

O coração sentia um sofrimento indizível, ao ver que as heresias se multiplicavam. Nossas almas deveriam ser pombas para gemer sem cessar a cegueira de tantas almas. Não orava menos pela conversão dos pecadores na Igreja.

Eis o que dominou na santa carmelita o resto da vida, quando foi mestra das noviças, quando foi subpriora, e em meio aos sofrimentos que a sacudiam atrozmente até sua bem-aventurada morte, em 25 de maio de 1607, com a idade de quarenta e um anos, um mês e vinte e quatro dias. Santa Maria Madalena de Pazzi foi beatificada em 1626 por Urbano VIII, e canonizada por Alexandre VII. (1)

Na santa carmelita de Florença, como em Santa Teresa, vemos o mistério da comunhão dos santos: os membros mais perfeitos do corpo místico de Cristo,

(1) Acta SS., e Godescard, 25 de maio.

a exemplo do próprio Jesus Cristo e em união com êle, sofrem voluntária e amorosamente os sofrimentos e dores mais cruéis, pelos membros doentes, pelos pecadores, a fim de lhes merecer a vida e a saúde. É êsse mistério que São Paulo cumpriu em sua pessoa, quando dizia aos Colossenses: rejubilo-me em meus sofrimentos por vós, e cumpri o que falta aos sofrimentos do Cristo em minha carne, por seu corpo, que é a Igreja. (1)

É êsse mesmo mistério que não cessam de cumprir as almas fervorosas, por suas orações, jejuns e mortificações voluntárias; pelas perseguições, calúnias, ultrajes, tentações, enfermidades que suportam por amor de Jesus e de seu corpo místico. É disso que vem à Igreja, em meio aos seus mais profundos abatimentos, esta vida, esta ressurreição, esta fôrça invencível, que o mundo não compreende e que o confunde.

* * *

(1) Coloss., 1-24.

SÃO JÚLIO (*)

Mártir

Século III

Depois que retornou da expedição lançada contra os persas, em 297, Galério iniciou a perseguição aos cristãos.

Prêso, Júlio foi levado à presença do presidente Máximo, que perguntou:

— Quem é êsse?

O escrivão respondeu:

— É um cristão que não quer obedecer os editos.

Máximo ao santo:

— Como te chamas?

— Júlio, respondeu o futuro mártir.

Máximo:

— Que me dizes, Júlio, a respeito do que falam de ti? É tudo verdade?

Júlio:

— Sim, sou cristão.

Máximo:

— Ignoras o que ordenam os editos, que se deve sacrificar aos deuses?

Júlio:

— Não o ignoro, mas sou cristão, de modo que não posso fazer o que tu queres. Não devo e não posso renegar meu Deus, verdadeiro e vivo.

Máximo:

— Que há de mal em lhes oferecer incenso?

Júlio:

— Não posso desprezar os preceitos divinos e aparecer como infiel a meu Deus. No teu vão exército, em que já servi por vinte e seis anos, jamais fui levado à presença do superior como criminoso. Por sete vêzes fui à guerra e nunca fui inferior a ninguém no calor do combate. O chefe jamais me viu em falta, e agora tu pensas que, sendo fiel como sou, hei de me tornar o contrário, ainda mais quando se trata de coisa de Deus?

Máximo:

— Em que corpo tu serviste?

Júlio:

— Na milícia, e sou veterano. Temente a Deus, que fêz o céu e a terra, sempre o adorei.

Máximo:

— Júlio, vejo que tu és um homem inteligente e grave. Imola aos deuses, como já te persuadiram, para que recebas uma grande recompensa.

Júlio:

— Não faço o que tu desejas, não incorrerei nas penas perpétuas.

Máximo:

— Se tu crês que isto é pecado, que o seja para mim. Serei violento para que não pareça que tu aquiesceste de tua vontade. Depois, tu irás para tua casa, tendo recebido dez dinheiros de recompensa e, para o futuro, ninguém poderá molestar-te.

Júlio:

— Nem o dinheiro de Satanás, nem tua persuasão, que é tôla, poderão privar-me da luz eterna. Não posso negar a Deus. Lança tua sentença sôbre mim como contra qualquer cristão.

Máximo:

— Se não te submeteres aos editos, nem sacrificares, farei com que te cortem a cabeça.

Júlio:

— Pensaste bem. Eis porque te peço, justo presidente, pela saúde de teus reis, que realizes teu pensamento e profiras a sentença contra mim, para que se cumpram os meus desejos.

Máximo:

— Se não te arrependeres nem sacrificares, fá-lo-ei, segundo teu desejo.

Júlio:

— Se mereço sofrer por isto, uma glória, a glória eterna, restar-me-á.

Máximo:

— Já te aconselharam. Se sofreres pelas leis da pátria, terás a glória perpétua.

Júlio:

— Eu sofro pelas leis divinas.

Máximo:

— Aquelas que um homem morto e crucificado te deu. Vê como és louco: tu crês mais num morto que nos reis vivos.

Júlio:

— Êle morreu por nossos pecados, a fim de nos dar a vida eterna. Êste mesmo Cristo é Deus

e permanece nos séculos dos séculos. Se alguém o confessar, terá a vida eterna, do mesmo modo que quem o negar terá as penas eternas.

Máximo:

— Tenho piedade de ti e te aconselho a sacrificar, para que vivas conosco.

Júlio:

— Se viver convosco, será a minha morte. Se morrer na presença do Senhor, viverei eternamente.

Máximo:

— Escuta-me e sacrifica, para que não te mande matar, como já prometi.

Júlio:

— Eu já escolhi: quero morrer por um tempo, a fim de que viva eternamente com os santos.

Máximo silenciou por um instante, depois sentenciou, dizendo:

— Júlio, como não quiseste obedecer os editos, receberás a pena capital.

Antes de morrer, um certo Hesíquio, que era soldado cristão e fôra incumbido de guardar o bem-aventurado sentenciado, disse a Júlio:

— Eu te peço, Júlio, cumpre tua promessa com alegria e recebe a coroa que o Senhor prometeu dar a todos os que n'Êle confiam e lembra-te de mim, porque eu também te seguirei. Saúda muito, eu te suplico, nossos irmãos Pasicrato e Valentião, servidores do Senhor, que já nos precederam no Senhor com boníssima confissão.

Júlio abraçou o bom Hesíquio, e respondeu:

— Apressa-te para vires ter conosco, irmão. Os que tu saudaste já te ouviram.

Júlio estendeu o pescoço ao carrasco, e orou:

— Senhor Jesus Cristo, pelo que sofro, rogo-te dignares receber meu espírito com teus santos mártires.

Júlio foi martirizado em Dorostoro, na província de Mésia, a 27 de maio, no século III.

Mortos também, foram Pasicrato, Valentião, Marciano e Nicandro. Júlio e Hesíquio foram os últimos do grupo.

* * *

SANTO HILDEVERTO (*)

Bispo e Confessor

Êste santo bispo nasceu perto de Hébécourt, na diocese de Amiens. Era filho de Adalberto, que o colocou debaixo da direção de São Faron, bispo de Meaux. Educado segundo a disciplina monástica e ordenado sacerdote, à morte de Faron, elevou-se à sé de Meaux.

Santo Hildeverto deu-se com grande ardor à oração e ao estudo das Santas Escrituras, às pregações e à caridade, distribuindo esmolas com imensa liberalidade. Doce e humilde, faleceu no ano de 680.

Sepultado na igreja de Vignely, nas circunvizinhanças de Meaux, inúmeros milagres foram operados por Deus à beira da sepultura que o recebeu.

São Maieul transferiu-lhe as relíquias para Meaux. Dali, mais tarde, passaram-nas para Gournay, na Normandia, para a igreja que lhe recebeu o nome.

* * *

SÃO BRUNO (*)

Bispo e Confessor

Bruno era filho do duque de Caríntia, Conrado. Primo-irmão do imperador Conrado II, foi em 1027, chefe da sua chancelaria italiana.

Quando Meinhard, bispo de Wirceburgo, faleceu, em 1034, o imperador escolheu Bruno para preencher a vaga deixada.

São Bruno reconstruiu a catedral e reorganizou a escola episcopal. Dentre os seus escritos, sobressai um comentário dos Salmos, para o qual utilizou os textos latinos, hebraico e grego. São comentários curtos, mas muito claros e de grande solidez.

Em 1040, o santo bispo acompanhou Henrique IV, filho e sucessor de Conrado II, pela Alemanha.

A 27 de maio de 1045, encontrava-se êle com Henrique III em Persenburgo, perto de Linz, quando a casa em que se achava ruiu inesperadamente, matando-o incontinenti.

O corpo, transportado para Wirceburgo, foi sepultado na cripta da catedral.

* * *

SANTO EUTRÓPIO DE ORANGE (*)

Bispo e Confessor

Eutrópio veio ao mundo em Marselha, no princípio do século V. Era filho de pais ricos e importantes. Aproveitando-se da riqueza e do nome, levou, na juventude, vida de correrias e de desregramentos.

Casado com uma mulher deveras virtuosa, que conseguiu regrá-lo, convertendo-o, à morte desta, tal era a santidade de vida de Eutrópio, que Santo Eustáquio, bispo de Marselha, ordenou-o diácono, embora o futuro bispo, humildemente se opusesse.

O santo, aqui, redobrou as austeridades que vinha praticando desde que a espôsa o convertera, e, sempre com o pensamento nos pecados da fogosa juventude, desejoso de expiar as passadas faltas tôdas, procurou tornar-se digno para cumprir as novas funções.

Certa noite, em sonhos, viu um bando infindo de passarinhos negros, que, levantando vôo, apressadamente, de sôbre seu corpo, subiu para o alto e foi consumido, num instante, por um fogaréu que veio do céu.

Doutra feita, foi uma nuvem de môscas, que teve o mesmo destino das aves.

Impressionado com os sonhos, procurou um abade que vivia no mosteiro das redondezas, para aconselhar-se. Contou-lhe os sonhos, e o religioso explicou-lhe que os passarinhos simbolizavam os pecados e as môscas os maus pensamentos — e que Deus, a uns e outros, havia-os perdoado.

Quando o bispo Justo, de Orange, faleceu, corria o ano 463, Eutrópio foi designado para sucedê-lo. Humilde, conta-se que fugiu, para escapar da dignidade, mas foi em vão: quando Aper, que foi discípulo de Santo Agostinho, disse-lhe que devia concordar com a designação para o bem da Igreja, condescendeu.

Santo Eutrópio foi bispo ardoroso, de caridade inesgotável. Tudo o que tinha, dava, chegando até a ficar com um único trajo. Diz-se que, depois de ter dado tôdas as roupas que possuía aos pobres, passou a confeccioná-las para prover os que não tinham o que vestir.

Dentre os milagres que obrou, contam-se o do barqueiro possuído pelo demônio, que foi expulso, o do velho pagão deformado, todo arcado por terrível moléstia, velho blasfemador e de monstruoso aspecto, ao qual curou e endireitou, convertendo-o, e o do incêndio que ameaçava a cidade, que, com orações, trepado no alto dum telhado, conjurou.

Às portas da morte, viu o diabo, à espreita, sentado sôbre a estante em que, enfileirados, tinha os livros, aos pés da cama. Olhou-o Santo Eutrópio muito calmamente, acabando por lhe dizer, com segurança:

— Nada há entre mim e ti. Creio em Deus, com o socorro do qual hei de te vencer.

O diabo, ditas aquelas palavras, desapareceu. E quando ao redor do leito cantavam: *Que todo espírito louve o Senhor*, o santo bispo, fechando docemente os olhos, docemente expirou.

Santo Eutrópio deixou o mundo no último quarto do século V, sendo enterrado em Orange, na basílica que construíra e dedicara a São Juliano — pouco mais tarde de Santo Eutrópio.

Verus, sucessor do Santo, escreveu-lhe a vida, dedicando a obra ao arcebispo Estêvão, de Lião.

* * *

SÃO JOÃO I (*)

Papa e Mártir

João era filho de Constâncio. Nasceu na Toscana, numa antiquíssima cidade, provàvelmente Senas.

Moço, foi estudar em Roma, onde se salientou pela piedade e pela ciência. Contemporâneo de São Bento, o grande patriarca dos monges do Ocidente, João foi honrado com a dignidade de cardeal-sacerdote, do título de Pamaco.

Morto o papa Hormisdas, em 523, João, então arcediago, foi eleito para ocupar a imorredoura cátedra de São Pedro — aos 13 de agôsto.

O pontificado dêste primeiro João foi curto: estendeu-se por dois anos e meio, de 523 a 526.

São João I foi pontífice grandemente zeloso das coisas que diziam respeito à glória do Deus e ao bem da Igreja. Terminou o cemitério dos Santos Nereu e Aquileu, restaurou o dos Santos Félix e Adauto e o de Santa Priscila. Reparou a basílica de Santa Petronilha e, graças às liberalidades de Justino, pôde enriquecer as igrejas dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, de Santa Maria e de São Lourenço com valiosíssimos vasos sagrados cravejados de pedrarias.

Foi êste papa que fixou a data da festa pascal. O canto romano também lhe foi objeto da solicitude.

Por um dos seus primeiros decretos contra os arianos, Justino ordenava o embargo das igrejas que aquêles haviam tomado aos católicos. Ora, Teodorico, o Grande, enfurecido com tal decisão, enviou uma carta ao imperador, todo inclinado a crer que o papa era cúmplice naquela questão, porque o supunha muito influente junto de Justino. Procurou, então, enviá-lo a Constantinopla, encabeçando uma embaixada, para conseguir duas coisas: uma delas era a reconquista das igrejas tomadas dos arianos, que desejava fôssem a êstes restituídas; a outra, dizia respeito aos apóstatas que do arianismo se haviam bandeado para o catolicismo, e queria ver de novo abraçados à religião de Arias.

Era, aquela, uma incumbência de papa? Certamente, não. Todavia, João foi obrigado a aceitar a embaixada, sendo o primeiro papa a deixar a Itália.

A viagem de São João I foi salientada por milagres, entre os quais notamos o da cura do cego. Por êstes milagres, que diria a cristandade, que julgava ter o papa aderido ao arianismo?

Justino recebeu-o como se tivesse diante de si a São Pedro em carne e osso: prosternou-se diante dêle e lhe ofereceu o palácio — o que iria aumentar, ainda mais, as suspeitas de Teodorico, quanto à cumplicidade.

Os resultados da embaixada são incertos. A crer no testemunho de Teófano, Justino cedeu no que fizera para evitar derramamento de sangue. O que mais se achega da verdade, porém, é o que nos legou

o *Anônimo de Valois* (1), ou seja, que Justino não arredou pé, continuando tudo na mesma.

Quando João voltou, Teodorico reprovou-o, dizendo que nada fizera, que fôra muito bem recebido, não conseguindo o que quer que seja para os seus partidários.

Assim, ordenou-lhe a prisão. Desejava decapitá-lo, mas, não querendo ser alvo da reprovação do povo italiano, optou pelo encarceramento.

São João I morreu no cárcere, de fome e de sêde, em Ravena, capital de Teodorico, o Grande, aos 18 de maio de 526.

Todos os componentes da embaixada tiveram a mesma sorte.

O povo, contrito e entristecido, desfilou diante do magro corpo descarnado do sumo pontífice, e um possuído do demônio, ao tocar o santo, viu-se liberto do poder do Maligno.

Em 530, as santas relíquias deixaram Ravena e foram levadas para São Pedro de Roma. Era no dia 27 de maio — data que foi adotada para lhe celebrar a festa.

— — — —

No mesmo dia, no país de Artois, São Ranulfo, mártir, época desconhecida, tendo sido muito venerado na abadia de São Vaast de Arras, onde o corpo jazia. Crê-se que foi martirizado em Thélus.

---

(1) Um cronista, anônimo, daqueles tempos. (N. do Atual.).



Monges sábios. Segundo uma miniatura dos meados do século XIII.

Em Rodes, São Gausberto, confessor, nascido em Auvergne. Depois de ter sido cura dalgumas paróquias buscou a solidão, no lugar em que mais tarde se ergueu o mosteiro de São Projeto, no Rouergue. Falecido no ano de 1079, o corpo jaz em Laussac.

Em Sora, Santa Restituta, virgem e mártir, que, sob o imperador Aureliano e procônsul Agácio, chamada a lutar pela fé, venceu os esforços do demônio, as carícias dos pais e a crueldade dos carrascos; enfim, decapitada com outros cristãos, foi honrada com a glória do martírio. — Na Inglaterra, o falecimento do venerável Beda, sacerdote célebre pela santidade e erudição. (1)

* * *

(1) Ver 16 de julho.

28.º DIA DE MAIO

SÃO GERMANO

Pelo ano de 555, foi eleito bispo de Paris um homem semelhante aos apóstolos em virtudes e milagres. Era São Germano, então abade de Saint-Symphorien d'Autun. Descendia de honesta família do território de Autun. Seu pai chamava-se Eleutério e sua mãe Eusébia. Quase morreu, ao nascer. A mãe, envergonhada de ter tão depressa outra criança, procurou fazê-la perecer no seio: Deus não permitiu se consumasse o intento. Educado em sua infância em Avallon, em casa de uma de suas parentas, correu risco semelhante. A mulher perversa, para apoderar-se de sua herança, resolveu dar-lhe veneno. Havendo-o preparado, mandou que a criada o desse a Germano, quando voltasse da escola com seu filho chamado Estratídio, a quem deveria oferecer, ao mesmo tempo, um copo de vinho. Mas a doméstica equivocou-se, dando o copo de vinho a Germano e o copo de veneno a Estratídio, que não morreu, mas contraiu longa enfermidade.

Livre dêsses perigos, Germano retirou-se para Lazi, em casa de um santo sacerdote seu parente, que lhe plantou na alma as primeiras sementes da virtude. Ali permaneceu quinze anos, quando Santo

Agripino o ordenou diácono, e em seguida sacerdote, três anos após. Enfim, São Nectário, bispo da mesma cidade, em atenção à sua sabedoria e piedade, fê-lo abade do mosteiro de São Simporiano. Sua abstinência era grande: passava freqüentemente as noites em oração; mas a virtude principal era a compaixão pelos infelizes. Um dia, deu aos pobres todo o pão que tinha no mosteiro. Os monges, nada encontrando para êles mesmos, puseram-se a murmurar. Êle fechou-se em sua cela e chorou amargamente. Sua oração ainda não havia terminado, quando viram chegar à porta dois cavalos carregados de pão, que uma piedosa dama enviava de esmola, seguidos no outro dia por um carro de provisões. Deus concedeu, desde então, ao santo o dom da profecia e dos milagres. Em Châlons, onde fôra encontrar o rei Teodoberto da Austrásia, em favor das vilas da igreja de Autun, predisse a êste príncipe que morreria brevemente e lhe marcou o dia. O rei morreu pouco após, quando regressava a Reims.

Germano dirigiu-se ao rei Childeberto, por uma causa semelhante, quando foi eleito bispo de Paris, pelo ano de 555. Nessa nova dignidade, os milagres aumentaram na proporção das virtudes. Uns e outros são atestados por um autor contemporâneo, Fortunato, bispo de Poitiers, testemunha ocular de renome, e que escreveu a vida do santo em verso e em prosa. Eis como fala de sua caridade:

"A voz de todo povo, reunindo-se numa só, nem assim exprimiria quão pródigo era êle em esmolas: freqüentemente, contentando-se com uma túnica, cobria com o restante das vestes um pobre nu, assim que, enquanto o pobre se sentia quente, o bem-aventurado padecia frio. Ninguém pode dizer em quantos

lugares e em que quantidade libertou cativos. As nações vizinhas, os espanhóis, os escoceses, os bretões, os gascões, os saxões, os borguinhões, podem atestar como se recorria de tôdas as partes ao nome do bem-aventurado para ser libertado do jugo da escravidão. Quando nada lhe restava, permanecia sentado, triste e inquieto, com fisionomia mais grave e conversação mais severa. Se, por acaso, alguém o convidasse a uma refeição, concitava os convivas ou servidores a se unirem de maneira a libertar um cativo, e a alma lhe saía um pouco do abatimento. Se o Senhor mandava de alguma parte, para as mãos do santo, algo a distribuir, tinha o costume de dizer: Rendamos graças à clemência divina, porque nos chega algo com que possamos efetuar um resgate. E, imediatamente, sem hesitar, agia de acôrdo com as palavras. Quando havia assim recebido alguma coisa, as rugas da fronte lhe desapareciam, a fisionomia mostrava-se-lhe mais serena, andava com passo mais lépido, as palavras eram mais abundantes e alegres se bem se pudesse crer que, resgatando os outros, êsse homem se livrava do jugo da escravidão."

O santo bispo, voltando de São Sinforiano a Avallon, encontrou grande número de indivíduos na prisão. Convidado a almoçar pelo Conde Nicásio, o homem de Deus falou-lhe primeiramente da misericórdia, exortando-o a tirar-lhe uma parte das culpas e a receber penhores pelo pagamento do resto. O conde recusou obstinadamente. Antes do fim da refeição, o santo levantou-se da mesa, foi prostrar-se sôbre a prisão, localizada no subsolo, e orou longo tempo com lágrimas nos olhos, para obter de Deus o que lhe havia recusado o juiz temporal, e exortando os detidos a ter confiança. Pouco após a partida, as

cadeias se romperam, as portas abriram-se por si sós, a prisão iluminou-se, os prisioneiros saíram e entraram com o santo pontífice em Paris. Para terminar a boa obra, obteve do rei a remissão das dívidas para com o fisco. Havendo-se ferido mortalmente, o conde Nicásio foi curado pelo santo, e lhe ofereceu de presente o cinto e a espada, que readquiriu depois.

O rei Childeberto secundava dignamente a caridade do bispo. Enviou-lhe, um dia, seis mil peças de ouro para os pobres. Após ter distribuído três mil, Germano foi ao palácio. Interrogado pelo rei se tinha ainda alguma coisa, respondeu que tinha a metade, porque não havia encontrado suficiente número de pobres. Senhor, disse-lhe o rei, dai o resto: por mercê de Cristo não nos faltará o que dar. E imediatamente mandou romper a baixela de ouro e de prata, e deu-a ao pontífice. Havia como que uma porfia entre o bispo e o príncipe para ver quem era o mais caridoso.

Childeberto recebeu nesta vida a recompensa das liberalidades que Germano o levava a fazer aos pobres e às igrejas. Caindo gravemente enfêrmo, o santo bispo restituiu-lhe miraculosamente a saúde; e o rei, em sinal de reconhecimento, deu à igreja de Paris a terra onde havia sido curado. Eis como se exprime na ata de doação, que os sábios reputam autêntica:

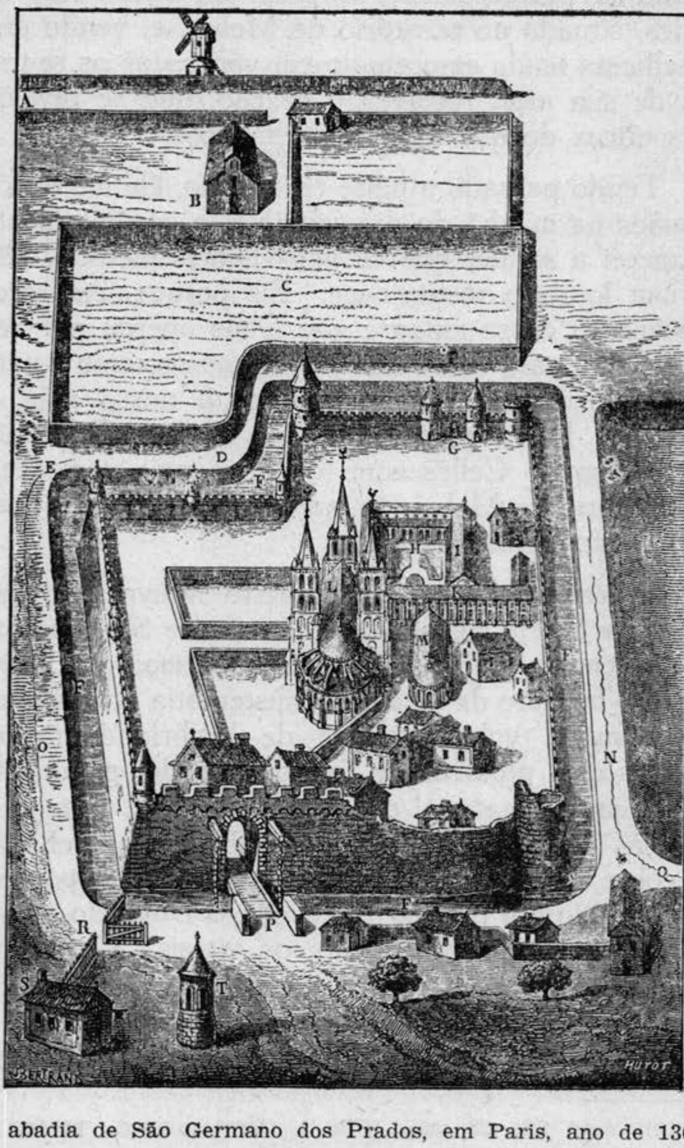
"Nosso pai e senhor, Germano, bispo de Paris, homem verdadeiramente apostólico, nos fêz conhecer, por suas prédicas que, enquanto estivermos neste mundo, devemos pensar na outra vida, e nos recomendou aumentar cada vez mais os bens das igrejas e aliviar a miséria dos pobres, como nos ensinou com o seu próprio exemplo. Ora, o santo bispo, encon-

trando-me perigosamente enfêrmo em minha casa de Celles, situada no território de Melun, e, vendo que a medicina havia empregado em vão todos os segredos de sua arte, recorreu à oração, que se revelou mais eficaz do que todos os remédios.

Tendo passado a noite em oração, êle me impôs as mãos na manhã do dia seguinte, e imediatamente recuperei a saúde, que os mais hábeis médicos não haviam logrado restituir-me. Eis porque, em reconhecimento dêsse milagre que Deus operou por seu intermédio, para fortalecimento do nosso reino e para a nossa salvação eterna, doamos à nossa mãe, a igreja de Paris, cujo bispo é o senhor Germano, nossa casa de Celles com todos os seus pertences, no território de Melun, às margens do Sena, na confluência com o Ivone". (1)

Entretanto, o rei Childeberto houve por bem edificar a igreja começada em honra de São Vicente Mártir, chamada, depois, de Saint-Germain des Prés. Tinha o formato de uma cruz, sustentada por colunas de mármore, voluta ornada de lambris dourados, paredes com pinturas de fundo dourado, pavimento com peças de material de diferentes côres, formando diversas figuras. Tudo vinha coberto com chapas de cobre dourado, o que deu azo a que depois se chamasse igreja de São Germano, o Dourado. Fortunato louva particularmente os vitrais. Como era em forma de cruz, havia quatro altares. O altar-mor, voltado para o Oriente, foi dedicado à Santa Cruz e a São Vicente; o do lado norte aos santos Ferréol

(1) Acta SS., 28 maii. Vita S. Germ. coment., praev., n. 11, 11 e 13.



A abadia de São Germano dos Prados, em Paris, ano de 1361.

e Ferrucio; o do sul a São Júlio de Brioude, o do ocidente aos santos Gervásio e Protásio, a São Celso e a São Jorge. Na entrada da igreja, ao sul, haviam construído um oratório em honra de São Sinforiano, e no lado oposto, ao norte, outro em honra de São Pedro. Há motivo para crer que houvessem colocado em todos êsses altares relíquias dos santos mártires em honra dos quais foram dedicados; parece que foi o desejo de Childeberto ao mandar buscá-las com o papa.

Êsse príncipe deu à nova igreja numerosas e ricas terras e preciosos ornamentos, e pediu a São Germano que lá estabelecesse uma comunidade de monges. O santo bispo disto se desincumbiu, doando mesmo muitas terras do seu patrimônio, a fim de fornecer abundantemente óleo e cêra para o luminário. Nomeou abade a São Drotoveu, que havia sido discípulo seu em São Sinforiano de Autun, e a quem tinha instruído segundo a regra de Santo Antão e São Basílio.

Tudo se achava pronto para a dedicação da igreja, quando Childeberto caiu gravemente enfêrmo. Era pela festa de Natal, e muitos bispos já estavam em Paris para celebrá-la com o rei. O príncipe morreu em 23 de dezembro de 558, no quadragésimo-oitavo ano de reinado. Como São Germano quisesse inumar Childeberto na nova igreja, e houvesse em Paris grande afluência de pessoas de tôdas as condições, tanto por causa da festa como por causa do funeral do rei, creu dever aproveitar a oportunidade. Fêz a consagração da igreja, assistido por São Niceto de Lion e por cinco outros bispos, e, no mesmo dia, realizou as exéquias de Childeberto com um aparato

digno da grandeza e magnificência dêste príncipe, que foi enterrado no côro da igreja, aparentemente construída para sua sepultura. (1)

O santo bispo de Paris morreu em 28 de maio de 576, e foi enterrado, como havia ordenado, na capela de São Sinforiano, localizada embaixo da igreja de São Vicente. Com o tempo, a igreja tomou o nome de Saint-Germain des Prés.

* * *

(1) Vita Droctovei, 10 mart. Fort. 1, II, c. XI, Aimoin, 1, II, c. XX.

SÃO GUILHERME DE GELLONE (*)

Confessor

São Guilherme de Gellone nasceu na França do Norte. Era filho do conde Thierry e de Aude, irmã de Pepino III. Era primo de Carlos Magno, que, tendo-o a seu serviço, nomeou-o conde de Tolosa e duque de Aquitânia, em 790. Foi o fundador do mosteiro de Gellone, próximo de Aniane (5 de dezembro de 804). Amigo de São Bento de Aniane, tomou-o como diretor espiritual.

Guerreiro, depois que Carlos Magno lhe aceitou a demissão, tomou o hábito monástico na festa de São Pedro e São Paulo, no ano de 806. Monge, desejou viver apagadamente, sequioso de que todos se esquecessem do que fôra no século, homem considerável e procurado.

São Guilherme de Gellone assistia ao ofício como todos o faziam, trabalhava na padaria do mosteiro e servia a comunidade como cozinheiro, quando lhe tocava a vez. Mortificava-se com duros jejuns, flagelava-se continuamente e a maioria das noites

passava em oração, ajoelhado no oratório de São Miguel.

Falecido a 28 de maio de 812, São Guilherme de Gellone foi imediatamente venerado como santo. Ainda nos dias de hoje, a diocese de Montpellier lhe presta homenagem, celebrando-lhe a festa.

* * *

BEM-AVENTURADO LANFRANC (*)

Confessor

Lanfranc, filho de Hambaldo, conselheiro do senado de Pavia, e de Rosa, nasceu, ao que tudo indica, no ano de 1005, naquela cidade. Educado cuidadosamente, desde cedo Lanfranc mostrou-se inclinado pelas letras. Obrigado a suceder ao pai, morto prematuramente, teve que estudar direito.

Em 1035, estava na França, talvez exilado por questões políticas. Estabelecido em Avranches, ali fundou uma escola de dialética, mas, tendo fracassado, por falta de estudantes, fechou-a e foi tentar a sorte em Ruão.

Foi um incidente que o levou a deixar o mundo. Miles Crespin (1), seu biógrafo, conta assim o sucesso:

"Querendo um dia ir a Ruão, assim o fêz, e, viajando à noite, atravessava a floresta de Ouche, quando, de inopino, caiu nas mãos dum bando de ladrões, que o despojaram de tudo aquilo que levava. Ligando-lhe as mãos atrás das costas, puxaram-lhe sôbre os olhos o capuz e o levaram longe do caminho, no mais denso da mata, deixando-o ali.

---

(1) Miles Crespin, **Vida de Lanfranc.**

"Não sabendo o que havia de fazer naquela conjuntura, pôs-se a lamentar-se com o infortúnio, mas o silêncio da noite, que era solene, fêz com que se calasse. Quis, então, cantar salmos, porque se compenetrara de que nada era, mas não sabia um único sequer. E o pensamento que pôs em Deus, levou-o a dizer:

"— Senhor Deus, perdi tanto tempo com instruir-me, usei meu corpo e minha alma nos estudos, e aqui estou sem saber como rezar ou recitar um ofício. Socorre-me, livra-me dêste perigo que, com tua ajuda, hei de corrigir minha vida, organizando-a de tal modo que saberei como servir-te".

De manhãzinha, ouvindo a bulha dos que percorriam os caminhos da floresta, entrou a gritar, chamando-os com tôda a fôrça de que dispunha. Assustados, os viajantes, depois, deram-se conta de que era voz humana, aquela que saía da espessura dos cerrados, e, guiando-se por ela, descobriram-no.

"Êle se deu a conhecer, contando aos salvadores o que lhe sucedera, e foi levado ao caminho que, na véspera, estivera a perfazer, perguntando aos que o ouviam, onde poderia encontrar o mais modesto, o mais pobre mosteiro da região."

"— Não conhecemos nenhum mosteiro mais pobre nem mais miserável, responderam-lhe os salvadores, do que o que um homem de Deus ergueu logo aqui perto".

"Mostraram-lhe a vereda que ao convento o levaria, e se afastaram".

O mosteiro era o de Bec, fundado, fazia dois anos, por Herluino, e nêle Lanfranc se fixou, por volta de 1042.

Fiel à promessa que fizera, o novel monge aplicou-se ao silêncio e à contemplação, correndo assìduamente a todos os ofícios, tanto de dia como de noite.

Aquela santidade que em Lanfranc se manifestou, tão grande, despertou a inveja dalguns companheiros. Naquela época, reinava no mosteiro a desordem, e a grosseria de certos religiosos mal formados levou-o a pensar em abandonar a casa secretamente, em busca da solidão e da quietude. Todavia, achando que não agiria honestamente, falou com o abade, que, proibindo-o, para concertar as coisas, acabou por nomeá-lo prior, autorizando-o a abrir uma escola.

Ora, Guilherme, o Conquistador casara-se, de pouco, com uma prima, Matilde, e, como o parentesco era de grau que não permitia a união, fôra excomungado pelo papa Nicolau II.

Lanfranc entrou na vida do duque, tomando o partido do pontífice. Guilherme irritado com aquela atitude, ordenou-lhe que deixasse a Normandia.

Lanfranc enfrentou-o audaciosamente e procurou acalmá-lo, prometendo-lhe tratar do caso junto do santo Padre. Com efeito, o bem-aventurado conseguiu de Nicolau II a dispensa de parentesco para o duque e a espôsa. E Guilherme conforme prometera, construíu, arcando com tôdas as despesas, dois mosteiros. Surgiram, então em Caen, as duas abadias que foram destinadas, uma para homens, outra para mulheres.

Êste sucesso concorreu para que tôda a Europa voltasse os olhos para Bec, que, de mosteiro mal

dotado, tornou-se enriquecido, atraíndo, malgrado a má localização, muitíssimos estudantes da França, da Gasconha, da Alemanha, da Bretanha, de Flandres e, mesmo, de Roma, que acorriam freqüentar-lhe a escola, pressurosos.

No ano de 1065, Guilherme nomeou o bem-aventurado Lanfranc abade de Santo Estêvão de Caen, a abadia dos homens. Também ali surgiu uma escola.

Rei da Inglaterra em 1070, Guilherme fê-lo arcebispo de Cantorbery. Contava então Lanfranc sessenta e sete anos. Já velho e cansado, mal sabia que, à morte do amigo, iria sofrer com seu segundo filho, que, consoante o desejo do Conquistador, Lanfranc mesmo iria coroar rei.

Assim, desgostoso com o novo monarca, que tratava com tanta afeição e não lhe ouvia os sábios conselhos, atacado de disenteria, aos oitenta e seis anos, faleceu. Era em 1089.

O bem-aventurado Lanfranc deixou alguns escritos: *Cartas, Comentários sôbre São Paulo, Sentenças, História Eclesiástica, Vida de Guilherme, o Conquistador, Comentários sôbre os Salmos* e, finalmente, o trabalho mais famoso e de maior fôlego: *Tratado do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor*, contra Berengário.

* * *

SANTO AGOSTINHO DE CANTUÁRIA (*)

Bispo e Confessor

Desconhece-se tôda a vida de Agostinho antes de 596. Prior do mosteiro de Santo André, fundado por Gregório, o Grande, na casa do *Coelius*, foi escolhido por aquêle para ser o instrumento principal da obra de conversão da Grã-Bretanha. (1)

* * *

(1) Ver São Justo, 10 de novembro.



Santo Agostinho recebe instruções do papa São Gregório para evangelizar os anglo-saxões. Segundo uma miniatura de um Lecionário do século IX.

NOSSA SENHORA DOS ARDENTES (*)

Século XII

Vivia, no princípio do século XII, afligidíssima, tôda a cidade de Arras, vítimas que eram os habitantes duma terrível epidemia que se alastrava pelos principais países da Europa: *o mal dos ardentes*, verdadeiro flagelo de Deus, doença a que também chamavam *fogo infernal*.

Em Arras, separados por profundo ódio, havia dois menestréis. Foi a estas duas almas que se digladiavam que Nossa Senhora escolheu para aparecer, em sonhos.

Pedro e Itier, era como se chamavam os dois jovens, sonharam que a Virgem, vestida de branco, ordenava-lhes que buscassem Santa Sion de Arras, onde, depois de se reconciliarem, Ela lhes daria um círio destinado a curar os sofredores acometidos do *fogo infernal*.

A 28 de maio de 1105, era domingo de Pentecostes, rezando na catedral, já reconciliados, em companhia do bispo Lamberto, informado já da visão, Pedro e Itier, mais o bispo, foram favorecidos com segunda aparição de Nossa Senhora, que lhes deu um círio aceso, dizendo:

— Tôda pessoa acometida do mal que se chama *fogo infernal*, nada mais terá a fazer do que pingar gotas dêste círio em água, com a qual borrifará as chagas, que serão curadas imediatamente. Aquêle que crer, será salvo, mas aquêle que não crer, será colhido pela morte.

Conforme a recomendação da Santa Virgem, deixaram cair alguns pingos de cêra do círio em vasos contendo água, distribuíndo aquêle líquido a todos os doentes. Cento e quarenta e três foram curados na mesma hora. Sòmente um, que não crera, faleceu.

Os milagres operados em Arras repetiram-se noutras localidades, localidades que haviam recebido parcelas do santo círio.

Não menor prodígio foi o que sucedeu nos anos de 1562, 1600, 1623, 1660 e 1665: o círio, nestes anos, aumentou de tamanho.

Conhecido pelo nome de *Jóia*, foi exposto na catedral de Arras à veneração dos fiéis, que afluíam em massa para, extasiados, contemplá-lo. E ao povo, misturavam-se príncipes da Igreja e reis dos reinos vizinhos.

Anos depois, inaugurava-se, em meio a uma festa magnífica, a igreja de Nossa Senhora dos Ardentes. Era no dia 21 de maio de 1876.

A confraria de Nossa Senhora dos Ardentes surgiu em 1106, fundada por Lamberto. O principal objetivo é obter, ao mesmo tempo que a cura de doentes corporais, a conversão de pecadores. Enriquecida com inúmeros favores espirituais, tôdas as indulgências são aplicadas às almas do purgatório.

A festa principal da confraria era celebrada no dia 28 de maio. Depois de 1899, fixaram-na no domingo da Trindade. A festa litúrgica, atualmente, tem lugar na sexta-feira que precede o Pentecostes.

Todos os fiéis podem ganhar uma indulgência plenária, em condições ordinárias, visitando a igreja de Nossa Senhora dos Ardentes num dos dias da novena que se realiza anualmente. (1)

No mesmo dia, em Urgel, na Espanha, São Justo, bispo, irmão de três outros prelados: Justiniano de Valença, Nibrídio de Egara e Helpídio de Huesca. Assistiu aos concílios de Toledo (527), de Lerida (546) e de Valença (549). Deve-se a êle um *Comentário sôbre o Cântico dos Cânticos*, interpretado no sentido espiritual. Desconhece-se o ano em que faleceu.

Perto de Novare, São Bernardo de Menthon, confessor, estabelecido por Pio XI padroeiro dos habitantes dos Alpes, bem como daqueles que por êles viajam. Nos Alpes, em Valais, fundou um mosteiro que se tornou celebérrimo, no monte Joux. Faleceu em 1081.

Em Bayeux, São Manvieu, bispo e confessor. (2)

No mesmo dia, na Sardenha, os santos mártires Emílio, Félix, Priamo e Luciano, que, combatendo por Cristo, mereceram ser coroados. — Em Chartres, São Carauno, que sob o imperador Diocleciano, tendo

(1) Pio IX, 31 de janeiro de 1876.

(2) Desconhecido. Introduzido por êrro, no século IX, na lista episcopal.

a cabeça decepada, recebeu a honra de mártir. — Em Corinto, Santa Helicônida, mártir, que, sob o imperador Gordiano e o presidente Perênio, suportou primeiramente torturas múltiplas: Justino, sucessor de Perênio, colocou-a novamente nas torturas; mas, tendo-a livrado um anjo, cortaram-lhe os mamilos, foi exposta às feras, e atormentada com fogo; terminou, finalmente, o martírio com a decapitação.

No mesmo dia, os santos Crescêncio, Dioscórides, Paulo e Heládio, mártires. — Em Thecué, na Palestina, vários santos monges, que, no tempo de Teodósio, o Jovem, foram chacinados pelos sarracenos. Os habitantes do lugar recolheram-lhes cuidadosamente as santas relíquias e tiveram por elas grande veneração. — Em Milão, São Senador, bispo, celebérrimo pelas virtudes e erudição.

Em Florença São Pódio, bispo e confessor.

* * *

29.º DIA DE MAIO

SÃO CIRILO

Infante, mártir

Trazia sempre o nome de Jesus na bôca, e sentia, ao pronunciá-lo, uma fôrça que o fazia desdenhar promessas, ameaças e golpes. Seu pai, idólatra, não logrando levá-lo a adorar os falsos deuses, renegou-o como filho e expulsou-o de casa, recusando-lhe todos os socorros. Alguns louvavam e admiravam o pai. Quanto ao menino, diziam que o pai pouco lhe tirara, mas que Deus lhe daria muito. O juiz de Cesaréia mandou soldados para prendê-lo; pensou primeiramente em atemorizá-lo, mas encontrou-o intrépido e a nada estimando como a sua fé.

— Meu filho, disse, perdôo-te as faltas; teu pai te receberá em casa e poderás gozar dos teus bens, desde que sejas sábio e penses em ti.

O bem-aventurado menino respondeu:

— Alegro-me em sofrer estas censuras, porque serei bem recebido por Deus. Muito me rejubila ser expulso de casa, porque habitarei outra, maior e mais bela. De bom grado serei pobre para gozar das riquezas eternas. Não temo a morte; é boa porque me propiciará uma vida melhor.

Como assim falasse com uma virtude divina, o juiz mandou amarrá-lo pùblicamente fingindo levá-lo à morte, mas ùnicamente para amedrontá-lo. Quando, porém, lhe relataram que o menino não havia vertido uma só lágrima, nem temia o fogo, chamou-o e lhe disse:

— Meu filho, viste o fogo, viste o gládio: tem juízo, e entrarás novamente na casa paterna e na fortuna do teu pai.

Cirilo respondeu:

— Tirano, fizeste mal em chamar-me. É em vão que acendes o fogo e aguças o gládio. Anseio por morar na casa maior, e possuir as riquezas mais excelentes que receberei do Senhor. Despacha-me imediatamente, a fim de que delas goze o mais depressa possível.

Os presentes choravam, ouvindo-o falar assim; mas êle lhes disse:

— Deveríeis rir e conduzir-me com alegria ao suplício; não sabeis que cidade irei habitar, nem qual é minha esperança. Permiti-me consumar assim a vida. Dizendo tais coisas, foi ao encontro da morte, causando admiração a todos os habitantes de Cesaréia, na Capadócia. (1)

* * *

(1) Buinar e Acta SS., 20 maii.

SÃO VOTO E SÃO FÉLIX (*)

Confessores

Voto e Félix, dois irmãos de Saragoça, viveram na época em que a Espanha jazia ocupada pelos mouros. Eram ricos, nobres e excelentes cristãos.

Voto, apaixonado pela caça, fazia constantes incursões pelas matas do país. Um dia, quando perseguia um veado, que lhe fugia como jamais vira animal fugir, tão veloz, acabou por perdê-lo de vista, quando deparou com uma capelinha abandonada na montanha, dedicada ao santo Precursor. Entrando, descobriu o corpo de São João de Atares.

Sob a cabeça do ermitão morto, Voto percebeu uma pedra, que fazia de travesseiro. Nela estava gravada a seguinte inscrição:

> *"Eu, João, construtor e primeiro habitante desta igreja dedicada a São João Batista, tendo deixado o mundo por amor de Deus, depois de ter, por muitos anos, levado vida eremítica, morro no Senhor".*

Voto sepultou-o com todo o respeito e carinho. E quando chegou à cidade, estava transformado,

tantos os pensamentos que lhe cruzaram o cérebro, piedosos. Vendeu tudo o que possuía, libertou os servos, dispensou os criados, e votou-se inteiramente a Deus.

Félix, o irmão, todo contaminado daquele ardoroso afã de Voto, acompanhou-o à capela descoberta na montanha.

Corria o ano de 714, e ambos, ali, levaram vida eremítica até a morte, que os chamou em 757.

Mais tarde, a capela de São João Batista, tantos os milagres ocorridos com a morte dos dois santos confessores, transformou-se numa grande e bela igreja.

* * *

BEM-AVENTURADA GERALDESCA (*)

Viúva

Natural de Pisa, Geraldesca, aos sete anos, porque amava muito a Deus, fugiu de casa e foi ocultar-se num mosteiro, onde, sem que a importunassem, poderia dar-se a Êle totalmente.

Tais e tantas, foram as lágrimas e os lamentos e as súplicas da mãe, que a menina deixou o refúgio. E, quando lhe chegou a idade de se casar, casou-se — mais por obediência que por vontade própria.

Longe do Cristo, em virtude dos múltiplos afazeres domésticos, Geraldesca vivia triste e a suspirar.

Um dia, propôs ao marido a renúncia ao mundo: não tinham filhos que os impedissem, de modo que fácil seria recolherem-se ambos a um mosteiro.

O espôso, tão inflamada Geraldesca fôra, concordou em viver para Deus. Assim, abandonaram o século e entraram num mosteiro, o dos camaldulos de São Savino, naquela época governado por um santo abade, aparentado com a bem-aventurada.

Acolhidos com grande carinho, ali passaram a viver — Geraldesca a ocupar uma cela fora do mosteiro, na qualidade de terceira.

Tôda numa descomunal alegria espiritual, passou a jovem a vida a louvar o Senhor e a servi-lo.

Favorecida com numerosas visões, Deus também lhe concedeu o dom da profecia.

Antes de morrer, no ano de 1240, soube que, pelas constantes orações, salvara muitas almas.

Desconhece-se o ano do falecimento do marido.

* * *

OS BEM-AVENTURADOS INQUISIDORES (*)

Mártires

São chamados Bem-aventurados Inquisidores, os onze homens que, instituídos inquisidores da fé pelo papa Gregório IX, foram mortos pelos albigenses, depois de terem passado por inúmeros vexames.

Era no ano de 1242, na vigília da Ascensão, perto de Avignonet, no dia 29 de maio. Eram êles o irmão Guilherme Arnaldo, de Montpellier, e dois outros irmãos pregadores, Bernardo de Rochefort e Garcia de Aure, da diocese de Tarbes. Dois irmãos menores, Estéfano e Raimundo Carbonius. O prior de Avignonet. Um cônego de Tolosa, Raimundo, apelidado o Escrivão. Um notário da Inquisição, Pedro de Arnaud. Bernardo, clérigo de Tolosa, e mais dois clérigos, Fortanier e Aymar.

Mortos, inúmeros milagres foram operados por Deus Nosso Senhor.

* * *

BEM-AVENTURADO PEDRO PETRONI (*)

Confessor

Nascido em Siena em 1311, Pedro Petroni (1) caracterizou-se, desde a infância, pela piedade.

Jovem ainda, ingressou numa pia sociedade, cujo objetivo era cuidar de enfermos. Aos dezessete anos, deixou-a para professar na Cartuxa de Maggiano, que, fazia pouco, fôra fundada perto de Siena.

Embora se desse aos jejuns, às vigílias, fazendo duras penitências, Pedro, frugalíssimo, engordou, tornou-se enorme, daí passarem os companheiros a chamá-lo Pedro Pedrão.

Boníssimo, muito venerado pelos fiéis, ao dom da profecia, que Deus lhe dera, acrescentava o de poder ler os corações.

Falecido a 29 de maio de 1361, com cinqüenta anos, os milagres que se realizaram à beira do seu túmulo foram infindos. Tanto que o prior, "com mêdo de que aquela celebridade influísse na disciplina cartusiana, que êle mesmo tão bem praticara", foi obrigado a rogar aos céus para que os prodígios cessassem.

* * *

(1) Pedro Pedrão.

SANTO ANDRÉ DE CHIO (*)

Mártir

Santo André nasceu em Chio. Desde menino, votou-se a Nossa Senhora. Com vinte e sete anos, encontrava-se em Constantinopla.

Um dia, quando visitava, com muita piedade, as igrejas da cidade, um apóstata acusou-o aos turcos, como tendo abraçado a religião de Maomé e depois abandonado.

Embora não fôsse circunciso, aquêle fato de nada lhe valeu, uma vez que, para os homens feitos, a circuncisão era facultativa. Enviado ao sultão Maomé II, propôs-lhe êste o cargo de oficial.

André, revoltado, porque aquilo nada mais era do que pura sedução, coisa que o levaria a abraçar, forçosamente, o islamismo, recusou-se, enojada e veementemente.

Atormentado com requintes de crueldade, trancaram-no, ligado de pés e mãos, num infecto calabouço, onde o flagelaram horrìvelmente, com unhas de ferro.

De articulações quebradas, cortaram-lhe, a pouco e pouco, pelos dias em que se viu prêso, pedaços de carne do corpo já enlanguecido e em brasa, sendo,

finalmente, decapitado no dia 29 de maio do ano da graça de 1465.

Jogado ao mar, os cristãos imediatamente se apossaram do santo corpo, sepultando-o às margens do Bósforo, numa igreja dedicada a Nossa Senhora.

Devoto de Maria, como vimos, desde a infância, morto, repousou numa igreja que lhe era dedicada. Ali, muitos milagres se realizaram, principalmente de trânsfugas da fé, que tornaram a abraçar a verdadeira.

* * *

SANTOS SISÍNIO, MARTÓRIO E ALEXANDRE (*)

Mártires

Sisínio, enviado como pregador por São Vigílio, bispo de Trento, para converter os pagãos que ainda existiam numa parte de sua diocese, recebeu, mais tarde, para auxiliá-lo nos trabalhos, dois homens: Martório, que fôra militar, depois se fizera leitor, e Alexandre.

Sisínio era diácono e nascera na Capadócia. Acolhido muito mal pelos habitantes da região, o mesmo sucedeu com os dois que chegaram para coadjuvá-lo no apostólico mister.

Quando Sisínio levantou a igreja de Medol, as hostilidades cresceram, e, um dia, numa festa pagã, os ímpios, tomando a fôrça um jovem recentemente convertido, obrigaram-no a ofertar vítimas aos deuses.

Os missionários correram tomar o partido do oprimido. Furiosos, os pagãos apossaram-se dos três, obrigando-os também a tomar parte no ofertório.

Como se recusassem, caíram sôbre êles, batendo-os violentamente, mas deixaram que se fôssem. No dia seguinte, de ânimo mais exaltado, reunidos, os pagãos, aos gritos, numa grande balbúrdia, inva-

diram a igreja, quando ia em meio o ofício da manhã. Foi a pilhagem, a bruta demolição da igreja que tanto tempo e tanto sacrifício custara aos santos missionários.

Sisínio foi prêso. Martório, que se refugiara no jardim que circundava o templo, foi descoberto e detido. Faltava um, Alexandre, que, escondido numa casa das vizinhanças, também foi descoberto.

Sisínio, enquanto Martório era procurado, foi massacrado num átimo. Martório, antes que Alexandre a êle se reunisse, viu-se ligado ao tronco duma árvore e trespassado com pontiagudos varapaus.

Assim que Alexandre chegou ao lado dos companheiros mortos, encontrou-os atados um ao outro. Agarraram-no com sanha, ligaram-no aos dois santos mortos, e, aos três, arrastaram-nos com bestial furor pelos caminhos.

A Alexandre, ainda vivo, procuraram levá-lo a apostatar, mas, vendo que nada conseguiam, tanta a firmeza que demonstrava, atiraram com êle sôbre um braseiro.

Tal barbaridade ocorreu no dia 29 de maio de 397. Os culpados de tamanha bruteza foram presos por ordem do imperador e, iam ser punidos, quando os cristãos, em comissão, lhe solicitaram a graça de assim não proceder — porque o sangue dos mártires era a glória da Igreja, enquanto que os dos inimigos lhe era odioso, se derramado em represália.

São Vigílio ordenou que se recolhessem, tanto quanto possível, as relíquias daqueles três santos. E, a pedido de Simpliciano, sucessor de Santo Ambrósio, enviou-as para Milão.

* * *

SANTA BONA (*)

Virgem

Bona nasceu em Pisa, em 1156, na paróquia de São Martinho, filha de Bernardo e de Berta, que era natural da Córsega.

O pai, quando Bona estava com três anos, empreendeu uma longa viagem, da qual jamais voltaria, de modo que foi educada pela mãe.

Um dia, deu-lhe o Senhor a ordem de dormir sòzinha. Bona, então com sete anos, passou a fazê-lo sôbre a palha, no chão, datando daí o início dos jejuns que praticou por tôda a vida: três vêzes por semana, passava a pão e água.

Vestida grosseiramente, de pele de cabra, não se sabe qual a reação de Berta, diante disto e das austeridades da filha, em tão tenra idade.

Duma feita, passando diante da igreja do Santo Sepulcro, Bona saudou a Jesus crucificado. O Salvador inclinou-se para ela e abençoou-a.

Conta-se que, noutra ocasião, naquela mesma igreja, o Senhor lhe apareceu, em companhia de Nossa Senhora, das duas outras Marias e do apóstolo São Tiago. E Jesus, soprando sôbre ela por três vêzes, disse-lhe:

— Recebe o Espírito Santo.

São Tiago foi companheiro habitual de Bona.

Consagrada a Deus, a jovem foi viver numa casa perto da igreja de São Martinho. Um dia, a mãe foi visitá-la, e Nosso Senhor, com a Mãe, com as duas outras Marias e São Tiago, apareceu-lhe. Disse a Berta, que não sabia quem eram tais personagens:

— Teu marido vive na outra banda do mar. Desejamos levar-lhe a filha.

Berta, surprêsa, olhava-os encantada. Afinal, respondeu:

— Vós me pareceis muito bons estrangeiros. Concordo com o que desejais.

Bernardo, que fôra casado duas vêzes, tivera do primeiro matrimônio três filhos: um era patriarca de Jerusalém, outro, mestre do Templo, e o terceiro, hospitaleiro. Como Bona tivesse sangue côrso, e os quatro detestavam tudo quanto provinha da Córsega, receberam-na muito mal.

Bona, que sempre fôra decidida, na primeira oportunidade escapou, embarcou, indo fixar-se num lugar montanhoso, todo coberto de bastas matas.

Certo dia, encontrou-se com Ubaldo, o ermitão, e com êle visitou os lugares santos.

Pela Quaresma, retirada numa caverna, recebeu a visita de Jesus. Disse-lhe Êle:

— É necessário que tenhas filhos.

Bona arregalou os olhos, perguntou:

— Como será isso?

Nosso Senhor levou-a ao alto da montanha, e lhe mostrou os filhos espirituais, dos quais devia cuidar,

convertendo-os, tornando-os perseverantes, aperfeiçoando-os.

E Jesus, dando-lhe a aliança das núpcias espirituais, desapareceu.

A santa virgem procurou Ubaldo e lhe disse que ia tornar à pátria. Despediu-se e partiu.

Em viagem, passando pelo Calvário, foi ferida por sarracenos, aprisionada e, afinal, libertada, chegou a Pisa, conduzida bondosamente por mercadores daquela cidade.

Na terra natal, principiou a levar vida de reclusa, tôda entregue à oração e à contemplação. Muito procurada pela santidade, logo deixou a cidade, fazendo uma peregrinação a São Tiago, na Espanha, lugar que, dizem, visitou nove vêzes.

Da Espanha, passou a Itália. Em tôdas as viagens, São Tiago acompanhou-a pessoalmente, como se fôra um peregrino, por ela operando um número infindo de milagres, inclusive a travessia dum rio não vadeável, cuja ponte fôra destruída.

Diz-se que a uma pobre velha, que a acolhera, certa vez, em sua choça, e que desejava, ardentemente, erguer uma igreja em honra de São Tiago, mas sem recurso de espécie alguma, Bona, ajudada pelo bom e santo companheiro, realizou o sonho da piedosa anciã paupérrima: é a igreja de São Tiago de Podio.

Desde que, deixando de ser menina-moça, entrou na juventude, Bona trazia sob as vestes um rude cinto de ferro. Um dia, a pedido de Nosso Senhor,

tirou-o, para, como o queria o divino Mestre, entregar a um padre chamado João, que dêle devia fazer uma cruz. O padre, depois de jogar o cinto ao fogo, preparava-se para malhá-lo, quando, sem que ao ferro ao rubro desfechasse uma só martelada, uma cruz lhe surgiu diante dos olhos, ao mesmo tempo que, do clarão duma intensíssima luz, um pingo de sangue caiu sôbre ela.

Santa Bona adoeceu gravemente depois da última peregrinação a São Tiago da Galícia, falecendo no dia 29 de maio de 1207.

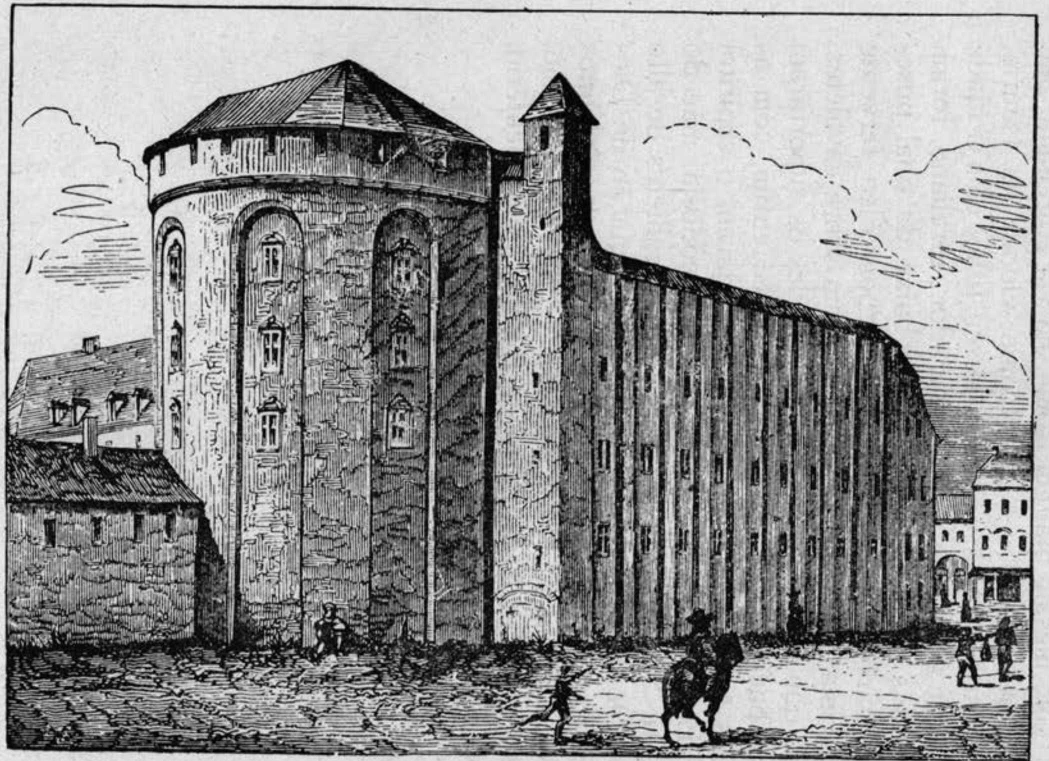
Enterrada na igreja de São Martinho, Bona é honrada como santa em Pisa, embora papa algum a canonizasse.

— — — —

No mesmo dia, em Trèves, São Maximino, bispo e confessor, que recebeu com grandes honras a Santo Atanásio, exilado em virtude da perseguição dos arianos. Nascido na Aquitânia, segundo uns em Poitiers, faleceu em 346 ou 347.

Na Cornualha, Santa Buriana, reclusa, falecida, possìvelmente, em 530.

Em Munich, o bem-aventurado Marquard, confessor, falecido em 1327, da ordem dos irmãos menores (converso), homem de extraordinária paciência e de imensa piedade, que sofreu durante a vida de numerosas enfermidades e se ilustrou, depois da morte, pelos muitos milagres que operou — entre outros, a cura do bem-aventurado João de Capistrano, que sofria de cálculo.



Basílica de Constantino, em Trèves, no século IV.

No mesmo dia, em Roma, na via Aureliana, São Restituto, mártir. — Em Icônio, cidade da Isáuria, o martírio de São Conon e de seu filho, com a idade de doze anos, que, sob o imperador Aureliano, foram deitados sôbre uma grelha, em baixo da qual puseram carvões acesos, atirando depois óleo fervente por cima; em seguida os estenderam sôbre cavaletes, e os queimaram; êsses tormentos, êles os suportaram com paciência e constância heróicas; enfim, com as mãos esmagadas pelo malho, entregaram o espírito. — Em Cesaréia de Filipe, Santa Teodósia, mãe do mártir São Procópio, e doze outras mulheres de alto coturno, decapitadas durante a perseguição de Diocleciano. — Na Úmbria o suplício de mil quinhentos e vinte cinco mártires. — Em Verona, São Máximo, bispo. — Em Arca, perto de Roma, Santo Eleutério, confessor.

* * *

30.º DIA DE MAIO

SÃO FERNANDO III

Rei de Castela

Era o primogênito dos filhos de Afonso, rei de Leão, e de Berengária de Castela, irmã de Branca, rainha da França e mãe de São Luís. Nasceu no ano 1198, ou no início do ano seguinte. Berengária foi obrigada, em virtude de ordem de Inocêncio III, a separar-se de Afonso de Leão, com o qual teve quatro filhos, dois príncipes e duas princesas. É que, conquanto parentes em terceiro grau, haviam-se casado sem obter dispensa, que, em caso semelhante, se concedia então com bastante dificuldade. Entretanto, como haviam contraído matrimônio em boa-fé, seus filhos foram declarados legítimos. Berengária retirou-se para junto de Afonso IX, um dos reis mais valentes e virtuosos que Espanha jamais possuiu, e que, ao mesmo tempo, era cheio de ternura para com a filha.

Morto Afonso de Castela em 1214, Henrique, seu filho, que não tinha mais que onze anos, subiu ao trono. Sua mãe, Eleonora da Inglaterra, filha da famosa Eleonora de Guienne, foi encarregada da regência do reino; mas essa princesa afligiu-se tão

profundamente com a morte do rei que não lhe sobreviveu mais de vinte e cinco dias. Berengária foi designada para governar sob o irmão; mas, por amor da solidão, deixou-se persuadir em ceder a dom Álvares a tutela do jovem Henrique e a regência do reino. Êsse Álvares era o mais nobre senhor de Castela. Infelizmente ajuntava ao ilustre nascimento ambição desmesurada, caráter violento e alma vingativa; assim, incendiou, por diversos anos, Castela e os reinos vizinhos.

Quando Henrique atingiu doze anos, Álvares fê-lo esposar Mafalda, irmã de Afonso, rei de Portugal; mas os comissários do papa Inocêncio III, havendo encontrado nesse casamento um impedimento foi êle declarado nulo. Mafalda regressou a Portugal; ali fundou, na cidade de Arouca, um mosteiro de cistercienses, onde tomou o hábito; passou o resto da vida na prática de tôdas as virtudes. Honram-na entre os santos no primeiro dia de maio.

Um acidente imprevisto desconcertou os desejos ambiciosos de Álvares, e pôs fim à sua tirania. O jovem rei, estando em Palência, foi gravemente ferido por uma telha que lhe caiu na cabeça. Morreu dêsse ferimento em 16 de junho de 1217. Berengária, tornada com esta morte herdeira do reino de Castela, fêz valer os seus direitos, mas para cedê-los a seu filho Fernando, então com dezoito anos. Nada mais prudente do que sua conduta nesse caso. Fernando foi proclamado rei em Palência, em Valladolid e em Burgos. Berengária depositou nos arquivos da igreja dessa cidade, a ata solene de sua renúncia ao trono. Álvares e seus partidários promoveram turbulências e atearam o fogo de guerras civis. Mas o jovem rei, auxiliado com os conselhos de sua mãe, conseguiu

finalmente abafar tôdas as revoltas. Álvares, aprisionado, obteve o perdão; mas a liberdade não lhe serviu senão para promover novas conjuras.

Fernando, conquanto assentado no trono, tinha por sua mãe a maior deferência. A seu conselho desposou, em 1219, Beatriz, filha de Filipe da Suábia, e viúva de Oton IV, a princesa mais prendada de seu tempo. Essa união, fundada principalmente sôbre a virtude, não sofreu qualquer alteração. Deixou numerosa posteridade: sete príncipes e três princesas.

O rei tinha o cuidado extremo de fazer observar as leis; mas perdoava a tôdas as injúrias que lhe eram feitas pessoalmente. Apaziguava as revoltas, prometendo anistia a todos os que voltavam ao dever. O desejo que tinha de tornar o povo feliz, aparecia sobretudo na escolha dos que partilhavam com êle da autoridade. O célebre Rodrigo, arcebispo de Toledo e grande chanceler de Castela, foi, durante treze anos, seu conselheiro particular. Unia-se perfeitamente a Berengária e Fernando, parecendo terem os três uma só alma. Para impedir injustiças nos tribunais, o santo rei estabeleceu o tribunal conhecido depois com o nome de conselho real de Castela. Para êle, dirigiam-se as apelações de todos os tribunais. Os mais hábeis jurisconsultos tiveram ordem, ao mesmo tempo, de redigir um código de leis que pudesse servir de regra a todos os magistrados.

Golpe doloroso constituiu para Fernando o fato de seu pai, instigado por Álvares, investir à mão armada sôbre os seus Estados. Empregou todos os meios para apaziguá-lo, e escreveu-lhe cartas, muito comoventes, em que prometia fazer tudo para satisfazê-lo. Êle o socorreu nas guerras que teve de

sustentar contra os mouros; nesta ocasião pô-lo em condições de apoderar-se de Caures, Mérida, Badajoz, e estender as suas fronteiras até a Andaluzia. O seu desejo era não desembainhar a espada senão contra os infiéis. Vê-lo-emos mais tarde conseguir sôbre êles as mais estrondosas vitórias, e fazer as mais importantes conquistas.

O santo rei fundou diversos bispados, e além de várias catedrais, que mandou construir ou reparar com magnificência, lançou ainda os fundamentos de numerosas igrejas, de mosteiros e de hospitais. Nada obstante tantas despesas, não sobrecarregou os súditos de impostos. Nas guerras que sustentava contra os mouros, um dêsses pretensos políticos que não têm consideração para com a miséria do povo, abalançou-se a propor um meio de levantar um subsídio extraordinário. "Não praza a Deus! exclamou o príncipe com indignação, que eu adote jamais vosso projeto. A Providência saberá assistir-me por outros caminhos. Temo mais a maldição de uma pobre mulher, do que todo o exército dos sarracenos." (1)

Em 1225 marchou, pela primeira vez, contra os infiéis. Arremeteu contra êles no reino de Baeça. Aben-Maomé, príncipe oriundo dos miramolins da África, veio oferecer-lhe ser seu vassalo com as condições que queria impor. Em 1230 o rei de Castela apoderou-se de mais de vinte das melhores praças da Andaluzia, bem como dos reinos de Córdoba e Jaen. Massacrado Aben-Maomé, por seus próprios súditos, que não podiam tolerar se tornasse vassalo de um príncipe cristão, Fernando aproveitou a oportunidade para conquistar todo o reino de Baeça

(1) Vita S. Ferdinand. Acta SS., 30 maii.

e erigir um bispado na capital. Não podiam duvidar da pureza das intenções com que agia nessas guerras. Senhor! dizia êle, vós que sondais os corações sabeis que procuro vossa glória e não a minha; não pretendo adquirir reinos perecíveis, mas estender o conhecimento.

Rodrigo, arcebispo de Toledo, executava no exército de Castela tôdas as funções pastorais. Havendo-o impedido uma enfermidade durante um ano, substituiu-o o bispo de Valência. Fernando queria que inspirassem aos seus soldados sentimentos de piedade acendrada, e lhes dava pessoalmente o exemplo de tôdas as virtudes. Jejuava estritamente e cingia-se com cilício em forma de cruz. Passava freqüentemente a noite em oração, sobretudo nas vésperas das batalhas, e atribuía a Deus todos os seus êxitos. Havia sempre, no seu exército, uma imagem de nossa Senhora, para que à vista dela as tropas se enchessem de confiança na Mãe de Deus. Além dessa imagem, que mandava expor à veneração dos fiéis, trazia outra pequena sôbre o peito, e punha-a no arção da sela quando saía ao combate. Empregava os despojos arrebatados aos infiéis para reconstruir a catedral de Toledo, cuja primeira pedra fôra por êle lançada. Várias cidades tomadas aos mouros foram doadas aos cavaleiros de Calatrava, a outras ordens militares e ao arcebispo de Toledo, mas com a condição de que a defendessem contra os maometanos. Remonta a êsse fato a origem das grandes riquezas que possuem ou possuíram o arcebispado de Toledo e as ordens militares da Espanha.

Fernando preparava-se, em 1230, para assediar Jaen, quando soube da morte de seu pai, Afonso IX. Ao mesmo tempo, sua mãe mandou que viesse a

Leão, para tomar posse dêste reino, que depois permaneceu sempre unido ao reino de Castela. Foi sòmente após três anos que se viu pacìficamente senhor dos novos Estados.

Em 1234, retomou as armas contra os mouros e assediou Ubeda, que não foi tomada senão após renhida e longa resistência. Simultâneamente, seu filho Afonso, à testa de mil e quinhentos homens, bateu em Xeres o formidável exército de Abenhut, rei de Sevilha, dividido em sete corpos, cada um dos quais mais numeroso do que o exército cristão. Não se duvidava de que o céu interviera na batalha. Com efeito, muitos prisioneiros afirmaram que haviam visto, à testa dos inimigos, o apóstolo São Tiago, montado sôbre um cavalo branco e com a armadura de um cavaleiro. Muitos cristãos atestaram que haviam tido a mesma visão. Por outro lado, não pereceram, do lado cristão, senão dez soldados, entre os quais um cavaleiro que havia recusado perdoar uma dívida.

A alegria que causavam tantas vitórias foi turbada, no comêço do ano 1236, pela morte da rainha Beatriz. Fernando sentiu profundamente o golpe. Após ter vertido justas lágrimas pela espôsa virtuosa, retomou o curso das primeiras operações, e enquanto Jacó de Aragão arrebatava aos mouros o reino da Majorca, êle terminou a conquista dos reinos de Baeça e de Córdoba. Essa última cidade estava nas mãos dos infiéis desde quinhentos e vinte e quatro anos, e havia sido longo tempo a capital de seu império na Espanha. Tinha mais de trezentos mil habitantes. São Fernando ali entrou no dia de São Pedro e São Paulo, em 1236. A grande mesquita foi purificada por João, bispo de Osma, e convertida em

igreja, sob a invocação da Mãe de Deus. O santo rei restabeleceu um bispado que existira outrora. Os sinos de Compostela, que o sultão Almançor para lá fizera transportar, duzentos e trinta e nove anos antes, sôbre os ombros de cristãos, foram levados aos ombros dos mouros, de volta, por ordem de Fernando.

No ano seguinte, o rei de Castela e Leão contraiu novas núpcias. Decidiu-se a tal a conselho de sua mãe e sobretudo de sua tia, a rainha Branca, herdeira de França. Desposou Joana de Ponthieu, que lhe deu dois filhos e uma filha. Joana viveu sempre em perfeita harmonia com Fernando e Berengária, mãe do rei, e lhe imitou o fervor nos exercícios de piedade. Passavam todos os invernos juntos. Quando na primavera o rei se punha à testa dos exércitos, Joana ajudava de ordinário Berengária na administração dos negócios internos do Estado.

Nas campanhas seguintes à tomada de Córdoba, Fernando apoderou-se de vinte e quatro praças, das quais Eciza foi a primeira, e a última Moron, que se rendeu. Aben-Dudiel, rei de Múrcia, submeteu-se voluntàriamente, não reservando senão algumas praças para si e certos senhores do país, que tinham um direito feudal sôbre vários cantões. Fernando mandou seu filho Afonso tomar posse da cidade de Múrcia. Encarregou-o também de estabelecer um bispado e fazer purificar as mesquitas. Três anos após, as cidades de Lorca, Mula, e Cartagena, foram conquistadas. As de Arjona e Jaen, que antes se haviam defendido corajosamente, caíram também nas mãos de Fernando, bem como Alcada, Real, Ivora e várias outras praças que dependiam de Jaen.

A tomada dessa última cidade atemorizou singularmente Benalhamar, rei de Granada. Rendeu-se a Fernando; depois, lançando-se a seus pés, ofereceu fazer-se-lhe vassalo e pagar-lhe um tributo anual de cento e cinqüenta mil maravedis. As condições foram aceitas e Benalhamar mereceu, por sua fidelidade, que jamais se desmentiu, que seu reino passasse a seus descendentes.

Após a morte de Abenhut, a cidade de Sevilha havia-se erigido em república. Fernando resolveu atacá-la com tôdas as suas fôrças. A tomada da cidade interessava tanto mais por ser a mais importante que os mouros detinham em tôda a Espanha; mas a expedição foi retardada pela morte de Berengária, mãe do rei, que seguiu de perto a do arcebispo Rodrigo. Fernando não encontrou consôlo para a sua dor senão nos princípios da fé. Assegurada a estabilidade de Castela, marchou contra Sevilha. O cêrco durou dezesseis meses. Não causa surprêsa, se considerarmos que a cidade, a mais povoada da Espanha, tinha uma dupla cintura de muralhas, muito altas e sólidas, providas de setenta tôrres. O Guadalquivir defendia a parte ocidental; ao pé do muro interior, havia um fôsso largo e profundo. Os sitiados hauriam todos os víveres de que tinham necessidade do famoso jardim de Hércules, ao qual haviam dado o nome de Axarafa. É o mais agradável e delicioso recanto da antiga Bética. Tem dez léguas de comprimento, cinco de largura e trinta de circuito. Além de grande número de burgos e castelos, contam-se cem mil fazendas ou granjas. Situa-se à margem direita do Guadalquivir, e sua comunicação com a cidade estava defendida pelo castelo Triana. A comunicação se fazia com uma ponte de barcos e

por meio de uma grossa corrente de ferro, prêsa, numa extremidade, ao castelo, e, com a outra, à tôrre da cidade, chamada Tôrre de Ouro.

A frota de Fernando derrotou a dos mouros e subiu o rio até à vista de Triana. O santo rei, com tôdas as suas fôrças terrestres, impedia a chegada dos socorros vindos da África, e tirava cada dia novas vantagens sôbre o inimigo. Conquanto estivessem no duodécimo mês de assédio, o êxito sempre ainda parecia incerto. Entretanto, o almirante da frota cristã arremeteu com dois pesados navios, que romperam a ponte. Sitiaram então Triana, que não pôde resistir ao impacto redobrado das máquinas. Enfim, a cidade se rendeu, em 23 de novembro de 1249. Os mouros ou sarracenos da África tiveram um mês para dispor de seus efetivos. Trezentos mil retiraram-se para Xeres, e cem mil passaram-se para a África. Axataf, governador dos infiéis, em Sevilha, subindo a uma altura, de onde divisava o mar de um lado e a cidade de outro, fixou os olhos sôbre a última e disse, chorando: Sòmente um santo seria capaz de, com tão poucas tropas, tomar uma cidade tão forte e povoada. Ùnicamente pode ter acontecido por decretos eternos do céu que ela haja sido arrebatada aos mouros.

O santo rei rendeu a Deus solenes ações de graça e implorou a proteção da santa Virgem diante de sua célebre imagem que ainda se vê em Sevilha. Mandou reconstruir a catedral com tal magnificência que não fica atrás de nenhuma outra da cristandade, se excetuarmos a de Toledo. Cumprido o que a religião exigia, estabeleceu tribunais para administrar a justiça, e regulou os negócios de sua nova conquista.

Anexou, ao mesmo tempo, aos seus domínios, Xeres, Medina-Sidonia, Cádiz e grande número de outras praças.

O papa Gregório IX secundava, na medida do possível, as gloriosas expedições dos reis da Espanha. Desde 1229 mandara o cardeal João Abbeville, bispo de Sabina, pregar a cruzada. Sabendo, em 1230, dos felizes êxitos das armas cristãs, escreveu aos cruzados do reino de Leão, exortando-os a conservar e estender as suas conquistas, prometendo-lhes as maiores indulgências. Escreveu também a Gregório, arcebispo de Compostela, dando-lhe investidura para, dessa vez sòmente, ordenar cônegos e sagrar bispos para as suas antigas cidades de Mérida e Badajoz, que acabavam de retomar, com a condição de que, no futuro, a eleição dêsses bispos dependesse do capítulo, segundo o direito comum.

Em 1234, sabendo dos novos êxitos de Fernando, e de seu filho Afonso, escreveu ao arcebispo Rodrigo de Toledo, para que êste estabelecesse, pela autoridade da santa sé, bispos, na medida em que reputasse conveniente, nas cidades que o haviam tido antigamente, e que fôssem dignas ainda de sede episcopal. (1)

Dois anos após, em 1236, sabendo da conquista de Córdoba, escreveu aos prelados da Espanha para que encorajassem o rei Fernando a continuar com suas conquistas sôbre os infiéis, e todos os povos de suas dioceses a ajudá-lo, seja com suas pessoas, seja com seus bens, prometendo-lhes a mesma indulgência

(1) Apud Raynald, an. 1234, n. 50.

que a de uma viagem à Terra Santa. A carta data de 4 de setembro. Ao mesmo tempo, a pedido do rei, ordenou ao arcebispo de Toledo e aos bispos de Burgos e Osma pagarem-lhe, durante três anos, um subsídio de mil peças de ouro sôbre os proventos das igrejas e mosteiros, para os recursos desta guerra. (1)

A conduta de Fernando prova que os deveres da piedade não são incompatíveis com a realeza. Êsse bom príncipe, severo para consigo mesmo, era cheio de doçura e compaixão pelos outros. Sempre soube ser senhor de suas paixões. Caiu doente, enfermidade da qual veio a falecer, quando se preparava para uma expedição contra os mouros da África. Advertido de que seu fim se aproximava, fêz uma confissão de tôda a vida, e pediu o santo viático, que lhe foi administrado pelo bispo de Segóvia, seguido do clero e do côro. Quando viu o santo sacramento no quarto, lançou-se para fora do leito, e pôs-se de joelhos. Tinha uma corda ao pescoço, e nas mãos um crucifixo que beijava e regava com suas lágrimas. Nessa postura, acusou-se em voz alta dos pecados, que não passavam de faltas ligeiras, de que nem os mais justos estão isentos. Fêz, em seguida, um ato de fé e recebeu o corpo do Salvador com os sentimentos da mais viva e terna devoção. Mandou procurar os filhos, para dar-lhes sua bênção e conselhos salutares. Durante a agonia, mandou o clero recitar as ladainhas e o *Te Deum*.

Terminadas as preces, expirou tranqüilamente, em 30 de maio de 1252, no qüinquagésimo ano de

(1) Apud Raynald, 1236, n. 58, 60.

idade e com trinta e cinco de reinado. Enterraram-no diante da imagem da Virgem, na grande igreja de Sevilha, onde ainda se lhe conserva o corpo em magnífico ataúde. Foi honrado com muitos milagres. Clemente X canonizou-o em 1671. (1)

* * *

(1) Godescard, e Acta SS., 30 maii. Crônica do arcebispo Rodrigo.

SÃO VENÂNCIO (*)

Confessor

São Venâncio era o irmão mais velho de Santo Honorato, o futuro fundador de Lérins.

Venâncio, que, ao contrário do irmão, então doce e todo voltado para as coisas de Deus, era turbulento e amante das coisas do mundo, foi escolhido pelo pai para, com a experiência que já tinha da vida, ganhar o outro para o século. Foi assim que, de instrumento de perversão, Venâncio, que procurava a todo o transe, conquistar o irmão para o mal transformou-se, abrandou-se, compenetrou-se do êrro em que vivia e se converteu.

Batizado, o Santo logo principiou a percorrer o caminho da virtude a largos passos, tanto que não se saberia dizer qual dos dois era mais rigoroso no jejum, qual o que se cingia com o mais rude cilício ou se dava mais longamente às vigílias, ou, ainda, com mais ardor às orações.

Em companhia de Honorato e de Capresa, o mestre de ambos, Venâncio partiu para a Grécia, para, longe da terra natal, melhor se atirar a Jesus. Mas, contraindo um mal incurável, faleceu santamente, junto ao Cristo, que, acompanhado de uma multidão de anjos, foi receber-lhe a alma. Era em Metona, no Peloponeso, a 30 de maio de 374.

* * *

SÃO CADOC e SÃO FRICOR (*)

Confessores

Século VI

Ambos eram da Irlanda. Aparecidos, sem que se saiba por que inspiração, na Picardia, ali sofreram tôda a sorte de vexames por parte do povo.

Recebidos por Riquier, ou Riquiero, com muita bondade, os dois o converteram. São Riquier foi o fundador do mosteiro de Cêntula, depois chamado de São Riquier. Ali, Cadoc e Fricor foram sepultados, quando de Clotário II ou de Dagoberto.

São Gervino, abade de São Riquier, no século XI, exumou-lhes as relíquias e as depositou num relicário de prata, dedicando aos dois santos uma capela.

* * *

SÃO MAUGUILLE (*)

Confessor

Mauguille, em 646, era monge da abadia fundada por Fursy, em Burghcastle, no Suffolk.

Quando São Fursy deixou a Irlanda, Mauguille acompanhou-o. À morte do mestre, o Santo buscou a casa de São Riquier e ali se refugiou.

Ansioso de perfeição, logo concebeu a idéia de se fazer para o deserto, para lugar menos povoado.

Um dia, teve um sonho, no qual um anjo lhe apareceu e guiou a um lugar que nunca vira, onde, disse-lhe o habitante do céu, devia fixar-se.

No dia seguinte, todo excitado, correu contar ao abade o sonho que tivera. E o superior, convencido de que aquilo, mais do que sonho, era visão, designou alguns irmãos para que acompanhassem o Santo ao lugar vislumbrado e ali com êle ficassem até que lhe construíssem uma cela e um oratório.

O lugar chamava-se Montrelet, situava-se na região de Crécy-en-Ponthieu e era mais ou menos perto do Anthie. A pouca distância, havia um pântano, enorme, ameaçador, a impedir a busca de água que, sòmente além, potável, era conseguida. Muito grande, penosa, a volta a fazer. São Mauguille ajoelhou-se, orou longamente e, depois de ter feito uma

cruz, fincou-a no chão: imediatamente, uma fonte de águas claras e frescas brotou do chão e correu, pressurosa.

Um dia, longe, em Cantorbery, São Vulgano, foi eleito bispo. Humilde, desejando fugir da dignidade, recebeu ordem de Deus para ir em busca de Mauguille.

Vulgano, na praia, encontrou um grande bote. Embarcou e, conduzido sem pilôto, foi dar, sem contratempos de espécie alguma, às costas da França.

Num instante, estava reunido ao santo ermitão de Montrelet, que o abraçou efusiva, terna e longamente.

Juntos, ambos os santos homens de Deus viveram por longo tempo, até o dia em que o Senhor levou um dêles — São Vulgano, no dia 4 de um mês de novembro.

Mauguille, a 30 de maio de 685, foi reunir-se ao bom amigo na grande pátria comum.

Sepultado no cemitério de Montrelet, depois de muitos anos transferiram-lhe as relíquias para a abadia de São Riquier.

* * *

SANTO ISAAC (*)

Abade e Confessor

Santo Isaac vivia na sua doce solidão, no Oriente, quando, um belo dia, uma voz lhe disse, apressando-o, que se fôsse para Constantinopla, então infestada pela heresia ariana.

O Santo não titubeou e, no mesmo instante, seguiu as determinações que lhe foram dadas, chegando a Constantinopla justamente no momento em que, diante da ameaça de uma invasão do Império pelos bárbaros, Valente se aprestava para marchar contra êles.

Antes que partisse, Isaac, corajosamente abordou-o, reclamando com insistência que ordenasse a reabertura das igrejas, fechadas em virtude de arianas intrigas. Se o fizesse, seria vitorioso nas armas.

O soberano, agastado, procurou livrar-se do importuno. E, nomeando dois senadores — Saturnino e Vítor — responsabilizou-os pela guarda de Isaac.

Valente, travada a batalha nas circunvizinhanças de Andrinopla, a 9 de agôsto de 378, desapareceu: ferido no combate, refugiou-se numa choça que, supõe-se, incendiaram-na os godos, matando-o.

Teodósio, o sucessor, animado por outros sentimentos religiosos, chegou a Constantinopla e logo foi procurado por Saturnino e Vítor, que lhe deram conta da missão que lhes impusera Valente.

O novo príncipe ordenou a imediata soltura de Isaac. E, sem tardança, lançando um edito contra os arianos, restituiu aos católicos as igrejas fechadas.

O Santo, então, voltou o pensamento para a querida solidão que fôra obrigado a deixar, a mandado de Deus.

Ora, Saturnino e Vítor, que o amavam desde que foram obrigados a tê-lo sob sua guarda, suplicaram-lhe com muito ardor, que não se fôsse. Isaac, que tão-sòmente suspirava pela vida abandonada, ansioso por retornar aos exercícios de asceta, fêz-lhes ver que, uma vez levada a cabo a missão que tinha, e felizmente, nada mais havia a fazer senão voltar. E pensava: amá-lo-iam, os dois, tanto assim? Amavam-no.

Vendo que nada conseguiam, Saturnino e Vítor, ao pensamento de que iam perder a doce companhia edificante do santo homem, derramaram sentidas lágrimas.

Aquilo surpreendeu o Santo, comoveu-o. Dois senadores que por êle assim choravam, mereciam delicadezas. E, recordando-se de como fôra, por ambos, tão bem tratado e respeitado, cedeu, resolveu ficar, e, como condição, impôs-lhe a construção de uma cela, onde, acentuou, terminaria os dias.

Saturnino e Vítor alegraram-se vivamente: assim como depois de uma grande chuvarada, o céu,

passado o aguaceiro, rasgando o sol as nuvens que o obscureciam, inunda-se de viva luz, assim os dois, de rosto entristecido e banhado das lágrimas passaram ao riso.

Saturnino possuía uma casa nos subúrbios e Vítor era proprietário de boas terras nos arredores. Cada qual procurou satisfazer, o mais depressa possível, a vontade do Santo.

Quem primeiro terminou a cela foi Saturnino. Procurou Isaac e lhe disse:

— Já te construi a cela, conforme a desejavas. Vamos vê-la. Se te convier, habita-a.

Isaac achou-a simples, como lhe convinha, e aceitou-a.

Ora, Vítor, triste com aquilo, acabada a sua, foi procurá-lo, suplicando a Isaac que não desdenhasse a que construíra com tanto amor. Isaac, porém, convenceu-o de que já tinha o que necessitava e, pois, não se agastasse, que a ambos, a êle e a Saturnino, amava com a mesma intensidade.

A vida do santo abade foi tôda ela de exemplos. Saturnino e Vítor, tôdas as manhãs, antes de procurar o palácio, a humilde cela do Santo antes procuravam, para saudar o asceta e receber a bênção, que lhes era preciosíssima.

A reputação de Santo Isaac, com aquelas matinais e constantes visitas dos dois senadores, cresceu num átimo. Teodósio mesmo ia vê-lo freqüentemente, suplicando-lhe que não se esquecesse de inter-

ceder junto a Deus por um governante, que, mais do que os governados, precisam da ajuda do Altíssimo.

Muitos discípulos reuniram-se em tôrno do santo confessor. Mais uma vez, Saturnino foi o anjo provedor, cedendo uma das suas casas para abrigar os neófitos.

Velho, Santo Isaac, rodeado de grande número de discípulos, faleceu a 26 de maio de 383, sendo chorado por todos, Teodósio inclusive.

* * *

SANTA JOANA D'ARC (*)

Virgem

Morto Carlos IV, apelidado o Belo, extinguiu-se a linha direta dos Capetos, iniciada por Hugo Capeto em 987. Dois candidatos, então, entraram a disputar a coroa francesa — Filipe de Valois, primo do rei morto, e Eduardo III, rei da Inglaterra, que era neto, pelo lado materno, de Filipe, o Belo, pai de Carlos IV.

Ora, os barões franceses preferiram um soberano francês e, pois, escolheram Filipe, que tomou o nome de Filipe VI. Eduardo III, cobiçando desmedidamente o trono da França, não desistiu da pretensão à coroa — daí surgindo, entre Inglaterra e França, a guerra chamada dos Cem Anos, que se alongou de 1337 a 1453, terminando sob Carlos VII.

A guerra dos Cem Anos apresentou períodos perfeitamente definidos, no que respeita à sorte das armas. Inicialmente, os franceses sofreram as derrotas de Crécy, em 1346, e de Poitiers, em 1356. Depois de Crécy, seguiu-se o cêrco e a tomada de Calais, em 1347. A batalha de Poitiers teve graves conseqüências, entre as quais, e principalmente, a captura do rei francês João II, cognominado o Bom, aprisionado pelo filho de Eduardo III, conhecido, dada a côr da armadura que o revestia, como o

Príncipe Negro, o qual invadira a França por Bordéus.

Para recuperar a liberdade, João, o Bom, foi obrigado a assinar o tratado de Brétigny, em 1360, pelo qual entregava aos inglêses a metade ocidental da França, excetuadas a Normandia e a Bretanha.

Pollticamente, a situação da França piorava à medida que o tempo ia passando, embora o condestável Bertrand Duguesclin reconquistasse (1380) grande parte das terras perdidas pelo tratado de Brétigny.

Morto o condestável, logo após, o rei Carlos VI, na França os inglêses sòmente possuíam alguns portos.

Eis, porém, que a sorte das armas, novamente, passou a favorecer a Inglaterra. Entre os inglêses, depois do agitado reinado de Ricardo II, deu-se a subida da casa de Lancastre: Henrique V, desembarcando na Normandia, ganhou a batalha de Azincourt, em 1415, e feio massacre dizimou grande parte da nobreza francesa. Paris foi tomada e o rei, aprisionado, foi compelido a aceitar o tratado de Troyes, assinado sòmente em 1420, pelo qual Henrique V era reconhecido como herdeiro da coroa da França.

Com o falecimento do rei inglês e do rei francês, a França ficou com dois soberanos, Henrique VI, em Paris, e Carlos VII, em Bourges.

Quando tudo parecia perdido, com os inglêses a ocupar todo o Norte da França, apareceu Joana d'Arc, a camponesa, também conhecida como Joaninha, nascida em Domrémy, na Lorena, em 1412, no dia da Epifania, depois cognominada a *Donzela de Orléans*. Filha de Jacques d'Arc, originário de Ceffonds, e de Ysabelle Romée, Joana, considerada a

heroína da guerra dos Cem Anos, uma vez que, poderosamente, contribuiu para expulsar os inglêses da pátria que tanto lhe deve, tocada pelas misérias e males que sempre viu ao seu redor, consternada pelas desgraças que se abatiam constantemente sôbre o país natal, obedecendo a vozes celestiais, que a incitavam a procurar o rei, assim o fêz, vencendo dificuldades imensas.

Aos treze anos ouviu a Voz pela primeira vez — a voz de Deus. Votou então, ao Senhor, a virgindade.

Em seguida, teve visões de São Miguel, de Santa Catarina e de Santa Margarida. E a Voz lhe disse:

— Sê boa menina e Deus te ajudará.

Também:

— Vai em socorro do rei de França.

Depois:

— É necessário que vás a França.

No mês de maio de 1428, pela Ascensão, novamente manifestou-se a Voz, dizendo-lhe:

— Filha de Deus, procura Roberto de Baudricourt, na cidade de Vaucouleurs, a fim de que consigas quem te acompanhe.

De alma extraordinàriamente sensível aos destinos da pátria, piedosíssima, vencendo, como dissemos, dificuldades imensas, Joana partiu, em 1429, findava janeiro, em busca de Baudricourt.

Não fôra João de Metz, que a levou a sério, prometendo encaminhá-la ao rei, mais a derrota do soberano na batalha de Herengs, e de Baudricourt escorraçá-la-ia.

Assim, no dia 23 de fevereiro daquele mesmo ano de 1429, vestida à masculina, de cabelos cor-

tados como um jovem daqueles tempos, Joana partiu com João de Metz, Bertrand de Poulengny e João de Honnecourt para Chinon, onde, então, Carlos VII residia, ali chegando a 6 de março.

— Em nome de Deus, gentil príncipe, saudou Joana, o rei és tu e não outro!

Expondo ao soberano a missão que trazia, encontrou grande hesitação, muita desconfiança por parte de Carlos VII. Finalmente, depois de a ter feito interrogar por alguns teólogos acêrca das visões que tinha, resolveu êle confiar-lhe um pequeno exército, para que a jovem tentasse libertar Orléans, então fortemente sitiada pelos inglêses, cidade essa, única, ao norte do Loire, que ainda reconhecia em Carlos VII o rei da França.

Joana exultou, exclamou:

— Em nome de Deus, os homens de armas batalharão e Deus dará a vitória!

Joana d'Arc marchou sôbre Orléans saindo de Blois, tomando a rota de Sologne, a 22 de abril.

O êxito foi completo: o inimigo viu-se forçado a levantar o cêrco da cidade, entrou a ser batido. Era a 8 de maio, e, com o duque d'Alençon, ao qual chamava, carinhosamente, *son beau duc*, Joana, depois, carregaria sôbre Jarjeau, Tours, Loches, Beaugency, Potay. Sempre vitoriosa, chegaria diante de Auxerre no dia 1 de julho.

Eis o que dizia, ao inimigo, numa carta:

"Jesus, Maria.

Rei da Inglaterra, atendei ao Rei do Céu.

Entregai à Donzela as chaves de tôdas as cidades onde haveis entrado pela fôrça. Ela veio enviada por Deus para reivindicar o sangue real, e está pron-

ta para fazer a paz, se quiserdes obedecer, entregando-nos a França".

Depois:

"Quanto a vós, arqueiros, companheiros de armas, gentis-homens e outros que estais em Orléans, ide-vos para o vosso país, por Deus . . . Não resistais, porque não tomareis a França do Rei do Céu, filho de Santa Maria; mas o Rei Carlos a terá, o verdadeiro herdeiro a quem Deus a deu, o qual entrará em Paris brevemente. Se não acreditais em Deus e na Donzela, onde quer que vos encontremos lutaremos e veremos quem está com o direito, se Deus ou se vós".

Desde então, tornou-se conhecida como a *Donzela de Orléans*. Os oficiais, velhos e moços, adoravam-na, e os soldados respeitavam-na e amavam, obedecendo-a cegamente.

As pequenas fôrças que a *Donzela* guiara tornaram-se, então, grandes fôrças, cheias de exaltação militar e de fé religiosa.

No dia 10 de julho, entraram solenemente em Troyes, e, no dia seguinte, começando por Châlons, buscaram Reims, onde, a 17, Carlos VII deveria ser sagrado. E assim foi: o rei, na catedral daquela cidade, recebeu, na data estabelecida, a unção sagrada.

A 22 de julho, ocorreu a queda de Soissons. De vitória em vitória, Chateau-Thierry, Coulommiers, Crécy-en-Brie, Provins foram sendo conquistadas. A 26 de agôsto, a Santa entrava em Saint-Denis.

Em Lagny, conta-se, orando por uma criança morta sem batismo, ressuscitou-a, para que recebesse a água salvadora.

No dia 23 de maio de 1430, procurando defender Compiègne, caiu prisioneira dos borguinhões, que, apesar de franceses, estavam aliados aos inglêses. Era o longo calvário que principiava, durante o qual as Vozes a animariam, dizendo-lhe que a "tudo suportasse porque iria para o paraíso".

Abandonou-se, pois, a *Donzela,* à vontade de Deus. E quando as Vozes se calaram, quando tudo foi sombra e silêncio, tomou, corajosamente, a responsabilidade de tudo.

A espiritualidade de Joana d'Arc era simples, mas profunda e sólida. A maneira de crer, de orar, de amar era sã e robusta, a piedade ardente e afetiva. Dizendo-se enviada para consolar os pobres e os miseráveis, mostrou pelos atos que era sincero o que dizia. Tôda cheia de Deus, tinha um coração sensível, sempre aberto às afeições humanas. Tomada, às vêzes, pela cólera, logo, porém, arrependia-se, e chorava, soluçando, banhada em lágrimas.

Depois de três dias de aprisionamento no castelo de Clairoix, foi transferida para o de Beaulieu, em Vermandois, e, mais tarde, para Beaurevoir.

Vendida aos inglêses, Joana foi levada para Ruão, onde lhe prepararam um processo que iria durar seis meses.

A primeira causa, chamada da *Relapsa,* principiou no dia 21 de fevereiro de 1431, seguida dos interrogatórios feitos na prisão, levados a efeito pelo bispo Cauchon, pelo comissário-instrutor, João de la Fontaine, e por João Lemaitre, o inquisidor. Tal causa desenvolveu-se por seis sessões, caracterizando-se pela insídia e a puerilidade.

No dia 23 de maio, em presença dos bispos de Thérouanne e de Noyon, procedeu-se à leitura dos

doze artigos, com os quais a acusavam, e, a 29, o tribunal declarou-a herética, relapsa e feiticeira, quase com a unanimidade dos quarenta e dois assessores.

Antes, já havia gritado que desejava ser enviada a Roma, junto do santo Padre, o papa, em vão.

No dia seguinte, às seis da manhã, anunciaram-lhe que seria queimada viva.

Quando já na fogueira, reclamou o crucifixo que sempre trouxera ao pescoço, gritando:

— Não sou herética! Não sou herética nem cismática!

Depois:

— Ah, Ruão! Tenho mêdo de que venhas a sofrer com a minha morte!

E, invocando Jesus, Santa Catarina e São Miguel, foi envolvida pelas chamas e pelo fumo.

Por seis vêzes, bem alto, gritou:

— Jesus!

Tudo acabado, o coração e as entranhas foram encontrados intatos: tomaram-nos e lançaram ao Sena.

Desde então, a vitória, sem interrupção, sorriu aos franceses. Em 1436, Carlos VII entrava em Paris e, poucos anos depois, os inglêses, expulsos da Normandia e da Aquitânia, apenas ficavam, no continente, com Calais.

Em 1453, terminava a guerra dos Cem Anos, ano em que, sob os turcos Constantinopla caía, morrendo no ocaso o período da história denominado Idade Média.

— — — —

Em 1454, a mãe de Joana d'Arc, e dois filhos, reclamaram a revisão do processo de 1431. Calixto III designou o arcebispo de Reims e os bispos de Paris e de Coutances para demandar com o inquisidor-mor da França.

No dia 7 de julho de 1456, o julgamento de 1431 foi cassado e, em Ruão, cerimônias expiatórias tiveram lugar, depois da dilaceração pública do têxto primitivo da iníqua peça.

Beatificada a 18 de abril de 1909, Joana d'Arc, tida como a mais pura glória da história da França, foi canonizada a 16 de maio de 1920 pelo papa Bento XV, quatrocentos e oitenta e nove anos depois de ter sido, em tudo injustamente, condenada à fogueira. E naquele ano mesmo de 1920, no dia 10 de julho, uma lei francesa instituía a festa nacional de Santa Joana d'Arc, a sublime *Donzela de Orléans*, a *Virgem da Lorena*, morta aos vinte anos.

No mesmo dia, São Felix I, papa e mártir, eleito depois de 268, após a morte de São Dionísio, ocorrida a 26 de dezembro daquele ano. Governou a Igreja durante anos de grande tranqüilidade, tendo recebido a coroa do martírio quando de Aureliano, em 274.

Em Tôrre, na Sardenha, os santos mártires Gabínio e Críspulo. — Em Antioquia, os santos Sico e Paladino, que sofreram tormentos múltiplos pelo nome de Jesus Cristo. — Em Ravena, São Exuperâncio, bispo e confessor. — Em Pavia, Santo Anas-

tácio, bispo. — Em Cesaréia, na Capadócia, São Basílio, pai de São Basílio, o Grande, e Santa Amélia, sua mãe, os quais, no tempo de Galério — Maximiano, havendo sido banidos, permaneceram longo tempo nas solidões do Ponto; após a perseguição, morreram em paz, deixando os filhos herdeiros de suas virtudes.

* * *

31.º DIA DE MAIO

SÃO GUILHERME DO DESERTO

Entre os famosos capitães de Carlos Magno, celebrados pelos trovadores em seus cantos que relatam altos feitos, figura Guilherme, duque de Aquitânia. Pertencia à primeira nobreza de França, filho do conde Teodorico e de Aldana, que dizem ser filha de Carlos Martel. Foi instruído nas artes liberais, na filosofia e nas santas letras, e nos exercícios corporais de acôrdo com a nobreza de seu nascimento. Seus pais o recomendaram a Carlos Magno, para servir-lhe contìnuamente a pessoa no palácio; e sua atitude foi tão prudente que, sem atrair inveja, adquiriu grande reputação. Era de grande estatura, bem feito e bravo; e Carlos Magno deu-lhe a primeira dignidade do reino, enviando-o à testa dos exércitos contra os sarracenos, com o título de duque da Aquitânia. Expulsou-os de Orange e bateu-os sucessivamente, de sorte que não mais ousaram voltar ao país.

Dessarte, voltando a paz à Aquitânia, empenhou-se em reparar as desordens da guerra. Trabalhava noite e dia nos negócios públicos, mantinha a observância da lei, julgava as querelas; protegia os pobres e os fracos, e impedia que os senhores abusassem de seu poder para oprimir os súditos. Cui-

dava particularmente das pessoas e lugares consagrados a Deus, honrava os sacerdotes, levantando-se até para recebê-los; dava oferendas aos altares todos os dias, com suas próprias mãos. Era liberal para com os mosteiros, mas protegia particularmente os que Carlos Magno havia fundado ou reformado, e lhes doava terras e pensões.

Querendo fundar um novo, procurou lugar adequado, e o encontrou nas montanhas escarpadas do território de Lodève, a meio caminho desta cidade a Montpellier. Chamavam-no Valgelon, e era tão deserto que não proporcionava qualquer comodidade ou bem-estar. Mandou construir todos os lugares regulares, com um hospital para os pobres. Lançou a primeira pedra da igreja, que foi dedicada ao Salvador. Estando já avançadas as contruções, mandou vir monges de Aniane, que não distava mais de uma légua, e cujo abade era seu amigo e diretor. Na ata de fundação, que data de 14 de fevereiro de 804, pela qual doa ao novo mosteiro grandes bens, ressalva que fazia tudo pelo repouso de seu pai Teuderico e de sua mãe Aldana, falecidos, e pelo das duas mulheres que tivera, Cunegunda e Guitberga, pela salvação de sua alma, por seus irmãos Teudoino e Adelmo, por suas irmãs Albana e Bertana, por seus filhos Bernardo, Vitcário, Gotselmo e Helimbruch, e por seu sobrinho Bertram.

Ocupava-se em ultimar a boa obra, quando suas duas irmãs, Albana e Bertana, igualmente distintas pela beleza e piedade, caíram de joelhos diante dêle, dizendo: Senhor irmão, atendei à nossa súplica, fazei-nos uma graça, levai à culminância a vossa oblação, oferecendo nós mesmas ao Senhor; porque

o nosso voto é tomar aqui o hábito da religião e perseverar até que Deus nos chame. O duque Guilherme, profundamente emocionado, aquiesceu ao piedoso desejo, e lhes construiu um mosteiro a vinte passos do primeiro.

O exemplo de suas amadas irmãs lhe voltava freqüentemente à memória. Rejubilava-se por elas, mas não se sentia enfastiado de si mesmo. Incomoda-se ao ver-se precedido nesta milícia do céu pelas mulheres, êle que, nas batalhas da terra, havia sempre ocupado o primeiro lugar entre os homens. Muitas vêzes, arrependia-se de não ter permanecido com os bons religiosos pelos quais acabava de construir um mosteiro. Nesse estado recebeu ordem de comparecer ao trono de Carlos Magno para desincumbir-se de encargos. O príncipe recebeu-o com a mesma estima que um pai nutre pelo filho. Todos os francos, particularmente a família, muito se alegraram. Êle respondeu à amizade com amizade maior ainda. Mas outro amor lhe transportava o coração, o amor de Deus, pelo qual havia resolvido deixar o mundo. Uma só coisa o mantinha em suspenso, saber se não diria nada a Carlos Magno, que tão terna afeição lhe demonstrava. Por fim, falou-lhe nestes têrmos: Senhor Carlos, meu pai, sabeis quanto vos amo. Vós me sois mais caro do que a vida e a luz. Sabeis com que devotamento vos servi. Onde houvesse perigo para a vossa pessoa, estava ao vosso lado, e vos protegia com o meu corpo. Agora escutai com bondade as palavras de vosso soldado, ou antes de vosso amigo. Peço-vos permissão para servir o rei eterno em nova milícia. Porque, há longo tempo, meu desejo mais ardente é renunciar a tudo, e servir

a Deus no mosteiro que acabo de construir num deserto por amor de vós.

Carlos Magno, surprêso, mudou de côr e ficou alguns momentos sem proferir palavra; depois, suspirando profundamente e derramando lágrimas:

— Senhor Guilherme, exclamou, que dura palavra acabais de pronunciar! Haveis ferido o meu coração com o vosso pedido. Entretanto, como é justo e razoável, nada tenho a dizer. Se tivésseis preferido à nossa amizade um rei ou imperador qualquer, eu o tomaria como injúria e levantaria o mundo inteiro contra êle. Mas como de nada disso se trata, e desejais tornar-vos soldado do rei dos anjos, de bom grado, ou mau grado, não posso pôr obstáculos. Peço-vos sòmente uma coisa; que aceiteis um presente como recordação da nossa amizade.

Falou e, lançando-se ao pescoço do amigo, como se fôsse à morte, chorou longa e amargamente. Guilherme, emocionadíssimo ao ver chorar o senhor, derramou abundantes lágrimas, por sua vez. Por fim, reunindo tôdas as fôrças para conter-se, disse:

— Príncipe benevolente, não convém que Vossa Alteza Real leve a sua condescendência a ponto de chorar assim vosso servidor. Pudesse eu prever estas lágrimas ontem ou anteontem! Na verdade, confesso meu pecado, teria empreendido a fuga sem vos consultar, sem saudar Vossa Majestade. Agora, pois, Senhor, para o maior bem e o vosso, começai vós mesmos a minha causa; despedi-vos de mim em nosso mestre comum, não com tristeza, mas com alegria espiritual. Quanto aos tesouros que vos dignastes oferecer-me, agis, como sempre, segundo vossa real magnificência; mas eu, que abandono por

Cristo tudo o que é meu, como poderia tomar o que é vosso? Se vos apraz oferecer alguma coisa a Deus, em minha pessoa, tendes presentes religiosos que podereis dar sem repreensão, e eu aceitar sem ofensa; quero falar do madeiro precioso da cruz, que vos foi enviado de Jerusalém em minha presença. Carlos Magno estimava entranhadamente a santa relíquia, mas deu-a ao amigo, como recordação da perpétua e cristã amizade.

Quando o rumor se espalhou de que o duque Guilherme havia obtido permissão para abandonar o mundo, a fim de retirar-se para um mosteiro, tôda a côrte e a cidade censuraram o imperador e o próprio duque. Êste último, sobretudo, viu-se assediado pelos amigos e parentes, mas as preces não lograram demovê-lo, nem tampouco as lágrimas. Respondia-lhes: Meus bons amigos, se me pudésseis garantir que ficaria convosco para sempre e sempre feliz, sem jamais ver a morte, poderia talvez, conquanto sem relutância, aquiescer aos vossos desejos; mas desde que não me podeis dar esta certeza, permiti-me, se sois meus amigos e não inimigos, permiti-me empreender o caminho para a vida.

O duque de Aquitânia, rompendo assim os laços que o jungiam ao mundo, honrando as igrejas, distribuindo esmolas aos pobres, e dando liberdade a uma multidão de escravos, deixou a França e entrou em Auvergne. Chegando a Brioude, fêz como que um troféu de suas armas, oferecendo-as a São Júlio. Depôs o capacete de sua cota de armas sôbre a tumba do santo mártir, e suspendeu na porta da igreja, por fora, o arco, a aljava e a espada. Chegando a casa, regulou os negócios da família, e mandou dar

suas incumbências aos filhos, suficientemente idosos para cumprir êsses encargos importantes. Após o que, dirigiu-se ao mosteiro de Gellon, de pés descalços e com um cilício debaixo das vestes. Os monges, sabendo da chegada do seu fundador, foram-lhe ao encontro, em procissão. Conduziram-no primeiramente ao oratório, onde êle ofereceu as relíquias que havia obtido do imperador, e permaneceu prostrado cêrca de duas horas diante do altar, regando o pavimento com as lágrimas. Em seguida, passou ao capítulo, onde, após feita a leitura de piedade e uma exortação, conforme o costume, declarou aos monges que havia tomado a resolução de consagrar-se a Deus, em seu meio, e que queria executá-la naquela mesma hora.

Os religiosos, surpresos e edificados com sua vocação, não creram necessário fazê-lo passar os tempos de prova, e marcaram o dia de São Pedro, próximo, para a sua investidura. Conquanto fôsse, então, costume não dar o hábito monástico senão após um ano de provação, julgaram dever passar por cima das regras, em consideração à qualidade e fervor do postulante. Chegado o dia de São Pedro, cortaram o cabelo e a barba do duque, que, segundo um antigo costume, foram consagrados a Deus. Despojou-se de suas vestes bordadas a ouro e foi revestido do hábito monástico, em 29 de junho de 806, décimo-sexto ano do império de Carlos Magno. Tais são os pormenores que nos relata, o autor contemporâneo de sua vida. (1)

Por maior que fôsse a educação do duque Guilherme no mundo, quis rebaixar-se ao máximo na

(1) Acta Bened. sec. 4, pars 1.

religião. Vimo-lo freqüentemente, diz um santo autor daquele tempo, tocando o asno, ou montado nêle, levando vinho e outras provisões aos irmãos de nosso mosteiro ocupados com a colheita. Quando a saúde e os negócios lho permitiam, trabalhava na padaria e cozinhava no seu turno. A humildade de seu coração revelava-se-lhe nas maneiras e nos hábitos. O jejum, a oração e as vigílias constituíam as suas mais caras delícias, e estava penetrado de uma devoção tão terna, que não conseguia receber o corpo de Jesus Cristo sem verter lágrimas em abundância, a ponto de a terra ficar regada. Queria dormir sôbre dura enxêrga; mas o abade Bento lhe fêz dar, a despeito de sua relutância, um colchão. Alguns asseguram, continua o autor, que mandava secretamente fazer-lhe rudes disciplinas, um irmão, seu único confidente da mortificação.

São Guilherme, tendo adquirido, com tôdas as virtudes, um rico fundo de méritos em poucos anos, soube, por revelação, que o dia de sua morte estava próximo. Escreveu a Carlos Magno, e pediu-lhe que escrevesse a todos os mosteiros das Gálias, a fim de que ali se orasse a Deus por êle. Sabendo que a hora havia chegado, chamou o abade e os monges; e, após receber o santo viático, com grande sentimento de piedade, lhes disse adeus, recomendou-se-lhe às orações e entregou a alma ao Criador, em 28 de maio de 812. O mosteiro de Gellon foi denominado depois São Guilherme do Deserto. (1)

* * *

(1) Acta SS., 28 maii.

NOSSA SENHORA RAINHA (*)

A 31 de maio festeja-se a Virgem como Rainha. Sôbre a realeza de Nossa Senhora e a instituição de sua festa, assim se referiu o grande papa Pio XII, na Encíclica *Ad Caeli Reginam*, o mais importante documento pontifício do Ano Mariano:

"Desde os primeiros séculos da Igreja Católica, elevou o povo cristão orações e cânticos de louvor e devoção à Rainha do céu tanto nos momentos de alegria, como, sobretudo, quando se via ameaçado por graves perigos; e nunca foi baldada a esperança posta na Mãe do Rei Divino, Jesus Cristo, nem se enfraqueceu a fé, que nos ensina reinar com materno coração no universo inteiro a Virgem Maria, Mãe de Deus, assim como está coroada de glória na bem-aventurança celeste.

"Ora, depois das grandes calamidades que, mesmo à Nossa vista, destruíram horrìvelmente florescentes cidades, vilas e aldeias; diante do doloroso espetáculo de tantos e tão grandes males morais, que transbordam em temerosa aluvião; quando vacila às vêzes a justiça e triunfa com freqüência a corrupção; neste incerto e temeroso estado de coisas, sentimos Nós a maior dor; mas ao mesmo tempo recorremos confiado à Nossa Rainha, Maria Santíssima, e patenteamos-lhe não só os Nossos devotos sentimentos, mas também os de todos os fiéis cristãos.

"É grato e útil recordar que Nós próprios — no dia Primeiro de Novembro do Ano Santo de 1950, diante de grande multidão formada de Cardeais, Bispos, Sacerdotes e simples cristãos, vindos de tôda a parte do mundo — definimos o dogma da Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria ao Céu ("Constitutio Apostolica" *Munificentissimus Deus,* AAS XXXXII 1950, pp. 753 ss), onde, presente em alma e corpo, reina entre os coros dos Anjos e Santos, juntamente com o Seu Unigênito Filho. Além disso — ocorrendo o primeiro centenário da definição dogmática do Nosso Predecessor de imortal memória, Pio IX, que proclamou ter sido a Mãe de Deus concebida sem qualquer mancha do pecado original — promulgamos (*Litt. Enc. Fulgens corona,* AAS XXXXV 1953, pp. 577 ss), com grande alegria do Nosso coração paterno, o presente Ano Mariano; e vemos com satisfação que não só nesta augusta Cidade — especialmente na Basílica Liberiana, onde inumeráveis multidões vão testemunhando bem claramente a sua fé e ardente amor à Mãe do Céu — mas em tôdas as partes do mundo a devoção à Virgem Mãe de Deus refloresce cada vez mais, acorrendo grandes peregrinações aos principais santuários de Maria.

"Todos sabem que Nós, sempre que nos foi possível — quando em audiências falamos aos Nossos filhos, ou quando, por meio das ondas hertzianas, dirigimos mensagens ao longe — não deixamos de recomendar a quantos Nos ouviam, que amassem, com amor terno e filial, tão boa e poderosa Mãe. A êste propósito, recordamos em especial a radiomensagem que endereçamos ao Povo Português, por motivo da coroação da prodigiosa imagem de Nossa

Senhora de Fátima (AAS XXXVIII 1946, pp. 264 ss), que Nós próprios chamamos radiomensagem da *Realeza* de Maria (*L'Osservatore Romano*, d. 19 Maii, a. 1946).

"Portanto, como coroamento de tantos testemunhos dêste Nosso amor filial, a que o povo cristão correspondeu com tanto ardor, para encerrar com alegria e fruto, o Ano Mariano que se aproxima do fim, e para satisfazer aos insistentes pedidos, que Nos chegaram de tôda a parte, resolvemos instituir a festa litúrgica da Bem-aventurada Rainha Virgem Maria.

"Não é verdade nova que propomos à crença do povo cristão, porque o fundamento e as razões da dignidade régia de Maria encontram-se bem expressos em tôdas as idades, e constam dos documentos antigos da Igreja e dos livros da sagrada Liturgia.

"Queremos recordá-los na presente Encíclica, para renovar os louvores da nossa Mãe do céu e avivar proveitosamente na alma de todos a devoção para com Ela".

I

"Com razão acreditou sempre o povo fiel, já nos séculos passados, que a Mulher, de quem nasceu o Filho do Altíssimo — o qual "reinará eternamente na casa de Jacó" (Lc. 1, 32), será "Príncipe da Paz" (Is. 9, 6), "Rei dos Reis e Senhor dos Senhores" (Apoc. 19, 16) — recebeu mais que tôdas as outras criaturas singulares privilégios de graça. E considerando que há estreita relação entre uma mãe e o seu filho, sem dificuldade reconheceu na Mãe de Deus a dignidade real sôbre tôdas as coisas.

"Assim, baseando-se nas palavras do Arcanjo São Gabriel, que predisse o Reino eterno do Filho de Maria (Lc. 1, 32-33), e nas de Santa Isabel, que se inclinou diante d'Ela e a saudou como "Mãe do Senhor" (Lc. 1, 43), compreende-se que já os antigos escritores eclesiásticos chamassem a Maria "Mãe do Rei" e "Mãe do Senhor", dando claramente a entender que da realeza do Filho derivara para a Mãe certa elevação e preeminência.

"Santo Efrem, com grande inspiração poética, põe estas palavras na bôca de Maria: "Erga-me o firmamento nos seus braços, porque eu estou mais honrada do que êle. O céu não foi tua Mãe, e fizeste dêle teu trono. Ora, quanto mais se deve honrar e venerar a Mãe do Rei, do que o seu trono!" (*S. Ephraem, Hymni de B. Maria,* ed. *Th. J. Lamy,* t. II, *Mechliniae,* 1886, *hymn.* XIX, p. 624). E noutro passo, assim invoca a Maria Santíssima: "... Virgem Augusta e Protetora, Rainha e Senhora, protege-me à tua sombra, guarda-me, para que Satanás, que semeia ruínas, me não ataque, nem triunfe de mim o iníquo adversário" (Idem, *Oratio ad Ssmam Dei Matrem; Opera omnia,* Ed. Assemani, t. III (graec), Romae, 1747, p. 546).

"A Maria chama São Gregório Nazianzeno "Mãe do Rei de todo o universo", "Mãe Virgem, (que) deu à luz o Rei de todo o mundo" (S. Gregorius Naz., *Poemata dogmatica,* XVIII, 5, 58, PG 37, 485). Prudêncio diz que a Mãe se maravilha "de ter gerado a Deus não só como homem, mas também como Sumo Rei" (Prudentius, *Dittochaeum,* XXVII, PL 13, 1902 D).

"E afirmam claramente a dignidade real de Maria aquêles que lhe chamam "Senhora", "Dominadora" e "Rainha".

"Já numa homilia atribuída a Orígenes, Maria é chamada por Santa Isabel não só "Mãe do meu Senhor", mas também "Tu, minha Senhora" (*Hom. in S. Lucam, hom.* VII; ed. Rauer, *Origines' Werke*, T. IX, p. 48 (*ex catena Macarii Chrysocephali*). Cf. PG 13, 1902 D).

"O mesmo conceito pode deduzir-se dum texto de São Jerônimo, em que expõe o próprio parecer acêrca das várias interpretações do nome de Maria: "Saiba-se que Maria, na língua siríaca, significa Senhora" (S. Hieronymus, *Liber de nominibus hebrae's*, PL 23, 886). Igualmente e com mais decisão, exprime-se depois São Pedro Crisólogo: "O nome hebraico Maria traduz-se por "Domina" em latim: portanto, o anjo chama-a Senhora para livrar do temor de escrava a Mãe do Dominador, a qual nasce e se chama Senhora pelo poder do Filho" (S. Petrus Chrisologus, *Sermo* 142, *De Annuntiatine* B. M. V., PL 52, 579 C; cf. *etiam* 582 B; 584 A: "Regina totius existit castitatis").

"Santo Epifânio, Bispo de Constantinopla, escreve ao Papa Hormisdas que se deve pedir a conservação da unidade da Igreja "mediante a graça da Trindade una e santa e por intercessão de Nossa Senhora, a santa e gloriosa Virgem Maria, Mãe de Deus" (*Relatio Ep'phanii Ep. Constntin.*, PL 63, 498 D).

"Um autor do mesmo tempo dirige-se a Maria Santíssima, sentada à direita de Deus, invocando-a solenemente como "Senhora dos mortais, santíssima Mãe de Deus" (*Encomium in Dormitionem Ssmae*

Deiparae ("inter opera S. Modesti"), PG 82, 3306 B).

"Santo André Cretense atribui muitas vêzes a dignidade real à Virgem Maria; escreve, por exemplo: "Leva (Jesus Cristo) neste dia da morada terrestre (para o céu), como Rainha do gênero humano, a sua Mãe sempre Virgem, em cujo seio, permanecendo Deus, tomou a carne humana" (S. Andreas Cretensis, *Homilia II in Dormitionem Ssmae Deiparae*). E noutro lugar: "Rainha de todo o gênero humano, porque, fiel à significação do seu nome, encontra-se acima de tudo quanto não é Deus" (Id., *In Praesentationem Ssmae Deiparae*).

"Do mesmo modo se dirige São Germano à humildade da Virgem: "Senta-te, ó Senhora; sendo tu Rainha e mais eminente que todos os reis, pertence-te estar sentada no lugar mais nobre" (S. Germanus, *In Praesentationem Ssmae Deiparae*); e diz: "Senhora de todos aquêles que habitam a terra" (Id., *In Praesentationem Ssmae Deiparae*).

"São João Damasceno proclama-a "Rainha, Protetora e Senhora" (S. Joannes Damascenus, *Homilia I in Dormitionem* B. M. V.) e também: "Senhora de tôdas as criaturas" (Id., *De fide orthodoxa*); e um antigo escritor da Igreja Ocidental chama-a: "Ditosa Rainha", "Rainha eterna junto do Filho Rei", e diz que Ela tem a "nívea cabeça ornada com um diadema de ouro" (*De laudibus Mariae*).

"Finalmente, Santo Ildefonso de Toledo resume-lhe quase todos os títulos de honra nesta saudação: "Ó minha Senhora, minha Dominadora: tu dominas em mim, ó Mãe do meu Senhor... Senhora entre as escravas, Rainha entre as irmãs" (Ildefonsus Toletanus, *De virginitate perpetua* B. M. V.).

"Recolhendo a lição dêstes e outros quase inumeráveis testemunhos antigos, chamaram os teólogos à Santíssima Virgem Rainha de tôdas as coisas criadas, Rainha do Mundo e Senhora do universo.

"Por sua vez, os Sumos Pastôres da Igreja julgaram obrigação sua aprovar e promover a devoção à celeste Mãe e Rainha com exortações e louvores. Pondo de parte os documentos dos Papas recentes, recordaremos que já no século VII o Nosso Predecessor São Martinho I chamou a Maria "gloriosa Senhora nossa, sempre Virgem" (S. Martinus I, *Epist.* XIV); Santo Agatão, na carta sinodal enviada aos Padres do sexto Concílio Ecumênico, chamou-a "Senhora nossa, verdadeiramente e com propriedade Mãe de Deus" (S. Agatho, PL 87, 122 i A); e no século VIII, Gregório II, em carta ao patriarca São Germano, que foi lida entre as aclamações dos Padres do sétimo Concílio Ecumênico, proclamava Maria "Senhora de todos e verdadeiramente Mãe de Deus" e "Senhora de todos os cristãos" (Hardouin, *Acta Conciliorum*).

"Apraz-nos recordar também que o Nosso Predecessor de imortal memória Sisto IV, querendo favorecer a doutrina da imaculada Conceição da Santíssima Virgem, começa as Letras Apostólicas *Cum praexcelsa* chamando precisamente a Maria "Rainha sempre vigilante, a interceder junto do Rei, que Ela gerou" (Xyxtus IV, Bula *Cum praexcelsa,* 28 Febr. a. 1476). Do mesmo modo Bento XIV nas Letras Apostólicas *Gloriosae Dominae* (Benedictus XIV, Bula *Gloriosae Dominae*, d. d. 27 sept. a. 1748) chama a Maria "Rainha do céu e da terra", afirmando que o Sumo Rei lhe confiou, em certo modo, o seu próprio império.

"Por isso, Santo Afonso de Ligório, tendo presente todos os testemunhos dos séculos precedentes, pôde escrever com a maior devoção: "Porque a Virgem Maria foi elevada até ser a Mãe do Rei dos Reis, com justa razão a distingue a Igreja com o título de Rainha" (S. Afonsus, *Le glorie de Maria*).

II

"A Sagrada Liturgia, que é o espelho fiel da doutrina transmitida pelos Santos Padres e da crença do povo cristão, cantou por todo o decurso dos séculos e canta ainda sem cessar, tanto no Oriente como no Ocidente, as glórias da Celestial Rainha.

"Vozes entusiásticas ressoam no Oriente: "Ó Mãe de Deus, hoje és transferida para o céu sôbre os carros dos Querubins, os Serafins estão às tuas ordens, e os exércitos da milícia celeste prostram-se diante de Ti" (*Ex liturgia Armeniorum: in festo Assumptionis himnus ad Matutinum*).

"E mais ainda: Ó justo, fidelíssimo (José), pela tua origem real fôste escolhido entre todos para espôso da Rainha imaculada, que dará à luz de modo inefável a Jesus Rei". (*Ex Menaeo* ("byzantino"): *Dominica post Natalem, in Canone, ad Matutinum*). E depois: "Vou elevar um hino à Rainha e Mãe, de quem, ao celebrar, aproximar-me-ei com alegria, para cantar com exultação as suas glórias... Ó Senhora, a nossa língua não te pode louvar dignamente, porque Tu, que deste a luz a Cristo nosso Rei, fôste exaltada acima dos Serafins... Salve, Rainha do mundo, salve, ó Maria, Senhora de todos nós" (*Officium hymni Akátistos* ("in ritu byzantino").

"Lê-se no *Missal* Etíope: Ó Maria, centro do mundo todo... Tu és maior que os Querubins de olhar penetrante, e que os Serafins de seis asas... O céu e a terra estão cheios de santidade da tua glória" (*Missale Aethipicum, Anaphora Dominae nostrae Mariae, Matris Dei*).

"O mesmo canta a liturgia da Igreja Latina com a antiga e dulcíssima oração "Salve, Rainha", as alegres antífonas "Ave, ó Rainha dos céus", "Rainha do céu, alegrai-vos, aleluia", e outras que se costumam rezar em várias festas de Nossa Senhora: "Colocou-se como Rainha à tua direita, com vestido dourado e circundada de vários ornamentos" (*Brev. Rom., Versiculus sexti Respons*), "A terra e o povo cantam o teu poder, ó Rainha" (*Festum Assumptionis; hymnus Laudum*); "Hoje a Virgem Maria sobe ao céu: alegrai-vos, porque reina com Cristo para sempre" (Ibidem, *ad Magnificat* II *Vesp.*).

"A êste e outros cânticos devem juntar-se as Ladainhas Lauretanas, que levam o povo cristão a invocar todos os dias Nossa Senhora como Rainha; e no Santo Rosário, que se pode chamar coroa mística da celeste Rainha, já há muitos séculos que os fiéis contemplam, no quinto mistério glorioso, o reino de Maria, que abraça céu e terra.

"Finalmente, a arte cristã, intérprete natural da espontânea e pura devoção do povo, desde o Concílio de Éfeso que representa Maria como Rainha e Imperatriz, sentada num trono e adornada com as insígnias reais, de coroa na cabeça e rodeada da côrte dos Anjos e Santos, como quem domina não só as fôrças da natureza, mas também os malignos assaltos de Satanás. A iconografia da Virgem Maria como Rainha enriqueceu-se em todos os séculos com obras

de arte de alto mérito, chegando até a figurar o divino Redentor no ato de cingir com brilhante coroa a cabeça da própria Mãe.

"Os Pontífices Romanos não deixaram de favorecer esta devoção, coroando pessoalmente ou por meio de Legados as imagens da Virgem Mãe de Deus, que eram objeto de especial veneração".

III

"Como acima apontamos, Veneráveis Irmãos, segundo a Tradição e a Sagrada Liturgia, o principal argumento em que se funda a dignidade régia de Maria é sem dúvida a Maternidade divina. Na verdade, do Filho que será dado à luz pela Virgem, afirma-se na Sagrada Escritura: "Chamar-se-á Filho do Altíssimo e o Senhor Deus dar-lhe-á o trono de Davi, seu Pai; reinará na casa de Jacó eternamente, e o seu reino não terá fim" (Lc. 1, 32-33); ao mesmo tempo que Maria é proclamada "a Mãe do Senhor" (Ibid., 1, 43). Daqui se segue lògicamente que Maria é Rainha, por ter dado a vida a um Filho, que no próprio instante da sua conceição, mesmo como homem, era Rei e Senhor de tôdas as coisas, pela união hipostática da natureza humana com o Verbo. Por isso, muito bem escreveu São João Damasceno: "Tornou-se verdadeiramente Senhora de tôda a criação, no momento em que se tornou Mãe do Criador" (S. Joannes Damascenus, *De fide orthodoxa*). E assim o Arcanjo São Gabriel pode ser chamado o primeiro arauto da dignidade real de Maria.

"Contudo, Nossa Senhora deve proclamar-se Rainha, não só pela sua majestade divina, mas ainda pela parte singular que Deus quis que tivesse na

obra da salvação. "Que pode haver — escrevia o Nosso Predecessor de feliz memória, Pio XI — mais doce e suave do que pensar que Cristo é nosso Rei, não só por direito de natureza, mas ainda por direito adquirido, isto é, pela Redenção? Oxalá que os homens, esquecidos de quanto custamos ao nosso Redentor, recordem todos: "Não fôstes remidos com ouro ou prata, bens corruptíveis..., mas pelo precioso sangue de Cristo, Cordeiro Imaculado e incontaminado" (I Petr. 1, 18-19). "Não pertencemos, portanto, a nós mesmos, pois Cristo "a alto preço" (I Cor. 6, 20) nos "comprou" (Pius XI, Litt. Enc. *Quas primas*, AAS, 1926).

Ora, ao realizar-se a obra da Redenção, Maria Santíssima foi ìntimamente associada a Cristo, e por isso justamente se canta na sagrada Liturgia: "Santa Maria, Rainha do Céu e Senhora do mundo, estava trespassada de dor, ao pé da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo" (*Festum septem dolorum B. Mariae Virg.*, Tractus). E um piedosíssimo discípulo de Santo Anselmo podia escrever na Idade Média: "Como... Deus, criando tôdas as coisas pelo seu poder, é Pai e Senhor de tudo, assim Maria, reparando tôdas as coisas com os seus méritos, é Mãe e Senhora de tudo: Deus é Senhor de tôdas as coisas, constituído cada uma delas na sua própria natureza pela voz do seu poder, e Maria é Senhora de tôdas as coisas, reconstituindo-as na sua dignidade primitiva pela graça, que lhes mereceu" (Eadmerus, *De excellentia Virginis Mariae*). De fato, "como Cristo, pelo título particular da Redenção, é Nosso Senhor e nosso Rei, assim a Bem-aventurada Virgem (é Senhora nossa) pelo singular concurso prestado à nossa redenção, subministrando a sua substância e

oferecendo voluntàriamente por nós o Filho Jesus, desejando, pedindo e procurando de modo singular a nossa salvação" (F. Suárez, *De mysteriis vitae Christi*).

"Destas premissas pode argumentar-se: se Maria, na obra da salvação espiritual, foi associada por vontade de Deus a Jesus Cristo, princípio de salvação, e o foi quase como Eva foi associada a Adão, princípio de morte, de modo que se pode afirmar que a nossa redenção se realizou segundo uma certa "recapitulação" (S. Irenaeus, *Adv. haer.*), pela qual o gênero humano, sujeito à morte por causa duma virgem, salva-se também por meio duma virgem; se, além disso, pode dizer-se igualmente que esta gloriosíssima Senhora foi escolhida para Mãe de Cristo "para lhe ser associada na redenção do gênero humano (Pius XI, Epist. *Auspicatus profecto,* 1933), e se realmente "foi Ela que — isenta de qualquer culpa pessoal ou hereditária, e sempre estreitìssimamente unida a seu Filho — ofereceu-o ao Gólgota ao Eterno Pai, sacrificando juntamente, qual nova Eva, os direitos e o amor de mãe em benefício de tôda a posteridade de Adão, manchada pela sua desventurada queda" (Pius XII, Litt. Enc. *Mystici Corporis,* 1943); poder-se-á legìtimamente concluir que, assim como Cristo, o novo Adão, deve chamar-se Rei não só porque é nosso Redentor, assim, segundo certa analogia, pode afirmar-se também que a Bem-aventurada Virgem Maria é Rainha, não só porque é Mãe de Deus, mas ainda porque, como nova Eva, foi associada ao novo Adão.

"É certo que no sentido pleno, próprio e absoluto, sòmente Jesus Cristo, Deus e homem, é Rei; mas também Maria — de maneira limitada e analó-

gica, como Mãe de Cristo-Deus e como associada à obra do Divino Redentor, à sua luta contra os inimigos e ao triunfo dêles obtido — participa da dignidade real. De fato, desta união com Cristo Rei deriva para Ela tão esplendente sublimidade, que supera a excelência de tôdas as coisas criadas: desta mesma união com Cristo nasce aquêle poder real, pelo qual Ela pode dispensar os tesouros do Reino do Redentor divino; finalmente, da mesma união com Cristo origina-se a inexaurível eficácia da sua intercessão junto do Filho e do Pai.

"Portanto, não há dúvida alguma que Maria Santíssima se avantaja em dignidade a tôdas as coisas criadas e tem sôbre tôdas o primado, a seguir ao seu Filho. "Tu, finalmente, canta São Sofrônio, superaste em muito tôdas as criaturas... Que poderá existir de mais sublime que tal alegria, ó Virgem Mãe? Que pode existir de mais elevado que tal graça, a qual, por divina vontade, só tu tiveste em sorte?" (S. Sophronius, *In Annuntiationem Beatae Mariae Virginis*). A êstes louvores, acrescenta São Germano: "A tua honra e dignidade coloca-te acima de tôda a criação; a tua sublimidade faz-te superior aos anjos" (S. Germanus, *Hom. II in Dormitionem Beatae Mariae Virginis*). São João Damasceno chega a escrever o seguinte: "É infinita a diferença entre os servos de Deus e a sua Mãe" (S. Ioannes Damascenus, *Hom. I in Dormitionem Beatae Mariae Virginis*).

"Para melhor compreendermos a sublime dignidade que a Mãe de Deus atingiu acima de tôdas as criaturas, podemos considerar que a Santíssima Virgem, desde o primeiro instante da sua Conceição,

foi enriquecida de tal abundância de graças, que supera a graça de todos os Santos. Por isso, como escreveu numa Carta Apostólica o Nosso Predecessor, de feliz memória, Pio IX, Deus "fêz a maravilha de a enriquecer, acima de todos os anjos e santos, de tal abundância de tôdas as graças celestiais hauridas dos tesouros da divindade, que Ela — imune de tôda a mancha do pecado, e tôda bela — apresenta tal plenitude de inocência e santidade, que não se pode conceber maior abaixo de Deus, nem ninguém a pode compreender plenamente senão Deus" (Pius IX, Bula *Ineffabilis Deus, Acta Pii IX*).

"Nem a Bem-aventurada Virgem Maria teve apenas, a seguir a Cristo, o supremo grau de excelência e perfeição; participou ainda daquela eficácia pela qual justamente se afirma que o seu divino Filho e nosso Redentor reina na mente e na vontade dos homens. Se, de fato, o Verbo de Deus opera milagres e infunde a graça por meio da Humanidade que assumiu; se utiliza os Sacramentos e os seus Santos, como instrumentos para salvar as almas; por que não há de servir-se do múnus e ação de Sua Mãe Santíssima para nos distribuir os frutos da Redenção? "Com ânimo verdadeiramente materno para conosco — como diz o mesmo Predecessor Nosso, de feliz memória, Pio IX — e ocupando-se da nossa salvação, Ela, que pelo Senhor foi constituída Rainha do céu e da terra, toma cuidado de todo o gênero humano, e — tendo sido exaltada sôbre todos os côros dos Anjos e as jerarquias dos Santos do céu, e estando à direita do seu Unigênito Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor — com as suas súplicas maternas impetra com eficácia, obtém quanto pede, nem pode deixar de ser ouvida" (Ibid. p. 618).

"A êste propósito, outro Nosso Predecessor, de feliz memória, Leão XIII, declarou que foi concedido à Bem-aventurada Virgem Maria um poder "quase imenso" (Leo XIII, Litt. Enc. *Adiutricem populi*) na distribuição das graças; São Pio X acrescenta que Maria desempenha esta missão "como por direito materno" (Pius X, Litt. Enc. *Ad diem illum*).

"Gloriem-se, portanto, todos os fiéis cristãos de estar submetidos ao império da Virgem Mãe de Deus, que tem poder régio e se abrasa de amor materno.

"Todavia, nestas e noutras questões que dizem respeito à Bem-aventurada Virgem Maria, procurem os teólogos e pregadores evitar certos desvios, para não caírem num duplo êrro: acautelem-se de opiniões sem fundamento e que ultrapassam com exageros os limites da verdade; e evitem, por outro lado, a estreiteza ao considerarem a singular, sublime, e mesmo quase divina dignidade da Mãe de Deus, que o Doutor Angélico nos ensina a atribuir-lhe "em razão do bem infinito, que é Deus" (S. Thomas, *Summa Theol., I,* q. 25, a. 6 ad. 4).

"Mas neste, como em todos os outros capítulos da doutrina cristã, "a norma próxima e universal" é para todos o magistério vivo da Igreja, instituído por Cristo "também para esclarecer e explicar aquelas coisas que só de modo obscuro e como que implícito estão contidas no depósito da fé" (Pius XII, *Litt., Enc. Humani generis,* 1950).

IV

"Dos testemunhos da antiguidade cristã, das orações da liturgia, da inata devoção do povo cristão,

das obras artísticas, de tôda a parte recolhemos expressões que nos mostram que a Virgem Mãe de Deus se distingue pela sua dignidade real; mostramos também que as razões, deduzidas pela Sagrada Teologia do tesouro da fé divina, confirmam plenamente esta verdade.

"De tantos testemunhos referidos, forma-se uma espécie de concêrto harmonioso que exalta a incomparável dignidade real da Mãe de Deus e dos homens, a qual domina tôdas as coisas criadas e foi "elevada aos reinos celestes, acima dos coros dos Anjos" (Ex *Brev. Rom., Festum Assumptionis Beatae Mariae Virginis*).

"Depois de atentas e ponderadas reflexões, tendo chegado à convicção de que seriam grandes as vantagens para a Igreja, se esta verdade sòlidamente demonstrada resplandecesse com maior evidência diante de todos — como luz que brilha mais, quando posta no candelabro, — com a Nossa Autoridade Apostólica decretamos e instituimos a festa de Maria Rainha, para ser celebrada cada ano em todo o mundo no dia 31 de maio.

"Ordenamos, igualmente, que no mesmo dia se renove a consagração do gênero humano ao seu Coração Imaculado. Tudo isto nos incute grande esperança de que há de surgir nova era, iluminada pela paz cristã e pelo triunfo da religião.

"Procurem, pois, todos, e agora com mais confiança, aproximar-se do trono da misericórdia e da graça, para pedir à nossa Rainha e Mãe socorro na adversidade, luz nas trevas, confôrto na dor e no pranto; e, o que é mais, esforcem-se por se libertar da escravidão do pecado, e prestem ao cetro régio de tão poderosa Mãe a homenagem duradoura da

devoção filial. Freqüentem as multidões de fiéis os seus templos e celebrem-lhe as festas; ande nas mãos de todos a piedosa coroa do terço; e reúna a recitação dêle — nas igrejas, nas casas, nos hospitais e nas prisões — ora pequenos grupos ora grandes assembléias, para que cantem as glórias de Maria. Honre-se o mais possível o seu nome, mais doce do que o nectar e mais valioso que tôda a pedra preciosa; ninguém ouse pronunciar ímpias blasfêmias contra êste nome santíssimo, ornado de tanta majestade e venerável pelo carinho próprio de mãe; nem se atreva ninguém a dizer nada que seja irreverente.

"Com vivo e diligente cuidado, todos se esforcem por copiar nos sentimentos e nos atos, segundo a própria condição, as altas virtudes da Rainha do Céu e nossa Mãe amantíssima. Donde resultará que os fiéis, venerando e imitando tão grande Rainha e Mãe, vir-se-ão a sentir verdadeiros irmãos entre si, desprezarão a inveja e a cobiça das riquezas, e hão de promover a caridade social, respeitar os direitos dos fracos e fomentar a paz. Nem presuma alguém ser filho de Maria, digno de se acolher à sua poderosíssima proteção, se a exemplo d'Ela não é justo, manso e casto, e não mostra verdadeira fraternidade, evitando ferir e prejudicar, e procurando socorrer e dar ânimo.

"Nalgumas regiões da terra, não falta quem seja injustamente perseguido por causa do nome cristão e se veja privado dos direitos divinos e humanos da liberdade. Para afastar tais males, nada conseguiram até hoje justificados pedidos e reiterados protestos. A êsses filhos inocentes e atormentados volva os seus olhos de misericórdia, cuja luz dissipa nuvens e serena tempestades, a poderosa Senhora dos acon-

tecimentos e dos tempos que sabe vencer a maldade com o seu pé virginal. Conceda-lhes poderem em breve gozar a devida liberdade e cumprir pùblicamente os deveres religiosos. E, servindo a causa do Evangelho — com o seu esfôrço concorde e egrégias virtudes, de que no meio de tantas dificuldades dão exemplo — concorram para o fortalecimento e progresso das sociedades terrestres.

"A Festa — instituída pela presente Carta Encíclica, a fim de que todos reconheçam mais claramente e melhor honrem o clemente e materno império da Mãe de Deus — pensamos que poderá contribuir para que se conserve, consolide e torne perene a paz dos povos, ameaçada quase todos os dias por acontecimentos que enchem de ansiedade. Não é Ela acaso o arco-íris que se eleva para Deus, como sinal de pacífica aliança? (Gen. 9, 13).

"Contempla o arco-íris e bendiz Aquêle que o fêz; é muito belo no seu esplendor; abraça o céu na sua órbita radiosa e foram as mãos do Altíssimo que o traçaram" (Ecli., 43, 12-13).

"Todo aquêle que honra a Senhora dos anjos e dos homens — e ninguém se julgue isento dêste tributo de reconhecimento e amor — invoque esta Rainha, medianeira da paz; respeite e difunda a paz, que não é maldade impune nem liberdade desenfreada, mas concórdia bem orientada sob o signo e comando da divina vontade: Tendem a protegê-la e aumentá-la as maternas exortações e ordens de Maria.

"Desejando ardentemente que a Rainha e Mãe do povo cristão acolha êstes Nossos votos, alegre com a sua paz as terras sacudidas pelo ódio, e a todos nós, depois dêste exílio, mostre a Jesus, que será na eternidade a nossa paz e alegria; a Vós, Veneráveis

Irmãos, e aos Vossos rebanhos, concedemos de todo o coração a Bênção Apostólica, como penhor do auxílio de Deus Onipotente e testemunho do Nosso paternal afeto.

"Dado em Roma, junto de São Pedro, na Festa da Maternidade de Nossa Senhora, aos 11 de outubro do ano de 1954, décimo-sexto do Nosso Pontificado.

PIO PP. XII".

Depois desta magnífica Encíclica *Ad Caeli Reginam*, é-nos grato citar a proclamação da Festa da Realeza de Nossa Senhora. São palavras de Pio XII, proferidas no dia 1.º de novembro, quando das solenidades do Ano Mariano. A Encíclica *Ad Caeli Reginam* e a proclamação são os documentos oficiais em que o Magistério Eclesiástico manifesta o seu pensamento sôbre a posição eminente que Maria Santíssima "ocupa nos planos da Divina Providência".

Ei-la, integralmente:

"As provas de homenagem e devoção à Mãe de Deus, que o Mundo católico multiplicou nos meses passados, demonstraram esplêndidamente, nas públicas manifestações, como nas mais modestas iniciativas da piedade particular, o seu amor à Virgem e a fé nos seus privilégios incomparáveis. Mas para coroar tôdas essas manifestações com uma solenidade particularmente significativa do Ano Mariano, quisemos instituir e celebrar a Festa da Realeza de Maria.

"Nenhum de vós, queridos filhos e filhas, há de ficar maravilhado ou pensar que se tenha tratado

de decretar à Virgem um novo título. Não repetem acaso os fiéis cristãos já há séculos nas Ladainhas Lauretanas as invocações que saúdam Maria com o nome de Rainha? E a reza do Santo Rosário, propondo como meditação a memória das alegrias, das dôres e das glórias da Mãe de Deus, não termina acaso com a recordação jubilosa de Maria recebida no céu por seu Filho e por Êle ornada com o diadema real?

"Não foi, portanto, Nossa intenção introduzir novidade alguma, mas antes fazer brilhar aos olhos do mundo, nas circunstâncias atuais, uma verdade apta a levar remédio para os seus males, a libertá-lo das suas angústias e a orientá-lo para o caminho da salvação, que êle ardentemente procura.

"Menos ainda do que a do seu Filho, a realeza de Maria não deve ser considerada em analogia com as realidades da vida política moderna. É verdade que não se podem representar as maravilhas do céu senão através das palavras e expressões muito imperfeitas da linguagem humana; mas isso não significa de forma alguma que, para honrar Maria, deva aderir-se a uma determinada forma de govêrno ou a uma particular estrutura política. A realeza de Maria é uma realidade ultraterrena, que ao mesmo tempo, porém, penetra até no mais íntimo dos corações e vai tocá-los na sua essência profunda, no que êles têm de espiritual e imortal.

"A origem das glórias de Maria, o momento solene que ilumina tôda a sua pessoa e missão, é aquêle em que, cheia de graça, dirigiu ao Arcanjo Gabriel o *Fiat*, que exprimia o seu assentimento à disposição divina; Ela se tornava assim Mãe de Deus e Rainha, e recebia o ofício real de velar sôbre a

unidade e paz do gênero humano. Por meio d'Ela temos a firme esperança de que a humanidade há de encaminhar-se pouco a pouco nesta senda da salvação; Ela há de guiar os chefes das nações e os corações dos povos para a concórdia e caridade.

"Que poderiam, portanto, fazer os cristãos na hora atual, em que a unidade e a paz do mundo, e até as próprias fontes da vida, estão em perigo, se não volverem o olhar para Aquela, que se lhes apresenta revestida do poder real? Assim como Ela envolveu já no seu manto o divino Menino, primogênito de tôdas as criaturas e de tôda a criação (cf. Col. 1, 15), assim também se digne agora envolver todos os homens e todos os povos com a sua vigilante ternura; digne-se, como Sede da Sabedoria, fazer brilhar a verdade das palavras inspiradas, que a Igreja lhe aplica: *Per me reges regnant et legum conditores iusta decerunt; per me principes imperant, et potentes decernunt iustitium* (Prov. 8, 15-16; *Brev. Rom. in Comm. Fest. B. Mariae Virg., I Noct Lect.* 1). "Por meio de mim reinam os reis, e os magistrados administram a justiça; por meio de mim mandam os príncipes e os soberanos governam com retidão". — Se o mundo hoje combate sem tréguas para conquistar a sua unidade e para assegurar a paz, a invocação do reino de Maria é, para além de todos os meios terrenos e de todos os desígnios humanos de qualquer maneira sempre defeituosos, o grito da fé e da esperança cristã, firmes e fortes nas promessas divinas e nos auxílios inesgotáveis, que êste império de Maria difundiu para a salvação da humanidade.

"Todavia, da inexaurível bondade da Virgem Santíssima, que hoje invocamos como a real Mãe do Senhor, Nós esperamos ainda outros benefícios

não menos preciosos. Ela não só deve aniquilar os planos obscuros e as obras iníquas dos inimigos de uma humanidade unida e cristã, mas ainda tem que comunicar aos homens de hoje alguma coisa do seu espírito. Entendemos com isso a vontade corajosa e até audaz que, nas circunstâncias difíceis, perante os perigos e obstáculos, sabe tomar, sem hesitações, as resoluções que se impõem, e executá-las com energia indefectível, de maneira que arraste no seu exemplo os fracos, os cansados, os indecisos e os que não crêem mais na justiça e nobreza da causa que devem defender.

"Quem não vê como Maria realizou em si mesma em alto grau êste espírito e mereceu os louvores devidos à *mulher forte?* O seu *Magnificat*, êsse cântico de alegria e de esperança invencível no poder divino, cujas obras Ela começa a realizar, enche-a de santa audácia e de uma fôrça desconhecida à natureza.

"Como quereríamos que todos aquêles, que hoje têm a responsabilidade do bom e reto andamento dos negócios públicos, imitassem êste luminoso exemplo de sentimento real! Pelo contrário, não se nota acaso, às vêzes, até nas suas fileiras uma espécie de canseira, de resignação e passividade, que lhes impede de arrostar com firmeza e perseverança os árduos problemas da hora atual? Não deixam alguns porventura, às vêzes, os acontecimentos irem à deriva, ao invés de dominá-los com uma ação salutar e construtiva?

"Não é, portanto, urgente mobilizar tôdas as fôrças vivas agora em reserva, e estimular aquêles que ainda não têm plena consciência da perigosa depressão psicológica em que caíram? Se a realeza

de Maria encontra um símbolo muito apropriado na *acies ordinata*, no exército em pé de guerra (*"Off. in Assumptione B. M. V. passim"*), evidentemente ninguém há de pensar em qualquer intenção belicosa, mas ùnicamente na fôrça de ânimo, que admiramos em grau heróico na Virgem, e que deriva da consciência de trabalhar vàlidamente para a ordem de Deus no mundo.

"Que a Nossa invocação à realeza da Mãe de Deus alcance para os homens cuidadosos das suas responsabilidades a graça de vencer o abatimento e a indolência, numa hora em que ninguém se pode permitir um instante de repouso, quando em tantas regiões a justa liberdade é oprimida, a verdade ofuscada pelo intenso trabalho duma propaganda mendaz, e as fôrças do mal parecem como que desencadeadas sôbre a terra!

"Se a realeza de Maria pode sugerir aos governantes das nações atitudes e conselhos que correspondem às exigências do tempo, Ela não deixa de derramar sôbre todos os povos da terra e sôbre tôdas as classes sociais a abundância das suas graças. Depois do espetáculo atroz da Paixão aos pés da Cruz, onde oferecera o mais duro dos sacrifícios que se possam pedir a uma Mãe, Ela continuou a prodigalizar aos primeiros cristãos, seus filhos de adoção, as suas atenções maternais.

"Rainha mais do que nenhuma outra pela elevação da sua alma e excelência dos dons divinos, Ela não cessa de distribuir à pobre humanidade todos os tesouros da sua afeição e das suas ternas solicitudes. Longe de ser fundado sôbre as exigências dos seus direitos e a vontade de altivo domínio, o reino de

Maria conhece uma só aspiração: o dom completo de si na sua mais alta e total generosidade.

"Assim, portanto, Maria exerce a sua realeza: aceitando as nossas homenagens e não desdenhando atender até as mais humildes e imperfeitas orações. Por isso, desejando interpretar os sentimentos de todo o povo cristão, Nós dirigimos à Virgem Santíssima esta ardente súplica:

"Das entranhas desta terra de lágrimas, onde a humanidade que sofre, a custo se arrasta; no meio das ondas dêste nosso mar incessante agitado pelo vento das paixões, levantamos os olhos para Vós, ó Maria, Mãe estremecida, para reconfortar-nos na contemplação da vossa glória, e para aclamar-vos Rainha e Senhora dos céus e da terra, Rainha e Senhora nossa.

"A vossa realeza, queremos exaltá-la com legítimo orgulho de filhos e reconhecê-la como devida à suma excelência de todo o vosso sêr, ó suavíssima e verdadeira Mãe d'Aquêle que é Rei por direito próprio, por herança, por conquista.

"Reinai, ó Mãe e Senhora, mostrando-nos o caminho da santidade, dirigindo-nos e assistindo-nos para que dêle nunca nos afastemos.

"Assim como no alto dos céus exerceis a vossa realeza sôbre os coros dos Anjos, que vos aclamam sua Soberana; sôbre as legiões dos Santos, que se deleitam na contemplação da vossa fúlgida beleza; assim também reinai sôbre todo o gênero humano, sobretudo abrindo os atalhos da fé a quantos ainda não conhecem o vosso divino Filho.

"Reinai sôbre a Igreja, que professa e festeja o vosso suave domínio e a vós recorre como o seguro refúgio no meio das calamidades dos nossos tempos.

Mas reinai especialmente sôbre aquela porção da Igreja, que é perseguida e oprimida, dando-lhe a fortaleza para suportar as adversidades, a constância para que não ceda sob as injustas pressões, a luz para que não caia nas emboscadas do inimigo, a firmeza para resistir aos ataques abertos, e em cada momento a inabalável fidelidade ao vosso Reino.

"Reinai sôbre as inteligências, para que não procurem senão a verdade; sôbre as vontades, para que sigam sòmente o bem; sôbre os corações, para que amem ùnicamente o que vós mesma amais.

"Reinai sôbre os indivíduos e as famílias, como sôbre as sociedades e as nações; sôbre as assembléias dos poderosos, sôbre os conselhos dos sábios como sôbre as simples aspirações dos humildes.

"Reinai nas ruas e praças, nas cidades e aldeias, nos vales e montes, no ar, na terra e no mar; e acolhei a piedosa oração de quantos sabem que o vosso Reino é um reino de misericórdia, onde tôda a súplica é atendida, tôda a dor confortada, tôda a infelicidade suavizada, tôda a enfermidade sarada, e onde, como que a um aceno das vossas mãos suavíssimas, a vida ressurge sorridente da própria morte.

"Concedei-nos que aquêles, que agora em tôdas as partes do mundo vos aclamam e reconhecem Rainha e Senhora, possam, um dia, no céu, gozar a plenitude do vosso Reino, na visão do vosso divino Filho, o qual, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina nos séculos dos séculos. Assim seja!"

* * *

SANTA PETRONILHA (*)

Virgem e Mártir

I.º Século

Aurélia Petronilha era romana, descendente de Titus Flavius Petrone, aparentada com a família imperial dos Flavianos, tendo sido, muito provàvelmente, catequizada e batizada por São Pedro, razão pela qual vários documentos dão-lhe o título de filha de São Pedro.

Petronilha tinha pelo Príncipe dos Apóstolos verdadeira adoração, venerando-o ternìssimamente.

As Atas dos santos Nereu e Aquileu, exilados com Flávia Domitila, contém uma carta endereçada por Marcelo, filho de Marcos, prefeito de Roma, a êstes santos, durante o degrêdo. Tal documento relata a cura miraculosa de Petronilha. Ela, diz, estava consagrada ao serviço de São Pedro. Vítima da paralisia, não podia desincumbir-se dos santos misteres plenamente.

Tito, discípulo de São Pedro, perguntou ao Apóstolo:

— Por que tu não a curas?

Ao que Pedro respondeu:



Santa Petronilha. Segundo uma pintura de Guerchin, em Roma. Século XVII.

— Porque é bom para ela permanecer naquele estado.

Afinal, consentiu em curá-la, dizendo-lhe:

— Levanta-te e serve-nos.

Petronilha, imediatamente, levantou-se, e Deus a conservou sempre na saúde.

Belíssima, a jovem Petronilha foi pedida em casamento pelo conde Flaccus, que, solicitando-lhe a mão com cortesia, levara consigo, maliciosamente, grande número de soldados.

Petronilha, que desejava, na vida, ser fiel ao Espôso celeste, ao qual se consagrara, disse ao conde que sòmente o seguiria depois de três dias.

Flaccus, satisfeito, partiu. Que eram, afinal, três dias?

Transcorrido aquêle prazo, que Petronilha passou a jejuar e a orar, foi assistir à missa. E, depois de ter recebido o corpo sagrado do Cristo, tornou para casa, deitou-se e morreu, nascendo para Jesus.

Situa-se a morte de Santa Petronilha, virgem e mártir, entre o ano 90 e 96.

* * *

SÃO GABRIEL DE L'ADDOLORATA (*)

Confessor

Tendo vivido em tempos agitados, Francisco Possenti, depois Gabriel de L'Addolorata, ou Gabriel da Virgem das Dores, viveu com a alma em paz.

Moço, belo, inteligente, elegante e educadíssimo, bastante espirituoso, adorava o teatro, a leitura, a caça e a dança.

Morta a mãe, quando aos dois anos, a irmã mais velha, Maria Luísa, tomou-o aos seus cuidados.

Aos dezessete anos, perdeu Francisco, levada pelo cólera de 1855, aquela que lhe fôra a segunda mãe. Foi uma perda irreparável, mas, se assim podemos dizer, benéfica para o mundaníssimo jovem: ao invés de pensar no futuro terreno voltou o espírito para a eternidade.

Assim, no ano seguinte, procurou os passionistas, instituto fundado por Paulo da Cruz em 1720, e ali se deixou ficar recolhido, a orar e a jejuar.

A 21 de setembro, adotou o nome de Gabriel de L'Addolorata, e, pouco depois, oferecia o mérito de suas boas obras a Maria, Mãe de Deus, para que as dispusesse em favor das almas do purgatório.

O Instituto, fundado com o objetivo de, pela penitência e austeridades, compensar o crime que se

perpetuou no Calvário, levou Gabriel às mortificações. E, um dia, ciente de que seguia o rumo certo, a vida mesma que tinha de levar, escrevia a um amigo: "Se eu tivesse persistido em permanecer no século, creio que jamais me salvaria".

Em virtude das comoções políticas que abalaram o Piemonte, mais a batalha de Solferino, o noviciado dos passionistas transferiu-se para Loreto, nas faldas dos Apeninos. Ali, o Santo, a pouco e pouco, foi-se aperfeiçoando, desempenhando as mais humildes funções.

Em 1861, sentiu-se enfraquecer. A saúde, paulatinamente, entrou a decair, e tanto, que o superior o dispensou do ofício noturno.

Logo, principiou a escarrar sangue, e, no ano seguinte, no dia 27 de fevereiro, aos vinte e quatro anos falecia.

O mais célebre dos seus milagres refere-se à cura de Gema Galgani. No dia 12 de maio de 1905, Pio X promulgou-lhe o decreto de heroicidade das virtudes, e, a 31 de maio de 1908, deu-se a beatificação solene.

Doze anos mais tarde, isto é, a 13 de maio de 1920, dia da Ascensão, Bento XV canonizou-o — bem como a Margarida Maria Alacoque.

Os autores preferidos de São Gabriel de L'Addolorata foram São Francisco de Sales e Santo Afonso de Liguori.

* * *

BEM-AVENTURADA BATISTA VARANI (*)

Abadêssa

A bem-aventurada abadêssa, antes Camila, foi filha de Júlio César Varani e de Joana Malatesta. Do pai, herdou o espírito vivo e apaixonado, o amor ao mundo, a beleza, os dons para a filosofia e a teologia.

Mocinha, inclinava-se para o casamento, levada pelo lirismo dum jovem poeta, quando, ao ouvir um sermão, durante a Quaresma, desistiu do intento. Voltou-se então para Deus. Todavia, sòmente aos vinte anos deixaria o mundo: uma visão do Cristo e uma gravíssima enfermidade levá-la-ia às clarissas, entrando na comunidade de Urbino, fundada por uma parenta, Isabel de Piergentile Varani.

Com duas primas, ali se recolheu, trocando o nome de Camila pelo de Batista.

Em 1484, o pai fundava um mosteiro em Camerino, e a Irmã Batista para êle se transferiu. Naquela casa, foi favorecida com visitas de anjos e da Virgem.

Abadêssa depois de 1499, Batista contribuiu grandemente para o desenvolvimento da instituição dos capuchinhos: Mateus de Baccio, antes de ser irmão menor da Observância, fôra protegido dos



A nave mística. Segundo uma miniatura de uma **Biblioteca moralizada,** no século XIV.

Varani, de modo que, intervindo Batista, intercedendo por êle eficazmente junto do papa Clemente VII, daquele pontífice obteve a bula de 1524, bula que autorizava o novo ramo da ordem franciscana.

Vítima da terrível epidemia de peste que grassou na Itália no ano de 1527, a abadêssa Batista faleceu quando nos sessenta e nove anos. Os milagres que operou, levaram Gregório XVI, em 1843, a aprovar-lhe o culto.

Em Aquiléia, os santos Câncio, Canciano e Cancianila, irmãos, da ilustre família dos Anícios, que sob os imperadores Diocleciano e Maximiano, por causa de sua constância na fé cristã, foram decapitados com o seu preceptor chamado Proto.

Em Tôrre, na Sardenha, São Crescenciano, mártir.

Em Comana, no Ponto, São Hérmias, soldado que, sob o imperador Antonino, havendo sido libertado por auxílio especial de Deus, de um grande número de suplícios espantosos, converteu o carrasco a Jesus Cristo, e o tornou participante da coroa do martírio. Recebeu-a, todavia, por primeiro, tendo a cabeça decepada.

Em Verona, São Lupicino, bispo.

Em Roma, São Pascásio, diácono e confessor, de que faz menção o papa São Gregório.

* * *

Junho



1.º DIA DE JUNHO

SÃO SIMEÃO

Recluso em Trèves

Simeão era natural de Siracusa, na Sicília. Foi educado em Constantinopla, de onde passou a Jerusalém. Retirou-se, em seguida, ao mosteiro do monte Sinai, onde abraçou a vida religiosa. Ricardo II, duque de Normandia, dava todos os anos vultosas esmolas ao mosteiro. Havendo morrido no caminho os monges que tinham ido à França para recebê-las, Simeão foi encarregado pelos superiores de fazer a viagem. Embarcou; mas o navio em que viajava foi apreendido pelos piratas, que massacraram os marujos e passageiros. Simeão escapou a nado, e diri-

giu-se a Antioche, onde se juntou ao abade Ricardo de Verdun, que regressava de uma peregrinação a Jerusalém. Continuou o caminho com êle até Belgrado, onde o senhor da cidade o prendeu e não queria que seguisse os peregrinos franceses.

Ricardo chegou felizmente a Verdun. Simeão, quando foi pôsto em liberdade, dirigiu-se a Roma, de onde passou à França com um santo monge chamado Cosme, que havia encontrado em Antioche. Chegados à Aquitânia, foram bem recebidos pelo duque Guilherme; e, como os espíritos ainda estivessem esquentados com a questão do apostolado de São Marcial, não deixaram de interrogá-los a respeito. Testemunharam que a Igreja do Oriente incluía êste santo bispo no número dos setenta e dois discípulos de Cristo. O monge Cosme morreu na Aquitânia: dessarte, Simeão tomou sòzinho o caminho para a Normandia, onde chegou em 1027. Verificou que o duque Ricardo, cujas esmolas vinha recolher de tão longe, havia morrido no ano anterior. Pediu-as ao sucessor, mas êste não lhe deu ouvidos. Permaneceu algum tempo em Ruão; e convenceu o conde Jocelino e Emiliana, sua espôsa, a construir um mosteiro, em honra da Santíssima Trindade, sôbre a montanha próxima de Ruão, que leva hoje o nome de Santa Catarina, por causa das relíquias da santa, que Simeão lhe deu, e que havia trazido do monte Sinai.

Simeão, não tendo obtido as esmolas do duque da Normandia, não quis voltar de mãos vazias ao longínquo mosteiro, e resolveu ir encontrar o abade Ricardo de Verdun. Passou, em seguida, a Trèves, onde Popon, arcebispo, tanto se encantou com sua

virtude, que, tendo o desejo de cumprir a devoção de ir à Terra Santa, quis que êle o acompanhasse. Regressando dessa viagem, Simeão tornou a Trèves, onde desejava ardentemente viver recluso. O arcebispo, à frente do clero e em presença do povo, fêz a cerimônia da reclusão no dia de Santo André, no ano 1028, vale dizer, encerrou-o numa tôrre próxima da porta da cidade, chamada Porta Negra, murando a porta, ou ao menos, colocando nela o sinête. O santo homem ali viveu como numa tumba; mas o gênero de vida que levava, parecendo acima das fôrças humanas, inspirava admiração na população a quem não edificava. Pensava ela que o monge estrangeiro era um mago, que se privava da companhia dos homens para entrar em contacto com os demônios; e culparam o santo recluso de tôdas as calamidades que caíam sôbre a cidade. Uma inundação havia ocasionado grandes devastações em Trèves, crendo o povo que Simeão a houvesse atraído com suas mágicas, e ajuntou-se a população para apedrejá-lo; todavia, não logrou forçar a tôrre do santo recluso, e todo o furor se lhe desabafou em quebrar as janelas a pedradas. O Senhor terminava a obra de purificação de seu servo por meio dessas provações. O povo, que passa fàcilmente de um extremo a outro, mostrou em seguida grande veneração pelo santo varão, tanto quanto fôra a prevenção anterior contra êle.

Simeão morreu no primeiro dia de junho de 1035. O abade Eberwin, que lhe escreveu a vida, assistiu a êle na última enfermidade e fêz a recomendação de sua alma. Espalhando-se o ruído de sua morte, desapareceram a malignidade e a maledicência, e todos se apressaram em lhe testemunhar tanto maior vene-

ração pela virtude, quanto se sabia que fôra cruelmente caluniada. O clero de Trèves, os monges, o povo e até as religiosas, dirigiram-se à sua cela, para honrar-lhe os funerais; a cidade não ouvia senão elogios do santo varão, que a calúnia tornara, algum tempo antes, objeto de execração. É assim que Deus justifica os santos. Popon, arcebispo de Trèves, escreveu imediatamente ao papa, para solicitar a canonização de Simeão. Foi ela pronunciada em 1042, e promulgada em Trèves, com grande solenidade no dia 27 de novembro. Entretanto, a Igreja honra a memória de São Simeão no dia de sua morte. (1)

* * *

(1) Acta SS., 1 jun.

SÃO PÂNFILO (*)

Mártir

São Pânfilo era de Beryte, na Síria, e foi aluno de Pierus, sucessor de Orígenes à frente da escola teológica de Alexandria.

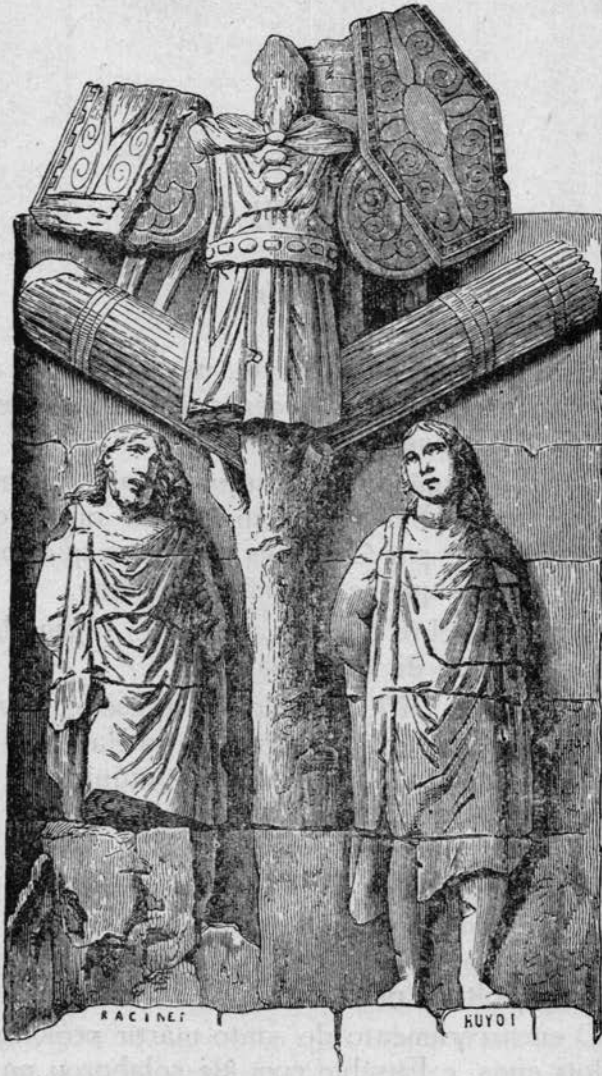
Quando terminou os estudos, transferiu-se para Cesaréia, a da Palestina: ali existia outra escola teológica, criada por Orígenes mesmo, a qual passou a dirigir, depois que se ordenou sacerdote.

O mais célebre de seus alunos foi o grande historiador Eusébio de Cesaréia.

No ano de 307, Pânfilo foi prêso e levado à presença de Urbano, o governador da Palestina, que, conta-nos Eusébio, primeiramente inquiriu-o sôbre literatura e ciências filosóficas, terminando por induzi-lo a sacrificar aos ídolos.

Diante da recusa de Pânfilo, exasperou-se grandemente, e ordenou que o torturassem com a maior rudeza, depois do que, tal a firmeza do Santo, foi levado de volta à prisão.

O encarceramento do santo mártir prolongou-se por dois anos, e Eusébio com êle colaborou na composição duma apologia de Orígenes, o que leva a crer que o seu aprisionamento correu em condições não muito severas.



Prisioneiros cristãos. Segundo as esculturas do arco do triunfo de Orange. Século II.

Um dia, Urbano caíra já na desgraça do mestre e amigo Maximino Daia, fôra julgado e levado à morte, um grupo de cristãos egípcios, condenados à decapitação por Firmiliano, movimentou a velha Cesaréia. O mais ilustre, entre todos, era Pânfilo. Em seguida, sobressaía-se o diácono Valente, "ornado, conta-nos Eusébio, de branca cabeleira, que lhe assentava muito bem com a santidade, augusto e santo ancião, que conhecia as divinas Escrituras como ninguém, de tão grande memória que, ensinando-a de cor, era como se estivesse lendo o têxto".

Outro dêles era Paulo, homem "ardentíssimo, em quem o Espírito fervilhava", natural de Jamnia, que já havia experimentado o horror dos ferros ao rubro.

Firmiliano simplesmente perguntou-lhes se persistiam na recusa de sacrificar aos ídolos, e, à resposta de que assim era, enviou-os à morte — 16 de maio de 309.

* * *

SÃO CAPRESA (*)

Confessor

Quando Santo Honorato e o irmão Venâncio tomaram a resolução de se retirarem para o deserto, procuraram um piedoso solitário da Provença, pedindo-lhe que os acompanhasse, como mestre. Êste piedoso ermitão chamava-se Capresa.

Capresa acompanhou os dois irmãos, e, quando chegaram à Grécia, em Metona, Venâncio faleceu. O solitário e Honorato tornaram a Provença e fixaram-se numa das ilhas de Lérins — aquela que, mais tarde, chamou-se de Santo Honorato — e ali fundaram uma grande abadia. (1)

São Capresa não quis, tão humilde era, ser abade nem depois da elevação de Honorato à sé de Arles. Continuou a ser, tão-sòmente, como já o fazia desde a fundação da abadia, o Pai, o diretor espiritual, "muitíssimo escutado".

Falecido no ano de 434, a sua santa vida é como uma das glórias de Lérins. No século XVII, ainda se via na ilha de Santo Honorato uma capela que fôra dedicada ao santo ancião.

* * *

(1) Ver 16 de janeiro.

SÃO FORTUNATO (*)

Confessor

(*Século IV-V*)

Fortunato era padre da igreja de Turrita, próximo de Montefalco, na diocese de Espoleto. Todo dado ao ministério das almas, empregava as horas vagas no trabalho manual, para socorrer a pobreza.

Conta-se dêle que, certo dia, quando trabalhava, encontrou duas moedas no chão. Apanhou-as e meteu-as no bôlso, pensando dá-las ao primeiro pobre que lhe aparecesse. Logo, surgiu-lhe um mendigo, e São Fortunato, tirando do bôlso as moedas, viu-as transformadas em duas peças de ouro "brilhantes como o sol". O pobre, de bôca aberta, emocionadíssimo, recebeu-as e se foi, enquanto o Santo, como se nada fôra, continuou o seu trabalho, bem longe das perecíveis coisas tôdas do mundo, mais humilde ainda, em virtude do prodígio.

Depois da morte, operou vários milagres, entre os quais citamos o do general Severo, que, por ciúmes, clamorosamente inocente, foi pôsto a ferros. Livre, pela intercessão do santo confessor, em sinal de gratidão, erigiu-lhe uma basílica.

São Fortunato é padroeiro de Montefalco.

* * *

SÃO FELINO E SÃO GRACINIANO (*)

Mártires

(*Século III*)

Felino e Graciniano eram soldados, quando do imperador Décio, sob o qual padeceram o martírio. Da morte de ambos não se conhecem detalhes. Falecidos em Perusa, tiveram os corpos transportados para o mosteiro beneditino de Arona, na diocese de Milão, por um duque de Otão II.

Êste duque, quando foi de Otão I, no ano de 963, havia incendiado ou mandado incendiar o pórtico da basílica de São Paulo de Roma. Imediatamente após a vandálica ação, viu-se paralítico dum dos braços. Horrorizado, invocou, arrependido os dois santos mártires, e foi curado assim que chegou a Perusa. Dali, reconhecidíssimo, levou os corpos, como vimos, para o mosteiro de Arona.

Em 1489, as relíquias foram colocadas sob o altar principal da igreja daquele mosteiro que, anos depois, seria um noviciado de jesuítas.

* * *

SANTO IÑIGO (*)

Abade

Iñigo foi abade do mosteiro de Oña, na província de Burgos, na Castela, mosteiro fundado em 1010 e que, em 1030, passou a ficar sob a observância de Cluny.

Necessitado dum superior capaz, que fizesse cumprir a regra, o rei Sancho solicitou os préstimos dum ermitão aragonês, com fama de grande santidade: Iñigo.

Natural, diz-se, de Calatayud, Bilbao, viveu como ermitão, na solidão das brenhas, depois tomou o hábito beneditino em São João de Peña, Aragão.

Chamado para Oña, hesitou. Sòmente aceitou o que lhe impunham quando foi procurado pelo próprio Sancho em pessoa.

O mosteiro, debaixo da conduta de Santo Iñigo, prosperou. E o rei, agradado com aquela situação, cumulou-o de favores.

Falecido no dia 1.º de junho de 1060, Iñigo foi querido de todos, mesmo de judeus e árabes. Em tôrno dêle, tudo foi paz e tranqüilidade, como se o

Santo fôra a própria paz e tranqüilidade em forma de gente.

Muito popular, é possível que o Iñigo do batismo de Santo Inácio de Loyola tenha sido dado em virtude do nosso Santo.

Alexandre III canonizou-o no ano de 1259.

* * *

SÃO RENAN (*)

Confessor

(*Século V ou VI*)

São Renan nasceu na Irlanda, tendo passado para a Bretanha, onde se converteu, pagão que era.

Resolvido a dar-se totalmente a Nosso Senhor Jesus Cristo, embarcou num bote, e, vagando a êsmo, para que Deus mesmo lhe indicasse o lugar onde devia fixar-se, foi dar nas costas norte da Finisterra. Ali, principiou a levar vida de ermitão, na localidade que hoje traz seu nome.

Quando, pela reputação de santidade, começaram as multidões a procurá-lo, deixou o retiro, indo para a Cornualha, no país de Locronan.

Quando faleceu, num ano que se desconhece, Ana da Bretanha, a piedosa rainha, fêz com que se erguesse magnífica igreja sôbre o túmulo em que descansou o corpo do Santo.

* * *

SÃO TEOBALDO (*)

Confessor

Teobaldo era do Piemonte, nascido em Vico, perto de Mcndovi. Fascinado, desde a infância, pela pobreza, mocinho, deixou a casa dos pais, indo para Alba, onde se empregou na oficina dum fabricante de calçados.

Querido do patrão, com parte no negócio, deixou o que lhe tocava quando o bom homem faleceu, entregando à viúva tudo que lhe cabia e todo o dinheiro que possuía.

Depois de ter feito uma peregrinação a Compostella, na Espanha, tornou a Alba, onde passou a fazer de carregador. Jejuando, macerando-se, dormia sempre por terra.

Diz-se dêle que, um dia, tendo lançado uma terrível maldição contra um homem que o provocara, para expiar a falta, prometeu varrer todos os dias, até a morte, a catedral, bem como tratar das lâmpadas, trazendo-as sempre acesas.

Quando faleceu, em 1150, várias crianças mortas recuperaram a vida ao pé de seu túmulo.

São Teobaldo é padroeiro dos sapateiros e dos carregadores piemonteses.

* * *

BEM-AVENTURADO JOÃO PELINGOTTO (*)

Confessor

Terciário secular da ordem franciscana, João Pelingotto nasceu em Urbino, no ano de 1240.

O pai, comerciante, desejoso de ver o filho iniciar-se nos negócios, principiou a tê-lo ao lado, mas, logo, percebeu que a vocação do filho era bem outra.

Quando o jovem declarou que ia deixar o mundo, a família opôs-se com veemência. Disse, então, aos seus, que desejavam vê-lo progredir e suceder o pai:

— Deixai-me, não me importuneis. Sei onde há um tesouro escondido e quero vender tudo o que possuo para adquiri-lo e guardá-lo. É Nosso Senhor, mais precioso que o diamante, mais belo que a luz, mais suave que os perfumes, mais deleitável que todos os festins!

Muito instado para não deixar a família, acedeu em ficar na casa paterna, mas com a condição de mais nada ter com o mundo.

Em 1300, quando do papa Bonifácio VIII, João Pelingotto estava em Roma, para assistir a um jubileu. Eis que, do meio da multidão, um desconhecido, apontando-lhe o dedo, disse ao companheiro:

— Aquêle é o santo de Urbino!

A vida que levava era duma austeridade incomum. Tendo vivido como recluso por uns tempos, deixou a solidão para socorrer os pobres e os doentes.

Vestindo farrapos, um domingo, apareceu na catedral com uma corda em volta do pescoço. Naturalmente considerava-se muito indigno, por isso que merecia ser enforcado. Naquele mesmo domingo, ainda na catedral, ficou arroubado, por longo tempo.

Falecido no dia 1.º de junho de 1304, teve o culto, que lhe renderam logo após a morte, ratificado por Bento XV.

* * *

BEM-AVENTURADO HERCULANO DE PIEGARO (*)

Confessor

Nascido em Piegaro, Herculano foi um dos grandes pregadores italianos do século XV. Pertencente aos franciscanos da estrita observância, uma vez padre, recebeu a incumbência de pregar, o que fêz com extraordinário sucesso, principalmente quando abordava o tema predileto — a Paixão. Quando pregava, não havia quem não chorasse.

Um dia, quando estava em Luca, nos tempos em que a cidade jazia sitiada pelos florentinos, o reabastecimento se tornou tão difícil que os sitiados pensavam já em se entregar ao adversário.

Procurado Herculano por aflita comissão, aconselhou a todos que se dessem a um duro jejum. E, como exemplo, o bem-aventurado passou dias sem nada comer.

O Senhor, agradado com aquela excepcional penitência coletiva, era na Páscoa, afastou o inimigo.

Herculano de Piegaro faleceu em 1451. Cinco anos depois da morte, em Castronovo, na Toscana, encontraram-lhe o corpo perfeitamente preservado de tôda corrupção.

Pio IX, em 1860, beatificou-o.

* * *

BEM-AVENTURADO FÉLIX DE NICOSIA (*)

Confessor

Félix nasceu na Sicília, em Nicosia, de pais muito pobres, que lhe arranjaram emprêgo na casa dum sapateiro, onde trabalhavam vários aprendizes.

Rapazotes mal-educados, blasfemadores, logo cairam em cima do novo aprendiz. Félix, a cada imprecação, que constante e fàcilmente saía daqueles pobres lábios, empalidecia.

Retraído, humilde, tornou-se alvo das ruidosas brincadeiras de mau gôsto dos colegas de serviço, quando o patrão não se encontrava presente.

Um dia, um dos irrequietos moleques, por maldade, fêz um grande corte no couro dum sapato que Félix vinha trabalhando cuidadosamente, na parte mais visível — a biqueira.

O jovem, muito pálido, a ponto de chorar, levou um dedo à bôca, molhou-o com a saliva, e, em seguida, passou-o sôbre o corte. A estupefação foi geral! No bico do sapato não se notava nada, absolutamente, do feio talho de há pouco.

Aos vinte anos, mortos os pais, Félix procurou os capuchinhos, que não o acolheram. Julgando que não fôsse merecedor, entrou a levar vida penitente, a

orar e a trabalhar, de tempos em tempos aparecendo na comunidade — que o aceitou depois de sete anos de persistência.

Empregado na coleta de esmolas, Félix percorria as casas tôdas do lugar, uma a uma, e, se fôra penitente, mais ainda se tornou, fazendo grandes mortificações: alimentava-se com pão amanhecido, escuro e grosseiro, e dormia numa incômoda cama de sarmentos, arranjada no chão.

Deus conferiu-lhe o dom das curas. Os doentes amavam-no sobremodo, e os pecadores arrependidos corriam a êle, certos de encontrar consôlo e perdão. Por todos, indistintamente, Félix oferecia suas penitências. Aos prisioneiros, visitava, consolava e exortava.

Tudo que fazia, fazia-o por amor de Deus, e nada sem permissão, como um perfeitíssimo religioso. Assim foi que, curiosamente, para morrer, solicitou o beneplácito do Padre-Guardião. Era no dia 31 de maio de 1787 e estava com pouco mais de sessenta anos.

Leão XIII beatificou-o em 1888.

Félix, no século, chamou-se Tiago. O nome com o qual professou, adotou-o êle quando foi aceito, depois das várias tentativas, como vimos, pelos capuchinhos. Diz-se que, de tão feliz que se sentiu, com o acolhimento, que já não o esperava, trocou o Tiago por Félix, que significa *feliz*.

* * *

BEM-AVENTURADO JOÃO STOREY (*)

Mártir

Nascido em 1504, graduado por Oxford, João Storey foi jurista célebre, tendo feito carreira no Parlamento. Foi dos que prestou juramento, reconhecendo a supremacia de Henrique VIII. Sob Eduardo VI, porém, opôs-se à Reforma. Prêso em virtude de violento discurso, em que, parafraseando Isaías (1), lançou estas palavras: "Desgraçado do país que tem por rei uma criança!" (2) — atiraram com êle para a Tôrre de Londres, de triste memória. Ali, mostrou-se fervente católico.

Liberto com a ascensão ao trono de Maria Tudor, principiou a bater-se contra o protestantismo.

O reinado de Maria foi curto (1553-1558), e por sua morte subiu ao govêrno a filha de Ana Bolena, Isabel, que os católicos consideravam adulterina e que por isso mesmo tinha que ir procurar na facção protestante o apoio que lhe faltaria doutra maneira.

---

(1) Dar-lhes-ei meninos por príncipes, e dominá-los-ão efeminados (Is. 3, 4).

(2) Filho de Henrique VIII, débil e sugestionável.

Assim, votou-se ao anglicanismo e os católicos deram de ser perseguidos. Storey, prêso novamente, tornou ao antigo cárcere, mas, de lá, logo depois, conseguiu fugir.

Durou pouco, contudo, a liberdade conseguida pela fuga. Prêso pela terceira vez, em Yarmouth, foi entregue às autoridades.

Supliciado em Tyburn com a maior crueldade possível, ali, em 1571, entregou a alma a Deus.

– – – –

No mesmo dia, em Perigueux, São Memória, mártir (?), honrado na catedral de São Front de Perigueux.

Em Lectoure, São Claro, mártir (?), tido como o apóstolo da Aquitânia. Dizem os documentos que veio da África e evangelizou a Aquitânia, antes de ir para Lectoure.

Em São Jouin de Marnes, na diocese de Poitiers, São Jouin, confessor, século IV ou V. Fundador do mosteiro de Ension — mais tarde de São Jouin de Marnes — desconhecem-se detalhes da vida dêste santo.

Em Viena, Dauphiné, São Cláudio, bispo e confessor, século V. Assistiu ao concílio de Orange, em 441, e ao de Vaison, em 442.

Em Monat, São Micn, ermitão, século V. Conta-se dêle que, um dia, quando tomava a refeição com a família, negou-se a comer carne. Todos riram, pilheriaram, porque, sendo inverno, os rios todos, e as ribeiras, estavam gelados, tornando-se impossível

a pesca. Deus, porém, não o abandonou, porque era fiel servidor. Deixando a mesa, cheio de confiança, dirigiu-se ao mais próximo curso dágua e ali conseguiu pescar um grande peixe. Agradecido por aquela bondade de Deus, Mion abandonou o século, indo viver, como ermitão, nas proximidades de Thiers, em Auvergne. Morto, transportaram-lhe o corpo para a abadia de Menat.

Em Poitiers, São Porchaire, confessor, possìvelmente o terceiro abade de Santo Hilário de Poitiers. Ali, crê-se, fundou a igreja daquela cidade, onde foi enterrado e que traz o seu nome (ano 600).

No País de Gales, São Wistan, mártir, pertencente à família real de Mércia, da Inglaterra. Príncipe piedosíssimo, mais preocupado com ganhar o céu do que as coisas temporais, foi assassinado brutalmente pelo padrinho e parente, que ambicionava a mão de sua mãe e era obstado pelo afilhado por causa da afinidade de parentesco. Conta-se que, por três dias, uma coluna de luz, viva, subiu do lugar em que foi trucidado até o céu (ano 849).

Em Brou, na diocese de Belley, São Geraldo, bispo de Macon e confessor. Sagrado a 18 de maio de 886, ocupou a sé até 926, ano em que, demitindo-se, retirou-se para Brou, onde fundou um mosteiro que colocou debaixo da regra de São Bento. Faleceu em 940. Brou foi por muitos anos um priorado beneditino dependente da abadia de Ambronay.

Em Tholey, na diocese de Trèves, São Conrado, mártir, também conhecido pelo nome de Cuno. Nasceu perto de Tubingue, na Suábia, numa família deveras rica, nobre e poderosa. Sobrinho do arce-

bispo de Colônia, Annon, regente do império, quando na minoridade de Henrique IV, foi ordenado padre pelo próprio tio, na catedral. Nomeado bispo de Trèves, foi atirado do alto duma muralha, devido aos desentendimentos entre Annon e o povo daquela cidade.

Em Nagasaki, o bem-aventurado Afonso Navarrette e companheiros, mártires, em 1617.

Em Leopol, o bem-aventurado Tiago de Strepar, bispo de Kalitz e confessor. Nascido numa das mais importantes famílias da Polônia, Tiago entrou na ordem de São Francisco. Enviado a Rússia para pregar o Evangelho, tornou-se, depois, guardião do convento de Lwow, e, mais tarde, vigário-geral da missão da Rússia. Jagellon, rei da Polônia, escolheu-o para ocupar a sé de Kalitz. Grande praticante da pobreza, edificou a vastíssima diocese com a palavra sempre carinhosa e as virtudes inúmeras de que era possuidor. Falecido no dia 1.º de junho de 1411, foi sepultado na igreja franciscana de Leopol. Pio VI aprovou-lhe o culto em 1771.

Em Roma, São Juventino, mártir. — Em Autun, São Reveriano, bispo, e São Paulo, sacerdote que receberam a coroa do martírio com dez outros, sob o imperador Aureliano. — Na Capadócia, São Tespécio, mártir, que após tormentos vários, foi decapitado sob o imperador Alexandre e o prefeito Simplício. — No Egito, os santos Isquírion, chefe de milícia e cinco outros soldados, que perderam a vida pela fé de Jesus Cristo, por diversos gêneros de morte, sob o imperador Diocleciano. No mesmo dia, São Firmo, mártir, que, durante a perseguição de Maximiano,

teve o corpo dilacerado, foi lapidado, e enfim, decapitado. — Em Bolonha, São Próculo, martirizado sob o imperador Maximiano. — Em Amélia, São Segundo, lançado ao Tibre, onde terminou o martírio sob Diocleciano. Em Città di Castello, na Úmbria, São Crescenciano, soldado romano, honrado com o martírio sob o mesmo imperador.

* * *

2.º DIA DE JUNHO

SÃO POTINO, BISPO

E outros mártires de Lion

Eis que pela primeira vez a Gália cristã aparece na história da Igreja, com um grupo de mártires; aparece com uma carta que é talvez o monumento mais admirável existente no mundo, para a fé, a caridade, a vida sôbre-humana que ali se respira: os cristãos de Viena e Lion relatam aos cristãos da Ásia as coisas que viram, que as comoveram, que suportaram, as palavras que recolheram da bôca dos santos, as que empregaram êstes para exortá-los a conquistar sôbre a idolatria uma vitória completa. (1)

"Os servos de Jesus Cristo de Viena e Lion, na Gália, a nossos irmãos da Ásia e da Frígia, que têm a mesma fé, a mesma esperança, a paz, a graça e a glória da parte de Deus, o Pai, e de Jesus Cristo, Nosso Senhor". Tal era a inscrição da carta. Após um pequeno preâmbulo, começa assim:

"Jamais nossas palavras poderão exprimir, nem pena alguma pintar o rigor da perseguição, o ódio dos gentios contra os santos, a crueldade dos suplícios que suportaram com constância os bem-aventu-

(1) Euseb., 1. V, c. 1 et seqq.

rados mártires. O inimigo desencadeou contra nós tôdas as fôrças, preludiando o que fará sofrer aos eleitos no derradeiro momento, quando tiver recebido contra êles mais poder. Para exercer de antemão seus ministros contra os servidores de Deus, nada há que não puseram em ação. Começaram por interditar-nos não sòmente a entrada nos edifícios públicos, os banhos, o forum; proibiram-nos mesmo de aparecer em qualquer lugar. Mas a graça de Deus combateu por nós; livrou do combate os mais fracos; e a êle expôs os homens que, por sua coragem, pareciam firmes colunas, capazes de sustentar todos os esforços do inimigo. Chegando a hora dêsses heróis, sofreram tôda a sorte de opróbrios e tormentos; mas tudo isso sua consideração não merecia, no desejo que os animava de unirem-se o mais depressa a Jesus Cristo, ensinando-nos com o seu exemplo, que as aflições desta vida não têm qualquer comparação com a glória que esplenderá em nós.

"Começaram por suportar, com a mais generosa constância, tudo o que se pode sofrer da parte de uma populaça insolente, os gritos injuriosos, a pilhagem de bens, os insultos, as prisões em horrendos calabouços, as pedradas, e todos os excessos a que pode se deixar levar um povo furioso e bárbaro contra pessoas que considera inimigas. Em seguida, arrastados ao forum, foram interrogadas diante de todo o povo, pelo tribuno e pelas autoridades da cidade; e, após haverem confessado generosamente a fé, foram atiradas em imundas prisões até a chegada do presidente. Assim que êste magistrado chegou (crê-se que era Severo, que depois se tornou imperador e perseguiu violentamente os cristãos, os confessores foram conduzidos a seu tribunal; e como

êle os tratasse com tôda espécie de crueldade, Vettius Epagathus, um de nossos irmãos, deu um belo exemplo de caridade que lhe incendiava o coração por Deus e pelo próximo. Era um jovem que regrava tão bem o comportamento, que, já bem jovem, merecera o elogio que a Escritura fêz do ancião Zacarias; andava, como êle, de maneira irrepreensível no caminho de todos os mandamentos do Senhor, sempre pronto a prestar ao próximo tôda sorte de serviços, cheio de fervor e de zêlo pela glória de Deus. Não pôde ver sem indignação a iniqüidade do julgamento de que éramos vítimas; tomado de justa dor, pediu permissão para pleitear a causa dos irmãos, e mostrar que não havia ateísmo nem impiedade em nossos costumes. A essa proposta, a multidão que cercava o tribunal pôs-se a vociferar contra êle, porque era muito conhecido; e o presidente, não podendo deixar de reconhecer a justeza do pedido, limitou-se, todavia, a indagar dêle, se era cristão. Epagathus respondeu com voz alta e distinta: Sou cristão. Imediatamente foi colocado junto dos mártires e apelidado *advogado dos cristãos;* nome glorioso que mereceu, uma vez que, tanto e mais que Zacarias, tinha dentro de si o Espírito Santo por advogado e consolador, testemunhando a caridade ardente que o fazia dar com alegria o sangue e a vida pela defesa dos irmãos. Era um verdadeiro discípulo, seguindo por tôda parte o cordeiro divino.

"Essas primeiras provas traçaram desde logo uma linha divisória entre os cristãos preparados para o combate e os que a êle não resistiriam. Os primeiros, como dignos chefes, declaravam-se com alegria e não desejavam senão consumar o martírio; mas notava-se a fraqueza e covardia de alguns, que

não estavam em condições de resistir ao impacto de tão rude choque. Eram cêrca de dez: o que nos causou uma dor incrível, e esfriou o zêlo dos que dentre nós ainda não haviam sido presos, mas que, a despeito do perigo, não cessavam de assistir aos mártires em seus sofrimentos. Estávamos, então, em contínuo alarme sôbre o resultado incerto do combate; não que temêssemos os tormentos, mas tremíamos de ver sucumbir alguém.

"Entretanto, eram presos todos os dias os fiéis que a Providência havia julgado dignos de substituir os que haviam tombado. Prenderam também as pessoas mais distintas e os mais firmes sustentáculos das duas igrejas de Lion e Viena. Como o presidente houvesse ordenado que nos procurassem a todos, apoderaram-se mesmo de alguns dos nossos escravos pagãos. Essas almas servis, temendo os suplícios que viam sofrer os santos, e excitados pela malícia do demônio e dos soldados, nos acusavam dos repastos cruéis de Tieste, dos amôres incestuosos de Édipo, e de outros crimes, tão enormes, que não ousamos relatá-los, nem crer que jamais possam existir homens suficientemente perversos para os cometer. Espalhadas essas barbaridades entre a populaça, os pagãos arremeteram em fúria contra nós, como bêstas ferozes. Mesmo aquêles, a quem o parentesco havia inspirado moderação para conosco, não mais guardaram as medidas. Assim cumpriu-se a predição do Senhor: *Tempo virá em que aquêle que vos fizer perecer, imaginará estar cultuando a Deus.*

"Então fizeram aos santos mártires sofrer tormentos tão atrozes, que não há expressão para

descrevê-los; Satanás mobilizou todos os recursos para arrancar-lhes da bôca a confissão das blasfêmias e calúnias, com que os acusavam. O furor do povo, do governador e dos soldados assanhava-se principalmente contra Sanctus, diácono de Viena; contra Maturus, neófito, mas já atleta generoso; contra Atala, originário de Pérgamo, coluna e sustentáculo desta caridade, e contra Blandina, jovem escrava, na qual Jesus Cristo demonstrou como sabe glorificar diante de Deus o que parece vil e desprezível aos olhos dos homens. Temíamos todos pela jovem; e sua própria senhora, que também se incluía no número dos mártires, receava que não tivesse fôrça para confessar a fé, por causa da fraqueza de seu corpo. Todavia, mostrou tanta coragem, que cansou os carrascos, os quais adiaram os tormentos da manhã para a tarde. Depois de a terem feito sofrer todos os gêneros de tortura, não sabendo mais o que fazer, confessaram-se vencidos; estavam estranhamente surpresos que respirasse ainda num corpo dilacerado de tôdas as partes, e testemunhando que uma só espécie de tortura era capaz de arrancar-lhe a alma, embora devesse sofrer tantas e tão atrozes. Para a santa mártir, tal como um generoso atleta, ela recuperava as fôrças confessando a fé: as palavras — Sou cristã, serviam-lhe de refrêsco, de repouso, e de mudança dos tormentos em delícias.

O diácono Sanctus sofreu por sua vez, com uma coragem sôbre-humana, todos os suplícios que os carrascos pudessem imaginar, na esperança de arrancar qualquer palavra de desonra da religião. Levou a constância tão longe, que não quis mesmo dizer o nome, sua cidade, seu país, nem se era livre ou escravo. A tôdas essas perguntas respondia em

língua romana: Sou cristão! confessando qualidade como o seu nome, sua pátria, sua condição, em uma palavra, sem que os pagãos pudessem jamais arrancar-lhe outra pergunta. Essa firmeza irritou de tal modo o governador e os carrascos que, após haverem empregado todos os outros suplícios, incandesceram ao fogo lâminas de cobre e as aplicaram nos lugares mais sensíveis de seu corpo. O santo mártir viu assar a carne sem mudar ao menos de posição, e permaneceu na confissão da fé, porque Jesus Cristo, manancial da vida, espalhava sôbre êle o orvalho celeste que o refrescava e fortificava. Seu corpo, assim queimado e dilacerado, todo era uma chaga; o santo não tinha mais figura de homem. Mas Jesus Cristo, que sofria nêle, ali fazia resplandecer a sua glória, confundindo o inimigo e animando os fiéis, fazendo-os ver, por êsse exemplo, que nada se tem a temer quando se possui a caridade do Pai, e que nada se sofre quando se encara a glória do Filho. Com efeito, os carrascos apressaram-se, alguns dias após, em aplicar-lhe novas torturas, quando a infecção das chagas as tornavam mais dolorosas, a ponto de não suportar nem o mais leve toque. Alimentavam a ilusão de que sucumbiria à dor, ou que, ao menos, expirando nos suplícios, intimidasse os outros. Mas, contra a expectativa geral, seu corpo, desfigurado, retomou nos novos tormentos a forma primitiva e o uso de todos os membros; de sorte que a segunda tortura foi, por graça de Jesus Cristo, o remédio da primeira.

"O inimigo, assim confundido, arremeteu com fúria contra pessoas mais fàcilmente vencíveis. Pertencia Bíblis ao número dos que haviam renunciado à fé; e o demônio, que havia experimentado a fra-

queza dessa mulher, olhava-a como prêsa sua. Não duvidava que a dor a forçasse a nos acusar dos crimes mais vergonhosos, e atirou-a às torturas; mas, em meio aos suplícios, entrou em si, e pareceu voltar de um profundo entorpecimento. O sentimento das dores passageiras lhe lembraram então as penas eternas, e ela respondeu às pretensões dos ímpios.

— E como comeriam seus próprios filhos aquêles, a quem não é permitido sequer comer o sangue dos animais? Confessando, em seguida, generosamente, que era cristã, foi recolocada no número dos mártires.

"Havendo assim, Jesus Cristo, por sua graça, tornado a constância dos confessores vitoriosa a todos êsses suplícios, o demônio lançou contra êles novas máquinas. Fê-los atirar a um calabouço tenebroso e imundo. Seus pés foram presos em traves de madeira, e estendidos com violência até o quinto buraco. Sofreram torturas que os ministros com ódio demoníaco puderam infligir aos prisioneiros. Muitos morreram na prisão, permitindo-o Deus para a sua glória. Porque os que haviam sido cruelmente torturados, a ponto de não se crer sobrevivessem, por maiores cuidados que se tomassem para pensá-los, viveram na horrenda espera. Ali estavam, na verdade, destituídos de todo socorro humano, mas tão fortificados pelo Senhor, que uns animavam e fortificavam os outros, enquanto aquêles que haviam sido aprisionados recentemente, e cujos corpos ainda não se haviam acostumado ao sofrimento, não lograram sustentar as incomodidades e infecções ao horrível calabouço, e morreram todos em pouco tempo.

"Todavia, lançavam as mãos sôbre Potino, que governava a Igreja de Lion, como bispo. Tinha mais

de noventa anos, e estava doente. Como apenas pudesse sustentar-se e respirar com dificuldade, devido às enfermidades, conquanto o ardor pelo martírio lhe inspirasse novas fôrças, foram obrigados a carregá-lo ao tribunal. A idade avançada e a violência da doença já lhe haviam alquebrado completamente o corpo; mas a alma a êle permanecia ainda unida para servir ao triunfo de Jesus Cristo. Enquanto os soldados o carregavam, seguiam-no os magistrados da cidade e todo o povo, que contra êle vociferava como se fôsse o próprio Cristo. Nada logrou abater o santo ancião, nem impedir que confessasse a fé em voz alta. Interrogado pelo governador sôbre qual era o Deus dos cristãos, respondeu:

— Sabê-lo-eis, quando fordes digno.

Imediatamente caiu sôbre êle uma saraivada de golpes, sem o menor respeito pela sua idade. Os que estavam próximos feriam-no com golpes de estiletes e com os pés; os que estavam mais longe, atiravam-lhe o que nas mãos encontravam. Todos se sentiram réus de horríveis crimes, se não se empenhassem em insultá-lo, para vingar a honra dos deuses. Apenas respirava, quando foi lançado à prisão, onde entregou a alma, dois dias após.

"Viu-se, então, um efeito bem singular da divina Providência, e um grande milagre da infinita misericórdia de Jesus Cristo: milagre raro entre os cristãos, mas que melhor realça o poder do Salvador. Os que haviam apostatado estavam presos no mesmo calabouço que os confessores, porque a sua apostasia de nada lhes servira. Pelo contrário, os que haviam generosamente confessado sua fé não estavam detidos senão por serem cristãos: era nisto que consistia

todo o seu crime; retinham os apóstatas como homicidas e celerados. Os últimos tinham mais a sofrer que todos os outros; porque a expectativa do martírio, a esperança das promessas, a caridade de Jesus Cristo, o Espírito do Pai enchiam de alegria os santos confessores; mas os apóstatas estavam de tal maneira roídos de remorsos de sua consciência, que quando apareciam diante do povo eram fàcilmente reconhecíveis por aspecto triste e consternado. Assim, viam-se as graças e a majestade brilhar no rosto de uns: as correntes que arrastavam pareciam mais os ornamentos de uma espôsa feliz; e exalavam um odor tão doce, que alguns imaginavam que estavam ungidos com perfume precioso. Quanto aos outros, estavam tristes, abatidos e desfigurados. Os próprios pagãos os insultavam, como a homens covardes e efeminados, por haverem renunciado ao inestimável, ao glorioso, ao imortal nome de cristãos, não tendo senão o nome de homicidas. Isso contribuía não pouco para confirmar os fiéis na fé: assim que eram presos, começavam por confessá-la, sem admitir sequer em sua mente as tentações do demônio.

"Mas é necessário agora relatar os diversos gêneros de tortura pelos quais consumiram o seu martírio; porque apresentaram a Deus uma coroa composta de tôda sorte de flôres; era justo que recebessem a coroa da imortalidade como generosos atletas que venceram os diversos gêneros de combates. Condenaram às feras Maturus, Sanctus, Blandina e Atala; e, aos expô-los, convocaram todos os pagãos aos cruéis espetáculos. Maturus e Sanctus sofreram de novo, no anfiteatro, tôda sorte de tormentos, como se ainda nada houvessem sofrido, ou,

antes, como bravos campeões que, tendo já vencido inúmeras vêzes, iam combater pela última coroa. Foram primeiramente flagelados, segundo o costume, em seguida abandonados à sanha das feras e às outras torturas que o povo furioso pedia lhes infligissem. Enfim, fizeram-nos sentar-se em cima de uma cadeira de ferro incandescente: a carne queimada espalhava um odor insuportável; mas os espectadores, em lugar de se moderarem, mais se inflamavam de ódio, querendo, a todo custo, dobrar a paciência dos mártires. Todavia, não puderam jamais arrancar outra palavra de Sanctus do que a confissão que costumava fazer desde o início. Os dois generosos atletas, expostos em espetáculo ao mundo, forneceram, durante um dia inteiro, o cruel divertimento que muitos pares de gladiadores costumavam dar; e como após tantos tormentos respiravam ainda, cortaram-lhes afinal a garganta, no anfiteatro.

"Quanto a Blandina, foi prêsa a um poste, para ser devorada pelas feras. Como estivesse amarrada em forma de cruz, o que ela pedira com fervor, enchia de coragem os outros mártires, que criam ver em sua irmã uma representante daquele que fôra crucificado por êles, a fim de lhes ensinar que todo aquêle que sofre aqui em baixo por sua glória, gozará no céu de vida eterna com Deus, seu Pai. Fera alguma ousava tocá-la, o que levou os pagãos a atirá-la novamente à prisão para outros combates, a fim de, ficando vitoriosa em diversos encontros, atrair, de um lado, uma condenação mais terrível sôbre a malícia de Satanás, e, por outro lado, excitar a coragem dos seus irmãos, que nela viam uma jovem pobre, fraca e desprezível, mas revestida da fôrça invencível

de Jesus Cristo, triunfar do inferno tantas vêzes, e conseguir, afinal, por uma vitória gloriosa, a coroa da imortalidade. Enfim, como Atala fôsse muito conhecido e distinguido pelo mérito, o povo pedia insistentemente que o atirassem ao combate também. Com uma santa segurança êle entrou na arena. O testemunho de sua consciência o tornava intrépido, porque era aguerrido em todos os exercícios da milícia cristã, e havia-se revelado sempre entre nós testemunha fiel da verdade. Mandaram-no primeiramente, fazer a volta ao anfiteatro, com uma tabuleta prêsa ao peito, em que se lia, em latim: *E s Atala, o cristão*. O povo ululava contra êle, mas o governador, ouvindo que era cidadão romano, mandou reconduzi-lo à prisão com os demais. Escreveu, entretanto, ao imperador, com referência aos mártires, aguardando a sua decisão.

"Êste retardamento não lhes foi inútil: Jesus Cristo dêle se serviu para executar, por seu intermédio, os desejos adoráveis de sua infinita misericórdia. Os vivos restituíram a vida aos mortos; os mártires obtiveram graças para os que não o eram: foi com alegria inefável que a Igreja, mãe e virgem ao mesmo tempo, recebeu vivos em seu seio quase todos os que tinha rejeitado antes como abortos sem vida. Vê-se bem que queremos falar dos que, nos primeiros combates, haviam vergonhosamente renegado a fé. Então refugiados entre os braços dos mártires, e recebidos no seio e nas entranhas de sua caridade, foram concebidos novamente, recuperando os primitivos órgãos e sentindo despertar no coração vida nova. Fortificados interiormente pela graça de Deus, que não quer a morte do pecador, mas o convida misericordiosamente à penitência, ficaram em breve

em condição de reparar a falta pela confissão pública e solene da religião; porque, pouco após, o governador recebeu o rescrito do imperador, ordenando levar à morte os que mantivessem a fé e absolver os que a renegassem.

"Para a execução dessa sentença, o governador escolheu um dia de grande solenidade, ocasião em que se realizou na cidade um concurso de tôdas as nações. Subindo ao tribunal, no meio da praça pública, mandou trazer à sua presença os bem-aventurados mártires, para submetê-los a um segundo interrogatório e proporcionar um espetáculo à infinita multidão de povo. Interrogou primeiramente os que haviam permanecido firmes na fé, condenando os cidadãos romanos à decapitação, e os demais às feras. Imensamente glorificado foi o nome de Jesus Cristo com a generosa confissão dos que o haviam anteriormente renegado. Foram interrogados à parte, como simples cerimônia para libertá-los, absolvidos. Mas, para grande surprêsa dos pagãos, declararam-se corajosamente cristãos, e foram recolocados, em conseqüência, entre os mártires. Excluídos dêsse número feliz não ficaram senão alguns filhos de perdição, que jamais haviam revelado o menor vestígio de fé, nem temor de Deus, nem qualquer respeito pela veste nupcial do batismo, mas pela conduta desregrada haviam desonrado a religião que professavam. Os demais se reuniram à Igreja de Deus.

"Durante o interrogatório, um tal Alexandre, originário da Frígia e médico por profissão, que havia longo tempo permanecia nas Gálias, estava perto do tribunal. Era conhecido por todos, por causa de seu amor por Deus e pela liberdade com que pregava o Evangelho; porque exercia as funções de

apóstolo. Próximo então do tribunal, exortava com sinais e gestos aos que eram interrogados, para que confessassem generosamente a fé. O povo, que disso se apercebeu, e que se incomodava de ver os que haviam renegado a fé confessá-la agora com tanta constância, gritou contra Alexandre, ao qual atribuía a mudança. O governador perguntou-lhe então quem era, ao que êle retrucou: Sou cristão. Foi imediatamente condenado às feras. No dia seguinte entrou no anfiteatro com Atala, que o governador, para dar prazer ao povo, abandonou ao suplício, apesar de sua condição de cidadão romano. Ambos sofreram todos os tormentos imagináveis, tendo a garganta cortada por fim. Alexandre não deixou escapar um gemido sequer, nem palavra, entretendo-se constantemente, no interior, com Deus. Quanto a Atala, enquanto lhe assavam a carne na cadeira de ferro, e quando o odor dos membros se lhe espalhava ao longe, dizia ao povo em latim: Eis o que é comer carne humana; é o que fazeis aqui: quanto a nós, não comemos homens, e não cometemos crime algum. Como lhe perguntassem que nome tinha Deus: Deus, respondeu, não tem nome como nós mortais.

"Afinal, após os demais, no último dia dos espetáculos, fizeram aparecer novamente Blandina e um jovem de aproximadamente quinze anos, chamado Ponticus. Todos os dias os haviam arrastado ao anfiteatro para intimidá-los à vista dos suplícios que sofriam os outros. Os gentios queriam forçá-los a jurar pelos ídolos. Como permanecessem firmes em desprezá-los, o povo contra êles se enfureceu; e sem compadecer-se, quer da juventude de um, quer do sexo da outra, fizeram-nos passar por todos os gêneros de tortura, querendo forçar ambos a jurar.

A sua constância revelou-se invencível. Porque Ponticus, animado pela sua irmã, que o exortava e o fortificava à vista dos pagãos, suportou generosamente todos os suplícios e entregou o espírito.

"A bem-aventurada Blandina ficou por último, tal como uma mãe generosa, que, após ter enviado os filhos vitoriosos que havia animado no combate, se apressa em reunir-se-lhes. Enveredou pelo mesmo caminho com tanta alegria como se fôsse a um festim nupcial e não a uma cruel carnificina, onde ela deveria servir de pasto às feras. Após haver suportado açoites, mordidas das feras, e a cadeira de ferro, encerraram-na num pequeno cercado, onde introduziram um touro que por diversas vêzes a lançou para os ares; mas a santa mártir, possuída pela esperança que lhe infundia a fé, entretinha-se com Jesus Cristo e não se mostrava sensível aos tormentos. Enfim, cortaram a garganta a essa inocente vítima, e os pagãos confessaram que jamais haviam visto uma mulher que tanto sofresse, nem os tivesse suportado com tão heróica constância.

"O ódio e o furor que o demônio inspirava aos idólatras ainda não se haviam acalmado com o sangue dos mártires. A vergonha da derrota não fêz mais do que irritar ainda mais o governador e o povo, para que se cumprisse a palavra da sagrada Escritura: Que o perverso se torne mais perverso, e o justo mais justo. Seu ódio não se contentou com a morte. Lançaram à rua, para serem comidos pelos cães, os corpos daqueles a quem as infecções e outros incômodos da prisão haviam levado à morte; fizeram-nos guardar dia e noite, com receio que alguém os enterrasse. Amontoaram também os membros esparsos daqueles que haviam combatido no anfiteatro,

restos das feras e das chamas, juntamente com os decapitados, e os fizeram também guardar por soldados. Uns tremiam de ódio e rangiam os dentes, à vista dessas santas relíquias, procurando ainda oportunidade para ultrajá-las; outros delas zombavam, louvando os ídolos, atribuindo à sua vingança a morte dos mártires. Os mais moderados pareciam ter-lhes uma maligna compaixão e as insultavam, dizendo: Onde está o seu deus, e de que lhes serviu o culto, ao qual preferiam a vida? Tais eram os diversos sentimentos que o ódio inspirava aos pagãos a nosso respeito. Quanto a nós, muito sofríamos em não poder enterrar os corpos dos mártires. Procurávamos em vão aproveitar a escuridão da noite, ou subornar os guardas com dinheiro, ou convencê-los com nossas preces: tudo nos foi inútil; criam ganhar suficiente, se os mártires ficassem insepultos. Seus corpos permaneceram assim, durante seis dias, expostos a tôda sorte de ultrajes; após o que, os pagãos os queimaram e lançaram as cinzas ao Ródano, a fim de que dos restos, nada ficasse na terra. Assim agiram para vencer o poder de nosso Deus, e tirar aos confessores a esperança de ressuscitar algum dia. É, diziam, a espectativa de sua ressurreição que os levou a introduzir esta religião estrangeira; é ela que os faz desprezar os tormentos e receber a morte com alegria; vejamos agora se ressuscitarão, e se o seu Deus poderá arrebatá-los de nossas mãos".

Após ter assim descrito o martírio de seus gloriosos atletas, os cristãos de Viena e de Lion continuam, na mesma carta, a fazer o elogio de suas virtudes, celebrando em particular a sua humildade profunda, sua caridade para com os mais cruéis perseguidores, seu zêlo pela conversão daqueles que

haviam caído, sua ternura em receber os penitentes, a pureza de sua fé e sua solicitude pela paz das igrejas. "Desejavam tanto imitar a Jesus Cristo, acrescentam, que, após lhe haverem confessado o nome, sofreram o martírio, não uma ou duas vêzes, mas muito freqüentemente; após haverem sido expostos às feras, queimados, cobertos de chagas, não se atribuíam o nome de mártires, nem permitiam que lho atribuíssem. Se um de nós os chamasse mártires, escrevendo-lhes ou falando-lhes, repreendiam-no com severidade. Queriam reservar êsse nome a Jesus Cristo, o verdadeiro e fiel testemunha, ou mártir, o primeiro a ressurgir dos mortos e o Senhor da vida, e faziam menção dos que haviam já abandonado êste mundo. Aquêles, diziam, são mártires, que Jesus Cristo se dignou receber na confissão de seu nome, selando-a assim com a sua morte; nós outros, não somos senão pobres confessores. Conjuravam os irmãos, com lágrimas nos olhos, a fazerem por êles preces a fim de que sofressem até o fim. Ao mesmo tempo, mostravam por suas ações a fôrça dos mártires, falando aos pagãos com grande liberdade, suportando com constância os mais cruéis suplícios; e recusavam o título, cheios que estavam do temor de Deus. Na medida, porém, em que mais se humilhavam sob sua mão potente, mais ela os elevava depois. Sua caridade não era menor que a humildade. Perdoavam a todos, não acusavam ninguém, e mostravam-se sempre prontos a receber em sua comunhão os penitentes. Como Santo Estêvão, êsse perfeito mártir, pediam a Deus não imputar aos que os faziam sofrer tantos males, o pecado que haviam cometido contra êles. Mas se êsse ilustre chefe dos mártires pediu pelos seus carrascos, quanto mais deve ter

rezado pelos irmãos? Também, o maior de seus combates foi o que sua caridade os levou a empreender contra o demônio, para arrancar de suas fauces aquêles que já parecia engolir. Porque não se gloriavam diante dos que haviam sucumbido, mas supriam liberalmente os cuidados dos outros pela abundância, mostrando-lhes uma ternura maternal, e derramando por êles muitas lágrimas diante do Pai celestial. Pediram a vida, e ela lhes foi concedida: compartilharam-na com os irmãos e subiram aos céus coroados com tôdas essas vitórias. Após terem amado a paz, haverem-nos recomendado a paz, foram para Deus na paz, não deixando à Igreja, sua mãe, qualquer motivo de desprazer nem de censura, nem a seus irmãos semente nenhuma de violência e de discórdia, mas a alegria e a paz, a união e a caridade."

Vemos, nessa mesma carta, mais de uma prova de seu zêlo pela pureza da fé, de sua submissão à autoridade da Igreja, de sua preocupação em afastar-se do espírito e das práticas dos inovadores, e de sua delicadeza escrupulosa nesse ponto. Entre os santos mártires havia um chamado Alcebíades, acostumado desde muito a uma vida austera, e a não tomar por alimento senão pão e água. Queria continuar na prisão, mas Atala, após o primeiro combate no anfiteatro, soube, por revelação, que Alcebíades não agia bem em não fazer uso das criaturas de Deus, e que era motivo de escândalo para os outros. O santo deixou-se persuadir, e desde então comia de tudo com ações de graças. Via-se que Deus visitava os mártires com seus favores, e que o Espírito Santo os aconselhava. Havia nessa época, como já observamos, diferentes seitas de heréticos, que, por superstição e em conseqüência de erros, se abs-

tinham de vinho e de carne. Ademais, os montanistas, levando uma vida austera, insultavam os católicos, que recusavam sujeitar-se às novas leis de abstinência e aos novos jejuns que Montano e seus falsos profetas pretendiam impor aos fiéis. Não é de ádmirar, pois, que em tais circunstâncias, Deus não aprovasse a singular austeridade de Alcebíades, e que os mártires não vissem com bons olhos a sua extraordinária abstinência de carnes e do vinho. Temiam, talvez, que semelhante comportamento parecesse uma imitação afetada ou uma tácita aprovação do dos hereges. (1)

Conquanto não houvesse passado muito tempo que Montano, Teódoto, outro Alcebíades, Príscila e Maximília tinham causado dificuldades na Frígia e na Ásia com suas inovações e pretensas profecias, todavia, existindo contudo grandes relações entre os fiéis da Ásia e os das Gálias, êstes últimos estavam plenamente instruídos; parecia mesmo que os asiáticos lhes haviam escrito para sondar os sentimentos; porque os santos mártires lhes escreveram a tal respeito, na prisão mesmo, muitas cartas, que não foram enviadas senão após sua morte com a história de seu martírio. A abundância de milagres que a graça divina operava ainda em muitas igrejas, retinha muitos de condenar abertamente as supostas profecias dos hipócritas e as visões de suas fanáticas sibilas. Mas, ainda que suas obras não tenham chegado até nós, podemos julgar, todavia, pela conduta, que os santos mártires de Lion não pertenciam a êsse número. Além de desaprovarem a demasiadamente rigorosa abstinência de um de seus companheiros, pela conformi-

(1) Euseb. 1. V, c. 1 et seqq.

dade que ela poderia demonstrar exteriormente com o rigorismo montanista, a ternura com a qual perdoavam aos que haviam sucumbido, faz-nos ver quanto distavam do espírito de dureza com que os hereges expulsavam de sua comunidade, sem esperança de perdão nem de paz, os que se haviam tornado culpados de grandes crimes, sobretudo a idolatria. Eusébio, enfim, atesta que o julgamento que sôbre essas mesmas profecias tinham as igrejas de Lion e de Viena, e que elas acrescentam à história dos mártires, era conforme a regra da fé e às máximas da verdadeira piedade: diz ainda que, para emprestar maior pêso ao julgamento, acrescentaram à sua carta outras, de seus mártires, sôbre o mesmo assunto, uma e outras igualmente próprias a dirimir as dificuldades e proporcionar a paz das igrejas. (1)

Mas como êsses mesmos mártires não ignorassem que tôdas as igrejas do mundo são obrigadas a concordar com a Igreja Romana, escreveram ao papa Eleutério, que ocupava então o lugar do príncipe dos apóstolos. Para levar suas cartas à Roma, escolheram o mais ilustre representante do clero de Lion e de Viena: era Santo Irineu, que recomendaram vivamente ao papa, devido ao zêlo pela lei de Jesus Cristo. (2)

Admiramo-nos muito quando pensamos que, em época tão calamitosa, no auge da perseguição, quando já morto o bispo Potino, deixando viúva esta igreja, e com os chefes do clero, arrastados e encerrados em horríveis masmorras, esperando dia a dia serem decapitados ou lançados às feras, quisessem

(1) Euseb., 1. V, c. III.
(2) L. V, c. IV.

privar esta cristandade desolada de pessoa tão necessária. Isso nos leva a crer que, além da razão de expor ao soberano pontífice seu sentimento sôbre o espírito e as profecias de Montano, e de passar com êle em vista os meios mais adequados para pacificar as igrejas da Frígia, esta legação tinha ainda outro objetivo, o interêsse de sua igreja. Após a morte de Potino, a principal solicitude dos confessores e de todo o clero deveria ser a de dar a êsse rebanho atribulado um novo pastor que pudesse preservá-lo de uma destruição completa, e, uma vez terminada a tempestade, reconduzir ao redil as ovelhas dispersas e reparar as perdas mediante novas conquistas. Ninguém mais adequado à tarefa do que Santo Irineu. Foi, pois, escolhido, por comum consentimento, pelos mártires e pelo clero, para suceder a São Potino.

Devendo, portanto, ir à Roma para receber a ordenação do santo papa Eleutério, entregaram-lhe as cartas concernentes aos assuntos da religião, rendendo, segundo exigiam as regras da Igreja, um testemunho autêntico à sua fé, à sua piedade e ao mérito. Assim, ao lado de outras virtudes que resplandeciam nesses santos mártires de Lion, devemos colocar um atestado de sua prudente solicitude e providenciar para esta igreja um pastor tão digno quanto ilustre.

Conhecem-se os nomes de quarenta e oito dêsses mártires; mas parece que seu número era muito maior, uma vez que em outros monumentos está escrito que eram inumeráveis os mártires, e que Santo Eucher, bispo de Lion no século quinto, os chama: um povo de mártires. Podem acrescentar-se os santos Marcelo e Valeriano, que, fugidos de Lion, sofreram o martírio em duas cidades vizinhas, o primeiro em

Trenorchium, que é Turnus, e o segundo em Chalon-sur-Saône.

Dois outros jovens cristãos de Lion ocultaram-se numa aldeia vizinha, em casa de uma pobre viúva. Chamavam-se Epípodo e Alexandre, tinham estudado com os mesmos mestres e estavam ligados por estreita amizade desde a primeira infância. Foram descobertos e levados ao tribunal do governador, confessaram Jesus Cristo como o Senhor eterno e um mesmo Deus com o Pai e o Espírito Santo, e consumaram o martírio com um dia de intervalo um do outro. (1)

* * *

(1) Ruinart e Acta SS., 4 sept. e 22 abril.

SÃO NICOLAU, O PEREGRINO

Era grego, nascido na Ática, numa vila perto de Sterion, mosteiro famoso de São Lucas, o jovem. Seus pais eram pobres, e êle não aprendeu nem as letras nem qualquer ofício; com a idade de oito anos, a mãe o mandou guardar ovelhas. Desde então, pôs-se a cantar bem alto: *Senhor, tende piedade de nós*, em grego, *Kyrie eleison*, o que fazia noite e dia; e essa devoção durou tôda a vida. A mãe, não podendo dela afastá-lo, creu que estivesse possuído pelo demônio, e o levou aos monges de Sterion, que o encerraram e maltrataram, sem poderem fazê-lo parar com o canto. Sofria tudo com paciência, mas recomeçava sempre *Kyrie eleison*. Voltando a casa, junto de sua mãe, tomou de um machado e uma faca, e, subindo à montanha, cortava madeira de cedro e delas fazia cruzes, que plantava nos caminhos e nos lugares inacessíveis, louvando a Deus continuamente.

Construiu para si, sôbre a montanha, uma pequena choupana de madeira, e ali viveu algum tempo sòzinho, trabalhando sem cessar. Em seguida foi a Neupato, ou Lepanto, onde um monge, de nome Bartolomeu, se uniu a êle e não mais o largou. Embarcaram para Otranto, na Itália, e de lá foram a diversos lugares, onde Nicolau era tratado, ora como santo, ora como insensato. Jejuava todos os dias até à tarde, não consistindo o seu alimento senão em pão e água; todavia, êle não era magro. Passava

a maior parte das noites rezando, de pé. Vestia-se sòmente com uma túnica que lhe caía até os joelhos, conservando as pernas, os pés e a cabeça nus. Levava nas mãos uma leve cruz de madeira, e um gibão na cintura, onde colocava as esmolas que recebia e que empregava sobretudo para comprar frutas, para dá-las às crianças que atraía ao redor de si, a fim de cantar com êles *Kyrie eleison*.

Foi na Itália que o chamaram peregrino, vale dizer, estrangeiro, e foi na Itália que fêz muitos milagres, continuando sempre o canto e exortando todos a fazerem penitência. Mas seus hábitos extraordinários fizeram com que o maltratassem, algumas vêzes por ordem dos bispos. Dirigiu-se para Tarento, depois para Trani. Nessa última cidade, reuniu um grupo numeroso de crianças, com as quais passava nas ruas cantando *Kyrie eleison*. O arcebispo de Bizâncio, que não era mediocremente instruído, perguntou o que se passava. Responderam-lhe que era um jovem grego, que acabava de chegar, e que nada mais sabia do que exclamar *Kyrie eleison*. O arcebispo mandou chamá-lo e perguntou o porquê daquela atitude. Nicolau respondeu tranqüilamente:

Senhor, como preceito algum do evangelho vos é desconhecido, não ignorareis que o Senhor ordenou: Aquêle que quiser ser perfeito, tome a sua cruz e siga-me. Sabeis que disse aos discípulos que, se não se convertessem e se tornassem como crianças, não entrariam no reino dos céus. Tendo compreendido essas coisas, não me pejei de carregar interior e exteriormente o sinal da cruz e de andar como criança, e não evitei as zombarias dos homens. Se devo continuar ou abandonar esta vida, deixo a vosso critério; porque minha intenção é permanecer junto

de vós, se isto não vos desagradar; caso contrário irei para alhures. Ouvindo-o raciocinar com tanto bom-senso, o arcebispo reconheceu que era um servo de Deus, de grande mérito e lhe disse:

— Vejo, pela vossa explicação, que é para obedecer a Deus que tendes comportamento dêsse gênero; por que haveria eu, pois, de afastar-vos dêsse caminho? Prefiro que permaneçais aqui até a festa dos santos apóstolos Pedro e Paulo, cantando vossas preces como costumais; cuidarei de vossa subsistência.

O arcebispo queria ainda acrescentar várias outras coisas, quando o bom homem, havendo-o saudado, retirou-se imediatamente para reunir-se às crianças, que o esperavam com impaciência, sobretudo devido às maçãs. Percorreu alegremente com elas, durante três dias, as ruas da cidade, implorando a misericórdia de Deus. Em breve tôda a população queria vê-lo. Mas no quarto dia, caiu enfêrmo, e morreu no dia 2 de junho de 1094, ainda muito jovem. Uma verdadeira multidão desfilou diante de seu leito de enfêrmo, para pedir-lhe a bênção; as crianças, sobretudo, estavam inconsoláveis: o afluxo foi ainda maior nos funerais. Foi enterrado na igreja catedral com grande solenidade, e na sua sepultura se operou grande número de milagres, relatados por testemunhas oculares. Sua canonização foi proposta ao papa Urbano II, que encarregou o arcebispo de Trani do processo. Era invocado sobretudo pelos náufragos, como São Nicolau de Mira. (1)

* * *

(1) Acta SS., 2 junii.

SANTO EUGÊNIO I (*)

Papa e Confessor

Romano do Aventino, Santo Eugênio I foi eleito papa a 10 de agôsto de 654. Doce e afável desde a infância, foi o sucessor do papa São Martinho, retido no exílio de Cherson (1) pelo imperador de Constantinopla, partidário da errônea doutrina que reconhecia no Cristo uma só vontade, doutrina essa condenada no concílio romano de Latrão em 649, pelo mesmo São Martinho.

Santo Eugênio, pensa-se, teria renovado com o imperador Constante II relações corteses. Pedro, o sucessor de Pirro, patriarca de Constantinopla, praticou a mesma política do antecessor. Ora, o clero romano, reunido na igreja de Santa Maria, impediu que o papa principiasse a missa antes de, formalmente, prometer reprovar a atitude do patriarca. Repelido Pedro, tratou-se o imperador como o tratara São Martinho. Era outro pontífice que ia para o exílio? Sim, não fôra o Islam se encarregar de deitar por terra a pretensão do imperador, com a derrota naval de 654.

Santo Eugênio I faleceu a 2 de junho de 657, depois de ter feito muitas ordenações, sendo enterrado em São Pedro.

* * *

---

(1) Sebastopol.

SÃO MARCELINO e SÃO PEDRO (*)

Mártires

No dia de hoje, 2 de junho, rememora-se, em Roma, e se festeja, os santos mártires Marcelino, sacerdote, e Pedro, exorcista, que, por haverem ensinado princípios de fé a muitas pessoas, foram carregados de pesadas correntes, quando do imperador Diocleciano, e, após tormentos diversos, decapitados num lugar chamado Floresta Negra, mais tarde Floresta Branca, em honra dos dois santos mártires.

Os corpos foram enterrados numa gruta, perto da de São Tibúrcio, por duas piedosas mulheres, Firmina e Lucila. Aquela sepultura, posteriormente, foi celebrada pelo papa São Damaso com suas poesias.

O imperador Constantino fêz erguer uma igreja sôbre a tumba de São Marcelino e de São Pedro e ali sepultou a mãe, Santa Helena.

Em 827, o papa Gregório IV enviou o corpo dos dois santos a um dos ministros de Carlos Magno, Eginhard, que ardia no desejo de obter relíquias para as igrejas que provia, piedosamente. Tal trasladação foi acompanhada de inúmeros milagres.

* * *

SANTO ADALGISO (*)

Sacerdote, Confessor

Adalgiso, Adelgiso ou Algiso foi um dos após-tolos da Picardia. Nascido na Irlanda, cedo transferiu-se para a França (660), com outros missionários, fixando-se na abadia de Corbie, edificada de pouco.

Pregando a palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo nas circunvizinhanças de Arras, dali passou para a região de Laon, estabelecendo-se, com três companheiros, em Thiérache. Tendo construído algumas choças e um oratório, neste foi enterrado quando faleceu a 2 de junho de 670. É o lugar conhecido como Saint-Algis (Santo Algiso), aldeia do cantão de Vervins.

Há os que o tem como irmão de São Fursy. É engano. O abade de Corblet provou que Santo Adalgiso, foi simplesmente um dos discípulos daquele Santo. Foi, sim, irmão de São Foillan e de Santo Ultan.

* * *

BEM-AVENTURADOS SADOC e COMPANHEIROS (*)

Mártires

Sadoc foi designado por São Domingos, no capítulo geral da ordem (Bolonha, 1221) para pregar na Hungria.

Quando chegou naquele país, vislumbrou, dentro da noite, que era escuríssima, uma turba de demônios, que lhe gritavam ensurdecedoramente, possuídos da mais terrível raiva:

— Tu vens aqui para nos expulsar?

Como Sadoc estava acompanhado tão-sòmente de três noviços, ululando, acrescentaram:

— É com êsses três garotos que pretendes fazê-lo?

São Sadoc passou muitos anos na Hungria, tendo sido colocado à frente do convento de Sandomir, entre Cracóvia e Varsóvia. Ali foi morto, com os companheiros, pelos tártaros, que invadiram o convento à tardinha, à meiga hora do *Angelus*. Enquanto iam sendo impiedosamente degolados, todos, contrita e corajosamente, iam entoando a Salve-Rainha.

————

No mesmo dia, em Campana, Santo Erasmo, bispo, que, sob o imperador Diocleciano, foi sucessivamente batido com azorragues providos de chumbo e açoitado com bastões. Atiraram-lhe em cima, depois, resina, enxôfre, chumbo derretido, pixe, cêra e óleo fervente, mas nada lhe causou mal. Sob Maximiano, sofreu ainda, em Formis tormentos atrozes. Deus, porém, conservou-o para fortificar e encorajar os outros. Afinal, chamou-o o Senhor a si depois de um martírio tão glorioso. Falecido em 303, tempos mais tarde levaram-lhe o corpo para Gaeta.

Em Norrala, Santo Estêvão da Suécia, bispo e mártir. Apóstolo da Suécia, Estêvão, como bispo, chegou até Helsingland, província situada perto do gôlfo de Bothnia. Depois de ter obtido grande sucesso com o seu apostolado, foi martirizado (1072) em Norrala.

No território de Perigueux, Santa Mundana, mãe de São Sardot, bispo de Limoges.

* * *

3.º DIA DE JUNHO

SANTA CLOTILDE

Rainha-Viúva

Conversão dos Francos

O apóstolo São João havia anunciado que o império romano, o império de ferro, acabaria fraccionando-se em umas dezenas de reinos. Os francos formaram um. Vieram do lado de lá do Reno para as Gálias, pelo fim do século quinto, e ali se estabeleceram no comêço do século sexto. Mesclando-se com os gauleses, antigos habitantes do país, e formando um só povo com a mesma língua, chamaram-se franceses e o país se designou com o nome França. O mais ilustre de seus primeiros reis foi Clóvis. Era ainda idólatra, bem como o seu exército, mas tratava com bondade os cristãos, sobretudo os bispos; poupava as igrejas, testemunhando estima pelas pessoas recomendáveis por suas virtudes. Honrava principalmente São Remígio. Mandou restituir à igreja de Reims os vasos sagrados que um soldado havia furtado; e, como o soldado relutasse em obedecer-lhe, puniu-o, matando-o com suas próprias mãos. Em 493 desposou uma mulher católica, Santa Clotilde, da família real dos Burgundos. Após as exortações desta e uma vitória miraculosa que Deus lhe conce-



Clóvis, na batalha de Tolbiac, invoca o Deus de Clotilde. Segundo a pintura a fresco de J. Blanc, na igreja de Santa Genoveva, em Paris.

deu nas planícies de Tolbiac, em 496, converteu-se, e foi instruído em viagem por São Vaast, sacerdote de Toul, na Lorena, depois por São Remígio, das mãos do qual recebeu o batismo, na noite de Natal do mesmo ano, com três mil dos principais francos. Foi assim que Deus, na sua misericórdia, colocou o reino da França no seio de sua Igreja.



116 — Clóvis e seus guerreiros francos recebem o batismo. Segundo pintura a fresco de J. Blanc, na Igreja de Santa Genoveva, em Paris.

Clóvis era, então, o único rei católico. O imperador romano havia tombado no Ocidente sob os golpes dos hérulos e dos lombardos. Os reis dos godos na Itália, na Espanha, bem como os dos vândalos na África, eram arianos. Os imperadores de Constantinopla estavam quase sempre contaminados com alguma heresia. A conversão de Clóvis espalhou a alegria em tôda a Igreja. E essa alegria dura ainda. Jamais um príncipe herético subiu ao trono de França; jamais o reino da França se separou da Igreja Romana; pelo contrário, ofereceu mais de uma vez asilo aos sucessores de São Pedro perseguidos na Itália. Em nossos dias, a França, mesmo em revolução, defendeu Pio IX contra uma seita de ímpios revolucionários, e o reintronizou em Roma. Em recompensa, quantos favores Deus lhe concedeu! Quantos santos nasceram no solo da França! Mais de uma vez, Êle a castigou, mas sempre em sua misericórdia, jamais a deixou cair na heresia e na infidelidade, como tantos outros países; hoje ainda ali ilumina o espírito da fé e da piedade. Abençoemos a Deus por suas graças.

Após nossa pátria celestial e a Igreja Católica que ali nos conduz, o que devemos amar mais acendradamente é a pátria na terra. Jesus Cristo disso nos deu um exemplo eloqüente: chorou a sua. Choremos também, mas sobretudo oremos pela nossa, a fim de que a conserve para sempre e lhe prodigalize suas misericórdias de quinze, ou melhor, de dezoito séculos; que aqui faça florir para sempre a pureza da fé, a união com a Igreja Romana e o zêlo pela conversão dos infiéis.

* * *

SÃO KEVIN (*)

Abade

São Kevin (1), um dos mais ilustres santos da *ilha dos santos* — Irlanda — ao lado de outros grandes nomes figura como padroeiro de Dublin. Foi o fundador, em 550, da abadia de Glendalough, a famosa Glendalough, centro de constante peregrinação.

O nascimento de Kevin foi anunciado por um anjo. De família real, batizado por São Cronan, foi educado por velhos e santos monges, que o plasmaram carinhosamente para o Cristo. Logo depois da ordenação, viveu êle, por algum tempo, na solidão.

Um dia, um anjo, tomando-o, levou-o a Glendalough, ao sul de Dublin, quando, então, já era tido como um grande homem e um grande asceta. Dêle diz-se que, por sete anos, estêve de braços abertos, em cruz, sem fechar os olhos, e que os passarinhos lhe faziam ninhos nas palmas da mão, voltadas para o céu.

Quando recitava as Horas, fazia-o, penitentemente, submerso até o pescoço, nas geladíssimas águas de um lago. E os ventos frígidos do duro inverno, que para todos os habitantes da região asso-

(1) Kevin ou Coemgen, isto é, o **Bem-plantado.**

biavam, lúgubres, e gemiam, hipocondríacos, para Kevin executavam maravilhosas melodias embaladoras perpassando pelas árvores peladas, nuas e brancas de neve.

Certa vez, pouco depois da fundação do mosteiro, uma lontra magnífica deu de aparecer, todos os dias, sempre numa determinada hora, e ao Santo levava um belo salmão. Um dos religiosos, cobiçando-lhe a pele para confeccionar um par de luvas, assentou que, na primeira oportunidade que se lhe deparasse, havia de caçá-la: desde então, como que adivinhando tão negro pensamento, o gracioso animal jamais tornou à comunidade.

Encarregado Kevin de ocupar-se com um menino de descendência real, passou a alimentá-lo com o leite de uma corça, que amamentava a cria nascida fazia pouco.

Ora, um lôbo, um belo dia, surgindo nas imediações, avançou para o pequenino veado, atacou-o, matou e comeu. São Kevin saiu à cata do bruto, e, encontrando-o, repreendeu-o duramente, exigindo que, na comunidade, substituísse o doce veadinho que matara. Assim foi, e tudo correu na maior harmonia.

Disse o mais eloqüente dos profetas, Isaías:

"O lôbo habitará com o cordeiro; o leopardo deitar-se-á ao pé do cabrito; o novilho e o leão viverão juntos, e um menino pequeno os conduzirá". (1)

Mais:

"O lôbo e o cordeiro pastarão juntos, o leão e o boi comerão palha; o pó será para a serpente o seu

(1) Is. 11, 6.

alimento. Não haverá quem faça mal nem cause dano em todo o meu santo monte, diz o Senhor". (2)

Foi o que aconteceu naquela santa comunidade de Glendalough.

Um dia, já velho, bem velho, pensou São Kevin na primeira peregrinação que fizera a Roma, há bons anos atrás. Desejou, então, empreender uma segunda.

Ora, o grande Santo sempre se entregara a contemplação e vivera a meditar. Um dos seus confidentes, naturalmente pensando nas canseiras que tal viagem traria ao bem-amado Pai, muito espirituosamente, com uma só frase, demoveu-o do intento que acalentara, dizendo-lhe:

— Olha que o pássaro que voa não pode chocar . . .

Destarte, o santo abade permaneceu no convento, dado às suas práticas, e ali viveu até os cento e vinte anos, falecendo em 618, segundo se crê, depois de ter governado sábia, doce e prudentemente muitos milhares de almas.

* * *

(2) Ibid. 65, 25.

SANTO ISAAC (*)

Mártir

Isaac pertenceu a uma nobre família de Córdova, sendo educado com grande esmêro. Sabendo o árabe, as autoridades do Islam confiaram-lhe um lugar de notário, mas Isaac deixou-o para ingressar num mosteiro que se erguia próximo à cidade.

No mosteiro, viveu o Santo a praticar tôdas as virtudes, por três anos, até o dia em que, inspirado por Deus, foi procurar o juiz muçulmano, pedindo-lhe uma exposição da religião que abraçava.

O juiz, julgando que o Santo desejava bandear-se para Maomé, falou-lhe das loucas delícias que todos os crentes do Profeta haviam de gozar na outra vida.

Isaac censurou-o com veemência, e o juiz, decepcionadíssimo, ordenou que o prendessem para que fôsse executado muito brevemente.

Com efeito, pouco depois, Isaac morria pela espada, aos vinte e sete anos de idade, segundo alguns autores em 851.

* * *

SÃO MORAND (*)

Confessor

São Morand foi monge de Cluny, tendo nascido, possìvelmente, na Renânia, perto de Worms, numa nobre família.

Ordenado sacerdote, fêz uma peregrinação a Compostella da Galícia. A caminho, procurou hospitalidade no grande e famoso centro religioso de Cluny, onde, depois de cumprida a peregrinação, tornou a voltar, ali se estabelecendo — porque grande fôra a impressão que tivera da vida que naquela comunidade se levava. Era nos tempos do abade Santo Hugo, e daquelas pias mãos recebeu Morand o hábito beneditino.

Enviado em 1100 para a Renânia, para proceder à reforma do santuário de São Cristóvão, ali ficou até o fim da vida. Querido de todos, graças à humildade, afabilidade e bom humor, em pouco tempo converteu grande número de pecadores.

Num instante, passou o povo a atribuir-lhe milagres. Com efeito, São Morand curara vários doentes, e isto lhe valera a fúria dos demônios, que desencadearam contra êle uma guerra sem tréguas, principalmente movida à noite. A filial devoção que dedicava à Mãe de Deus, contudo, foi-lhe escudo invencível.

São Morand jejuava sempre. Durante uma quaresma, para enganar a fome e a sêde, passou-a tôda com um simples cacho de uvas. Essa a razão pela qual foi tomado como o padroeiro dos vinhateiros, sendo representado a pisar as uvas.

São Morand faleceu bastante entrado em anos, em 1115.

* * *

BEM-AVENTURADO ANDRÉ CACCIOLI (*)

Confessor

Um dos primeiros setenta e dois discípulos de São Francisco de Assis, Caccioli era natural de Spello, perto de Assis.

André era padre secular. Mais ou menos aos trinta anos de idade, entregou à Igreja e aos pobres os bens todos que possuía e procurou São Francisco.

Em 1223, estava o bem-aventurado André na Espanha, donde, ao regressar, atuou como missionário na Lombardia.

Quase no fim da vida, recebeu, um dia, a visita do Menino Jesus. E ambos, em doce colóquio, passaram longo tempo juntos. Eis que, de repente, soou o sino, convidando às vésperas. André, obediente a tudo, deixou o sublime Menino e atendeu ao chamado.

Passado o ofício, tornou à cela, e — oh, maravilha! — lá ainda se encontrava o Menino Jesus. Sorrindo-lhe com celestial ternura, disse ao bem-aventurado frade:

— Se tu tivesses ficado, não atendendo ao sino, eu teria partido. Eis que, cedo, recompensar-te-ei!

E desapareceu.

Naquele mesmo ano, 1254, André recebeu a prometida recompensa, nascendo para o céu no dia 3 de junho.

* * *

JOÃO GRANDE, O PECADOR (*)

Confessor

João Grande foi, desde menino, destinado, pelos pais, ao comércio. Aos vinte anos, porém, distribuindo os bens que tinha aos pobres, retirou-se para a solidão, que o deserto, numa certa altura da vida, entrou, insistentemente, a acenar-lhe. Passou, então, a chamar-se a si mesmo *Juan Grande, el Pecador*.

Um dia, na ermida em que vivia, recolheu dois pobres desocupados, sem eira nem beira, que, doentes, eram repelidos por todos, como dois vagabundos contumazes. João cuidou dos rejeitados enfermos com grande carinho. Viu, então, que sua vocação pendia para os filhos de Deus que jaziam relegados ao abandono.

Por três anos, durante os quais exercitou a paciência, viveu cuidando de prisioneiros, passando, depois, a servir num hospital.

Sempre pensando nos desprezados pela sorte, tudo que ganhava dava para os pobres sem qualquer recurso. Houve uma época em que, condoído com as moças pobres, que dote algum possuíam para casar-se, entrou a juntar dinheiro para satisfazê-las naquele carecimento.

Em 1570, sob Pio V, a Santa Sé excomungava Isabel da Inglaterra. Filipe II, para vingar o crime supérfluo da execução de Maria Tudor, organizou a chamada Invencível Armada, à qual confiou a tarefa do desembarque na Inglaterra de um poderoso exército concentrado na costa flamenga. Tal frota, composta de cento e trinta navios (jamais sulcara o Atlântico semelhante expedição) a todos se afigurava invencível e arrazadora.

Juan Grande, el Pecador, profetizou-lhe a destruição. Com efeito, a Invencível penetrou no canal da Mancha e, a princípio, à medida que foi avançando, a tudo foi varrendo, inexoràvelmente. Constante e hàbilmente, porém, o adversário foi abatendo navios após navios, de modo que, diante de Calais, recebendo o assalto de barcos incendiários, a armada espanhola foi quase que totalmente destruída, ficando parte do remanescente a cargo dos temporais, que a pôs a pique.

Em 1600, aos quarenta e quatro anos, vítima do próprio devotamento, faleceu João Grande colhido por uma epidemia.

Em 1852, Pio IX declarou-o bem-aventurado.

João Grande, o Pecador, ainda hoje, é honradíssimo na Andaluzia, onde nasceu (Carmona) no ano de 1546.

* * *

OS BEM-AVENTURADOS MÁRTIRES DE UGANDA (*)

Graças a um bom rei, a religião católica foi implantada, com certa facilidade, em Uganda, país da África, situado na região chamada dos grandes lagos, entre os lagos Vitória e Alberto.

Morto porém, o bom rei negro, o sucessor, instigado por muçulmanos cavilosos, medroso de que o comércio de escravos viesse a perecer, fonte de renda inesgotável que era, principiou a perseguir os cristãos, castigando-os ora dêste, ora daquele modo, sempre violentamente, porém.

No país, os primeiros catecúmenos, vinte e dois ao todo, haviam recebido o batismo. Dentre êles, sobressaíram-se Carlos Luanga, Matias Kalemba Murumba e André Kagua.

Carlos Luanga fôra batizado no dia 15 de novembro de 1885. Prêso, foi morrendo, através do suplício pelo qual passou, lenta, muito lentamente: queimado, principiaram os carrascos por consumi-lo pelos pés. Com êle, morreram vários adolescentes, a orar e a invocar a Deus sem cessar, surpreendendo os algozes.

Kalemba Murumba era homem dos seus cinqüenta anos bem contados. Batizado no dia 28 de

maio de 1882, exercia a função de juiz. Antes de se fazer católico, fôra adepto do islamismo, depois abraçara o protestantismo. Kalemba, inflamado cristão, teve as mãos e os pés cortados. Era numa doce colina, um lugar deserto, e ali pereceu êle, vítima da hemorragia. Conta-se que, três dias depois da barbaridade, ainda com vida, passando pela colina, alguns escravos ouviram débeis chamamentos. Correram ver de que se tratava e deram com um horrível mutilado, todo êle sangue, que lhes pediu, muito fracamente, de beber. Aterrorizados com o feio aspecto, largaram, colina abaixo, em desabalada fuga, amedrontadíssimos, abandonando o pobre Matias.

André Kagua era amigo do novo rei. Batizado um dia antes de Kalemba Murumba, isto é, a 27 de maio, por ter-se devotado a batizar moribundos e a enterrar os mortos que uma epidemia levava, caiu nas desgraças do soberano e foi decapitado em 1886, ano em que ocorreu o martírio daqueles valorosos membros da nova cristandade.

Em 1887, em janeiro, um *Muzei* (1), João Maria, batizado em 1885, no dia de Todos os Santos, encerra o grupo dos mártires de Uganda: mergulhado num pântano, ali entregou a alma a Deus. Foi homem que socorreu a pobreza, que se desvelou, incansável, pelos doentes, e que, corajosamente, resgatou inúmeros cativos. Diz-se que aprendeu, num só dia, todo o Catecismo, fàcilmente.

— — — —

(1) Nome que se dá aos anciãos que se distinguem pela gravidade e méritos.

No mesmo dia, em Clermont, São Genésio, bispo, de família senatorial, que erigiu uma igreja dedicada a São Sinfroriano, depois chamada de São Genésio. Fundador do mosteiro de Manlieu, ali foi enterrado. Faleceu no dia 3 de junho de 660.

Em Luca, na Toscana, São Davino, confessor. Nascido na Armênia, vendeu todos os bens e distribuiu o dinheiro aos pobres, para, em seguida, santificar-se pelas peregrinações. Estêve no Santo Sepulcro e em Roma, onde visitou o túmulo dos Apóstolos. Quando rumava para São Tiago de Compostella, ao chegar a Luca, adoeceu, sendo hospedado por rica cristã, a qual grandemente edificou pelas virtudes. Morto no dia 3 de junho de 1051, muitos milagres ilustraram-lhe o túmulo.

Em Santo Hilário, Santo Hilário, bispo de Carcassona, no século IV, antes das invasões bárbaras. É o mais antigo bispo de Carcassona que se conhece.

Em Arezzo, na Toscana, os santos Pergentino e Laurentino, irmãos, que, sendo ainda muito jovens, recearam pelo gládio, após haverem sofrido cruéis suplícios, e feito grandes milagres, durante a perseguição de Décio, sob o presidente Tibúrcio.

Em Constantinopla, os santos mártires Luciliano, e quatro crianças, Cláudio, Hípaco, Paulo e Dionísio, com os quais Luciliano, que de sacerdote dos ídolos se tornou cristão, foram, após suplícios diversos, lançados numa fornalha, de onde saíram sãos e salvos, tendo sido o fogo extinto por uma chuva; enfim, Luciliano foi crucificado e as crianças decapitadas, sob o presidente Silvano.

Na mesma cidade, Santa Paula, virgem e mártir, que, ao recolher o sangue dos mártires, foi prêsa, açoitada com varas, e lançada no fogo; mas, havendo sido libertada, teve a felicidade de ser decapitada no mesmo lugar onde Luciliano havia sido crucificado.

Em Cartago, São Cecílio, sacerdote que atraiu São Cipriano à fé de Jesus Cristo.

Em Anagni, Santa Oliva, virgem.

* * *

ÍNDICE

MAIO

17.º dia de maio

18.º dia de maio

19.º dia de maio

20.º dia de maio

21.º dia de maio

22.º dia de maio

23.º dia de maio

24.º dia de maio

25.º dia de maio

26.º dia de maio

27.º dia de maio

28.º dia de maio

29.º dia de maio

30.º dia de maio

31.º dia de maio

JUNHO

1.º dia de junho

2.º dia de junho

3.º dia de junho

Composto e impresso nas
oficinas gráficas da
EDITORA DAS AMERICAS
São Paulo ——— 1960